

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP**

Maria Irene dos Santos Zerbini

**INFIDELIDADE – o virtual invade a conjugalidade:
O que buscam os usuários de sites de infidelidade**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2014

MARIA IRENE DOS SANTOS ZERBINI

**INFIDELIDADE – o virtual invade a conjugalidade:
O que buscam os usuários de sites de infidelidade**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

São Paulo

2014

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

Prof.^a Dr.^a Carmita Helena Najjar Abdo

Prof. Dr. Fernando Lefèvre

Prof.^a Dr.^a Edna Maria Peters Kahhale

Prof.^a Dr.^a Rosane Mantilla de Souza

Suplente: Prof.^a Dr.^a Adriana Leônidas de Oliveira

Suplente: Prof.^a Dr.^a Flavia Hime

Ficha Catalográfica

ZERBINI, Maria Irene dos Santos. *INFIDELIDADE – o virtual invade a conjugalidade: O que buscam os usuários de sites de infidelidade*

São Paulo: 2014, 191 f.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Área de concentração: Pós-Graduação em Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

Palavras-chave: Infidelidade virtual. Conjugalidade. Site de infidelidade.

Aos meus pais, Albano e Blanca, a quem devo minhas raízes.

À minha filha Mariana, que me ensina a cada dia que a beleza de cada folha é única.

Ao meu amor Ricardo, que me faz acreditar que da semente sempre virá a flor.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Ceneide Cervený, que carinhosamente me estimulou a voar mais alto para enxergar mais longe.

À Prof.^a Rosane Mantilla de Souza, que germinou a semente da pesquisa em internet.

À Prof.^a Edna Kahhale, que pacientemente revelou-me o encanto da pesquisa quali quanti.

Aos Profs. Fernando e Ana Maria Lefèvre, que apontaram as possibilidades do DSC.

Às Prof.^{as} Carmita Abdo, Adriana Leonidas de Oliveira e Flavia Hime, que gentilmente aceitaram participar desta banca.

Aos amigos que apoiaram e colaboraram durante todo o processo.

Aos pacientes que estimularam esta pesquisa.

Aos participantes dos sites, que mesmo anonimamente contribuíram para a execução deste projeto.

Minha sincera gratidão!

***Há duas tragédias na vida: uma a de não satisfazermos
os nossos desejos, a outra a de os satisfazermos.***

Oscar Wilde

RESUMO

O objetivo desta pesquisa quali-quantitativa foi compreender o que buscam os usuários de um site de infidelidade. A infidelidade é um tema recorrente na clínica com casais e com o advento da internet, novas modalidades de envolvimento extraconjugais passaram a fazer parte da dinâmica conjugal. A internet funciona como um elemento facilitador para a infidelidade por associar anonimato aos contatos e privacidade aos envolvidos, segundo proclamam os sites mas não observado neste estudo. Para garantir aos usuários dos sites o anonimato de seus perfis, a confidencialidade de suas frases e a privacidade de sua identidade virtual elegemos o Discurso do Sujeito Coletivo, que permite explicitar o conteúdo manifesto das expressões espontâneas que os participantes registram em seu perfil e assim construímos um pensamento coletivo em forma de discurso. Resolvemos utilizar a lente da conjugalidade, e as abordagens que dialogaram com o tema infidelidade foram a Teoria do Apego, a Intergeracionalidade, o Modelo de Investimento e o Ciclo Vital da Família. Foram analisados os dados do perfil de 270 usuários de site de infidelidade, sendo 154 mulheres e 116 homens, todos comprometidos e residentes no Estado de São Paulo, de acordo com o perfil preenchido no site. Todos possuíam expressões espontâneas registradas no perfil, e nossa proposta foi relacionar os aspectos quantitativos sobre o que buscam nos sites, com os aspectos qualitativos que expressam através da escrita espontânea. Os participantes do site foram analisados em três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 45 anos e 46 a 60 anos. Os resultados demonstraram diferenças na presença entre homens e mulheres e entre faixas etárias. Apareceram contrastes na conexão (participantes on-line no momento da pesquisa), entre homens (13,8%) e mulheres (74%) no site. A exposição de fotos de rosto e corpo inteiro nas mulheres (63%) superou os homens (24%), e na galeria de fotos privadas, onde são colocadas fotos íntimas, houve um aumento na faixa etária dos 46 aos 60 anos. O que atrai as mulheres no site distingue-se nas faixas etárias, mas todas desejam boa higiene pessoal e senso de humor; os homens também apresentam diferenças de acordo com as faixas etárias, mas em todas as fases sentem-se atraídos pela discrição e sigilo, boa higiene pessoal e senso de humor. Homens e mulheres apresentam similaridade no que desejam na intimidade. Há algumas diferenças nas escolhas entre as faixas etárias. A análise qualitativa do Discurso do Sujeito Coletivo apresenta expressões que endossam aspectos da análise quantitativa de forma diferente em cada faixa etária.

Palavras-chave: Infidelidade virtual. Conjugalidade. Site de infidelidade.

ABSTRACT

The aim of this qualitative and quantitative research was to better understand what the users of an infidelity-oriented website search for. Infidelity is a recurring theme in couples therapy clinic and with the advent of the internet, new and different modalities of extramarital modalities have become part of marital dynamics. According to the specialized websites, the internet functions as a facilitating element for infidelity since it associates anonymity between contacts and privacy of users. In order to guarantee the anonymity of the users we decided upon using 'Discourse of the Collective Subject' as a method, which allows us to express the manifest content of spontaneous discourse which users add to their profiles and so we have constructed collective thought in the form of discourse. In order to observe the phenomenon, we have adopted the point of view of conjugality, Attachment Theory, Life Cycle model, and Investment Model. Profile data from 270 users of an infidelity-oriented website were analyzed, consisting of 154 women and 116 men, all of which, according to the website's information, are in committed relationships and reside in the state of São Paulo. All users showed spontaneous discourse registered in their profile, and our approach was to relate the quantitative aspects about what they were looking for in the website with qualitative aspects expressed through spontaneous written content. The users were separated into three age groups: 25-35, 36-45, and 46-60 years old. Results show differences between men and women and also differences between age groups. There were also marked differences on site connection frequency between genders, where men consisted of 13.8% and women 74% of online participants. The full face and body photos posted by women (63%) showed higher results than men (24%), and in the private photo galleries where more intimate photos are posted there is a significant increase in the 46 to 60 years old demographic. What attracts women to the website seems to differ in the different age groups, but all show interest in good personal hygiene and a good sense of humor; men showed variations according to age groups, but in all age groups seem to be attracted to discretion, confidentiality, good personal hygiene and a good sense of humor. Both men and women showed similarities in what they expect from intimacy even though there were choice differences depending on age groups. Qualitative analysis of the Collective Subject Discourse showed expressions which corroborate quantitative analysis data differently in each age group.

Keywords: Virtual infidelity. Conjugality. Infidelity-oriented website.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette recherche à la fois qualitative et quantitative a été de comprendre ce que les utilisateurs d'un site d'infidélité recherchent. L'infidélité est un sujet récurrent dans le domaine de la psychologie, notamment avec des couples et avec l'arrivée d'internet, de nouvelles modalités de relations extra-conjugales ont commencé à faire partie de la dynamique conjugale. L'Internet fonctionne comme un élément qui facilite l'infidélité car elle associe l'anonymat aux contacts et la confidentialité aux adultères, selon ce qu'affirment les sites. Pour garantir aux utilisateurs des sites l'anonymat de leurs profils, la confidentialité de leurs phrases et de leur identité virtuelle nous avons choisi comme méthodologie le Discours du Sujet Collectif, qui permet d'explicitier le contenu manifeste des expressions spontanées que les participants enregistrent sur leur profil et de cette manière nous construisons une pensée collective en forme de discours. Nous avons décidé d'utiliser le spectre de la conjugalité et les ouvrages qui traitent du thème de l'infidélité ont été la Théorie de l'Attachement, l'Intergénérationnel, le Modèle d'Investissement et le Cycle Vital de la Famille. Les données de profil de 270 utilisateurs d'un site d'infidélité ont été utilisées, soit 154 femmes et 116 hommes, tous en couple et résidant dans l'Etat de Sao Paulo, selon leurs profils remplis sur le site. Tous possédaient des expressions spontanées enregistrées sur leur profil et notre proposition a été de mettre en relation les aspects quantitatifs sur ce qu'ils recherchaient sur le site, avec les aspects qualitatifs qu'ils exprimaient à travers l'écriture spontanée. Les utilisateurs du site ont été analysés selon trois tranches d'âge : de 25 à 35 ans, de 36 à 45 ans, de 46 à 60 ans. Les résultats ont montré des différences entre hommes et femmes, ainsi qu'entre tranches d'âge. Sont aussi apparus des contrastes au niveau de la connexion sur le site (les participants en ligne au moment de l'analyse) entre hommes (13,8%) et femmes (74%). L'exposition des photos de visage et de corps entier des femmes (63%) a surmonté celle des hommes (24%), et les galeries de photos privées, dans lesquelles l'on postait des photos intimes, ont présenté une augmentation dans la tranche d'âge de 46 à 60 ans. Ce qui attire les femmes sur le site varie en fonction des tranches d'âge, mais toutes les femmes désirent une bonne hygiène personnelle et un sens de l'humour. Les hommes ont également présenté des différences en fonction d'âge, mais dans toutes les tranches ils sont attirés par la discrétion et la confidentialité, aussi bien qu'une bonne hygiène personnelle et un sens de l'humour. Hommes et femmes présentent des similarités dans ce qu'ils désirent dans le cadre de l'intimité. Il y a quelques différences dans les choix entre tranches d'âge. L'analyse qualitative du Discours du Sujet Collectif a montré des expressions qui ont endossé des aspects de l'analyse quantitative de manière différente selon la tranche d'âge.

Mots-clés: Infidélité virtuelle. Conjugalité. Site d'infidélité.

SUMÁRIO

PREÂMBULO	12
INTRODUÇÃO	14
1 INFIDELIDADE	19
1.1 Sobre a infidelidade	19
1.2 A infidelidade no Brasil	25
1.3 As pesquisas sobre infidelidade	43
1.4 A infidelidade na conjugalidade	53
2 CONJUGALIDADE	67
2.1 Conjugalidade e a Teoria do Apego	68
2.2 Conjugalidade e Intergeracionalidade	77
2.3 Conjugalidade e o Modelo de Investimento	79
2.4 Conjugalidade e Ciclo Vital da Família	82
3 AS TECNOLOGIAS DE INFORMACAO (TI)	87
3.1 Identidade virtual	94
3.2 Relações amorosas e Comunicações Mediadas pelo Computador	101
3.3 Os sites de infidelidade.....	105
4 TRAJETÓRIAS DE UMA PESQUISA ON-LINE	111
5 A PESQUISA NOS SITES DE INFIDELIDADE	119
5.1 – Primeira Análise	121
5.2 – Segunda Análise	134
5.3 – Terceira Análise	149
5.4 – Discussão	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
ANEXOS:	184
ANEXO 1 – O Pré-projeto	185
ANEXO 2 – Mulheres Comprometidas – Grupo com todas as idades – DSC	187
ANEXO 3 – Homens Comprometidos – Grupo com todas as idades – DSC	189
ANEXO 4 – Questionário Inicial.....	191

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estilos de apego	70
Figura 2 – Modelo Integrativo de Estilos de Apego	77
Figura 3 – Modelo de Investimento	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição por Estado Civil	120
Gráfico 2 – Distribuição por Sexo	120
Gráfico 3 – Conexão <i>On-line</i> / <i>Off-line</i> : comprometidos por sexo.....	123
Gráfico 4 – Conexão <i>On-line</i> / <i>Off-line</i> : faixa etária 25-35 anos	124
Gráfico 5 – Conexão <i>On-line</i> / <i>Off-line</i> : faixa etária 35-45 anos	124
Gráfico 6 – Conexão <i>On-line</i> / <i>Off-line</i> : faixa etária 46-60 anos	125
Gráfico 7 – Fotos: faixa etária 25-35 anos	127
Gráfico 8 – Fotos: faixa etária 36-45 anos	127
Gráfico 9 – Fotos: faixa etária 46-60 anos	128
Gráfico 10 – Galeria de Fotos: faixa etária 25-35 anos	129
Gráfico 11 – Galeria de Fotos: faixa etária 36-45 anos	130
Gráfico 12 – Galeria de Fotos: faixa etária 46-60 anos	130
Gráfico 13 – <i>O que me atrai</i> : faixa etária 25-35 anos	137
Gráfico 14 – <i>O que me atrai</i> : faixa etária 36-45 anos	139
Gráfico 15 – <i>O que me atrai</i> : faixa etária 46-60 anos	141
Gráfico 16 – <i>O que prefiro na intimidade</i> : faixa etária 25-35 anos.....	143
Gráfico 17 – <i>O que prefiro na intimidade</i> : faixa etária 36-45 anos.....	146
Gráfico 18 – <i>O que prefiro na intimidade</i> : faixa etária 46-60 anos.....	148

LISTA DE QUADROS

1ª. ANÁLISE:

Quadro 1 – Distribuição por sexo e faixa etária	122
Quadro 2 – Mediana das palavras utilizadas	122
Quadro 3 – Distribuição das fotos por sexo	126
Quadro 4 – Distribuição dos limites permitidos por sexo.....	131
Quadro 5 – Distribuição geral dos limites permitidos	132
Quadro 6 – Limites permitidos: comparação das faixas etárias.....	132

2ª. ANÁLISE:

Quadro 7 – <i>O que me atrai</i> (25-35 anos): distribuição por sexo.....	134
Quadro 8 – <i>O que me atrai</i> (36-45 anos): distribuição por sexo	136
Quadro 9 – <i>O que me atrai</i> (46-60 anos): distribuição por sexo	140
Quadro 10 – <i>O que prefiro na intimidade</i> (25-35 anos): distribuição por sexo.....	142
Quadro 11 – <i>O que prefiro na intimidade</i> (36-45 anos): distribuição por sexo.....	144
Quadro 12 – <i>O que prefiro na intimidade</i> (46-60 anos): distribuição por sexo.....	145

3ª. ANÁLISE:

Quadro 13 – <i>Categorias e Subcategorias do DSC</i> : mulheres de 25 a 35 anos ...	151
Quadro 14 – <i>Categorias e Subcategorias do DSC</i> : homens de 25 a 35 anos	152
Quadro 15 – <i>Categorias e Subcategorias do DSC</i> : mulheres de 36 a 45 anos....	154
Quadro 16 – <i>Categorias e Subcategorias do DSC</i> : homens de 36 a 45 anos.....	157
Quadro 17 – <i>Categorias e Subcategorias do DSC</i> : mulheres de 46 a 60 anos ...	157
Quadro 18 – <i>Categorias e Subcategorias do DSC</i> : homens de 46 a 60 anos	159

PREÂMBULO

No momento em que escrevo este trabalho o mundo digital é sacudido por uma constatação simples: somos todos vulneráveis se conectados... A descoberta de uma mega rede de espionagem que compreende a armazenagem e a transferência dos dados pessoais, empresariais e governamentais rasga a privacidade e desmascara a autonomia dos indivíduos.

Esta informação foi revelada pelo ex-analista da CIA Edward Snowden e delata a urgente necessidade de um código de conduta sobre toda a movimentação e comércio de dados de provedores, assim como nas grandes corporações e governos.

Vale ressaltar que todos os usuários de internet possuem dados disponíveis na rede, para que empresas possam lhes oferecer os seus produtos. Acessar o Google Maps quando perdidos ou procurar um velho amigo de infância nas redes sociais fornece muito mais referências sobre nossa identidade do que poderíamos supor. Nas palavras de Andrew Lewis¹: “Se você não está pagando pelo produto, você é o produto que está sendo vendido”.

Caberia outro trabalho sobre esta “pseudoingenuidade”, dada a indignação manifestada por todos os países e pelo conforto usufruído que nos torna cúmplices² enquanto usuários de internet e que permite que sejamos facilmente rastreáveis.

O tema deste trabalho é a infidelidade virtual.

Sendo a infidelidade um assunto envolto em segredos e motivador de crises conjugais, todo cuidado tomado pela pesquisadora será pouco ao falarmos dos usuários dos sites de infidelidade; usuários estes talvez ingênuos demais por acreditarem que regras como privacidade, anonimato, confidencialidade e autonomia são respeitadas na internet.

Com certeza esta não é a forma usual de se iniciar uma tese.

Mas isso se faz necessário já que, em um breve espaço de tempo, esta pesquisa talvez não seja mais permitida, pois se realizada de forma descuidada acarretaria inúmeros prejuízos aos participantes de sites, cônjuges e familiares, ainda mais porque aborda a infidelidade, um dos segredos mais dolorosos que emergem na terapia familiar.

¹ Folha de São Paulo, p. A16, 2 dez. 2013.

² ROSSI, C. *Não me espione, eu me entrego*. Folha de São Paulo, Mundo, A14, 23 jul. 2013.

Estes são aspectos que serão analisados neste trabalho, embora – provavelmente devido à rapidez com que se desenvolvem as tecnologias – a informação sobre o contexto social em que esta pesquisa está inserida em pouco tempo estará esquecida e datada.

INTRODUÇÃO

COMO SE CONSTRÓI UM DESEJO

Sempre atendi casais.

No início do mestrado em idos anos, o desejo era estudar o início do vínculo amoroso nos casais.

Como “muita água passa por debaixo da ponte” durante todo o processo de formação, a dissertação recaiu sobre “O segredo como um caruncho na família – desvelando as relações familiares”.

No doutorado o interesse pelo estudo da conjugalidade foi resgatado e o olhar aprofundado sobre o que há de mais secreto, doloroso e muitas vezes destruidor para a maior parte dos casais: a infidelidade.

Um dos temas mais recorrentes na psicoterapia de casais, a infidelidade mobiliza emoções, provoca insegurança e desejo de vingança, destrói a autoestima e desencadeia depressão.

O ideal romântico entrelaça-se com a transformação social, e a tecnologia redimensiona tempo e espaço, público e privado.

Antigos códigos de lealdade e fidelidade urgem por ser reeditados, mas muitas vezes os casais encontram-se emaranhados em modelos internalizados nas famílias de origem. Desde a repetição da infidelidade para a manutenção da lealdade às gerações anteriores até a construção de um modelo diferenciado de relacionamento amoroso, a gama de possibilidades existentes no estabelecimento de um contrato implícito ou explícito de fidelidade é extenso e de infinitos matizes.

Dados do IBGE³ de 2011 demonstram que os casamentos cresceram 5% a mais que no ano anterior, atingindo o número de 1.026.736; entretanto, a taxa de divórcio atingiu sua maior alta desde 1984, com o crescimento de 45,6% em relação a 2010, em um total de 351.153 divórcios no ano.

³ Dados pesquisados em 27 ago. 2013.

A maior proporção de divórcios ocorreu em casamentos com cinco a nove anos de duração, com idade média de 42 anos para os homens e de 39 anos para as mulheres. Resgataremos estes dados no decorrer da pesquisa.

Com o advento da internet surgem novas possibilidades e oportunidades para a aproximação entre pessoas – amizades, trocas de mensagens, conversas íntimas, ocultação desses contatos e até mesmo o sexo virtual fazem parte do cotidiano dos casais.

Em uma reportagem de 2012 da Folha de São Paulo⁴ sobre as razões mais comuns para o divórcio, são listados como os dez motivos “campeões” para a separação, de acordo com advogados do Instituto Brasileiro de Direito de Família: traição, dinheiro, educação dos filhos, violência doméstica, não evolução do parceiro, a família do outro, religião, a genérica “incompatibilidade de gênios” e o ciúme excessivo. Além destas razões antigas e conhecidas, somam-se as atualizadas – como a traição virtual. Na entrevista a esse jornal, a advogada e professora da USP, Dr.^a Priscila Correa da Fonseca, reconhecida como especialista por seu trabalho com divórcios, declara:

Quase todos os adultérios que chegam ao meu escritório foram comprovados por e-mail ou mensagem de texto. O traído descobre a senha, muitas vezes contratando hackers, e depois diz que viu no computador compartilhado pela família. (p. 4)

Para Fonseca⁵, o quadro é de transformação social decorrente da tecnologia presente:

A internet inflacionou o número de traições e diversificou as modalidades: adultério antigamente dava o maior trabalho. Era só o telefone fixo no meio da sala de casa. Hoje tem celular e gente conversando com o amante no chat enquanto o parceiro oficial está bem ao lado.

Nelson Sussumu, presidente da Comissão de Direito da Família da OAB-SP, afirma na mesma matéria que para alguns homens é necessário encontrar um novo relacionamento para então terminar o anterior. O psicólogo Ailton Amélio da Silva, também entrevistado na reportagem, considera que o aumento de divórcios seja decorrente da queda de barreiras legais e sociais que prendiam as pessoas a relações infelizes e que terminou por reduzir o investimento emocional dos parceiros na relação: “A gente cuida menos do que é provisório, e casamento se transformou em uma situação que os cônjuges enxergam como passageira” (p. 6).

⁴ Matéria publicada na Folha de São Paulo (Folha Equilíbrio) em 3 jul. 2012.

⁵ Idem, p. 4.

A reportagem também relata um levantamento realizado no Reino Unido, pelo *Divorce-Online*⁶, com base em 5.000 petições de divórcio de 2011, onde a palavra *Facebook* aparece em 33% dos processos movidos por “conduta inapropriada” do parceiro. Este dado vem reforçar nossa posição, demonstrando as consequências do impacto do mundo virtual sobre a conjugalidade.

No Brasil, desde 2002, os processos deixaram de conter o motivo do rompimento, o que nos impossibilita averiguar quais seriam as separações motivadas por contatos virtuais.

Questionamentos sobre o que é considerado infidelidade, principalmente nas redes virtuais, são tema de extenso debate. Em nosso entender, mesmo entre identidades virtuais dá-se uma relação; portanto, a menos que esta decorra de uma combinação aceita pelo casal, ela pressupõe uma quebra da confiança, o desconforto e a sensação de sentir-se traído pelo outro.

Dados fornecidos pela *American Association for Marriage and Family Therapy (AAMFT)*⁷ indicam que mais da metade dos domicílios do país têm acesso à internet. Na *web* estão disponíveis 40 milhões de sites sexualmente explícitos, salas de bate-papo e jogos interativos para quem quiser acessá-los. Estima-se que de 20 a 33% dos internautas recorram à internet para fins sexuais, cuja maioria é composta pelo sexo masculino com cerca de 35 anos de idade, bom nível educacional, casado e com filhos, de acordo com a mesma fonte.

Acredita-se que nos próximos anos, devido ao aumento dos domicílios com acesso à internet, muito mais pessoas estarão conectadas e, conseqüentemente, a procura de sites para fins sexuais se exacerbará, trazendo ameaças aos relacionamentos e aos usuários que se tornam dependentes do sexo *on-line*.

Neto, Mosmann & Lomando (2009) reportam dados do último relatório mundial da empresa norte-americana de desenvolvimento de programas Norton (*Norton Online Living Report*, 2009, p. 50)⁸:

Em relação a flertes on-line no Brasil, o movimento é hábito de um a cada três adultos, enquanto a média mundial é de um a cada cinco. O

⁶ Digital Journal: <<http://www.digitaljournal.com/article/317055>>.

⁷ Site AAMFT: <http://www.aamft.org/imis15/Content/Consumer_Updates/Online_Infidelity.aspx>.

⁸ Disponível em: <http://us.norton.com/content/en/us/home_homeoffice/media/pdf/nofr/NOLR_Report_09.pdf>.

levantamento assinala que 25% dos adultos brasileiros já se apaixonaram pela WEB, também acima da média mundial, que é de 14%.

Em 2011 três grandes sites internacionais de infidelidade chegaram ao Brasil, em meio a grande estardalhaço nas manchetes de jornais e revistas. O objetivo desses sites é possibilitar envolvimento com discrição para pessoas casadas. Ao final de 2012 um dos sites alcançou a marca de um (1) milhão de inscritos no país.

Iniciaremos este trabalho com o tema da infidelidade, a complexidade de se definir o conceito e as pesquisas realizadas por diferentes autores. Prosseguiremos com uma breve viagem pela história da infidelidade no Brasil entremeada a pesquisas sobre infidelidade para chegarmos ao ciberespaço.

O espaço ocupado pela infidelidade na conjugalidade será contextualizado através das teorias que mais dialogam com a abordagem sistêmica: a Teoria do Apego, a intergeracionalidade na conjugalidade, o Modelo de Investimento e o Ciclo Vital.

Caminharemos pelas novas Tecnologias de Informação, percorrendo as possibilidades existentes na construção da Identidade Virtual, as comunicações mediadas pelo computador (CMC) e o desenvolvimento das relações amorosas nesta nova linguagem, até desembarcarmos nos sites de infidelidade.

A proposta deste estudo é investigar o que buscam os participantes de um site de infidelidade.

A metodologia utilizada será o Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003), que permite preservar e proteger a identidade virtual dos usuários dos sites, explicitar o conteúdo manifesto das mensagens espontâneas e construir um discurso social no qual estejam expressas as ideias principais dos participantes, formando assim um pensamento coletivo.

O maior desafio deste trabalho foi o de transportar o projeto inicial, em que faríamos uma entrevista com os participantes do site sobre as motivações para se inscreverem em um site de infidelidade, para uma pesquisa baseada nas escolhas e relatos postados no site. Esta mudança foi desencadeada pela decisão dos sites de não permitirem o acesso da pesquisadora aos seus usuários.

Transpor a experiência de pesquisas anteriores pautadas na construção de narrativas com o participante, em prol do distanciamento exigido por este trabalho, fomentou dificuldades que tiveram que ser superadas; as incongruências facilmente observáveis nos contatos pessoais foram delegadas às impressões e incoerências no discurso escrito. Nesse processo, pudemos contar com a contribuição de Nicolaci-da-Costa (1998, 2002, 2005, 2006, 2009), que nos revela a apropriação, adequação e amplitude dos relatos escritos no espaço virtual.

Os obstáculos que surgiram ao longo do caminho foram superados e, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ceneide M.O. Cervený, organizados como subsídios ao projeto inicial que, tendo sido enviado ao Comitê de Ética, foi devidamente aprovado. No entanto, o que restou foi o espectro do que se pretendia desenvolver, em razão das regras impostas pelos sites e das exigências em “assegurar e preservar a proteção à dignidade humana frente às novas tecnologias” (EYSENBACH; TILL, 2001).

Em virtude de excessivo zelo ético decidimos pela execução de um pré-projeto que permitisse avaliar as possibilidades de coleta, análise e cuidado ético em pesquisa *on-line*. O pré-projeto foi resultado da disciplina cursada com a Prof.^a Dr.^a Rosane Mantilla de Souza em 2012.

No pré-projeto foi selecionado um site aberto de infidelidade nacional, que não exigia registro prévio, e do qual foram coletados os perfis de 72 usuários, sendo 36 homens e 36 mulheres. A metodologia utilizada foi o Discurso do Sujeito Coletivo, e os resultados foram satisfatórios para a obtenção das categorias que representavam os participantes socialmente. Esse pré-projeto faz parte da metodologia deste trabalho.

Posto isso, acreditamos que esse processo de construção tenha permitido alcançar o rigor ético e metodológico pretendidos neste estudo.

1 INFIDELIDADE

1.1 Sobre a infidelidade

Toda relação, em qualquer âmbito, vive a possibilidade de ser quebrada, violada, ou de que um de seus membros seja infiel. Não existe garantia em nenhuma relação, e esta vulnerabilidade é vivenciada de diferentes maneiras pelos parceiros na construção da conjugalidade, com várias nuances em culturas distintas.

Na cultura ocidental o modelo de casamento instituído é o monogâmico, exigindo-se a exclusividade emocional e sexual do parceiro. Este modelo é reforçado pela ideia do amor romântico, na qual o outro é incumbido de prover a completude e a felicidade plena do amado. Ao falarmos sobre casamento estamos nos referindo a todas as uniões – formais e informais – nas quais possa ocorrer coabitação ou não, mas que sejam compreendidas como relações de compromisso. Como veremos em alguns estudos, pesquisadores analisam a infidelidade também nas relações de namoro, pois a expectativa da fidelidade existe independente do nome dado ao vínculo amoroso.

Nas palavras de Lázaro (1996, p. 16),

[...] Sabemos também que amor e casamento nem sempre coincidiram: a Grécia Clássica não aceitaria esta identidade e os jovens cortesãos do século XII, do sul da França, não tinham dúvidas quanto à necessidade de separar essas coisas. Não que o amor não tenha se prestado a sustentar instituições: a caridade cristã (ágape) é ainda um pilar vigoroso de numerosas e discretas comunidades e o próprio casamento burguês está assentado sobre o que se chama amor. A legislação divorcista do mundo o admite.

Nessa paisagem de sonho, somos inalados pela realidade da elevação na taxa dos divórcios; nunca tantos sonhos duraram tão pouco ou então foram tão eternos enquanto duraram, como nos recorda a poesia e nos mostram os dados do IBGE de 2010⁹.

Como um dos ideais da conjugalidade é a *Fidelidade*, sua definição no dicionário¹⁰ corresponde à “qualidade de quem é fiel”, “lealdade”, que “cumpre aquilo que se obriga” e que tem “afeição constante”. Este significado satisfaz a expectativa romântica do amor eterno e idealizado, dos contos de princesa ao buquê de noiva, magia e sonho eternizados

⁹ Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/en/>>.

¹⁰ MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998, p. 956.

na educação das crianças que, quando adultas, adotam atitudes pós-modernas mas continuam sonhando com o encanto do castelo.

Partindo da definição do termo *infidelidade*¹¹, esta aparece no dicionário como “falta de fidelidade, qualidade de infiel, traição”, e no Direito como “transgressão da fé matrimonial, ou do dever de fidelidade, comum aos cônjuges”. A palavra *traição* detém os significados de “ato ou efeito de trair, quebra da fidelidade prometida e empenhada, intriga, perfídia”.

Oliveira (2007, p.15) explica que o termo *adultério* é usado juridicamente “quando existem relações carnis (ou sexuais) fora do casamento. Isto porque há um contrato matrimonial quando duas pessoas se casam, como pode ser visto na própria definição de adultério, que coloca o princípio ou regra da fidelidade conjugal”.

Ao colocarmos a palavra *infidelidade* na página de busca do Google encontramos 5.790.000¹² resultados; ao procurarmos por *infidelidade conjugal* obtemos 188.000 resultados; para *infidelidade financeira*, que também atinge a conjugalidade, são 174.000 resultados; *infidelidade partidária* soma 233.000 resultados; e *infidelidade religiosa* supera a todas, com 276.000 resultados.

Acreditamos que estes dados possam ser utilizados em futuras pesquisas. Por ora, limitar-nos-emos a enfatizar que o termo *infidelidade*, quando verbalizado, remete o ouvinte à questão da conjugalidade, especialmente ao âmbito da sexualidade.

Treas & Giesen (2000) relatam que 90% das pessoas casadas nos EUA esperam exclusividade sexual do parceiro “sempre” ou “quase sempre”, acrescentando que valores, oportunidades e relacionamento conjugal insatisfatório são preditores de infidelidade.

Para Martins (2012), ainda que o tema infidelidade seja bastante explorado nas pesquisas, em geral está centrado na questão no relacionamento sexual extraconjugal; no entanto, a autora observa que o interesse pelo *flirting* – a paquera ou o flerte, para nós – tem ganho espaço (DRIGOTAS; SAFSTROM; GENTILIA, 1999), assim como a procura pelo envolvimento emocional através dos meios de comunicação (WHITTY, 2003). Martins se preocupa com o enquadramento conceitual do termo, o que é extremamente relevante para nós já que a definição de infidelidade pode revestir-se de elementos e comportamentos

¹¹ MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998, p. 956.

¹² Dados coletados em 3 nov. 2013.

muito diferentes, inclusive com a ausência de contexto sexual (RANDALL; BYERS, 2003, *apud* MARTINS, 2012).

A infidelidade limitada ao envolvimento com relações sexuais, segundo Martins (2012, p. 5) e de acordo com nossa prática clínica, “não captura a amplitude completa de comportamentos que a maioria dos indivíduos considera como infidelidade”, mesmo porque os aspectos da sexualidade são amplos demais para serem definidos somente por meio da apreensão do contato genital, como no estudo apresentado pela autora:

A definição de infidelidade foi mais abrangente comparativamente aos outros estudos, envolvendo um maior número de comportamentos sexuais; ‘desde a masturbação até o orgasmo ao telefone ou ao computador’, e parece incluir a mera disponibilidade simbólica para estar com o outro, sem necessitar da respectiva efetivação genital. (ALVAREZ; NOGUEIRA, 2008, *apud* MARTINS, 2012, p. 5).

A autora parece ultrapassar as dificuldades conceituais presentes na definição de Blow & Hartnett (2005, *apud* MARTINS, 2012, p. 6):

A infidelidade é um ato sexual e/ou emocional cometido por uma pessoa que está numa relação de compromisso, onde tal ato ocorre fora da relação primária e constitui uma violação de confiança e/ou violação de acordo de normas (abertas e cobertas) por um ou ambos os indivíduos nesse relacionamento em relação à exclusividade romântica/emocional ou sexual.

Uma questão relevante e que não é mencionada nesta definição é o aspecto do segredo, que implica na ocultação de algo em que o parceiro está implicado, o que para muitos é considerado como quebra da lealdade. A lealdade pode estar vinculada ou não à fidelidade. Nesse particular, citamos o filme *Frida* (2002), de Julie Taymor, que tão bem retrata essa diferença: Diego Rivera promete ser leal – mas não fiel – à Frida Kahlo, e esta aceita o pacto; porém, ele se envolve sexualmente com a irmã dela, Frida os surpreende e o pacto de lealdade é quebrado. Neste caso, ocorre uma dupla traição.

Quando falamos de lealdade, pressupomos um contrato de confiança pelo qual a verdade é a moeda vigente, que estará preservada apesar da possível dor que poderá vir a ela associada. Ao pensarmos na ocultação de qualquer ato, contato ou gesto do parceiro, estamos evidenciando o desinvestimento na relação ou no cônjuge (em alguns trabalhos encontramos a problemática que envolve as fantasias, da qual falaremos adiante). O afeto e a atenção são direcionados a outrem, o que possivelmente coloca em risco a intimidade do relacionamento, e este seria um dos efeitos da ocultação do segredo na relação.

Em um estudo de von der Weid (2004) com mulheres cariocas, as solteiras ouvidas pela autora consideravam a infidelidade como “desrespeitar, mentir ou trair a confiança do parceiro”, enquanto as casadas viam a infidelidade como “traição física ao parceiro, relação sexual com outra pessoa” (p. 3). Neste estudo, a referência sobre infidelidade assume aspectos diferenciados diante da posição ocupada – namoro ou casamento.

Martins (2012) também destaca a definição de Glass (2002) para infidelidade, ressaltando a questão do segredo: “[...] um envolvimento secreto sexual, romântico, ou emocional que viola o compromisso de uma relação exclusiva” (*apud* MARTINS, 2012, p. 6). A autora compreende que ainda faltam elementos para a diferenciação do tema e acrescenta que “a investigação também tem indicado que os indivíduos acreditam que a infidelidade pode ocorrer tanto na modalidade off-line como na on-line” (WHITTY, 2003, *apud* MARTINS, 2012, p. 6).

Viegas & Moreira (2013) realizaram um estudo em Portugal com 68 homens e 221 mulheres, definindo cenários que aludiam a diversos aspectos relacionais, emocionais e sexuais que poderiam ser considerados como infidelidade pelos participantes. Além disso, diferenciavam a gravidade do cenário para o relacionamento marital. A presença da infidelidade foi identificada por meio de quatro fatores: envolvimento afetivo, contato físico/sexual, comportamento inocente e consentimento dado pelo parceiro.

Os resultados obtidos demonstraram que homens e mulheres “penalizam mais o envolvimento sexual por comparação com o afetivo e atribuem maior gravidade quando ele é continuado e não se limita a uma única relação sexual” (VIEGAS; MOREIRA, 2013, p. 146), o que derruba a ideia de que as mulheres se preocupam mais com o envolvimento emocional. Ambos os sexos consideram a interação *on-line* como infidelidade. No entanto, as mulheres penalizam mais o envolvimento pela internet, enquanto a paixão e o consentimento do parceiro atenuam a gravidade da situação exposta.

Os autores acreditam que “a maior penalização do envolvimento sexual continuado poderá estar relacionada com o componente relacional, mais do que a repetição do comportamento sexual em si” (2013, p. 416). Ademais, afirmam que a infidelidade é como uma perturbação na conjugalidade que é ainda mais marcante pelo significado a ela atribuído; em seu estudo, percebem que a fidelidade é vista como ideal para os casais monogâmicos, salientando que “a partilha de intimidade sexual e/ou emocional com um terceiro elemento é sentida como uma quebra do compromisso e da confiança entre os parceiros” (p. 412).

Viegas & Moreira (2013) alertam, ainda, que a insuficiência e a incerteza do conceito de infidelidade comprometem os resultados das pesquisas, que muitas vezes se apresentam contraditórios na literatura. Concordamos com os autores e acreditamos que o termo deveria ser grafado como InfidelidadeS, dada a diversidade de conceitos encontrados e a certeza de que somente os significados a ele atribuídos pelos cônjuges podem e devem ser trabalhados em psicoterapia.

Com base na *American Association for Marriage and Family Therapy*¹³, em uma relação de amor seguro pressupõe-se ser desejado e pensado como especial pelo parceiro, além de partilhar uma fonte de segurança emocional e conforto. A infidelidade rompe o vínculo seguro e promove a perda da confiança e a diminuição da autoestima, além de instalar o sentimento de isolamento na pessoa traída.

No espaço clínico em que se trabalha a escuta de casais também reverberam dúvidas, suspeitas e incertezas sobre a infidelidade, quais aspectos são percebidos como infidelidade e que tipo de contrato estão transgredindo, ainda mais quando o cenário é o espaço *on-line* e seu significativo crescimento.

Relacionamentos amorosos ou sexuais virtuais estiveram, durante muito tempo, separados da vida real. Justificativas como a ausência de contato físico ou encontros fantasiosos possibilitavam a dúvida. Contudo, o inesperado avanço da tecnologia no campo subjetivo promoveu um descompasso entre as regras estabelecidas para a fidelidade e as novas nuances virtuais vivenciadas.

Os embates sobre os contatos *on-line* constituírem ou não comportamentos infiéis permanecem até hoje no senso comum, mas o caminho trilhado por esses questionamentos ampliou as questões pertinentes às escolhas realizadas por cada casal.

Partimos do pressuposto que cada casal possui, através da integração de expectativas e contratos estabelecidos, suas próprias regras sobre o que considera fidelidade. Para alguns, contatos *on-line* ou trocas de mensagens são considerados inofensivos à relação; para outros, eles provocam grandes mágoas.

¹³ *Family Therapy Magazine*. Disponível em: <http://www.aamft.org/imis15/Content/Consumer_Updates/Infidelity.aspx>. Acesso em: 9 set. 2013.

Há aqueles que partilham com o parceiro experiências vivenciadas em *chats* de sexo virtual, consideradas por ambos apenas como mais um aparato de fantasia e excitação sexual para a relação; para outros, a simples menção de uma revista *Playboy* causa desconforto e insegurança.

Existem casais que buscam parceiros para eventuais *ménage à trois* ou *swing*, não importando se há três ou quatro pessoas envolvidas; outros preferem manter esses termos desconhecidos e distantes de sua relação com o parceiro. Tantos são os modelos e formas de interação que poderíamos relatar infinitos casos, o que não é o nosso objetivo.

Até mesmo as fantasias, partilhadas ou não, podem surtir o efeito de uma traição, sendo compreendidas como um ato realizado. Yarab *et al.* (1998, *apud* WHITTY, 2003) argumentam que a exclusividade mental pode ser tão importante quanto a sexual, alegando que as fantasias podem inclusive servir de maior ou menor ameaça ao casal; acrescentam, ainda, que fantasiar com o melhor amigo é muito mais grave e ameaçador que ter fantasias com um ator de cinema.

Atualmente, todos os casais, independente da construção da conjugalidade realizada, passam pela reposição de fronteiras frente ao maremoto provocado pela inovação no contato entre as pessoas dentro das redes sociais.

A infidelidade poderia também ser definida como a transgressão das normas e regras, explícitas ou implícitas, construídas em cada conjugalidade, e que valorizam o compromisso e a intimidade mútua com exclusividade. A transgressão pode ser caracterizada como envolvimento emocional e/ou físico, e/ou sexual, e/ou virtual, que – se mantida em segredo – constituiria um ato de deslealdade ao parceiro e promoveria a ruptura da confiança estabelecida.

Utilizamos o termo *transgressão* pelo seu significado de ação – ir além dos termos ou limites combinados – e também por significar uma não ação – deixar de cumprir. Muitas vezes a infidelidade é justificada quando se coloca a responsabilidade no outro, que pode ser o parceiro (que não estava disponível) ou um terceiro (que foi sedutor). Neste momento, porém, esta definição nos satisfaz porque nesse tema a inventividade é sempre dinâmica.

Nos dias de hoje, a tecnologia permite uma ampliação da conduta infiel que alarga as possibilidades de interação, enquanto os questionamentos sobre o espaço virtual são discutidos: infidelidade virtual é traição? Neste campo, questiona-se quais seriam os limites

e reverberações de uma infidelidade: ela destrói ou mantém relações? Na intimidade, quais seriam as fronteiras entre o público e o privado?

Muitas são as perguntas, e as respostas estão em desalinho com a realidade; o fato é que a existência do espaço virtual transformou as relações afetivas, sexuais e sociais também em relações digitais.

1.2 A infidelidade no Brasil

A história da infidelidade no Brasil só pode ser estudada se contextualizarmos a história da vida privada em nosso país. Para isso teremos que contrapô-la ao surgimento da vida pública, no século XIX, que alterou os padrões anteriores – o indígena e o colonial – em nossa formação social.

Novais (1997) retratou, com rigor histórico, as alterações sociais que percorriam o Brasil ao longo de sua trajetória: a América Portuguesa, o Império, a República, e finalmente o Período Contemporâneo. Em sua investigação, o autor constatou que a vida privada podia ser analisada em contextos ainda não plenamente definidos, pelo viés da intimidade.

A presente seção pretende traçar uma linha histórica sobre a infidelidade, desde a constituição do casamento informal até o formal, já que neste trabalho trataremos a infidelidade como a quebra de um contrato pré-estabelecido, supostamente por uma união estável, buscando assim melhor compreender os meandros da infidelidade.

O padrão social **indígena** dos tupinambás caracterizava-se pela simplicidade na sua intimidade, pontuada pelas relações de proximidade e afastamento.

Entre os indígenas as uniões se estabeleciam de forma simples e consensual, bastando que o varão perguntasse à mulher, viúva ou donzela, sobre sua vontade de se casar. Se aceito, dirigia-se ao pai ou parente mais próximo da escolhida para oficializar a união, e em seguida passavam a morar juntos.

A poligamia era frequente somente entre os guerreiros e caciques, sendo considerada como um sinal de prestígio na tribo. Quando o esposo não queria mais ficar com a esposa, bastava presenteá-la a um outro homem; portanto, não havia necessidade de manter a união, se o homem assim não o desejasse.

No entanto, o adultério feminino era punido com a expulsão ou morte da mulher. Se a traição resultasse em gravidez, a criança seria enterrada viva e a adúltera trucidada ou entregue aos homens solteiros da tribo. O esposo não se vingava do homem que o traía, pois não queria atrair a inimizade dos outros (RAMINELLI, 2010).

Percebe-se, então, que a infidelidade era sinal de prestígio entre os homens ao reafirmarem seu *status* na hierarquia da tribo, ao passo que a infidelidade feminina era castigada com a morte, não somente pelo risco da gravidez adúltera mas também pelo poder garantido aos homens desde os primórdios tempos.

Na História da Sexualidade, Stearns (2010) resgata que a estrutura da sexualidade mudou radicalmente com a introdução da agricultura. O trabalho com a terra forçou a fixação das pessoas em vilas próximas, o que favoreceu a supervisão coletiva do comportamento sexual. Ademais, a conseqüente preocupação com o controle da propriedade determinou a importância em garantir a paternidade dos filhos, que resultou no controle da sexualidade feminina.

Nas primeiras décadas do século XVI, o significado e o sentido da vida privada distinguiam-se claramente do olhar contemporâneo, já que as moradias em geral situavam-se a quilômetros umas das outras. Esta concepção explica, parcialmente, a hospitalidade como uma característica necessária no mundo colonial brasileiro.

Com a chegada dos portugueses para sanar a necessidade de povoamento e assim garantir a manutenção do território, uma nova forma de configuração familiar se apresentou aos nativos que aqui viviam. Um retrato desse momento inicial, onde público e privado se integram, pode ser expresso pela expedição que saiu de Araraguaba (Porto Feliz/SP) rumo ao presídio¹⁴ do Iguatemi (MS), em 10 de março de 1769, descrita por Souza (1997, p. 70-71). Consta que partiram 36 embarcações fluviais com cerca de 700 homens, mulheres, rapazes e crianças de todas as idades, além de soldados pagos e animais. A previsão era de uma viagem de dois meses e dois dias, com estadia de dois anos e dois meses.

A viagem foi uma odisséia. Logo no começo, duas mulheres pariram. Uma, de nação Bororo, retirou-se 'um pouco do tumulto da gente', e junto ao mato de uma prainha, deu à luz a criança, levando-a, em seguida, e sempre sozinha, para banhar-se com ela no rio; no dia seguinte, 'andava sem moléstia alguma'. A outra solteira e filha de um povoador, achava-se grávida sem que a família soubesse; não podendo sofrer os 'ardores do parto', e

¹⁴ Presídio: assim era chamada uma praça fortificada, habitada por soldados, suas famílias e agregados; em *Forte do Iguatemi – 246 anos*. Disponível em: <<http://balaioadahistoria.blogspot.com.br>>.

sem condições de retirar-se, teve que expor sua intimidade, parindo publicamente no meio e à vista de todo povo.

Passados poucos dias, manifestou-se entre os povoadores uma diarreia generalizada, então vulgarmente conhecida como corrução. Mais uma vez violou-se o caráter privado de atos íntimos.

Em seguida, sobreveio uma tempestade, sendo necessário amarrar as embarcações com cordas de ferro aos troncos e raízes das árvores; as rezas e ladainhas não impediram que caíssem dois raios. Passada a noite de horrores, amanheceu morta uma criança, dando-se-lhe sepultura no mato. Decidiu-se então que era melhor saltar em terra, cada família fazendo a sua fogueira para se aquecer e cozinhar comida – como que tentando refazer, após tanta exposição pública de dores, vergonhas e doenças, a privacidade esfrangalhada.

Mas bastou uma praga de carrapatinhos para que todos tivessem que ficar nus; o máximo que o pudor conseguiu foi dividirem-se os sexos: os homens se esfregavam com o popular caldo de tabaco de fumo ou bolas de cera da terra; do outro, ‘as mulheres lá se remediavam umas com as outras, e todos conforme podiam, e permitia a ocasião’. (SOUZA, 1997, p. 70-75).

Apesar da intimidade tolhida, todos sabiam do risco de distanciar-se do grupo; há relatos, ainda nessa expedição, de pessoas perdidas e uma família “que buscando certa intimidade dentro do convívio promíscuo da expedição”, teve sua embarcação desgarrada enquanto dormiam e por pouco não naufragaram. A sobrevivência dependia da relação estreita com o grupo, o que produzia uma intimidade forçada que devassava a privacidade.

Os aspectos referentes aos modos de construção familiar dos indígenas e dos primeiros portugueses mesclam-se na história da construção da família brasileira.

O **Brasil Colônia** é o momento dessa integração, cujo padrão social passa a constituir um novo modelo relacional para a conjugalidade brasileira.

Nos primeiros séculos de colonização, a organização familiar era influenciada por alguns fatores: a falta de mulheres brancas, a escravidão negra e indígena, as expansões de território e a precariedade de recursos, isso sem contar com o desconhecimento das pragas presentes em países tropicais, que elevavam os níveis de mortalidade.

A sociedade dividia-se entre brancos e negros, livres e escravos; essa estratificação dificultava a generalização de padrões semelhantes de vida e de organização familiar de norte a sul do país (ALGRANTI, 1997). Nesse contexto, havia uma extensa gama diferenciada pela qual brancos e livres viviam de forma bem distinta dos negros escravos, e estes dos índios. Aos poucos, com o nascimento dos filhos bastardos, mestiços, crioulos ou mamelucos, somado às transformações sociais como o fim da escravidão, as diferentes formas de organização social foram se aproximando.

Os domicílios eram o espaço de convivência da intimidade, mas faltam fontes para definir os membros que ali conviviam, muitas vezes marcados por longas ausências devido à distância entre os povoamentos.

No Brasil, o casamento nasceu enlaçado com o concubinato, pois não podemos falar de um sem comentarmos o outro. Tanto o Estado como a Igreja tinham o casamento como um projeto colonizador, com o intuito de povoar o território de forma organizada e manter os fiéis dentro das normas estipuladas. O lema “crescei e multiplicai-vos” conferia *status* e segurança aos colonos e mantinha-se como uma norma das classes mais abastadas.

Desde o século XVI, quando, devido à falta de mulheres brancas, os colonos uniam-se em mancebias com as índias, era com as brancas do reino que se casavam para estabelecer a descendência legítima e ampliar o patrimônio familiar. (ALGRANTI, 1997, p.136).

A Igreja e o Estado impunham um universo de normas às contravenções praticadas, como adultério, concubinato e filhos ilegítimos, visando estimular e preservar o modelo de família nuclear: pais e filhos legítimos convivendo em um mesmo lar, pautados pela pertinência aos papéis de sexo e pelo código moral vigente.

Cabe ressaltar que concubinatos e relacionamentos extraconjugais não podem ser compreendidos como um costume tipicamente brasileiro, como relata Oliveira (2007, p. 19) em frase atribuída a Demóstenes, que retrata os costumes sexuais na época dos gregos: “As prostitutas, nós conservamos pelo prazer, as concubinas para cuidar da nossa pessoa e as esposas para nos proporcionar filhos legítimos e cuidar de nossa casa”.

Os registros de casamento e nascimento permaneciam em poder da igreja, que também se dedicava à tarefa de proteger e catequizar os indígenas. O batismo era a forma de distinguir nascimentos maritais e extramaritais (THERBORN, 2006).

No entanto, a formação de famílias dentro do *script* desejado não era tão simples; os primeiros colonos, “não satisfeitos em fazer suas escravas de mancebas, lançavam-se às (índias) livres, pedindo-as aos índios por mulheres”. Quando os padres tentavam pregar o casamento monogâmico, eram ofendidos, ameaçados e até perseguidos pelos colonos (VAINFAS, 1997, p. 233).

A essas configurações era dado o nome de “não famílias”, nas quais índias e negras davam filhos bastardos aos homens brancos. Durante um determinado período de tempo

essa situação tornou-se predominante, logicamente com a exceção das famílias padronizadas. Ambas formaram-se paralelamente, e devem portanto ser incluídas na sociedade colonial (ALGRANTI, 1997, p. 136-7).

Segundo Vainfas (1997, p. 238), o concubinato era “rival e cúmplice do casamento a um só tempo”, pois, embora contrariasse o modelo monogâmico, cumpria a função de povoamento das novas terras. Os casamentos ocorriam entre iguais na cor e na fortuna, deixando amores e deleites para o mundo dos “tratos ilícitos”.

A conjugalidade ilegítima ou informal mantinha-se com o amancebamento entre senhores e escravas ou clérigos em concubinato, e somente as situações de adultério feminino poderiam transformar-se em sangue por serem consideradas como grave contravenção.

Um exemplo de infidelidade descrito seria o caso Salvador de Maia, homem idoso que matara sua mulher por adultério. O criminoso foi denunciado, não pelo assassinato da esposa – ato legítimo para maridos traídos –, mas porque tinha o costume de colocar um crucifixo embaixo da cama ao manter relações sexuais com a esposa (VAINFAS, 1997, p. 246).

Este caso demonstra a soberania da igreja sobre o destino dos cidadãos; concubinato e traições femininas eram proibidas e punidas com a morte, mas os símbolos da Igreja eram soberanos. Sagrado e profano dividiam o espaço social e definiam as condutas íntimas. Famílias e “não famílias” compunham a sociedade da época, além da hierarquia imposta pela distinção na cor da pele.

As mulheres eram descritas como no velho ditado: “Branca para casar/ mulata para foder/ negra para trabalhar”. Uma grave ofensa a Deus era a “fornicação com mulheres brancas e honradas, sobretudo donzelas ou casadas, o que condenaria suas pobres almas à danação eterna” (VAINFAS, 1997, p.240-1).

Ao longo dos anos, a política de casamento das elites permaneceu inalterada, com as mulheres brancas aumentando em número e sendo eleitas para o matrimônio. Na falta de noivos à altura, e para não dividir demasiadamente as propriedades, muitas jovens eram enviadas para os conventos.

Os documentos do Santo Ofício, que contêm várias centenas de depoimentos iniciados com a identificação de testemunhas, acusados ou

confitentes, permitem constatar com alguma precisão a tendência predominante nas relações que geravam mamelucos: uniões entre homens portugueses ou mamelucos e mulheres índias ou mamelucas, sendo raríssima a união entre mamelucos e mulheres brancas, e totalmente ausente a união entre índios e mulheres brancas ou mesmo mamelucas. (VAINFAS, 1997, p. 232).

No Brasil Colônia havia duas formas de família: a patriarcal, típica das camadas abastadas, na qual o pai mantinha autoridade ilimitada sobre as mulheres, filhos, agregados e escravos, podendo dispor do direito de vida e morte sobre eles; e a família matrifocal, difundida nas camadas mais populares. Os casamentos eram decididos pelo patriarcado, de acordo com as posses envolvidas; somente em uma época posterior ocorreu o surgimento do amor romântico (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1979).

A sexualidade na colônia se fazia conhecer pela justiça eclesiástica ou inquisitorial, na correspondência jesuítica, nos sermões e tratados religiosos. O Conselho de Trento (1545-1564) deliberou normas e condutas a serem cumpridas frente aos dogmas e sacramentos católicos, devido à expansão dos cristãos novos (antigos judeus) e dos protestantes, passando a julgar os desvios da conduta familiar ou sexual considerados heresias, como as relações extraconjugais, o concubinato e mais austeramente a sodomia, “perfeita e imperfeita” (VAINFAS, 2010, p.119).

A população colonial delatava os desvios de conduta observados, por medo ou por cumplicidade ao poder. Desse modo, todos viviam vigiando-se mutuamente, o que era fomentado pela falta de privacidade existente. A visibilidade da vida íntima das camadas mais pobres tornava-as mais vulneráveis do que as classes altas da sociedade, que podiam ocultar seus deslizes com mais facilidade.

O adultério masculino era amplamente legitimado; o feminino, porém, além de estar sujeito a punição – como morte ou confinamento em conventos –, podia implicar que o marido não satisfazia a esposa; portanto, atuava como um fantasma que assustava e estigmatizava o marido, pois socialmente depreciava a sua imagem.

Em cada porta um frequentado olheiro
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha
Para levar a Praça, e ao Terreiro.

(VAINFAS, 1997, p. 227)

Algumas “casas de vivenda” ou “casas de morada”, empregadas no plural até o séc. XIX, indicavam as unidades de moradia e oficina; possuíam sala de jantar (intimidade da

família), embora não dispusessem de mesas, cadeiras e talheres, que eram escassos e muito caros. Nos quartos de dormir (intimidade dos corpos) as camas eram raridade, sendo a rede o objeto mais comum. Até o século XIX ainda havia superposição de funções dos ambientes, ou seja, dormia-se e comia-se no mesmo recinto. Nesse panorama, fica evidente a exposição e o conseqüente controle da atividade sexual.

A distinção social era observada pela fartura da mesa, o número de escravos, a forma de vestimenta, a quantidade de joias, o trabalho executado e, posteriormente, pelas propriedades e animais (SOUZA, 1997, p.153).

Os relatos de adultério feminino eram denunciados pelos padres, revelando a quebra de sigilo da confissão. Isto ocorria principalmente quando o religioso era transferido, como ocorreu em Pernambuco em 1759, com o seguinte depoimento: “Graças a Deus que já me livre das mulheres deste curato, porque todas ou a maior parte adulteram os maridos, e assim me vejo já livre de as confessar” (ARAUJO, 2010, p. 59).

O Padre Nóbrega, em sua vasta correspondência, criticava o próprio clero ao escrever “amancebados com as índias, fornicários”. Para desespero dos padres inacianos, o concubinário não se alterou nos séculos XVII e XVIII, a não ser pela maior participação dos negros africanos, crioulos e mulatos que aqui desembarcavam. Cabe ressaltar que o concubinato “guarda íntimo parentesco com a escravidão, quer a indígena, quer a negra” (VAINFAS, 1997, p. 234).

O concubinato atingia todas as camadas sociais. Em alguns casos em que os senhores eram mais pobres, mesmo se possuíam uma só escrava amancebada costumavam colocá-la na prostituição para aumentar a própria renda, o que demonstra que os escravos eram considerados bens pessoais. As relações sexuais entre senhor e escravo cativo eram também frequentes, enfatizando a dominação, coação e violência presentes nas relações da época.

A posição de Gilberto Freyre sobre a miscigenação étnica no Brasil fundava-se em uma imagem dos portugueses estarecidos frente à atração que sentiam pelas índias, “lançando-se a elas com volúpia tão logo desembarcavam nas praias”, ao que teriam sido correspondidos inicialmente pelas índias, depois pelas negras e mulatas. Este comportamento já foi amplamente questionado por desconsiderar o papel de poder do homem branco ao escravizar a mulher, frente aos seus desejos sexuais. Tal postura também estava impregnada de preconceito, pois apesar da escassez de mulheres brancas,

estas não eram submetidas ao mesmo tipo de violência física (estupro) que as índias e negras; ao contrário, as brancas eram reservadas ao casamento.

No **Brasil Imperial**, a família enfrentava sérios problemas ao deparar-se com a sobrevivência nos trópicos, visto que epidemias, doenças e insetos – além da falta de água potável e rede coletora de esgotos – em muito pioravam as condições de saúde dos estrangeiros.

Uma das funções inerentes ao casamento era a ampliação da família; porém, as dificuldades presentes na gravidez; os partos de alto risco – nos quais “as mulheres dão à luz entre dores para pagar seu pecado” (DEL PRIORE, 2011); as sangrias utilizadas para conter infecções; as doenças tropicais; a falta de água potável e saneamento básico; e o elevado índice de óbitos de nascituros contribuíam para o pavor que as mulheres tinham do parto, o que as tornaria mais benevolentes, como retrata o autor:

[...] é o pânico das mulheres confrontadas com a perspectiva da própria morte durante a gestação, o parto e o puerpério. Talvez – mas é apenas uma suposição – o pavor do parto tenha levado as senhoras a ser mais tolerantes na aceitação dos filhos adulterinos de seus maridos (ALENCASTRO, 1997, p. 72).

O matrimônio servia, portanto, a tarefas específicas: enquanto o marido dominava, no exercício do patriarcado, a esposa fiel e submissa encarregava-se da procriação. As relações sexuais formavam elo com a reprodução e não passavam de deveres conjugais despidos de expressão de afeto e fonte de propagação das doenças venéreas (DEL PRIORE, 2011).

Na Europa da época expande-se o uso do “coito interrompido” como forma de contracepção, e este conceito foi alardeado pelos médicos e disseminado pelas meretrizes estrangeiras no Brasil, que em 1859 já chegavam a cerca de mil delas instaladas no Rio de Janeiro. Assim verificou-se a entrada de um novo modelo que passou a integrar o contexto social no Brasil Império: as meretrizes, que seguiam normas e condutas europeias que não correspondiam aos modelos vivenciados pelas brancas, negras e índias que aqui se encontravam.

Vale ressaltar que, ainda nos dias de hoje, a utilização da prostituição, muitas vezes, não é considerada infidelidade pelos pacientes – homens e mulheres – ouvidos na clínica.

Em compensação, constrói-se uma intimidade entre as mulheres que somente outras mulheres podiam adentrar, tanto no profano (com as meretrizes) como no sagrado que integra o espaço familiar. O espaço interdito preserva seus sentimentos e segredos e promove apoio mútuo, como nos conselhos da avó da Arquiduquesa Leopoldina à filha: “Penso que se nós educarmos nossas princesas severamente e sem conhecimento de homens, não poderão fazer comparações e vão achar amáveis e estimar aqueles que Deus lhes reservou” (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1979, p. 35).

Dentre as funções da igreja estava a de preservar as futuras uniões e garantir a fidelidade das mulheres, conforme já apregoara Aristóteles, para quem uma esposa só seria desejada se pura e casta. Para Montaigne, a esposa deveria ignorar as febres perversas do jogo erótico do marido (DEL PRIORE, 2011).

No âmbito familiar, o grande tabu continuava sendo a sexualidade, obscurecida pelos quadros de histeria e aplacada pela virtuosidade e caridade das damas. O espaço público ganhava novos contornos com a iluminação a gás, permitindo o convívio social das famílias em cafés, confeitarias e restaurantes, antes somente possível nas missas dominicais e teatros.

A maneira como as mulheres eram definidas permanecia inalterada, sendo usado o critério da cor da pele para distingui-las, como descrito em desafios folclóricos (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1979, p. 35):

A branca é prata fina
 Mulata, cordão de ouro
 A cabocla, cobre falso
 A negra, surrão de couro
 A mulata é feiticeira
 Outra como ela não há;
 O amor da mulatinha
 A branca não sabe dá.

As mudanças no comportamento feminino também foram drasticamente alteradas. Sair sozinha nas ruas provocava visível incômodo e ansiedade nas camadas mais conservadoras.

No século XIX, a moda na capital servia de indumentária na “arte” de agradar e conseguir um bom casamento, preferencialmente com alguém que tivesse prestígio e dinheiro, dotes necessários para a satisfação das ambições pessoais e sociais. Começava a transição pela qual os casamentos não seriam mais determinados pelos pais, o que

possibilitava que a mulher aceitasse – ou não – o pretendente. Instaurava-se aí a semente da condição do amor romântico.

Na revista *Entre nós* (1921), “[...] a mulher só exerce sobre o homem, o prestígio do seu sexo. Quando o homem não está mais sob o sortilégio exercido pelos encantos da mulher, esta deixa de ocupar-lhe o espírito, de interessá-lo” (MALUF; MOTT, 1997, p. 370).

Paralelamente, ocorria a pressão social para que fosse restaurada a ordem no feminino, enfatizada por publicações que definiam regras de conduta para ambos os sexos, como publicado no *Lar Feliz* de 1916 ao defender que cabia à mulher fazer de seu lar um templo de felicidade; dissipar o tédio assim como os micróbios; promover diversão em casa para que ela não fosse procurada do lado de fora; ser dedicada e ter amor à ordem. O homem deveria, sempre ao final do trabalho, voltar para casa para efetuar alguma manutenção ou cultivar o jardim. “Essa é a felicidade perfeita no pequeno Estado, cujo ministro da fazenda é o pai, cabendo à companheira, os negócios do interior” (MALUF; MOTT, 1997, p. 374).

Vale ressaltar que a “diversão” aqui expressa remetia aos deveres conjugais sexuais que, se não satisfeitos, implicavam na busca da satisfação externa ao lar.

A preocupação com a infidelidade é legitimada pelo código de conduta social e percebida como perniciosa à Felicidade do Casal, âmbito privado do conjugal. Social e conjugal partilham regras semelhantes tanto no público quanto no privado.

Na segunda metade do século XIX surgia na Europa a convergência entre aliança e amor, casamento e felicidade, expressos por Emma Bovary e Charles Baudelaire, entre outros, que aspiram a “fusão do casal”: ideal romântico que impregna as relações amorosas até o momento.

O Código Civil de 1916, por sua vez, interpretava como cada cônjuge deveria proceder: ao marido uma identidade pública onde caberia prover a manutenção da família, além de papéis e poderes superiores aos da mulher; à esposa caberia uma identidade doméstica, com o papel social de esposa e mãe e a preservação da honra familiar. A legitimidade da infidelidade masculina depositava o peso da honra familiar na fidelidade da mulher.

Nesse cenário, se uma mulher fosse provedora da família poderia provocar o suicídio do marido, já que se considerava uma derrota moral do homem o não cumprimento do dever. Na sociedade colonial, o fantasma que perseguia os homens era o de não satisfazer sexualmente sua mulher; agora a ele se atrelava um outro, o de não prover o lar.

A rigidez dos papéis promovia uma “moldura normativa” que aprisionava homens e mulheres em suas vivências cotidianas, delimitada pelos papéis socialmente atribuídos ao sexo. As psiques da mulher e do homem eram representadas como reflexos de posições sexuais: ela atrai, abre-se, capitula e recebe; ele procura, domina, penetra e possui. Antagônicos e complementares, deveriam seguir o discurso para desempenhar uma sexualidade legítima, decente e higiênica, como explicitado na Pedagogia do Casamento na *Revista Feminina* de abril de 1916 (MALUF; MOTT, 1997, p. 384):

Cenas de um casamento. Antes de perguntar ao noivo e à noiva se eles de fato querem unir-se pelos sagrados laços do matrimônio, o oficiante faz uma prudente advertência ao homem: ‘Se o senhor quer se casar com a senhora, devo preveni-lo de que ela, como todas as demais mulheres, tem um dia ou mais de nervos por mês. Ao unir seus destinos à dona de seus mais caros sonhos, o senhor deverá prometer-se a suportá-la com paciência nesses dias.’ Antes mesmo da anuência do noivo, ele acautela a mulher: ‘Se a senhora está decididamente resolvida a casar-se, advirto-a, para sua segurança futura, de que o senhor, como todos os homens, poderá ter acessos de loucura transitória. Ou, digamos, de pronunciado mau humor. Tal estado costuma durar pouco. Quase nunca excede a um dia, e é muito raro que se repita por mais de três a quatro vezes por semana. Fica a noiva avisada de que, para contrabalançar seu dia de nervos, terá de suportar o dobro em peso e medida, por parte de seu marido, que é o rei da criação e o chefe da família’.

Duas propostas de atuação se confrontavam naquela época, uma solicitando que o feminino não se alterasse e permanecesse submisso aos desejos do senhor seu marido, e outra clamando pela igualdade e libertação feminina – momento de inquietações, dúvidas e questionamentos, como o revelado por Menotti del Picchia, poeta modernista em 1920, frente à “nova mulher” (MALUF; MOTT, 1997, p. 372-3):

“Caso ou não caso? Os moços, com razão, andam arisco [...] Será justo que um moço trabalhador e honrado entregue seu nome nas mãos de uma cabecinha fútil e doidivanas [...]?” Antigamente as mulheres “não serelepeavam nos asfaltos, irrequietas e sirigaitas; não saíam sozinhas [...] nem se desarticulavam nos regamboleios do tango e do maxixe”.

Uma intelectual de Minas Gerais, sob o pseudônimo de Rosa Bárbara, responde-lhe:

“Os rapazes honestos, a quem os senhores Menotti del Picchia e seus colegas de crítica se referem, tomam por elegante e de bom-tom passar suas noites nas casas de divertimentos livres, ao jogo ou nos cafés, embrutecendo o espírito, aviltando a alma e arruinando o corpo pelas bebidas, cocaína, morfina ou cartas de pôquer”, e a autora finaliza: “ainda teremos o prazer de ouvir e ver uma moça [...] quedar-se indecisa, mirando

e remirando a elegância do pretendente, interrogar-se com prudência...
Caso ou não caso?”

As mudanças sentidas pelos cônjuges, nesse período, apesar de percebidas como ameaça, demonstraram a necessidade da busca de uma nova forma de conjugalidade. O concubinato passava a ser considerado “indecente” pelas elites, que se voltaram para a vigilância das camadas mais baixas da população, em uma tentativa de manter o sustentáculo da ordem social. Com a sociedade em transição fundamenta-se o Amor Romântico na conjugalidade.

Lázaro (1996, p. 129) revela a profundidade do conceito amoroso:

A noção de amor tal como concebemos no mundo moderno – uma dimensão interior do sujeito, capaz de prometer a plena realização de si no encontro com o outro, a porta mais próxima para a felicidade – o mito do amor como um movimento da ordem do sagrado, que transcende a vida social para criar um espaço próprio e íntimo ao sujeito.

Com o triunfo do casamento romântico, homens e mulheres adquirem o direito de escolher seu cônjuge e seguir os ditames do coração. Nos costumes da época, a iniciativa do namoro cabia ao homem; olhares, pouca intimidade, dançar de rosto colado e idas ao cinema, como relatam Mello & Novais (1998, p. 611):

No mais, era dever das moças refrear os rapazes que queriam ‘avançar o sinal’. Do contrário, ficariam logo “faladas”, conhecidas como moças levianas, ou, nas rodas de homens, como ‘galinhas’ ou ‘biscates’. [...] O homem iniciava-se sexualmente cedo, os de classe média para cima geralmente com prostitutas, às vezes com empregadas domésticas, para certo orgulho do pai, com a compreensão da mãe: afinal, era da natureza masculina. Mas, para casar, agia diferente: procurava uma moça virgem, prendada, discreta, paciente, não muito ciumenta, capaz de ser boa mãe, boa dona de casa, boa esposa. Mas este ideal, ao menos em algumas camadas da sociedade, já estava se alterando: a beleza, o charme, ‘ter assunto’, ‘saber conversar’, passavam a contar cada vez mais.

O início da apropriação social do desejo sexual pela mulher passava a ser fonte de inquietações; o amor conjugal, ideal que deveria ser exaltado em tempos nefastos, passou a ser campo de “alegria serena” se contrapondo aos amores apaixonados que levariam ao adultério. A infidelidade era amplamente divulgada nos jornais, exacerbando-lhe o caráter de espetáculo dos “crimes da paixão” que apareciam como: “escravidão das paixões cegas”, “de 12 em 12 horas assassina-se uma mulher no Brasil”, “O júri, esperança dos assassinos” ou “Mulheres assassinadas”, descrevendo-a como perigosa e advinda da falência das virtudes, buscando o reestabelecimento da ordem familiar (MALUF; MOTT, 1997, p. 389).

Mais uma vez a infidelidade feminina avilta os costumes da época, enquanto a masculina é sorrateiramente esquecida e o duplo padrão da moralidade dos costumes permanece “serenamente” inalterado.

Para Rocha-Coutinho (1994), com o surgimento da sociedade industrial organiza-se uma mudança radical nas prioridades da vida cotidiana – o livre-arbítrio, baseado na individualidade, e a felicidade pessoal apoiada na intimidade tornam-se indispensáveis. Os domínios público e privado se diferenciam e os papéis de homem e mulher se distanciam, o público derivativo dos homens e o privado essencialmente das mulheres.

Segundo a autora, para dar conta da esperada conduta pura das mulheres, novos “dispositivos de sexualidade” são instaurados por meio da distinção dos “prazeres, discursos, verdades e poderes” (p. 29). Tais dispositivos se propagaram através da problematização da saúde, da preocupação com o corpo e com a gravidez e o parto. Primeiramente ocorre a regulação da procriação para depois incluir a sexualidade, duas vertentes distintas do corpo feminino. Surgem o incentivo aos hábitos de higiene, os cuidados com a alimentação, a valorização do lazer e a consequente moralização dos costumes sexuais:

A nova família burguesa, centrada na criança, impôs, desta forma, uma supervisão constante sobre a mulher, a principal responsável pela boa criação e educação dos filhos. O mito da infância encontra, assim, um paralelo no mito da feminilidade, isto é, tanto as mulheres como as crianças foram consideradas frágeis, delicadas, assexuadas e, portanto, não só mais puras que os homens, como também seres que necessitam da sua proteção. (ROCHA-COUTINHO,1994, p. 30).

Unem-se os Mitos do Amor Romântico com os Mitos da Feminilidade e do Amor Materno. A domesticação dos desejos e o confinamento da mulher favorecem o investimento na educação da prole e o consequente controle sobre as tentações externas. A passividade erótica na conjugalidade é alcançada pela desvinculação entre a reprodução, altamente valorizada, e o prazer sexual associado a valores desqualificados socialmente. Os mitos perpetuam a mulher como imagem frágil do absoluto amor ao marido e aos filhos.

Com o desenvolvimento dos contatos comerciais entre os homens, passam a ser reconhecidas as habilidades femininas como anfitriãs nas recepções de negócios, já que disso dependiam os negócios dos maridos, o que outorgava novo poder à posição da mulher no reduto do lar; as filhas adquirem este poder quando conquistam bons partidos, que não mais são garantidos pelos arranjos financeiros anteriores, os casamentos de conveniência. Como descrito pela autora,

[...] Tudo isto veio reforçar o poder das esposas sobre seus maridos e das filhas sobre seus pais. No caso das esposas, por exemplo, em troca destes 'pequenos favores', como acompanhar o marido nas ocasiões sociais, que implicam, muitas vezes, deixar o filho entregue aos cuidados de outrem, o marido pode ser levado a satisfazer outras vontades da mulher. (p. 89)

A consequência destes modelos é assim demonstrada por Rocha-Coutinho (1994, p.59):

Estas experiências sociais distintas vividas por homens e mulheres levaram-nos a desenvolver diferentes subjetividades, diferentes padrões linguísticos e comportamentais, incluindo-se aí diferentes formas de exercer o controle sobre suas vidas e sobre as vidas daqueles a sua volta.

Diferenciam-se as formas de controle, homens declaram o que desejam e exigem, mulheres buscam outros meios para engendrar o controle.

Para tecer o espaço compreendido entre a geração das mulheres nascidas em 1920 e suas filhas nascidas na década de 40, utilizaremos um estudo de Rocha-Coutinho (1994, p.111) pelo qual muitas das mulheres, mães abnegadas, passam para as filhas uma mensagem dupla, em que a sugestão da libertação entremeia-se com a permanência da sublime vocação da maternidade. Meios de controle, educação dos filhos e sexualidade são expostos nesse trabalho, do qual limitar-nos-emos a retratar a infidelidade.

Este estudo também promoverá um ajuste das lentes sobre a infidelidade, pois passaremos do espaço social e público para o espaço privado das famílias, onde o intergeracional adquire seus contornos mais expressivos.

A primeira geração possuía seu espaço de "Rainha do Lar" garantido e valorizado pela sociedade local, reinando absoluta na casa e na família; a segunda geração, formada pelas filhas, viveu a adolescência e/ou o início da vida adulta no final da década de 60 e princípio da década de 70, época da transição de valores que repousavam sobre o corpo feminino.

Segundo Rocha-Coutinho (1994, p. 112):

Os anos 60 assistem a uma série de movimentos a nível mundial – entre eles, o movimento de maio de 68 na França e o movimento dos direitos humanos nos Estados Unidos – de oposição ao poder socialmente institucionalizado: oposição ao poder dos pais sobre os filhos, das instituições educacionais e seus representantes sobre os educandos, da medicina sobre a população, do homem sobre a mulher. [...] Como parte destas lutas, surge, neste mesmo período, uma série de movimentos feministas, em especial na Europa e nos Estados Unidos que, reforçados pelo aparecimento de anticoncepcionais mais eficazes – levando as

mulheres à possibilidade de realizar suas tentativas milenares de separar sexualidade e procriação -, começam a questionar a limitação da mulher aos papéis de esposa, mãe e educadora, bem como a castração de que esta era vítima no que tocava à sua sexualidade.

Na pesquisa realizada pela autora, foram entrevistados oito grupos de mães e filhas oriundas das gerações acima mencionadas, sobre a questão do discurso social de suas épocas relacionado aos principais papéis e posições da mulher na sociedade.

Pretendemos nos direcionar aos aspectos referentes à conjugalidade e principalmente à vigilância em relação aos maridos. Para o Grupo das Mães a vigilância é vista como negativa, o que se mostra coerente com o discurso da época: o homem podia ter aventuras extraconjugais, o que decorreria da “natureza” masculina, mas deveria desempenhar bem seu papel dentro de casa, de marido e pai, como descreve o discurso:

[...] Se é uma pessoa inteira como a gente, ótimo, bom chefe de família, funcionando tudo dentro de casa e com a gente, é companheiro da gente, não tem que ficar na carteirinha procurando ali, procurando aqui, que de repente vai achar um negócio que não tá a fim. Porque quem procura, acha. Então tem que cultivar o que a gente tem, porque homem tem uma coisa meio aventureiro, negócio que não leva a nada, eles mesmo sabem mas é da natureza, né? Uma coisa da natureza. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 189).

O interessante é que este assunto – infidelidade como parte da natureza masculina – foi tratado no Grupo das Filhas conforme o discurso emancipatório da época; ao contrário do restante do outro grupo, que tentava esconder as possíveis relações conjugais dos seus companheiros, uma mulher, do grupo das filhas, expôs como agiu com a situação: optou por abrir o jogo com o marido, conversando francamente sobre a questão:

Eu descobri que o meu marido tinha um caso com uma mulher e aí eu falei: ‘Cara, vai repetir comigo também? Não, assim não dá!’ Mas aí o jogo já foi outro, eu entrei nessa história e falei: ‘Bom, tudo bem, então é, eu tô sofrendo muito mas é o seguinte: primeiro você vai ter que escolher, porque eu não vou ficar aguentando esse negócio, porque aguentou foi minha mãe, eu não vou aguentar, não, mas resolve logo porque eu ainda tenho muito o que fazer... quem sabe a gente não consegue tentar o que é que tá faltando’. (p.189)

Acreditamos que este recorte na pesquisa realizada por Rocha-Coutinho (1994) sintetize, através dos matizes presentes nos discursos de mãe e filha, o hiato entre essas gerações e os conflitos inerentes às mulheres, que talvez ainda se perpetuem nos dias de hoje; afinal, as mudanças não se processam rapidamente quando estão envolvidos valores familiares.

Este despertar e ocultar de sentimentos considerados negativos levou muitas mulheres a passar uma mensagem dupla a suas filhas: de um lado, a sugestão da libertação deste enredamento que aprisionava a mulher,

através de um trabalho e profissão que poderiam trazer, inclusive, uma independência financeira; de outro, a ideia de que o lugar da mulher era em sua casa, cuidando do marido e dos filhos, e de que a maternidade era a mais sublime de suas vocações. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 111).

Pinsky (2010, p. 607) resgata o *Teste do Bom Senso* no *Jornal das Moças*¹⁵. Esta seria a leitura reservada ao Grupo das Mães, muitas vezes decepcionadas com a vida matrimonial pelas infidelidades dos maridos e pela falta de atenção e carinho, mas que ainda poderiam alimentar fantasias românticas:

TESTE DO BOM SENSO

Suponhamos que você venha a saber que seu marido a engana, mas tudo não passa de uma aventura banal, como há tantas na vida dos homens. Que faria você?

1. *Uma violenta cena de ciúmes?*
2. *Fingiria ignorar tudo e esmerar-se-ia no cuidado pessoal para atraí-lo?*
3. *Deixaria a casa imediatamente?*

Resposta:

- *A primeira resposta revela um temperamento incontrolado e com isso se arrisca a perder o marido, que, após uma dessas pequenas infidelidades, volta mais carinhoso e com certo remorso.*
- *A segunda resposta é a mais acertada. Com isso atrairia novamente seu marido e tudo se solucionaria inteligentemente.*
- *A terceira é a mais insensata. Qual mulher inteligente que deixa o marido só porque sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade; portanto, é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância.*

Para Del Priore (2011, p. 175), a Revolução Sexual eclodiu no Brasil na década de 60, e a liberação significou a busca de realização no plano pessoal e o direito ao prazer. Os avanços entre os casais podem ser entendidos pelos artigos da revista *Ele & Ela*, lançada em 1969, como no texto “A dificuldade de ser fiel”, publicado em dezembro daquele ano:

Dispondo livremente do próprio corpo não foi uma dádiva apanhada no ar pelas mulheres desta segunda metade do século XX. É, de certa forma, o coroamento de uma longa luta pela emancipação feminina iniciada há muito tempo. [...] Em nossos dias, finalmente ela deixa de ser escrava do seu próprio sexo. E porque encaram a liberdade da mulher como uma concessão e um pecado, muitos homens tendem a confundir esta libertação com libertinagem. Ora, a imagem da mulher emancipada não suprime a imagem da mulher essencialmente pura, basicamente fiel.

Apesar de reconhecer e legitimar a luta das mulheres, o teor desse artigo reforça a ideia do casamento tradicional e do papel da mulher fiel e pura.

¹⁵ *Jornal das Moças*, 17 abr. 1952.

Del Priore (2011, p. 188) destaca a relevância dos filmes dos anos 70, as pornochanchadas, que refletiam as mudanças ocorridas naquela década: a pílula anticoncepcional, o movimento feminista e a liberação dos costumes. Estes eram retratos fiéis da sexualidade brasileira, na qual a instituição do casamento era repetidamente ridicularizada e onde “não faltavam transgressores: maridos que traíam suas esposas ou eram corneados, viúvas fogosas, virgindades perdidas”. Os filmes não eram pornográficos, pois estávamos na época do regime militar e a censura era extremamente rigorosa; limitavam-se, portanto, a conter uma mensagem que fortalecia os padrões morais, através da sátira e da banalização da sexualidade.

A pornochanchada, segundo a mesma autora, é “um gênero de filmes populares de baixíssima ou péssima qualidade conceitual, formal e cultural, caracterizados por cenas de nudez e diálogos mesclando pornofonia e humor escatológico”. Com a chegada de Império dos Sentidos e Calígula, abriram-se salas especiais para a exibição dos filmes realmente pornográficos:

Os filmes de sexo explícito acabaram por desalojar a ingênua e maliciosa pornochanchada mais focada no desejo de transgressão do que na própria transgressão. Apoiado num desejo que moralizava mais do que violava regras, o sexo era, no fundo, conservador: não eram raros os filmes em que os protagonistas se deliciavam em intermináveis orgias, mas, em compensação, estavam sempre à procura do parceiro ideal ou da virgem para um compromisso mais sério. Enfim, nada mais parecido com as duas caras da sociedade brasileira... (p. 193)

Trouxemos para este estudo o enredo da pornochanchada visto que nos parece duplamente relacionado com a infidelidade, primeiramente porque a retratava como inerente à conjugalidade, e também porque implicava o desejo de transgressão, que parece estar relacionado com a inscrição nos sites de infidelidade.

Lhomond (2009, p. 235) constata que “a sexualidade contemporânea se caracteriza, nas sociedades ocidentais, por sua possibilidade da prática independente (autônoma) da reprodução e pela legitimação do seu exercício fora da instituição do casamento”.

Na intimidade do **mundo moderno** ocorre o que o sociólogo Zygmunt Bauman (2004) denomina a fragilidade dos laços humanos, onde homens e mulheres vivem a ambivalência dos desejos conflitantes entre apertar os laços ou afrouxá-los.

No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. (p. 8)

O autor utiliza a denominação “mundo líquido moderno” para revelar a analogia com aquilo que está sempre em mudança e jamais se estabiliza, assim como a nossa atenção:

Uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje. (BAUMAN, 2011, p. 7).

Para Bauman (2011), o sociólogo francês Alain Ehrenberg situou a data de nascimento da revolução cultural moderna no mundo francês em uma quarta-feira de outono, na década de 1980:

Quando certa Vivienne declarou durante um programa muito popular de entrevistas, pela televisão, na frente de milhões de telespectadores, que a maldita ejaculação precoce de seu marido, Michel, lhe impedira de ter um só orgasmo durante toda sua vida conjugal. (p. 35)

A comoção causada por essa afirmação tornou pública uma informação que pertencia a um âmbito privadíssimo. Hoje, usar uma esfera pública para comunicar fatos privados faz parte do cotidiano das redes sociais.

A mistura entre o público e o privado tem como consequência a promoção de um esgarçamento da intimidade e da privacidade. Segundo Bauman (2011, p. 36), “o esforço para manter um assunto privado e a decisão de torná-lo público são objetivos antagônicos. As definições de ‘privacidade’ e ‘publicidade’ se opõem”.

Por conseguinte, os relacionamentos passam a ter uma linha demarcatória, flexível e descontínua, que não mais separa público e privado. Para Bauman (2004, p. 12), os termos “relacionar-se e “relacionamentos” estão sendo substituídos por “conectar-se” e “ser conectado”.

Bauman (2011) considera o sexo pela internet como “mercadorias selecionadas em catálogos on-line”:

Os sites de relacionamento pela internet (e mais, os sites que oferecem sexo instantâneo) tendem a apresentar parceiros para transas de uma só noite em catálogos nos quais os “produtos disponíveis” são classificados de acordo com marcas selecionadas – altura, tipo de corpo, origem étnica, pelos corporais etc [...]. Desse modo, os clientes podem ajustar o(a) parceiro(a) escolhido(a) a partir de pedaços ou partes que parecem determinar a qualidade do “conjunto” e os prazeres sexuais desejados. (p. 34)

O autor critica esta posição, a de procurar sexo pela internet, por transformar cada um de nós, pessoas com individualidade e singularidade, em “uma coleção desordenada de atributos vendáveis ou difíceis de vender” (p. 34).

Falar em “redes” significa a possibilidade de ocupar as duas posições – conectar-se e desconectar-se; as conexões podem ser rompidas a qualquer instante, de acordo com nossa atenção “líquida”. É dessas relações virtuais que falaremos em outro capítulo.

Observa-se, portanto, que a infidelidade durante esse percurso – desde os indígenas até os tempos atuais – permanece inalterada. Ainda frequentemente punida com a morte (geralmente nos casos femininos), ela está sempre presente nas entranhas, porões ou janelas (*Windows*¹⁶) da conjugalidade.

Del Priore (2011, p. 10) sintetiza nosso caminho ao longo da infidelidade no Brasil:

As relações com a intimidade refletem como os processos civilizatórios modelaram gradualmente as sensações corporais, acentuando seu refinamento, desenrolando suas sutilezas e proibindo o que não parecia decente. [...] Do peso progressivo da cultura no mundo das sensações imediatas, do prazer e do sexo. Do cuidado de si e do trabalho permanente para definir as fronteiras entre o íntimo e social.

Ao finalizar esta seção nos damos conta de que a explicação mais acessível, conveniente e “letárgica” seria a compreensão da infidelidade pela concepção sócio-histórica-cultural que parece imolar qualquer outro conceito.

Contamos com boas justificativas sociais em nosso desenvolvimento histórico para explicar a infidelidade como herança brasileira. Contudo, somente o contexto do desenvolvimento de nossa conjugalidade não demonstra ser suficiente para a compreensão da complexidade do tema infidelidade.

1.3 As pesquisas sobre infidelidade

As pesquisas sobre infidelidade levam-nos a questionar quais procedimentos seriam os mais adequados para obtermos uma amostragem fidedigna de dados, pois este assunto mobiliza sentimentos de vergonha, dor ou mesmo receio de ser descoberto pelo outro. Não podemos esquecer que a infidelidade implica em segredo, e sua revelação provoca consequências no vínculo conjugal.

Tsapelas, Fisher & Aron (2010) fizeram um levantamento das pesquisas realizadas sobre infidelidade nos últimos 30 anos. Nesse processo, relataram que o estudo de Widmer,

¹⁶ Modelo operacional Windows.

Treas & Newcomb (1998), abrangendo 24 países, constatou que Rússia, Bulgária e República Tcheca são os países mais tolerantes aos relacionamentos sexuais extraconjugais. Foram apresentadas pesquisas com as principais teorias utilizadas para a compreensão da infidelidade: Modelo de Apego (BOWLBY, [1969]2002); Teoria do Investimento (RUSBULT, 1980); Modelo do Déficit (THOMPSON, 1983); e o Modelo de Self-Expansion (ARON; ARON, 1986), além da Teoria Sociocultural, da Teoria Evolutiva e dos fatores biológicos associados às pesquisas médicas.

Autores como Whisman & Snyder (2007) estimaram a prevalência anual da infidelidade entre mulheres, pessoalmente (face a face) e em entrevistas pelo computador. Perceberam um alto índice nas respostas por computador, o que enfatiza que este seria um recurso que minimizaria a influência dos fatores sociais sobre a amostra.

Lammers *et al.* (2011) realizaram uma pesquisa com 1.561 profissionais para examinar a relação entre poder e infidelidade e as relações de gênero. Acreditavam que como o poder aumenta a confiança, amplia a distância entre parceiros reais (pela constante busca de mais poder); conseqüentemente, ocorre a exposição a um maior número de situações de risco (pela quantidade de reuniões de negócios e viagens), o que seria um preditor para a infidelidade. Os autores observaram que um grande poder está positivamente relacionado à infidelidade tanto para homens como para mulheres, não havendo, portanto, diferença em gênero.

Jablonski (2005) realizou um levantamento longitudinal (1986, 1993 e 2003) para analisar as atitudes e expectativas de jovens solteiros quanto ao casamento no Rio de Janeiro. Uma das questões, referente à infidelidade para homens e mulheres, auferiu os seguintes resultados: em 1986, 35% admitiam a infidelidade para os homens e 24% para as mulheres; no ano de 1993, 18% aceitavam a infidelidade nos homens e 13% para as mulheres, e no ano de 2003 somente 16% aceitavam-na para os homens e 9% para as mulheres.

Pode-se perceber que, apesar da permanência do padrão de dupla moral, ainda assim o decréscimo pode levar a pensar em uma mudança nos padrões de aceitação da infidelidade ao longo dos tempos, como visto no trabalho de Rocha-Coutinho (1994) sobre mães e filhas, antes e depois da Revolução Sexual.

Martins (2012) também retrata um panorama das teorias mais utilizadas para a compreensão da infidelidade, enfatizando a teoria evolucionária (BRAND *et al.*, 2007), as

teorias socioculturais (CRAWFORD; POPP, 2003), o Modelo do Investimento (RUSBULT, 1980) e o Modelo do Déficit (THOMPSON, 1983). Como um aspecto consensual, a autora divide a infidelidade em dois tipos: sexual e emocional (MILLER; MANER, 2008), acrescentando que alguns autores (THOMPSON, 1984; GLASS; WRIGHT, 1985) sugerem um tipo combinado de infidelidade, um contínuo entre o emocional e o sexual.

Essa autora realizou uma pesquisa com 494 participantes – 156 homens e 338 mulheres, com idade média de 23 anos –, para avaliar as diferenças de gênero nos motivos para infidelidade, relacionados à história relacional e interpessoal, *on-line* e *off-line*, durante o namoro. Nesse estudo, o motivo mais reportado pelos homens para a infidelidade foi “a oportunidade que surgiu”, enquanto para as mulheres foi “a infelicidade na relação”. No entanto, não houve diferenças significativas em gênero para a infidelidade *on-line* e *off-line*: 63% dos homens e 56,5% das mulheres relataram infidelidade *off-line*, enquanto 46,2% dos homens e 39,3% das mulheres revelaram infidelidades *on-line*.

A revista Galileu¹⁷ cita duas pesquisas sobre infidelidade, a primeira realizada pela Fundação Nacional de Ciência dos EUA em 2010, e a segunda desenvolvida pela Universidade de Indiana em 2011. Estas pesquisas revelaram que as taxas de infidelidade aumentaram de 19% dos homens e 14% das mulheres, para 23% no caso dos homens e 19% no caso das mulheres. Embora ressaltem que pesquisas sobre infidelidade são polêmicas, já que a traição implica em transgressão e nem sempre os entrevistados dizem a verdade, os números explicitam uma alteração no padrão de fidelidade que pode estar associada a várias causas, além das comumente alegadas; entre elas, a busca pela melhoria da autoestima e a emoção provocada pelo novo relacionamento foram preditores observados. Um outro fator explicitado seriam as redes sociais e a internet como ampliadores no encontro de parceiros.

Uma revisão da literatura sobre infidelidade na internet, realizada por Hertlein & Piercy (2006), sintetizou os tópicos mais importantes estudados e demonstrou que o que se mantém estável na definição de infidelidade na internet é o segredo e o espaço de possibilidades que o ambiente *on-line* proporciona. A infidelidade *on-line* é caracterizada não só pelo comportamento sexual, mas também pelos componentes emocionais, havendo uma maior preocupação com o envolvimento emocional que pode levar ao encontro real, se comparado com a possibilidade do sexo *on-line* levar a um encontro real (HENLINE; LAMKE, 2003, *apud* HERTLEIN; PIERCY, 2006, p. 367)

¹⁷ Disponível em: <<http://colunas.revistagalileu.globo.com/formuladoamor/2012/10/22/as-taxas-da-infidelidade>>. Acesso em: 22 out. 2012.

Em uma pesquisa com 1.117 participantes, de 17 a 70 anos, Whitty (2003) buscou averiguar quais seriam os potenciais atos de infidelidade *on-line*, aproveitando para criticar os estudos que geralmente só envolvem jovens universitários, com foco de interesse centrado em adictos de cibersexo. Demonstrou também não haver diferença entre infidelidade *on-line* e *off-line*, pois ambas são reais; alertou, ainda, que as comunicações eróticas virtuais poderiam representar uma ameaça real para os casais. Nesse mesmo estudo a autora definiu três componentes para a infidelidade *on-line*: a infidelidade sexual, a infidelidade emocional e a pornografia. Além disso, observou que os mais jovens estão mais propensos a avaliar interações *on-line* como traições, enquanto as mulheres na faixa de 45 a 70 anos consideram que o flerte está relacionado à traição, em oposição à opinião das mais novas.

No entender de Whitty (2003), os atos sexuais tanto *off-line* como *on-line* representam uma maior ameaça do que a visualização da pornografia, levantando a hipótese de que talvez não seja uma imagem de nudez ou masturbação que caracterize a infidelidade, mas a ideia de que o parceiro deseja outro ou está buscando um encontro com outro indivíduo que não ele, o que consideramos como quebra da exclusividade. Ademais, conclui que o sexo cibernético e os *hot-chats* (bate-papos sexuais) são mais ameaçadores que a pornografia, uma vez que oferecem um risco maior de concretização de um encontro real com o parceiro dos jogos sexuais do que quando envolvem modelos de pornografia.

Em outro estudo, Whitty (2005) relacionou infidelidade virtual com o ciúme no relacionamento conjugal. Os entrevistados relataram que a infidelidade virtual era uma forma “real” de fraude, e que as consequências para a relação seriam significativas, tornando o parceiro ainda mais possessivo.

Para compreendermos e delinear os contatos afetivos e sexuais *on-line* presentes na infidelidade, utilizaremos a pesquisa realizada por Mileham ([2004]2007), que retrata a percepção de participantes nos *chats* e demonstra que a internet introduziu um dinamismo sem precedentes nas relações conjugais; a consequência é que hoje desfruta-se da estabilidade do casamento, ao mesmo tempo em que se explora as emoções de um novo namoro.

A autora entrevistou 76 homens e 10 mulheres sobre comportamento infiel nos *chats*, investigando os seguintes fatores: elementos da infidelidade *on-line*; o que leva os indivíduos a procurarem relacionamentos extraconjugais na internet; se tais

comportamentos são considerados infiéis; e as consequências provocadas em seus relacionamentos.

Ao final da pesquisa, Mileham conclui que são três os constructos sociais que, combinados, justificariam a utilização da internet para a infidelidade *on-line*:

- a) *Interação Sexual Anônima*: o anonimato permite a liberdade para ser e dizer o que se desejar, protegido pela privacidade dos sites. Possibilita ainda a fantasia com cenários românticos e/ou eróticos ampliando o potencial sedutor, e favorece a manutenção do sigilo através dos codinomes que impedem a autorrevelação;
- b) *Racionalização do Comportamento*: os usuários “acreditam” que a ausência de contato físico é caracterizada como inocente, sendo portanto uma “não infidelidade”. Cria-se a alternativa de duplos mundos: *on-line* (virtual) e *off-line* (real). Outra crença é que o deslocamento da libido no sexo virtual, mesmo com a presença da masturbação, não acarretaria prejuízos à relação. Por fim, a infidelidade é concebida como inerente ao corpo e não à mente;
- c) *Evitação de esforço, confronto e conflito*: os usuários dos *chats* busariam contatos *on-line* para satisfazer deficiências de relacionamento, não se dispondo a enfrentar as dificuldades para superá-las na relação.

Concordamos com a autora sobre a facilidade que o anonimato proporciona aos usuários de internet, seja via *chats* ou sites específicos para a infidelidade, assim como a facilidade em manter-se anônimo e a multiplicidade de personagens e papéis que podemos simultaneamente criar ou deletar em segundos. O contato idealizado e a possibilidade da vivência de momentos excitantes, promovidos por sutis alterações no cursor, favorece a crescente busca por experiências novas, instigantes e imediatas.

No que tange à segurança promovida pela privacidade dos sites, temos algumas ressalvas que serão abordadas adiante.

As justificativas encontradas para a negação dos contatos virtuais como infidelidade merecem uma inversão do olhar; os usuários dos *chats* partem da própria posição e não conseguem ter um olhar empático em relação ao parceiro; podem fantasiar com o outro, envolver-se em jogos sexuais ao mesmo tempo em que consideram inocente este comportamento, esquecendo-se de que a fantasia talvez interfira nas relações sexuais, assim como a disposição para o ato emocional e/ou sexual com o parceiro.

Para a *American Association for Marriage and Family Therapy*¹⁸, a infidelidade pode começar com um simples bate-papo, como distração ao tédio ou estresse. Este início inocente pode rapidamente evoluir para um caso extraconjugal. As consequências para a relação, acima mencionadas, passam por: dificuldades em se excitar com o parceiro, evitação do sexo, perda do interesse pelo sexo relacional. Só há prazer no sexo virtual, o que acontece em 52% dos usuários dependentes desta modalidade sexual. O usuário pode solicitar ou exigir comportamentos do parceiro considerados ofensivos; pode também ocorrer uma mudança nos padrões de sono e a procura por privacidade, visando passar mais tempo sozinho.

Os efeitos sobre o parceiro também são descritos: pensar obsessivamente sobre o comportamento do outro, problemas para dormir, dificuldades em se concentrar no trabalho, sentir-se culpado ou ser culpado pelo parceiro por não se envolver em procedimentos sexuais por ele solicitados. Em muitos casos o usuário fica hesitante em relatar o que se passa, com medo de perder o parceiro ou o envolvimento *on-line*; só chega a divulgar o que pensa se o parceiro já descobriu, mantendo segredo sobre comportamentos que o parceiro possa vir a descobrir; pode ainda evitar admitir que cometeu um erro ao envolver-se virtualmente e compadecer-se pelos sentimentos causados no parceiro.

Mesmo para aqueles que justificam que os contatos *on-line* estimulam a sexualidade com o parceiro, não podemos esquecer que: (1) o parceiro não sabe qual é o estímulo que está sendo repetidamente inserido na relação; e (2) acreditar-se no controle da relação *on-line* e *off-line* (com o parceiro) nem sempre é seguro, pois emoções e novas demandas podem surgir no desenrolar dos afetos.

Também não podemos supor que a infidelidade *on-line* atinja somente casamentos conflituosos, visto que facilidades de acesso à internet, anonimato e racionalização do comportamento estão ao alcance de qualquer pessoa que busque novas e intensas emoções.

Para Mileham ([2004]2007), a relação virtual é considerada infidelidade por três aspectos:

- a) cultural, que enfatiza a exclusividade e a monogamia;

¹⁸ Site AAMFT: <http://www.aamft.org/imis15/Content/Consumer_Updates/Online_Infidelity.aspx>, 2013.

- b) ocultamento do cônjuge, pois contatos *on-line* pressupõem um segredo, o que implicaria em mentir ou esconder a verdade;
- c) sentimentos do cônjuge, que se sentiria mal, traído e irritado ao descobrir o contato virtual.

Concordamos com a autora porque, partindo do modelo de exclusividade monogâmica presente em nossa cultura, toda e qualquer relação que inspire envolvimento afetivo e/ou sexual postula-se como infidelidade, salvo se os parceiros estiverem de acordo com a quebra da exclusividade e monogamia.

Neto *et al.* (2009, p. 74) discutem o significado de realidade na virtualidade:

O senso comum concebe o virtual como imaginário, pois se acredita que ele se opõe ao real, uma vez que aparentemente não consiste em algo material ou tangível. No entanto, o virtual não é o oposto de real. Na virtualidade, as pessoas envolvidas em uma relação podem não estar presentes no mesmo lugar, nem ter contato físico, mas a relação existe em um espaço que é virtual.

Os autores postulam que a explicação fornecida pelos usuários de internet, casados, é considerar os relacionamentos virtuais como irreais já que são baseados em identidades fictícias e não reais. Esta suposição vai de encontro ao que efetivamente ocorre: a relação construída é real, mesmo que dotada de fantasia e concebida com base em identidades falsas ou inexistentes. Entendem ainda que:

Quando se ressalta que a relação virtual não é algo material e tangível, na tentativa de defesa da situação como não-real, ainda podemos dizer que essa relação é, sim, material e tangível, pois inclui pessoas que, mesmo não se conhecendo presencialmente, estão em relação. Além disso, é comum acontecerem encontros presenciais que iniciam na virtualidade. Assim, o relacionamento pela internet não é garantia de que não existam, no presente ou no futuro, relacionamentos presenciais. (NETO *et al.*, 2009, p. 75).

Os autores reforçam que as características das relações virtuais estimulam seu desenvolvimento, pois despertam a sensação de que o passado não existe, o futuro é agora e a distância é nula.

Estes parecem, portanto, ser os aspectos fundamentais para se viver a intensidade e a urgência do momento presente, característico do deslumbramento da paixão e modulado pela segurança proporcionada pelo anonimato e pelo fascínio promovido pela conexão virtual, que abre espaço para o espetáculo erótico.

Pautados pelo imediatismo e as exigências decorrentes de uma sociedade de valores fluidos (BAUMAN), com humores eufóricos da sociedade do espetáculo (GUY DEBORD¹⁹, [1967]1997), desembarcamos na urgência do novo, ao alcance do mouse e com a intensidade de um vulcão ativo.

Maheu & Subotnik (2001) corroboram a ideia de que o sexo virtual não é uma fantasia inocente que não possa causar danos aos relacionamentos. Relatam que facilidade e oportunidade criam condições para que 20% dos usuários de internet se envolvam em atividades de sexo *on-line*; destes, 2/3 são casados ou mantêm relacionamentos considerados sérios.

Esses autores elaboraram um programa específico para o tratamento da *cyberinfidelity*, nomenclatura utilizada para definir o sexo virtual. Esse tratamento – de tolerância zero para tal comportamento – implica em duas etapas que deverão ser superadas: largar definitivamente a prática *on-line* e reconstruir o relacionamento após a revelação.

Young *et al.* (2000) também consideram que a *cyberinfidelity* causa dependência, podendo resultar em separações e divórcios. Entendem que as implicações sobre a evolução do tratamento devem ser orientadas pelo modelo ACE (anonimato, conveniência e escape), por eles formulado, cujas pautas contêm as seguintes etapas:

- a) detectar o *cyberaffair*, com base em ocorrências como alteração no padrão de sono, demanda por maior privacidade, falta de interesse por programas e atividades familiares, mentiras, mudanças de personalidade, perda de interesse pelo sexo e declínio de investimento no relacionamento;
- b) melhorar a comunicação do casal e enfrentar a infidelidade;
- c) perceber o que contribuiu para o *affair*;
- d) reconstruir a relação.

O programa acima descrito nos parece adequado para algumas situações, mas não pode ser generalizado já que acreditamos que a multiplicidade de arranjos amorosos e sexuais nas conjugalidade não pode ser entendida como se a infidelidade *on-line* pudesse ser resolvida, compreendida e tratada de uma forma única.

¹⁹ <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>.

Um estudo desenvolvido por Porto (1999) sobre a prática de cibersexo nos *chats* na internet é assim descrito:

Acobertados por nicknames, sem contatos visuais, podendo entrar e sair da sala a qualquer momento, comunicando-se por meio da linguagem simbólica, os participantes dos chats entregam-se à ousadia de criar quantos personagens povoem seu imaginário. Quantas dificuldades e barreiras aí podem ser disfarçadas! Aparência física, estado civil, nível cultural, identidade sexual, desejos antes inconfessáveis – atende-se ao lúdico, ao faz de conta, à necessidade do homem de ser muito mais que uma pessoa só na brevidade de seu viver no mundo, de experienciar seus sonhos, ainda que apenas em nível de discurso. [...] O que vale é a imagem que o outro tem de mim.

A infidelidade *on-line* é uma questão ampla que necessita abarcar um maior conhecimento e uma multiplicidade de olhares para a compreensão desse fenômeno ainda muito recente, entremeado de preconceitos e de difícil pesquisa. Seu estudo não pode ser apartado de significados como sedução, conquista e sucesso com o sexo oposto; de desejar e sentir-se desejado.

Whitty & Quigley (2008) observam que, de acordo com sua pesquisa, a crença de que homens se preocupam mais com infidelidade sexual e mulheres com infidelidade emocional não procede, e argumentam que o ciberespaço é considerado como parte fantasioso e parte realidade.

O estudo realizado por Palencia, Meraz & Díaz-Loving (2011), com 1.200 voluntários (600 homens e 600 mulheres), com idades entre 18 e 65 anos, em relacionamento heterossexual de pelo menos quatro anos de duração, reporta que 36% haviam sido infiéis pelo menos uma vez com o atual cônjuge; 29% declararam que ao menos em uma ocasião os cônjuges lhes foram infiéis; e 35% revelaram não ter sido infiéis nem sofrido infidelidade por parte de seus cônjuges. Temos, portanto, 65% de presença de infidelidade nessa população, o que confirma os dados apresentados pelos autores.

A pesquisa acima dividiu a população entre *executores da infidelidade* (36%), *receptores da infidelidade* (29%) e *sem vivência de infidelidade* (35%). A análise efetuada permitiu conhecer o sexo dos participantes, a vivência prévia de infidelidade e a interação com o desejo de infidelidade emocional e sexual, os motivos da infidelidade e as consequências atribuídas à infidelidade. Os homens executores desejavam mais a infidelidade (emocional e sexual) que todos os outros grupos. Homens e mulheres receptores da infidelidade relataram ter mais desejo de infidelidade que os sem vivência de infidelidade.

Os autores destacaram que todos os grupos reportaram desejos de infidelidade sexual e emocional superiores a 30%, independentemente da idade ou tempo de relação. A porcentagem ultrapassou os 50% no grupo de homens e mulheres infiéis. No que tange aos motivos relatados para a infidelidade, as mulheres lideraram com vingança (acima dos 60%), enquanto os homens justificaram como busca de prazer ou variedade sexual (60%). Em geral, as consequências percebidas para a infidelidade foram mais negativas que positivas.

A distinção entre infidelidade emocional e sexual baseia-se em uma perspectiva social e cultural, em que a infidelidade sexual é descrita como a presença de comportamentos sexuais realizados com alguém que não seja o parceiro; portanto, esta seria uma preocupação aparentemente maior nos homens pois há o risco de gravidez, e a paternidade da prole implicaria na transferência de bens para filhos ilegítimos. A infidelidade emocional estaria vinculada ao envolvimento afetivo e consequente gasto de recursos, atenção e tempo com outro que não o parceiro. Esta seria a maior preocupação feminina em relação à infidelidade, pois os recursos investidos seriam direcionados a outra pessoa. No entanto, estudos expostos anteriormente negam esta percepção.

O antigo modelo inspirado nessa perspectiva parece não ser suficiente para a compreensão da infidelidade nos dias de hoje; a simples justificativa de que homens se envolveriam mais sexualmente e mulheres mais afetivamente também não se sustenta (WHITTY; QUIGLEY, 2008), porque não explicaria a elevação da taxa de infidelidade feminina.

A revista *ISTO É*²⁰ publicou uma pesquisa da Universidade de Nebraska, com 5.817 usuários entrevistados, pela qual 66% afirmavam não ter se contentado com o *affair on-line*, segundo as palavras da pesquisadora Diane Wysocki: “Os sites servem como ponto de encontro para pessoas ocupadas acharem aquilo que pretendem de um jeito mais fácil” (p. 59). A mesma página exibe o depoimento de uma paulistana de 29 anos, usuária do site, que declara: “Uso o site só quando estou me sentindo sozinha ou desconfiada de que meu marido esteja me traindo”.

Esse perfil feminino se adequa ao modelo traçado por Goldenberg (2011): “[...] para elas, pular a cerca se faz necessário por vingança ou compensação de faltas do marido

²⁰ Revista *ISTO É*, nº 2.206, de 22 feb. 2012, p. 56-62.

(falta de atenção, falta de carinho, falta de diálogo)” (ISTO É, p. 60). A mesma reportagem inclui o relato de um carioca de 53 anos que há seis meses resolveu experimentar os serviços do site e aprovou: “Eu começo uma relação na rede interessado em trazê-la para o mundo real. [...] As pessoas estão ali buscando a mesma coisa. Fica mais fácil” (p. 60).

Fica nossa pergunta: Será que todos estão buscando a mesma coisa? Será que se inscrevem pelo mesmo motivo?

O tema da reportagem recai sobre o binômio infidelidade e redes virtuais e o alerta deixado nos sites para evitar o “batom virtual” – deixar rastros como e-mails ou conversas expostas –, pois, assim como a infidelidade virtual, cresce o número de casos de desconfiança e policiamento dos hábitos do parceiro na internet, com o rastreamento dos seus passos, conhecido como “*stalker*”, isto é, a pessoa que segue alguém ilegalmente. Tal conduta pode se tornar uma obsessão para alguns; afinal, além da dor da traição há também o incômodo de descobrir que o fato era compartilhado (como um vírus) pela internet.

Esta outra face dos relacionamentos virtuais, o rastreamento do parceiro – e muitas vezes do ex-parceiro – surge como uma tentativa de não ser surpreendido, ou mesmo a título de um pseudocontrole. Tornam-se mais sofisticados e rentosos os detetives virtuais e os apetrechos tecnológicos de escuta e filmagem; crescem os sites *traída.net*. A reportagem sintetiza: “Em tempos de relacionamentos pela internet, ainda não há vírus que vacine contra a traição” (p. 62).

Mileham ([2004]2007) finaliza seu estudo com um presságio: é concebível prever que a infidelidade *on-line* em breve se tornará a forma mais comum de infidelidade – se já não o for.

1.4 A infidelidade na conjugalidade

Para Perel (2011), a sexualidade é uma metáfora da relação, e as fantasias seriam as traduções metafóricas do que chamamos sexualidade.

A autora diferencia infidelidade e traição: a primeira seria uma narrativa em si mesma, diferenciada e ampliada pelos limites de cada relação, enquanto a segunda corresponderia ao impacto da infidelidade na relação, constituindo-se como parte da narrativa; portanto, cada infidelidade viria acompanhada de uma traição.

Scheinkman ([2005]2008, p. 56) cita o estudo de Suzanne Frayser, de 1985, que pesquisou a sexualidade de 62 culturas, passadas e presentes. Em 26 dessas culturas, o marido tinha permissão para praticar sexo extraconjugal, o que não era permitido à mulher; em metade delas (13), o marido tinha a opção legal de matar a mulher em caso de traição; nas culturas em que o adultério era permitido, nenhuma delas o admitia somente para as mulheres. A questão de gênero, portanto, evoca diferentes olhares frente a cada cultura.

Em nossa sociedade, como mencionado no primeiro capítulo, a dupla moral presente na diferença de gênero permeia a infidelidade desde os indígenas até os dias atuais. A infidelidade feminina ainda é severamente punida pelo cônjuge, apesar da imagem retratada por Scheinkman ([2005]2008, p. 56):

Até o fim da década de 70, no Brasil, homens que eram traídos por suas mulheres podiam matá-las sem consequências legais; seus “crimes passionais” eram considerados justificados. Foi somente em 1979 – quando o famoso caso de Angela Diniz, morta pelo marido por infidelidade, chamou a atenção da mídia o suficiente para lançar um movimento social (com o slogan ‘Quem ama não mata’) - que essa prática legal mudou no Brasil. Esse movimento mudou as leis e as práticas no país e, atualmente, advogadas mulheres tendem a assumir este tipo de caso.

É triste constatar que depois de Angela, muitas outras Elianes (Grammont), Daniellas (Perez) e Sandras (Gomide) foram mortas, mesmo com a presença de mulheres no Judiciário, o que evidencia o estigma contundente que ainda se faz presente na infidelidade feminina.

Para Eluf (2003, p. 15), que retrata os casos passionais célebres desde 1873 até o caso Pimenta da Veiga, “o crime passional costuma ser uma reação daquele que se sente ‘possuidor’ da vítima”.

Nossa herança histórica personifica a mulher como propriedade, do pai no patriarcado (com a transferência do dote), e atualmente do marido (com a escritura lavrada em cartório, pela qual a mulher passa a utilizar o nome do cônjuge). Nada mais “natural” que o corpo do parceiro, suas emoções e sentimentos sejam compreendidos como pertencentes e de domínio do seu par.

Por conseguinte, para retratarmos o conceito de infidelidade devemos circunscrevê-lo dentro do modelo cultural em que está inserido. O modelo vigente e normativo pressupõe que as parcerias monogâmicas e duradouras são consideradas saudáveis para casais

obterem troca de afetos, emocional e sexual, além de proporcionarem vínculos de apego estruturadores e confortáveis para a chegada dos filhos e a construção do sistema familiar.

Não necessariamente apregoamos este ideal normativo, mas concordamos que a definição de monogamia compreende diferentes significados, desde o coloquial – não fazer sexo com outra pessoa que não seja o parceiro – ao etológico, cujo significado é a criação da prole em conjunto (HAZAN, 2012). No entanto, teremos que partir do modelo vigente para estudar a infidelidade explícita no site, visto que é um serviço *on-line* para a procura de parceiros para envolvimento afetivo e/ou sexual, por pessoas ditas comprometidas.

O conceito de infidelidade pioneiro de Pittman ([1989]1994) pressupunha uma perspectiva moralista e enfaticamente contrária à infidelidade, retratando-a como o “trauma da traição” para o casal, com direito à presença de um vilão (o perpetrador do trauma) e a vítima, com a infidelidade sendo colocada como um sintoma que necessitava ser “curado”.

O autor retrata padrões para a infidelidade, dividindo-os em quatro grupos (p. 100):

- 1) *Infidelidade Acidental*: “São os atos sexuais não planejados, incomuns, que simplesmente aconteceram, deixando todo mundo desorientado. Talvez a maioria das infidelidades iniciais seja assim, e o que acontece no resto da vida da pessoa depende de como o infiel define a situação.”
- 2) *Namoro*: “É aquela atividade sexual habitual que parece natural para o namorado, e é motivada mais pelo medo e desejo em relação ao sexo oposto do que por quaisquer forças dentro do casamento ou pelo relacionamento sexual imediato.”
- 3) *Casos Românticos*: “São aqueles estados de louca paixão que enevoam as mentes das pessoas e as fazem esquecer seu casamento e sua família.”
- 4) *Arranjos Conjugais*: “São tentativas de manter uma distância que é desejada por um dos parceiros. Eles variam de suplementos sexuais a casos extravagantes de vingança que mantêm casamentos turbulentos em um estado de intensa paixão e ciúme. O sexo acontece fora do casamento, mas a emoção ainda se dirige a ele.”

A forma como Pittman ([1989]1994, p. 30) revela de que modo a infidelidade deve ser tratada somente reforça a ideia da compreensão desse tema de forma binária:

Honestamente, é seguro falar abertamente sobre casos. Fazer isso salva vidas e casamentos. [...] A infidelidade não é um comportamento normal, mas um sintoma de algum problema. [...] Casos são perigosos e podem

facilmente, e inadvertidamente, acabar com casamentos. [...] Casamentos podem, com esforço, sobreviver aos casos se estes forem expostos.

Frente à posição do autor, caberia então definir *adultério* como “falsificação, adulteração”²¹, ou “adulterar, deturpar, falsificar, corromper”²², pois envolve um caráter moral por implicar a intenção do perpetrador.

De acordo com Scheinkman ([2005]2008, p. 45-6), ao posicionar nossa compreensão da infidelidade sobre o enfoque do “trauma da traição” deparamo-nos com o seguinte problema:

Deixamos de fora questões essenciais relacionadas à dialética entre as nossas construções sociais sobre o casamento e infidelidade e o valor relativo dado à monogamia por diferentes indivíduos e grupos. [...], também deixamos de fora nossos dilemas humanos relacionados com dificuldades em conciliar a afeição e o desejo em relação à mesma pessoa.

Aproveitamos as lentes biculturais de Scheinkman ([2005]2008, p. 45), que nasceu e cresceu no Brasil e há mais de 25 anos é terapeuta de casais e família nos EUA:

Tendo nascido e crescido na América Latina, muitas vezes senti uma grande dissonância cultural com meus colegas dos Estados Unidos em relação a este assunto. Desde os anos 70, quando comecei a exercer, e depois a ensinar terapia de família em Chicago, me preocupo com a forma como casos de infidelidade são tipicamente abordados no nosso campo, tanto em termos conceituais quanto clinicamente. Ultimamente, à medida que uma nova onda de fundamentalismo vem se entranhando na cultura americana, senti ser ainda mais necessário refletir sobre nossas premissas. Eu tenho em mente a caça às bruxas que levou ao processo de impeachment do Presidente Clinton e também a última eleição presidencial americana, que foi vencida com base em uma plataforma de valores familiares ‘absolutos’. Neste clima, eu aprecio a oportunidade de usar minhas lentes biculturais para examinar as formas com que os imperativos morais da cultura puritana dominante podem estar penetrando nosso trabalho clínico.

Podemos nos posicionar com relativa distância dos valores absolutos norte-americanos frente à infidelidade, pois a cultura em que estamos inseridos não focaliza a infidelidade como doença que necessite de tratamento.

Partimos da visão de que existem inúmeras *InfidelidadeS* e nos mais diferentes graus; neste trabalho, particularmente, nos debruçaremos sobre os aspectos relativos à infidelidade conjugal e como esta encontra-se expressa em um site de infidelidade. Não é nosso objetivo focar a infidelidade simplesmente como traição; nossa proposta é a

²¹ Fonte: <www.dicio.com.br/adultério>.

²² Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, 1986.

compreensão sistêmica do fenômeno expresso nos recados de um site de infidelidade – o que nos dizem os participantes do site –, como nos lembra Scheinkman ([2005]2008, p. 46) citando Perel (2009): “[...] nossos dilemas humanos relacionados com dificuldades em conciliar a afeição e o desejo em relação à mesma pessoa”.

Sabemos que o enfoque sobre a infidelidade conjugal pode recair sobre questões moralistas, sobre a força erótica do desejo ou sobre o encantamento platônico de Eros, mas o pano de fundo deve permanecer com as tramas tecidas pelas questões da cultura, gênero e poder. Devemos ter também em mente que nem toda infidelidade destrói, assim como nem toda pessoa que descobre uma infidelidade se sente magoada.

O corpo como propriedade do parceiro impele à necessidade de se “saber tudo o que aconteceu, onde, o que foi dito, e como aconteceram os encontros” extraconjugais. A teoria da transparência total e da verdade absoluta assumida por teorias norte-americanas e iniciada por Pittman ([1989]1994) concebe a crença de que o relato com pormenores minuciosos pode compreender ou recuperar algo da relação, mas isto é ilusório.

Moscona (2007, p. 20) nos proporciona uma visão latino-americana sobre o “querer saber toda a verdade”:

A primeira questão é entender de que verdade se trata? Qual é a verdade? Que verdade se pede? A verdade dos fatos ou da sequência dos eventos? Esta será toda a verdade? Ou talvez pedir a imaginária ‘verdade’ de ser o ‘único’ para o outro e assim desconfirmar esta outra ‘verdade’ que se apresenta em uma amostra nua e crua de que isso não é assim? É possível saber a verdade?²³

Concordamos com a visão de Moscona, pois a prática norte-americana, quando adotada em nossa cultura, produz somente mais “hematomas” ao redor da grande ferida produzida pela infidelidade.

O ideal romântico pressupõe que um relacionamento deve prover “todas” as necessidades afetivas, sensoriais, intelectuais e sexuais do parceiro. Isto acarreta enorme expectativa, que é sinônimo de inúmeras frustrações.

²³ “La primera cuestión aquí es entender de qué verdad se trata: ¿cuál es la verdad? ¿Qué verdad se pide? ¿La verdad de los hechos o de los sucesos? ¿Esta puede ser toda la verdad? O tal vez apela a la imaginaria ‘verdad’ de ser el/la ‘único/a’ para el otro y así desconfirmar esta otra ‘verdad’ que se presenta en una muestra descarnada de que eso no es así. ¿Es posible saber la verdad?” (tradução livre).

Segundo Scheinkman ([2005]2008, p. 46), “além da incorporação da teoria do trauma, a maior parte dos terapeutas de família que escrevem sobre infidelidade nos Estados Unidos presume que a infidelidade é sempre sintoma de problemas no casamento”.

A autora constatou que os terapeutas assumem a postura dogmática “segredo-zero” e uma total transparência na restauração da intimidade na relação, valorizando a absoluta sinceridade, diferentemente dos terapeutas treinados em culturas como França, Holanda, Brasil e outros países da América Latina. Para estes, o entendimento sobre a questão da “absoluta sinceridade” é relativo, pois costumam ser mais flexíveis frente às nuances dos segredos.

É inegável pensarmos sobre a ambiguidade provocada pela infidelidade: ao mesmo tempo que imprime dor e desencadeia rejeição em relação a um dos parceiros, provoca ambivalência de sentimentos no outro, que se sente culpado por magoar o companheiro e não em relação ao ato da infidelidade, que representa excitação e encantamento autoerótico.

Nas histórias envolvendo casos extraconjugais, Scheinkman ([2005]2008, p. 48) observa que a motivação presente para que alguém tenha um caso está relacionada ao desejo:

O desejo pode ser por um determinado tipo de ligação emocional, por afirmação, por autodescoberta, por novidade ou por liberdade; também pode envolver uma vontade de recuperar partes perdidas do eu ou uma tentativa de trazer de volta a vitalidade em face da perda ou da tragédia. Um caso pode também ser parte de um processo de individualização ou uma forma de neutralizar a decepção, o vazio ou uma experiência de limitação. Os casos também podem ser relacionados a fantasias ou ilusões, ou a sentimentos de raiva e vingança.

Os autores Laura Kipnis²⁴ e Stephen Mitchell²⁵ são descritos por Scheinkman ([2005]2008, p. 51) como desconstrutores das premissas da infidelidade como trauma ou problema para a relação. Em seus estudos, concentram-se na ideia de amor e desejo como aspectos fundamentais da condição humana. Kipnis coloca a infidelidade como uma revolta saudável contra o confinamento e a uniformidade das organizações conjugais, já que o casamento implicaria na satisfação sexual mútua eterna, e faz uma dura crítica à terapia de casais como sendo uma indústria de serviços para que os casais se amem de forma semelhante. No entender dessa autora, a infidelidade seria a greve contra o trabalho exigido

²⁴ Professora de Estudos de Mídia Marxista.

²⁵ Psicanalista.

para a manutenção do amor, e o desejo seria o defensor da liberdade; nesse cenário de antiga luta entre intimidade e autonomia, desejar-se-ia escapar da prisão do relacionamento.

Mitchell, o segundo autor citado por Scheinkman ([2005]2008, p. 51), propõe: “O romance prospera na novidade, no mistério e no perigo; ele se dispersa pela familiaridade”. Neste enfoque, o amor duradouro seria a contradição, pois o anseio pela segurança e pela aventura está presente nos seres humanos. O autor enfatiza que, quando o relacionamento passa a ser previsível, sobrecarregado de obrigações, negociações, acordos, responsabilidades e demandas, a necessidade de liberdade e espontaneidade se tornam imperativas; ademais, argumenta que quanto mais restritiva for a construção de casamento e família, maior será a busca pela liberdade e a possibilidade de encontrá-la em um outro lugar. Complementarmente, Scheinkman salienta que: “Reprimindo o desejo, paradoxalmente, criamos as condições ideais para transgressões sexuais” (p. 55).

A análise de Kipnis e Mitchell desenvolvida por Scheinkman ([2005]2008, p. 51-9), apesar de apontar novos aspectos da infidelidade, não incorpora as questões relativas ao contexto – poder, sexo e o elemento puritano presente nessa cultura, fundamentais para a autora:

O contexto histórico do casamento, em termos do patriarcado e da desigualdade de poder que existe em todo mundo há séculos [...] a infidelidade era uma prerrogativa absoluta apenas para os homens [...] e tanto Mitchell quanto Kipnis analisam os problemas do casamento companheiro presumindo poderes iguais para os parceiros.

Quanto ao elemento puritano, Scheinkman complementa:

A cultura americana tem a tradição puritana. Apesar do adultério ainda ter consequências piores para as mulheres que os homens, dentro da tradição puritana, a monogamia é um ideal e a infidelidade é considerada uma corrupção moral tanto para os homens quanto para as mulheres. [...] Como venho discutindo, na cultura americana, os casos extraconjugais são vistos como um sinal de corrupção moral. [...] Sempre achei interessante o fato da cultura americana ter grande tolerância ao divórcio – em que acontece uma total quebra da ligação de lealdade e traz efeitos dolorosos para toda família – mas ser uma cultura sem tolerância alguma à infidelidade sexual. (p.57-8)

Associamos a definição do puritanismo, presente na sociedade americana, com a descrição feita por Scheinkman sobre a formação dos terapeutas de casal. Podemos entender que a maioria das pesquisas envolve tratamento para superação da crise conjugal após a descoberta da infidelidade, pela revelação detalhada do caso extraconjugal até a exaustão, o que – como dito acima – é conhecido como segredo-zero. A total transparência

significa partilhar intimidade e ser absolutamente sincero, sendo a revelação da infidelidade inegociável na terapia de casais – o que pode ter significados diferentes para cada casal.

Em nossa cultura contamos com as pesquisas realizadas por Abdo (2004b), que nos proporciona uma visão das cinco regiões do país com a prevalência de infidelidade entre 6.846 brasileiros – 25,7% para as mulheres e 50,6% dos homens em 2004. No Estado de São Paulo, 24,1% das mulheres e 44,2% dos homens relatam infidelidades. A autora sintetiza: “Em poucas palavras, uma tentativa de explicar por que as pessoas traem: para escapar da rotina, do tédio, da mesmice, da consciência de tempo já vivido que os relacionamentos antigos nos conferem...” (p. 80).

Abdo (2004a) relata que, para 2.138 brasileiros, o que contribui para o bom desempenho e a satisfação sexual é a atração física pela(o) parceira(o); o tempo suficiente e a tranquilidade para a relação, assim como o “clima” e um ambiente apropriado; a intimidade com a(o) parceira(o), o relacionamento com afeto e sentimento; e o interesse da(o) parceira(o) e um relacionamento com compromisso (p. 57).

Uma outra análise realizada pela autora nos revela o que faz parte do ato sexual de homens e mulheres brasileiros: beijos e abraços são os mais indicados por homens e mulheres, seguidos de penetração vaginal, sexo oral, masturbação mútua, sexo anal e outros. (ABDO, 2004b, p.57).

As situações que interferem negativamente no desempenho sexual de homens e mulheres também são relacionadas por Abdo (2004a, p. 89): cansaço, rotina, pouco tempo, parceiro antigo, ansiedade, sexo com programação, falta de atração, medo de falhar, parceiro pouco experiente, dificuldades sexuais do parceiro, parceiro recente, exigências do parceiro, compromisso no relacionamento, parceiro mais experiente, não aceitação da orientação sexual pelos outros e por si mesmo.

Percebe-se que os fatores negativos para o bom desempenho sexual são “inimigos” da satisfação sexual, e portanto estariam contribuindo para a insatisfação conjugal; poderíamos, então, elegê-los como “amigos da infidelidade” e possivelmente tentar percebê-los no site de infidelidade.

Podemos pensar nessa relação dos fatores que são “inimigos” da satisfação sexual e “amigos” da infidelidade por meio dos resultados encontrados nas pesquisas de Abdo²⁶ (2008), que apontam o grau de importância do sexo para a harmonia do casal: no Rio de Janeiro, considerado muito importante para 58,8% dos homens e 50,4% das mulheres; em Belo Horizonte, também muito importante para 56,7% dos homens e 49,9% das mulheres.

Não nos deteremos a enfatizar a importância da sexualidade para a conjugalidade, mas utilizaremos alguns dados da pesquisa acima (Abdo, 2008) para realçar esse aspecto. Quando foi perguntado a 539 homens do Rio de Janeiro se “continuariam a viver com uma parceira que não mais fizesse sexo”, 45,1% disseram “não”, mesma resposta dada por 355 mulheres desse Estado, ou seja, 34,9% das entrevistadas. Em Belo Horizonte, do total de 406 homens, 41,1% responderam negativamente, enquanto 32,9% das mulheres, de um total de 380 entrevistadas, deram resposta similar.

É inegável a importância da satisfação sexual para a conjugalidade, principalmente se pensarmos na sexualidade de forma ampla e não simplesmente reduzida ao contato sexual.

Outro dado levantado pela pesquisa de Abdo (2008) que consideramos relevante envolve a pergunta “Você seria capaz de fazer sexo com alguém que você não estivesse envolvido?”, com os seguintes resultados:

Rio de Janeiro – 82,7% dos homens e 48,6% das mulheres disseram sim;

Belo Horizonte – 70,3% dos homens e 30,9% das mulheres responderam afirmativamente.

Tais percentuais demonstram que a concepção de que a maioria dos homens se envolveria independente de afeto parece se confirmar, embora coloque em dúvida a antiga premissa de que as mulheres só se envolveriam sexualmente quando envolvidas afetivamente.

Um levantamento realizado sobre intimidade por Goldenberg (2010) revelou que as mulheres reclamam não ter intimidade com seus parceiros, enquanto os homens consideram-na presente nas relações. Na verdade, para as mulheres a intimidade é descrita como uma maneira particular de estar junto, conversar, escutar, compartilhar o silêncio, um nível profundo de comunicação psicológica e emocional; ao passo que, para os homens, a

²⁶ Disponível no site <http://sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf>.

intimidade significa compartilhar momentos considerados íntimos, como fazer sexo, beijar, trocar carinhos e ficar nu; é a intimidade corporal, sexual e física, objetiva para os homens e subjetiva para as mulheres.

A escuta clínica permite observar que a intimidade está sendo conquistada por homens e mulheres na internet, onde as confidências trocadas permitem um desvelamento só permitido no virtual, passando a acreditar que realmente encontraram alguém que os compreende. Poderíamos associar ao que Goldenberg (2010, p. 14) chama de “intimidade da ordem do segredo”, onde o jogo do desvelar-se constrói a intimidade partilhada.

Em entrevista a um programa sobre infidelidade²⁷, Aratanga (2011) relatou os mitos que envolvem a infidelidade, como o Mito da Fidelidade Eterna e da Monogamia Estreita, que muitas vezes são trocados pelo Mito da Transparência. Os dois primeiros podem ser facilmente percebidos nos sermões religiosos, mas em relação ao último a autora observa que “não somos transparentes nem para nós mesmos”.

Podemos depreender que mais mitos se juntam à nossa construção, tais como o Mito do Amor Romântico, o Mito da Feminilidade, o Mito do Amor Materno, o Mito da Fidelidade Eterna, o Mito da Monogamia Estreita e o Mito da Transparência.

Utilizaremos neste trabalho a ótica diferenciada de Pasini (2010), psiquiatra italiano que argumenta que a traição é mais presente nos dias atuais simplesmente porque nossa expectativa média de vida dobrou, já que antes vivíamos até os 40 anos e hoje até os 80 anos. É uma visão diferenciada para quem trabalha em clínicas de casais, mas pode colaborar – como também pretende o autor – para uma melhor compreensão sobre como nasce a traição.

Em seus estudos Pasini (2010, p. 31) afirma que nem sempre a traição é uma derrota, conforme as ideias de Carotenuto (2000). Por trás da traição estão a necessidade de liberdade, de independência e de plenitude subjetiva e completa – “dentro de nós existe a força de escolha individual, que se exprime forçando os próprios limites”; a traição significaria, para o autor, a renúncia ao conforto, às seguranças do cotidiano.

²⁷ SBT-Repórter – *Infidelidade*, veiculado em 27 ago. 2011.

Para manter uma relação seria necessário observar que ditames estão sendo apregoados. Nessa direção, Pasini (2010, p. 40) relata que a fidelidade também pode ser vista por tipologias:

- Fidelidade como obrigação – dever moral imposto pelo externo, como as convicções religiosas;
- Fidelidade obsessivamente praticada e desejada – inflexível na reciprocidade e no controle absoluto;
- Fidelidade como codependência – compromisso selado para aplacar medos ou feridas profundas;
- Fidelidade perimetral – com limites estabelecidos a cada vez pelo casal.

Parte-se do pressuposto de que a fidelidade seria um valor negociado, nem sempre explicitado pelo casal.

O autor acredita que a busca pelo casamento corresponda à busca pela esperança de uma conexão afetiva, intensa e segura (p. 12):

O casamento, portanto, é visto como uma “gruta”, pois deve oferecer um sentimento de segurança; mas deve também, e ao mesmo tempo, ser um “vulcão”, com a possibilidade de erupções surpreendentes – de estímulos e de ideias – para evitar a monotonia da vida do dia a dia. Assim, conclui-se que estão pedindo ao casal duas coisas absolutamente opostas...

O sentimento de frustração e insatisfação frente à idealização da relação amorosa predispõe os cônjuges a vulnerabilidades, que podem desembocar na infidelidade. Pasini (2010) faz uma crítica à sociedade egocêntrica e narcisista em que vivemos, na qual o meu desejo prevalece sobre o Tu e o Nós, e onde todo desejo deve ser satisfeito de forma imediata – “eu escolho essa relação ‘por enquanto’ (no sentido do momento e do provisório), e se depois for mal, escolherei coisa alternativa” (p.14).

O autor entende que a cultura erotizada transforma a sexualidade feliz em um dever; como consequência, a infidelidade se difunde como uma busca obrigatória de felicidade, a visão idealizada fomenta grandes expectativas em relação ao casamento, e a frustração é inevitável. Nesse sentido, Pasini (2010, p. 23) questiona: “O sexo é amigo ou inimigo do casal?”.

Na sexualidade amiga existe empatia sexual, sendo a relação construída pela sedução intraconjugal, base de um amor duradouro: “O casal feliz tem uma fidelidade ativa,

alimentada dia a dia com pequenas atenções, que se tornam pequenos atos de sedução”. A “fidelidade passiva” está ligada ao hábito, aos filhos e a interesses econômicos.

Para Pasini (2010, p. 42-54), deve-se tão somente citar as causas da traição, pois são facilmente compreendidas:

- existência de outro amor
- ainda existe amor, mas não paixão
- tédio
- represália
- sexo
- transgressão
- medo da velhice
- “reforço” da identidade
- medo da intimidade
- desejo de ternura
- realização do complexo de Édipo – encontrar o parceiro perfeito
- para ter duas pessoas, em vez de uma

Pasini relata traições infames – em família, entre amigos, perigosas para a saúde e sociais. Define também as novas traições – as que expõem intimidades, as que chama de “extimidades” e que humilham publicamente; as traições homoafetivas; os amores simultâneos (ou poliâmoreos) e as via *web*, assim sintetizadas pelo autor: “as traições virtuais costumam produzir divórcios reais” (p. 75).

O site *Your Tango – Your Best Love Life*, em sua coluna *Relationship Challenges*, descreve os dez mitos sobre infidelidade²⁸ listados pelo psiquiatra Scott Haltzman, discutindo-os com visão ampla:

1) *A maioria das pessoas que trai estava à procura de um caso.*

A grande maioria dos envolvidos não queria se envolver com outra pessoa; a infidelidade geralmente começa com uma amizade, seguida por intimidade, que acaba como um encontro amoroso.

2) *A maioria das pessoas busca alguém mais jovem ou mais atraente.*

Em alguns casos isso pode acontecer, mas geralmente os amantes não são mais jovens, mais ricos ou mais atraentes que o parceiro.

²⁸ Disponível em: <<http://www.yourtango.com/experts/scott-haltzman/10-myths-about-infidelity>>. (tradução livre).

- 3) *Um caso significa o fim de um casamento.*

Mais de 50% dos casamentos sobrevivem à infidelidade. Muitos casais se surpreendem ao perceber que podem permanecer juntos.
- 4) *Uma vez traidor, sempre traidor.*

Nem sempre é assim, pois muitas pessoas traíram apenas uma vez. O caso pode trazer estabilidade ou significar um balde de água fria para a relação.
- 5) *O caso aconteceu porque há algo de errado no casamento.*

A verdade é que todo casamento tem algo errado. Um caso pode significar que o casal não sabe lidar com algumas questões. Mas problemas conjugais não justificam infidelidade.
- 6) *Casos sempre têm propósitos sexuais.*

Na maioria dos casos o que ocorre é a busca por uma conexão emocional com o outro. O senso de proximidade possivelmente leva ao sexo, mas necessariamente não era a primeira intenção do traidor.
- 7) *Se não há sexo, não há caso.*

Muitos casos ocorrem sem sexo. Interagir intimamente, falando de pensamentos e sentimentos mais íntimos, para alguém é um tipo de traição. O envolvido pode não achar que é traição, mas certamente seu parceiro o considerará como tal.
- 8) *Traições não tem a ver apenas com sexo, mas com outros problemas conjugais.*

Assim como o mito da infidelidade somente pelo sexo, este é o mito do envolvimento somente pelo afeto. Para algumas pessoas (não a maioria), o envolvimento restringe-se a sair e ir para a cama.
- 9) *Pessoas que traem são infelizes no casamento.*

Em recente pesquisa com pessoas que afirmaram ter um caso, 56% dos homens e 34% das mulheres disseram ser felizes em seus casamentos. A maioria respondeu que não gostaria de se separar do cônjuge.
- 10) *Um casal não pode ser feliz novamente depois de uma traição.*

As pessoas não costumam falar de traição com amigos ou vizinhos, por isso não são ouvidas histórias de sucesso. Contudo, muitos casais podem aprender a reconstruir seus relacionamentos, às vezes de maneira mais fortalecida do que antes da traição.

Todos esses mitos parecem se aplicar à nossa realidade, reverberando como as frases ouvidas na clínica. Soam impeditivos, por dificultarem o processo de elaboração da

infidelidade pelos casais. Os números encontrados para a prevalência da infidelidade são altos; nas sociedades ocidentais mais de 50% das pessoas casadas (FISHER, 1992), e 68% das mulheres e 75% dos homens relataram ter tido um envolvimento extraconjugal durante algum momento da vida (WIEDERMAN; HURD,1999). E os índices continuam subindo, segundo dados apresentados pela revista Galileu no começo deste trabalho.

O entrelace dos altos índices com os mitos descritos prescreve muitas crises conjugais, que afetam núcleos familiares que se dissolvem pelas separações e divórcios.

No entanto, ao falarmos de infidelidade virtual devemos ampliar nossas lentes para o desejo da infidelidade, que nos parece evidenciado quando é feita a inscrição no site, onde o desejo/ busca é concretizado, e que será estudado mais adiante.

Acreditamos que as histórias de infidelidade sempre permearam os relacionamentos conjugais ao longo da história humana. O que temos hoje é a inovação das ferramentas que permitem transgressões mais sutis e sofisticadas no ambiente virtual.

2 CONJUGALIDADE

A conjugalidade representa um projeto de investimento a longo prazo, realizado por duas pessoas, os cônjuges, que vislumbram um espaço inter-relacional de aconchego, afeto, satisfação sexual, segurança, projetos comuns e de significância para a identidade dos indivíduos a ele pertencentes. Para ser efetivado, este projeto necessita de investimento e de um certo grau de intimidade e compromisso.

Em suas pesquisas com jovens, Jablonski (2001, p. 85) relata que o amor ocupa o primeiro lugar como fator responsável pela duração do casamento; outros fatores como “companheirismo, confiança, sexo, comprometimento, comunhão de ideias, persistência, certos traços de personalidade e sorte” são elementos não tão relevantes quanto o ideal romântico.

O autor ressalta que vivemos em uma sociedade que valoriza o amor e a paixão em uma “visão ‘hollywoodiana’ da afetividade”, onde os jovens encontrarão o príncipe e a princesa encantadores, perfeitos, a “alma gêmea” com a qual partilharão a felicidade eterna. Esta perspectiva cria nos indivíduos uma expectativa difícil de ser conquistada (JABLONSKI, 2001, p. 85):

Ao tornar sinônimos amor-paixão e casamento, este ainda visto pela maioria das pessoas como indissolúvel e monogâmico, a cultura em que vivemos, ela própria, cria uma armadilha para os jovens nubentes, gerando expectativas que não poderão se cumprir, com todas as frustrações que advêm de esperanças alimentadas e em seguida suprimidas.

A fantasia de que só o amor é suficiente para a manutenção do vínculo amoroso é endossada pela mídia e pelas artes, teatro, cinema, música, literatura. O início dos contos de fada, como dito, perpetua-se na idade adulta.

Sabemos que a compreensão da construção do vínculo amoroso pode apoiar-se em diversos pilares teóricos, mas para estudarmos o início do vínculo amoroso utilizaremos as lentes da Teoria do Apego (BOWLBY, 1969[2002]); para situarmos a infidelidade no espaço e tempo familiar usaremos o conceito de Intergeracionalidade e Ciclo Vital da Família (CERVENY; BERTHOUD, 1997, [2002]2007); e, para compreendermos a dinâmica do vínculo amoroso, recorreremos ao Modelo de Investimento (RUSBULT; MARTZ; AGNEW, 1998). Acreditamos que tais abordagens nos proporcionem a compreensão da infidelidade na conjugalidade e também a visualização dos elementos presentes nos discursos obtidos no site de infidelidade.

2.1 Conjugalidade e a Teoria do Apego

A Teoria do Apego de John Bowlby ([1969]2002) define a tendência inata da espécie humana em desenvolver laços afetivos significativos desde a primeira infância. Esta abordagem segue uma perspectiva evolucionária, integrativa e sistêmica. Seus estudos focalizam as diferentes formas de experiência familiar vivenciadas por uma criança durante seu desenvolvimento e identificam duas características importantes presentes nessa interação: a imagem que a criança tem de outras pessoas e a imagem que tem de si mesma. Estas imagens permearão os seus roteiros de procedimento de como construir a relação com o outro.

Para Bowlby ([1969]2002), o apego tem quatro características distintas que são evidentes na relação com uma figura de apego: procurar e manter uma proximidade física; procurar ajuda ou conforto (porto seguro); sofrer com separações prolongadas; e a utilização da figura de apego como base de segurança para exploração do mundo.

O autor inicia seus estudos em 1929, trabalhando com crianças institucionalizadas e enfatizando a necessidade de acessibilidade e receptividade emocional, assim como de interações tranquilizadoras com pessoas significativas para todos os relacionamentos de apego. Baseia-se nos efeitos da privação, rejeição, perda e abandono para atestar a importância e significância de se ter uma conexão emocional segura, a que é dado o nome de apego, para o desenvolvimento de vínculos primários e a renovação destes ao longo da vida amorosa. A cada ameaça física ou psicológica, automaticamente o sistema de apego seria ativado e as estratégias postas em ação. A repetição do modelo formaria um estilo de apego, um protótipo para futuros relacionamentos extrafamiliares.

Segundo Johnson (2012), os princípios gerais da Teoria do Apego de Bowlby são os seguintes:

- O apego é uma força motivadora inata, a procura e a manutenção de contato é um processo primário nos seres humanos;
- Não existe a superindependência ou a dependência completa dos outros, existe apenas a dependência eficaz ou ineficaz. A dependência segura promove autonomia e autoconfiança;
- A presença de figuras de apego proporciona conforto, segurança e tranquilidade, criando um “porto seguro” para momentos de estresse e incertezas;

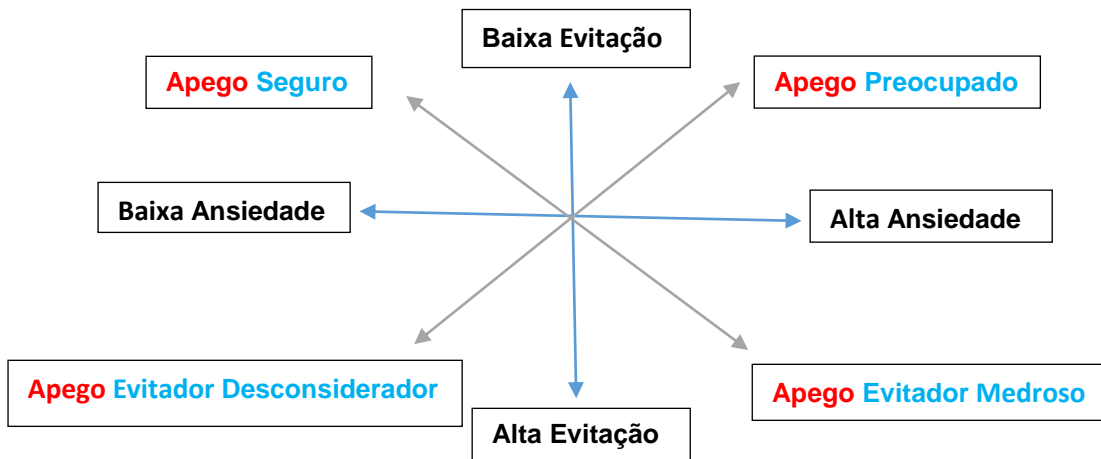
- O apego seguro proporciona uma base segura para que os indivíduos explorem seu universo, encorajando a aprendizagem. Favorece a capacidade de dar e buscar apoio em situações de conflito, tornando os relacionamentos mais estáveis e satisfatórios;
- A acessibilidade e receptividade constroem vínculos, e é através das emoções que comunicamos a nós e aos outros quais são nossas motivações e necessidades;
- O medo, as ameaças externas ou internas como doenças, ou mesmo agressão à segurança do próprio laço de apego, ativam as necessidades de apego por contato, e as condutas de procura por proximidade são ativadas;
- O processo de sofrimento é previsível em uma separação. Quando é evocada a resposta pelo conforto e esta não acontece, aparecem raiva, desespero e tentativas de apego exagerado à figura de apego. Eventualmente pode ocorrer o desapego. Nos relacionamentos seguros, o protesto diante da inacessibilidade é reconhecido e aceito, e a depressão é vista como uma resposta natural à perda da conexão;
- Os estudos da teoria do apego iniciaram-se com os efeitos da privação e separação materna; é, portanto, uma teoria essencialmente sobre trauma, em que o isolamento e a perda são desestabilizantes;
- O apego envolve modelos funcionais e relacionais do Eu e do Outro; portanto, criam-se expectativas que funcionariam como roteiros de procedimento nas interações;
- As formas de relacionamento de apego inseguro podem ser identificadas frente à resposta negativa à pergunta: “Eu posso contar com você quando precisar?” (p. 7). As condutas frente à negativa podem pertencer a três dimensões: apego ansioso, apego evitativo ou ansioso/ ambivalente. O apego seguro estaria relacionado à certeza da resposta afirmativa a essa questão.

Ainsworth *et al.* (1978) foram os primeiros a relatar as diferentes formas de estratégias utilizadas para garantir nossas necessidades de afeto. Segundo os autores, as formas habituais de se relacionar com as figuras de apego são diferenciadas por somente três tipos: apego seguro, apego evitador e ansioso/ evitador.

Atualmente, o esquema de classificação dessas categorias é um consenso entre pesquisadores da área de apego mãe-bebê e do apego romântico adulto. São quatro categorias associadas aos quadrantes de um espaço bidimensional, definido por ansiedade e evitação, como mostra o diagrama abaixo (SCHACHNER; SHAVER; MIKULINCER, 2012,

p. 17), cujos termos correspondem aos nomes utilizados por Bartholomew (1990) para os quatro tipos principais de apego.

Figura 1 – Estilos de Apego



A explicação, pela diversidade na nomenclatura dos estilos de apego, é dada por Johnson (2012, p. 10):

Entretanto, todos [os autores que escrevem sobre apego, grifo nosso] lidam com as maneiras como realidades internas e padrões interacionais externos se cruzam e se refletem mutuamente. Todos lidam com a maneira pela qual a natureza de nossos relacionamentos modela nosso mundo interior, nossas formas de ver e responder aos outros e também como nosso mundo interno desempenha um papel na criação de nossas interações mais importantes.

Na década de 80, Hazan & Shaver (1987) ampliaram a noção de amor e apego das relações iniciais do bebê para o estudo do amor romântico e das relações conjugais adultas – o apego adulto, amparado na premissa de que as primeiras conexões da infância modelariam nossos relacionamentos futuros. Os autores presumiram que os relacionamentos românticos envolveriam três sistemas comportamentais inatos: apego, cuidado e sexo, que haviam sido descritos por Bowlby ([1982]2006) em trabalhos anteriores.

A teoria do apego adulto difere do apego infantil porque envolve dois parceiros em suposta igualdade de condições, os quais, diante de ameaças, necessitariam de proteção e conforto.

Para Schachner *et al.* (2012, p.18):

Do ponto de vista da teoria do apego, o amor é um estágio dinâmico que envolve tanto as necessidades como as capacidades de apego, de cuidar e

sexuais de ambos os parceiros. A gratidão, a alegria e a afeição profunda, a ansiedade autoprotetora, o tédio mortal, a raiva corrosiva, o ciúme incontrolável e a tristeza intensa, vivenciados nas relações românticas, são reflexos da natureza crucial desses três sistemas comportamentais.

Johnson (2012) ressalta que, nos últimos 30 anos, estudiosos da Teoria do Apego ampliaram os conceitos de John Bowlby e fundamentaram um novo olhar sobre a terapia de casal e família. Todos partem da premissa de que algumas das razões para o casamento seria a busca da realização das necessidades de afeto, cuidados e sexo, além da sensação de segurança e intimidade.

Segundo Davila (2012), de uma forma geral o apego seguro adulto ou estratégias de apego pode situar-se em duas dimensões: evitação da intimidade e ansiedade pelo abandono, como foi demonstrado no diagrama de Bartholomew (1990) (Fig. 1). Para a autora, os estilos podem ser compreendidos como:

- *Apego Seguro* – apresentam níveis baixos de evitação da intimidade e de ansiedade em relação ao abandono. Sentem-se confortáveis em estar próximos ao parceiro, acreditam-se merecedores de amor e cuidado além de imaginarem o outro receptivo e digno de confiança. Estão disponíveis para seus parceiros, dão apoio se necessário e procuram o parceiro quando necessitam. Schachner *et al.* (2012) fizeram uma revisão das pesquisas nesta área e complementam que os relacionamentos deste grupo tendem a ser longos, estáveis e satisfatórios, caracterizados por alto investimento, confiança e comprometimento. Na área da sexualidade são abertos às descobertas sexuais, porém com um parceiro único e duradouro. Os indivíduos seguros praticam sexo principalmente para demonstrar amor por seus parceiros, e a proximidade física é prazerosa;
- *Apego Ansioso ou Preocupado* – apresentam níveis baixos de evitação da intimidade mas alto nível de ansiedade com relação ao abandono. Frente à ameaça de conexão rompida aparece a hiperatividade ou um hiperfuncionamento do sistema de apego, podendo ocorrer tentativas agressivas para obter a atenção da pessoa amada ou perseguições. Necessitam e dependem demais do outro, cuidam muito e podem sufocar sendo dominadores. Podem ser interpretados como invasivos, por fazerem um “rastreamento” destrutivo dos comportamentos do parceiro, o que pode ser entendido como ameaçador pelo cônjuge. Para Schachner *et al.* (2012), os que demonstram estilo de apego ansioso têm baixa satisfação com o relacionamento e um alto índice de rompimentos. Preferem aspectos afetuosos e íntimos da sexualidade aos aspectos genitais, além de se

envolverem com práticas menos seguras. Demonstram um estilo de amor obsessivo e uma dependência ineficaz. Praticam sexo principalmente para dar prazer ao parceiro, sentem-se aceitos e evitar o abandono;

- *Apego Evitativo ou Evitativo Desconsiderador* – alto nível de evitação à proximidade e baixo nível de ansiedade em relação ao abandono. Necessitam pouco dos relacionamentos, não se preocupam com os outros e são autossuficientes. Não dão apoio ao parceiro nem o solicitam frente às necessidades. Perante a reciprocidade perdida, desativa-se o sistema de apego e as necessidades são reprimidas, evitando-se tentativas frustradas de acesso às figuras de apego. Tendem a depreciar o outro em função de sua desconfiança nas pessoas, podendo se tornar muitos críticos e julgadores. Schachner *et al.* (2012) salientam que este grupo interessa-se menos por relacionamentos românticos, especialmente os de longa duração. Seus relacionamentos são de baixa satisfação, baixa intimidade e alto índice de rompimentos. Seu tipo de amor é caracterizado por fazer “joguinhos”. Expressam desagrado por muitos aspectos da sexualidade, especialmente afeto e intimidade, e apresentam mais atitudes de aceitação e busca para o sexo casual, além de terem mais relações de uma noite apenas, quando comparados aos outros grupos;
- *Apego Ansioso e Evitador ou Evitador Medroso* – estão presentes altos níveis de evitação da intimidade, assim como de ansiedade em relação ao abandono. Preocupados e desejosos de relacionamentos, demoram a se envolver pois evitam a intimidade a qualquer custo; não se sentem merecedores do afeto e não acreditam que seus parceiros se preocupem com eles. A evitação, juntamente com o medo, está associada a uma busca caótica na qual o apego traumático é ao mesmo tempo fonte e solução para o medo. Parecem sentir-se muito sensíveis e vulneráveis e comportam-se passivamente.

Fricker (2006) desenvolveu um estudo para compreender a construção da infidelidade através das crenças e comportamentos associados à mesma, tendo como sujeitos um grupo australiano e como técnica o grupo focal. A amostra foi constituída de 243 mulheres e 69 homens com idades entre 18 e 60 anos, em relacionamentos amorosos de pelo menos um (1) ano de duração. A pesquisa utilizou a Teoria do Apego de Bowlby, o Modelo de Investimento de Rusbult e os Estilos de Amor de Lee.

A autora constatou que 20% praticaram infidelidade nos relacionamentos atuais e 42% em relacionamentos anteriores, sendo que a maioria considerava infidelidade

comportamentos emocionais e sexuais realizados com alguém que não fosse o parceiro. As fantasias e os flertes foram considerados aceitáveis, no entanto uma minoria substancial via fantasia como infidelidade, o que confirma a complexidade inerente à construção do conceito de infidelidade.

Pelóquin *et al.* (2013) exploraram a relação entre a satisfação sexual e os sistemas presentes na teoria do apego em 151 adultos que moram com seus parceiros, sendo 105 mulheres e 46 homens, com idades entre 19 a 62 anos. Relacionaram apego, cuidado e sexo; perceberam que o apego seguro estava representado pelo cuidado com o parceiro, maior proximidade e sensibilidade em relação às necessidades deste; o sexo era realizado como expressão de valores afetivos, comportamentos que apareciam como formas de valorizar o parceiro. O apego ansioso era representado pelo controle no cuidado com o parceiro e o sexo como atrelado ao poder. Também foi verificada forte associação entre evitação de intimidade e insatisfação sexual.

Esses autores constataram que a sexualidade pode servir à função de cuidar já que esta modalidade é usada para expressar valores e apreciação pelo parceiro, visto serem mais empáticos às necessidades do cônjuge.

Bowlby ([1969]2002) acreditava que a confiança depositada no cuidador aumentava a segurança no enfrentamento das condições adversas da vida; já no apego adulto, o cuidado, assim como o afeto e o sexo, formariam a base do amor romântico.

A importância desta teoria está na base ancorada na relação, na acessibilidade e na receptividade, aspectos fundamentais na construção da conjugalidade. Os estilos apresentados correspondem a estratégias que, usadas pelos indivíduos, podem surtir o efeito esperado ou não, dependendo do parceiro escolhido e das questões apresentadas por Davila (2012, p.124):

Em síntese, cada tipo de apego é marcado por formas características de funcionamento que permitem prever como as pessoas se comportarão nos relacionamentos, principalmente sob estresse, quando as necessidades de apego estão mais evidentes. Dessa maneira conhecer os tipos de apego pode ajudar os terapeutas a entender, conceituar e prever os comportamentos nos relacionamentos e suas causas. Entretanto o que acabei de descrever são maneiras prototípicas de funcionamento, e é importante observar que a grande maioria das pessoas não se encaixa perfeitamente nesses protótipos. Na verdade, a maioria das pessoas apresenta aspectos de mais de um dos tipos. [...] Finalmente, os padrões de apego são maleáveis. Podem mudar. [...] Além disso, as pessoas podem ter níveis diferentes de segurança em diferentes relacionamentos.

Schachner *et al.* (2012, p.28) revisam e relacionam pesquisas da teoria do apego com a qualidade e satisfação na conjugalidade. Relatam que os casais podem ser classificados em relação ao estilo de apego de três formas: casais seguros (ambos os parceiros são seguros), casais inseguros (ambos inseguros) e casais mistos (um dos parceiros é inseguro e o outro é seguro).

Os casais seguros, segundo as pesquisas relatadas pelos autores acima, demonstram melhor ajustamento que os outros casais em autorrelatos de intimidade conjugal, funcionamento do parceiro na relação e respostas satisfatórias do parceiro ao conflito. Os casais inseguros são semelhantes aos casais mistos, relatando baixa satisfação e comprometimento.

Schachner *et al.* (2012) ressaltam ainda que muitas vezes um parceiro seguro pode amortecer os efeitos negativos de um parceiro inseguro, protegendo-se dos efeitos negativos da insegurança e favorecendo a sensação de segurança já que estimula a abertura e a expressão mútua, permitindo que o parceiro inseguro possa modificar os comportamentos associados à insegurança. Por outro lado, pode também desgastar a sensação de segurança do cônjuge.

De acordo com os estudos citados, os conflitos existentes no casal são oriundos dos estilos de apego. A evitação da intimidade e a ansiedade pelo abandono orquestrariam a dança entre aproximação e afastamento, e o funcionamento entre o cuidar e o ser cuidado indicaria níveis de satisfação e insatisfação.

Autores como Roberts & Noller (1998, *apud* SCHACHNER *et al.*, 2012) relatam que a agressão física entre casais casados tem a probabilidade de ser prevista pela interação de duas formas de estratégias de apego: a ansiedade do perpetrador e a evitação do parceiro, com a representação do medo de abandono de um dos parceiros frente ao medo da intimidade do outro.

Feeney (2001, *apud* SCHACHNER *et al.*, 2012) realizou um estudo sobre sentimentos feridos nas relações conjugais, revelando que a ansiedade está ligada aos efeitos mais graves de longa duração para a vítima, como perda de confiança e autoestima, ao passo que a evitação está ligada aos efeitos mais graves de longa duração sobre o relacionamento, como a desconfiança, não gostar do parceiro e o enfraquecimento da relação.

Os indivíduos ansiosos têm maior probabilidade de que seus sistemas de apego sejam frequentemente ativados por períodos longos, o que provocaria uma constante vigilância em relação ao parceiro. Podemos imaginar que isto acarretaria uma constante insatisfação no ansioso e uma sobrecarga ao seu parceiro. Dentro desta ótica, ao surgir uma ameaça, podendo ser um evento traumático ou qualquer inconveniente do cotidiano, a necessidade de apego é acionada e empregam-se estratégias, os modelos operativos internos, em direção ao parceiro. A expectativa é que o outro ofereça o apoio esperado. Modelos seguros funcionariam bem, na busca em reestabelecer a segurança através do cuidado do parceiro. Modelos não seguros, de ansiedade/ preocupação ou os evitativos, somente ampliariam a sensação de desconforto, negligência e abandono.

Como enfatiza Johnson (2012), um dos principais problemas na área da conjugalidade é a confiança, que facilmente pode ser desgastada pelas feridas do apego. Estas ocorrem quando a expectativa em relação ao parceiro é violada; espera-se que o outro proporcione conforto e cuidados em momentos de vulnerabilidade. Um indivíduo ansioso acredita que a figura de apoio falhará, tornando-se portanto vigilante e pegajoso; um evitador imagina que somente a autoconfiança é garantia de segurança.

Segundo Johnson, Maikinen & Millikin (2001), uma ferida do apego poderia ser também definida como abandono ou traição da confiança, o que manteria o sofrimento no relacionamento porque o cônjuge ferido continuaria percebendo o parceiro como não confiável, o que se tornaria um impasse para a recuperação do relacionamento.

Cárdenas, Díaz-Loving & Aragón (2011) empreenderam um estudo para verificar se existiam diferenças entre as condutas de infidelidade sexual e as intenções de realizá-las nos diferentes estilos de apego em casais. Foram aplicadas as escalas de infidelidade (DÍAZ-LOVING; RIVERA-ARAGÓN, 2010) e as vinhetas de apego adulto (BARTHOLOMEW; HOROWITZ, 1991) em 200 participantes – 93 homens e 107 mulheres, de 18 a 56 anos – com duração de relacionamentos de 1 a 30 anos.

Os autores agruparam os estilos de apego preocupado e seguro (baixo nível de evitação) e os estilos temeroso e evitante (alto nível de evitação). Perceberam maiores intenções para a prática e maior número de condutas de infidelidade (beijos e carícias) no grupo de estilos temeroso e evitante. Ao juntarem os estilos seguro e evitante (baixo nível de ansiedade) e os estilos preocupado e temeroso (alto nível de ansiedade), constataram também que o segundo grupo, com maior nível de ansiedade, apresentava maiores índices

em infidelidade e maior intenção de infidelidade por parte de seus parceiros. Como resultado, afirmam que houve uma diferença significativa entre os grupos seguro e inseguro:

A insegurança no apego interfere no compromisso e na satisfação das relações românticas [...], mas o faz de formas distintas. Por exemplo, as transgressões dentro da relação de casal (por exemplo infidelidade) tem significados e efeitos diferentes entre os diferentes estilos de apego, exacerbando as inseguranças próprias de cada um. Nos estilos com altos níveis de evitação (temeroso e evitante) acentuam as visões negativas sobre os demais e sobre as relações, enquanto os estilos com altos níveis de ansiedade (preocupado e temeroso) exacerbam as visões negativas de si mesmo. (CÁRDENAS *et al.*, 2011, p. 265²⁹)

Acreditamos, como dito anteriormente, que a teoria do apego nos fornece uma compreensão sistêmica e integrativa da realidade conjugal, permitindo-nos acompanhar desde a procura pela satisfação das necessidades internas de afeto, apoio e segurança, desencadeadas por qualquer evento externo, até a forma de aproximação utilizada para acessar o outro, as estratégias que podem ser eficazes ou ineficazes e os possíveis comportamentos encontrados frente à resposta do outro.

O modelo integrativo de Shaver & Mikulincer (2002), apresentado por Schachner *et al.* (2012, p. 22), poderia ser resumido e adaptado como mostra a figura 2 a seguir (p. 77).

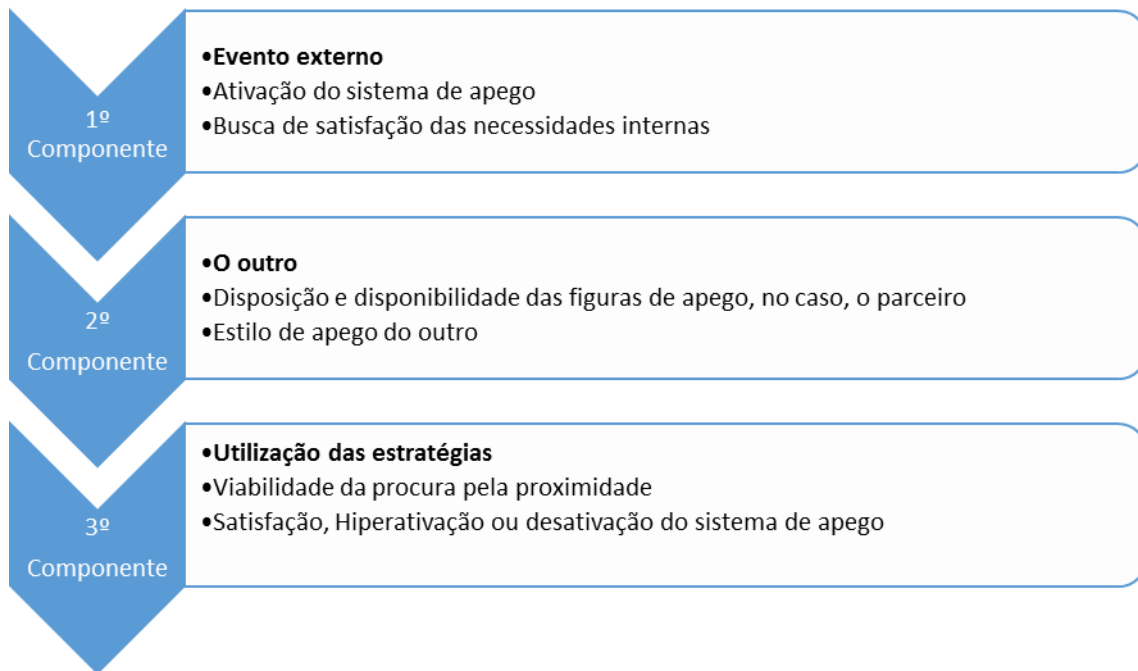
Adiante utilizaremos esse modelo para integrar nossas discussões e acrescentar o objeto de nosso estudo neste trabalho, já que no âmbito da conjugalidade, autores como Brennan & Shaver (1995) relacionam o apego evitador com a sexualidade promíscua, enquanto autores como Hazan, Zeifman & Middleton (1994) associam indivíduos com apego seguro como os de menor probabilidade de praticarem sexo fora do casamento.

Para destacarmos a importância da Teoria do Apego frente às novas tecnologias, citamos a sugestão de Mace (1987, *apud* JOHNSON, 2012, p.13):

A esperança para o futuro pareceria se basear não em uma infundável sucessão de desenvolvimentos tecnológicos, mas em ‘uma luta com a qualidade fundamental dos relacionamentos humanos’, de modo que os relacionamentos satisfatórios profundos não se tornem um sonho romântico ou um ideal, porém uma possibilidade para o dia a dia para mais e mais indivíduos e famílias.

²⁹ “La inseguridad del apego interfiere con el compromiso y la satisfacción en las relaciones românticas [...], pero lo hace a través de formas distintas. Por ejemplo, las transgresiones dentro de la relación de pareja (p.e. infidelidad) tienen significados y efectos diferentes entre los diferentes estilos de apego, exacerbando las inseguridades propias de cada uno. En los estilos con altos niveles de evitación (temeroso y evitante) acentúan las visiones negativas sobre los demás y las relaciones, mientras que en los estilos con altos niveles de ansiedad (preocupado y temeroso) exacerbam las visiones negativas de sí mismo.” (CÁRDENAS *et al.*, 2011, p. 265) (tradução livre).

Figura 2 – Modelo Integrativo dos Estilos de Apego



2.2 Conjugalidade e Intergeracionalidade

O conceito de intergeracionalidade compreende a transmissão de legados, condutas, mitos, crenças e rituais de uma geração à outra. Os conteúdos transmitidos servem muitas vezes de elementos agregadores do núcleo familiar, isto não significando que sejam sempre heranças positivas, pois podem também ser elementos que impeçam o desenvolvimento e a autonomia de seus membros.

A autonomia é conquistada através do grau de diferenciação que o indivíduo alcança em relação ao seu grupo familiar.

A transmissão intergeracional promove uma identidade familiar e a coesão de seus membros. Elkaïm (1998, p. 59-62) designa como terapeutas familiares intergeracionais:

- *Murray Bowen*: enfatizava que a saúde mental de um indivíduo está associada ao grau de diferenciação que este é capaz de estabelecer em relação à sua família; acreditava também que a dificuldade de diferenciação era transmitida de uma geração para outra;
- *Ivan Boszormenyi-Nagy*: acentuava o impacto causado pelas lealdades intergeracionais no aparecimento de sintomas nas famílias;

- *Maurizio Andolfi*: o paciente seria o “pivô existencial dos conflitos interpessoais”, e somente pela ampliação de observação para a família trigeracional subverter-se-ia o encadeamento de significados construídos e reproduzidos pelo grupo familiar;
- *James L. Framo*: buscava o traço que une o indivíduo ao contexto que o cerca através de gerações;
- *Norman Paul*: especialista em luto, considerava que as pessoas falecidas cujo luto não havia sido elaborado teriam, muitas vezes, vida própria;
- *Helm Stierlin*: empregava o conceito de “delegação”, que significa ao mesmo tempo ‘enviar’ e ‘confiar uma missão’; implica que “a pessoa delegada é ao mesmo tempo enviada por sua família e a ela ligada por um processo de lealdade”.

Para compreendermos o papel da intergeracionalidade na infidelidade, utilizaremos os estudos de Platt *et al.* (2013), que analisaram o impacto da infidelidade dos pais no estilo de vinculação e na autoimagem que o filho tem de si e do outro; além disso, examinaram o impacto produzido pelo conflito interparental no estilo de apego e a probabilidade do filho envolver-se em infidelidade. Este estudo foi realizado com 150 jovens universitários.

Os autores observaram que os relatos de filhos de pais conflituosos apresentavam visões mais negativas de si mesmo e dos outros. As filhas pareciam mais afetadas que os filhos na visão negativa sobre si mesmas. A ameaça percebida como resultado da vivência dos conflitos paternos parecia estar presente no estilo de apego apresentado pelos filhos – o evitativo temeroso.

Platt *et al.* (2013) perceberam que filhos homens adultos que tinham conhecimento da infidelidade paterna eram mais propensos (52%) a se envolver em infidelidade do que filhos sem esse conhecimento (27%). No que tange à infidelidade materna, não foi encontrada a mesma correlação.

A infidelidade, assim como o conflito entre os pais, parece ter impacto na visão que a criança tem dos outros, pois quando adulta age de forma mais cuidadosa ao entrar em relacionamentos por não acreditar que as pessoas sejam confiáveis, por ter uma visão negativa dos outros e se sentir menos confiante em seus atributos pessoais. Os conflitos parentais parecem diminuir o apoio que os pais dão a seus filhos, o que afeta a segurança e a autoestima e tem influência no estilo de apego adulto.

Na clínica, a repetição da infidelidade na família através de gerações é um tema frequente. Em 2011, esta pesquisadora e Cerveny³⁰ apresentaram um estudo de caso com o genograma de um casal com histórico de infidelidades presentes em três gerações da família de origem de um dos cônjuges. O casal repetiu a sequência intergeracional com o mesmo padrão de infidelidade dos avós (maternos e paternos) e dos pais. Foram leais ao legado e heranças intergeracionais e desleais ao compromisso conjugal.

Moscona (2007, p. 140) confirma nossa crença: “As infidelidades, em alguns casos serão fidelidade à família de origem”³¹.

2.3 Conjugalidade e o Modelo de Investimento

O modelo do investimento (RUSBULT, 1980; 1983), é uma extensão da Teoria da Interdependência (THIBAUT; KELLEY, 1959; KELLEY; THIBAUT, 1978; KELLEY, 1979), que postulava que a interdependência é um fator central de permanência nas relações conjugais. O modelo de investimento amplia esta questão para definir os fatores determinantes na manutenção do compromisso na conjugalidade.

Rusbult, Martz & Agnew (1998) relatam que a persistência na manutenção de um relacionamento está associada ao nível de compromisso estabelecido na relação, que depende diretamente dos níveis de satisfação e investimento, além da baixa oportunidade na qualidade das alternativas. Esses autores acreditam que a satisfação é influenciada pela dimensão com que o parceiro preenche as necessidades mais importantes do outro.

O modelo de investimento proposto pelos autores sustenta que a dependência e persistência em permanecer em uma relação são influenciadas pelo tamanho do investimento feito no relacionamento, como mostra a figura 3 (p. 80).

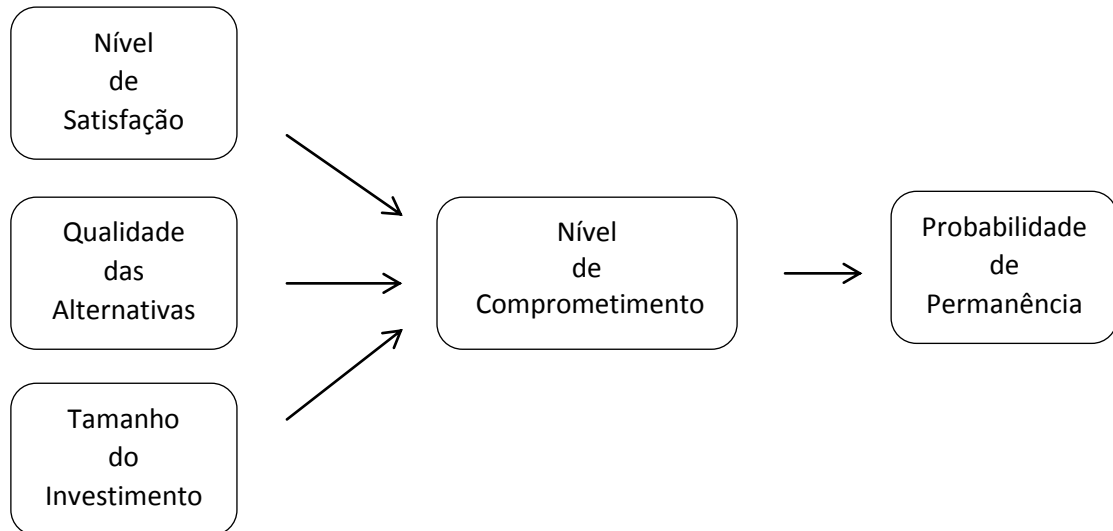
Esse investimento pode ser entendido como o partilhamento de questões íntimas, amigos mútuos, identidade pessoal ou o tempo dedicado à relação. Os recursos investidos melhoram o compromisso e aumentam a dependência e a persistência porque o custo envolvido para o término da relação seria elevado; portanto, a magnitude do investimento

³⁰ Cerveny, C.M.O., orientadora, e Zerbini, M.I.S., autora deste trabalho, foram coautoras de *Histórias de Infidelidade – tecendo lealdades e deslealdades*, apresentado no XXXIII Congresso Interamericano de Psicologia – Medellín, Colombia, em 30 jun. 2011.

³¹ “*las infidelidades, en algunos casos serán fidelidad a la familia del origen*” (tradução livre).

poderia ser perdida se a relação acabasse, e este fator promoveria a permanência na relação.

Figura 3 – Modelo de Investimento (RUSBULT *et al.*, 1998)



Drigotas *et al.* (1999) relatam dois estudos que utilizaram o modelo de investimento para prever a infidelidade. Aproveitam para criticar as pesquisas relacionadas com o tema pois seriam realizadas pós-infidelidade, e na literatura estariam baseadas em cinco categorias: sexualidade (incompatibilidade, desejo de diversidade); satisfação (reforço do ego, satisfação marital); contextos sociais (oportunidades, afinidades); atitudes (maior liberdade sexual); e hostilidade/ vingança.

Os autores perceberam que a inibição da fidelidade pode ser conquistada pelo aumento do compromisso na relação, e que o modelo de investimento é relevante para prever o risco de infidelidade. Especificam, ainda, a diferença entre intimidade para homens e mulheres: para as mulheres a intimidade é emocional, enquanto para os homens ela é percebida como aproximação física.

Estes dados confirmam os estudos de Goldenberg (2010) sobre intimidade, nos quais a autora diferencia o conceito de intimidade entre os sexos, objetiva para os homens e subjetiva para as mulheres. Falaremos deste conceito mais adiante.

O modelo de investimento é importante para o estudo da infidelidade, pois aponta que o declínio da satisfação, do investimento e do compromisso provoca o aumento da percepção de qualidade nas alternativas, e este seria um acesso à infidelidade.

Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin (2004) desenvolveram um estudo com 38 casais paulistas com mais de 20 anos de casados, voltado para a satisfação conjugal em casamentos de longa duração. Partiram de uma definição composta por vários autores, que se complementam:

Satisfação conjugal é, sem dúvida, um conceito subjetivo, implicando em ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Relaciona-se com as sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam intimidade no relacionamento, decorrendo da congruência entre as expectativas e aspirações que os cônjuges têm, em comparação à realidade vivenciada no casamento. (p. 576)

Os autores relatam que a satisfação conjugal é um fenômeno complexo no qual inúmeras variáveis interferem, tais como: “características de personalidade, valores, atitudes e necessidades; sexo, momento do ciclo da vida familiar, presença dos filhos, nível de escolaridade, nível socioeconômico, nível cultural, trabalho remunerado e experiência sexual antes do casamento” (p. 576).

Em cerca de metade dos casais estudados, ao menos um dos cônjuges apresentava-se satisfeito. O ajustamento conjugal dos casais satisfeitos parece ser mais funcional, talvez por partilharem coesão, proximidade, capacidade de solucionar problemas e demonstração de afeto pelo cônjuge, além de valorizarem a relação e o parceiro. Norgren *et al.* (2004) argumentam que a percepção do apoio oferecido pelo cônjuge parece estar relacionada positivamente à satisfação conjugal.

Os casais insatisfeitos demonstraram não levar o cônjuge em consideração, sendo que 14 participantes, todos situados entre os insatisfeitos, relataram casos extraconjugais. Os autores supõem que entre os casais satisfeitos os cônjuges tenham suas necessidades satisfeitas e não necessitem buscar outros relacionamentos. E completam: “Os casais satisfeitos demonstraram que seu casamento permanece vivo, em transformação, pois eles continuam a investir no mesmo e a acreditar que é possível estar casado há muito tempo e continuar unido para o que der e vier” (NORGREN *et al.*, 2004, p. 583).

Esse estudo corrobora o modelo de investimento ao presumir que a satisfação conjugal possa ser construída pelo casal:

Como se pode observar, o casamento pode ser uma construção conjunta da realidade, uma opção viável de relacionamento que corresponda às expectativas de cada um dos parceiros, se cada um deles se comprometer

com sua escolha e acreditar no que está fazendo. Pelo visto, para que um relacionamento conjugal continue satisfatório ao longo dos anos, há necessidade de investir na relação, empenhando-se para que ela seja proveitosa para os dois, tentando equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, partilhando interesses e relacionamento afetivo-sexual, buscando evitar o tédio e a repetição. (NORGREN *et al.*, 2004, p. 583).

Ferrara & Levine (2009) realizaram um estudo com 155 participantes para testar a eficácia do Modelo de Investimento (RUSBULT *et al.*, 1998) e das Estratégias de Comunicação em situações de perdão à traição: como desculpar-se, justificar o ato, prometer mudança, valorizar o relacionamento e assumir a responsabilidade. Como resultado, observaram que a satisfação relacional foi o melhor preditor da estabilidade relacional, e que a promessa de mudança foi a única relacionada à possibilidade de perdão pós-traição.

2.4 Conjugalidade e Ciclo Vital da Família

Utilizaremos o modelo de Ciclo Vital da Família (CERVENY; BERTHOUD, 1997, [2002]2007) para compreender as etapas vivenciadas pelo indivíduo em seu núcleo familiar. Daremos ênfase àquelas etapas que possam ser consideradas críticas devido a crises evolutivas, que podem aumentar a vulnerabilidade da relação conjugal. Como visto nas pesquisas anteriores sobre infidelidade, a presença de insatisfação, pouco investimento e baixo comprometimento, além dos estilos de apego de cada cônjuge, pode ser preditora da ocorrência de infidelidade. Nossa ótica será ampliada pelas questões observadas na clínica com casais, nas diferentes etapas do Ciclo Vital.

• Fase de aquisição

Inicia-se com a união do casal, a chegada dos filhos e a vida com filhos pequenos.

Característica da conjugalidade – criação do vínculo amoroso.

A construção da conjugalidade exige compromisso e investimento, mas nesse momento estão presentes os sentimentos de ambivalência em relação a depender ou independe do vínculo amoroso e do parceiro. A quantidade de alternativas, fora da relação, pode ser mais atraente do que o investimento requerido pela união.

Esta etapa requer a negociação das heranças trazidas das famílias de origem por cada membro. Como dito acima, as repetições intergeracionais podem muitas vezes não ser tão explícitas, tornando as vivências particulares e conjugais em espaço de conflitos. Os estilos de vida diferentes necessitam ser negociados, assim como as metas e projetos conjuntos. Apesar de ser um momento de muitos impasses, ainda assim espera-se que o

outro se adapte ou tenta-se mudar as questões que são mais visíveis e que mais incomodam.

A cumplicidade e a intimidade emocional esperadas nesta fase podem representar dificuldades para aqueles que têm o estilo de apego evitativo, pois possuem baixo nível de intimidade e apresentam a tendência de fugir dos relacionamentos, como dito acima.

No momento da parentalidade, que se inaugura com a chegada do filho, o casal necessita assumir novos papéis, retorna os modelos vivenciados com os próprios pais e incorpora os significados do que é ser mãe e pai. Muitas vezes a chegada do filho interfere na díade conjugal, e podem surgir ciúmes e sentimentos de abandono por um dos cônjuges, o que pode ocasionar um afastamento do casal.

Buss & Shackelford (1997) estudaram a susceptibilidade para a infidelidade no primeiro ano de casamento; dos 107 casais avaliados, somente 4% possuíam filhos. Os autores compararam aspectos de personalidade e características do relacionamento como preditores da infidelidade e perceberam como bons indicadores para a ocorrência da infidelidade, em ambos os sexos: as características de personalidade narcisista, a impulsividade e a capacidade em adiar a satisfação, assim como o contexto do relacionamento onde aparecem conflitos, a insatisfação conjugal com o sexo marital e a falta de carinho e amor no casamento.

● **Fase Adolescente**

Ocorrem dois fenômenos simultâneos: os filhos passam da infância para a adolescência e os pais passam de adultos jovens a adultos maduros.

Características da conjugalidade – o casal tem que reajustar as lentes frente à adolescência dos filhos e às suas próprias demandas.

Momento de intensa mudança exigida pela adolescência dos filhos, necessidade de coesão dos pais que também se encontram em processo de mudança, adultescência dos pais que desejam permanecer sempre jovens. Competição com a jovialidade dos filhos. Necessidade de se sentir atraente; não há a aceitação das perdas decorrentes da maturidade física.

Os conflitos tornam-se recorrentes, as crises individuais esbarram nas dificuldades dos pais ao lidarem com os limites e novos posicionamentos dos filhos, os cônjuges se afastam.

A fase adolescente promove uma reviravolta nas certezas do casal, as expectativas de “mudar” o outro se diluem, as divergências podem se tornar irreversíveis provocando a separação.

Anton (2002, p.100) nos fornece um exemplo de quando se entrelaçam as vivências do antigo ao novo na adolescência:

Um homem ‘madurão’ instiga seu filho adolescente a fazer com ele ‘programas sexuais’ pela internet, mas castiga violentamente a filha mais velha quando a surpreende ‘navegando’ por sites de erotismo e pornografia.

O início da sexualidade dos filhos esbarra nas questões que não estão muito bem resolvidas entre os cônjuges; alternam-se posicionamentos de repressão e de liberalidade sexual. Emergem as insatisfações que muitas vezes ficam encobertas pelas crises do adolescente na família.

● **Fase Madura**

Corresponde à fase mais longa do ciclo vital, compreendendo a saída dos filhos de casa; agregam-se noras, genros e netos. Ocorre a perda de entes queridos.

Características da conjugalidade – transformação da dinâmica conjugal, busca de novos significados.

Os cônjuges novamente se veem como casal, ocorre a reflexão e a avaliação do casamento. Podem romper ou renovar o laço conjugal, com a transformação do ideal romântico em uma relação baseada em cumplicidade, companheirismo, aceitação e respeito mútuo.

As insatisfações da fase anterior necessitam ser renegociadas para que novas formas de interação conjugal estejam alinhadas e possam trazer gratificação afetiva e sexual ao casal.

Ocorrem os desafios da longevidade ligados à saúde, à sexualidade, à aposentadoria, à perda dos pais.

Como esta fase exige uma demanda de muita atenção e cuidado com os pais idosos, o cônjuge pode ressentir-se do afastamento do parceiro e se isolar. Novamente apresenta-se como mais comum o afastamento do homem já que a mulher assume o papel de cuidadora, socialmente esperado. É uma fase em que ambos necessitam apoiar-se, pois o cuidador sente-se desgastado e sem condições de atender às necessidades do parceiro, que se sente abandonado.

- **Fase Última**

Retrospectiva de tudo o que foi vivido em família.

Características da conjugalidade – avaliação do que foi vivido pelo casal.

Enfrentamento de dificuldades financeiras, doenças, solidão. A parentalidade ocupa destaque no cuidado com os netos. O papel de avós contribui para a satisfação pessoal e familiar, e muitas vezes este papel continua sendo o de provedor financeiro da família.

O relacionamento conjugal passa pelos descompassos da sexualidade, que deve ser reinventada saindo da primeira linguagem sexual (o modelo genital) para a segunda linguagem sexual, baseada no erótico, no prazer e no afeto.

Ocorre a perda do cônjuge.

Para Campbell³² (*apud* WELSTEAD, 2007), o Ciclo de Vida do Sistema Conjugal pode ser descrito por estágios:

- **Estágio 1 – Romance:**

O casal está imbuído em idealizações, pauta-se pelo que “deve ser” e não pelo que o outro é realmente. Há a ilusão de unidade e negam-se as diferenças.

Quando a realidade se impõe e surgem as diferenças de interesses, o casal pode migrar para a fase seguinte pela negociação das diferenças ou encerrar o relacionamento por não superar a visão idealizada.

- **Estágio 2 – As lutas de poder:**

Ocorre o reconhecimento de que “você não é quem eu pensei que fosse”. A ilusão de unidade é substituída pelo desencanto da desunião.

A luta pelo poder pode transformar-se em uma tentativa de moldar o outro; o obstáculo a ser superado é a ilusão do poder. A luta chega ao fim quando deixamos de colocar no outro nossas expectativas e desejos e passamos a viver a vida a dois pautada na realidade.

- **Estágio 3 – Estabilidade:**

Momento de assumir suas próprias falhas e permitir ao outro ter fraquezas e cometer erros. O outro não é mais o centro da vida do parceiro, havendo espaço para a vivência das

³² - Material adaptado por Welstead – pelo Counselling Services da University de Guelph (2007), do livro *The Couple's Journey: Intimacy as a Path to Wholeness* de Susan M. Campbell, 1987. Disponível em: <<http://www.suzannewelstead.com/resources/CouplesJourney.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2013.

individualidades. Nesta fase, o obstáculo é superar a ilusão de paz, apego e estabilidade em busca de novas mudanças, sabendo que a vida envolve instabilidade e riscos.

● **Estágio 4 – Compromisso:**

A aceitação de que o outro possui facetas que são amadas e outras nem tanto possibilita gerenciar opostos e discordar sem entrar em lutas pelo poder, permitindo liberdade de escolha e autonomia para estar com o outro pelo compromisso assumido e escolhido.

● **Estágio 5 – Cocriação:**

O casal integra o aprendido nas fases anteriores e participa ativamente do mundo externo, geralmente em projetos comuns. O obstáculo é direcionar-se para o externo, esquecendo o investimento interno.

Os estágios propostos por Campbell (*apud* WELSTEAD, 2007) são relativamente previsíveis, mas não parecem coincidir com as etapas do ciclo vital familiar (CERVENY; BERTHOUD, [2002]2007), pois com a chegada dos filhos (assim como a sua saída), o papel das famílias de origem e o cuidado com as gerações anteriores implicaria em mudanças sérias no sistema conjugal, como visto acima.

No entanto, é inegável que esses estágios são percebidos no envolvimento amoroso dos indivíduos. Cerveny & Berthoud ([2002]2007) preconizam que a cada recasamento reinicia-se o processo do Ciclo Vital, muitas vezes com vários subsistemas dentro das novas configurações familiares. Por exemplo, um novo casal (fase de aquisição), em que a esposa tem um filho adolescente (do casamento anterior) e o marido é pai de jovens adultos (de seu casamento anterior) – ciclos que se inter-relacionam em uma mesma família.

Novas pesquisas integrando estas visões seriam interessantes para o trabalho de famílias e casais.

3 AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO (TI)

As novas tecnologias de informação provocaram profundas mudanças no comportamento dos indivíduos. A transmissão de sons e imagens instantâneas esfacelou as noções de tempo e espaço anteriormente concebidas e nos transportou para uma sociedade dotada de novos sentidos e significados.

Para o sociólogo Castells (2013), a principal fonte de produção social de significados é o processo de informação socializada. A transformação contínua da TI redimensiona o papel da comunicação interpessoal pela ampliação dos domínios da vida social, em uma rede global e local, genérica e personalizada.

O autor denomina *autocomunicação* o uso da internet e redes sem fio como plataformas da comunicação digital, ressaltando que esta foi a grande mudança significativa no domínio das comunicações. Castells considera como comunicação o processo de compartilhar significados e define autocomunicação como aquilo – mensagens, imagens ou ícones – que o remetente decide compartilhar, de forma autônoma, alcançando uma multiplicidade de receptores e conectando-se a um número infindável de redes que os transmitem pelo mundo.

Nessa perspectiva, ao remetente da mensagem pouco resta de controle ou autoria após o seu envio, porém cabe-lhe extenso poder já que influencia seus receptores.

Para Castells, este seria o papel das redes de comunicação. Elas atuariam como fontes decisivas na construção do poder. Nesse contexto, compreende-se então a relação que empresas, instituições e governos passam a ter sobre o controle da informação.

No que tange ao âmbito da vida cotidiana, as repercussões dessas novas dimensões adquiridas pela TI perpassam as relações interpessoais.

A presença da telefonia celular instaura, de acordo com Nicolaci-da-Costa (2009), a fluidificação do espaço físico entre as pessoas, com a presença de espaços virtuais privados. Assim sendo, os espaços contemporâneos se tornam muitos e compreendem: “[...] o espaço físico pelo qual circulamos, os espaços gerados pela internet que frequentamos e os espaços gerados pela telefonia celular aos quais nos conectamos” (p. 460).

A autora, em artigo de 2002, postula que as revoluções tecnológicas impactaram o cotidiano, produzindo transformações na subjetividade e promovendo:

[...] a geração de novos espaços de vida, alterações de amplo alcance nos estilos de agir, de viver e ser dos homens e mulheres [...] e a proliferação de vocábulos que expressam novos interesses, novas necessidades, novas formas de vida, novos relacionamentos, novos conflitos etc. (p.195)

Retornando ainda mais no tempo, em 1998 Nicolaci-da-Costa nos presenteava com o impacto sentido pelo avanço das TIs:

O espaço é cibernético; a realidade é virtual; o tempo é real; o correio é eletrônico; a velocidade chega a ser medida em nanossegundos (a bilionésima parte do segundo); nosso lar ciberespacial é uma home page; navegamos por ondas WWW, sobre as quais nos locomovemos através de links; nossos computadores se transformam ora em bancos, ora em museus, ora em bibliotecas, ora em livrarias, ora em lojas de CDs, ora em salas de visita, ora em salas de conferência, ora em escritórios virtuais...(p. 73)

Atualmente, teríamos que acrescentar que os nossos arquivos estão guardados nas nuvens...

O espanto e o impacto causados pelas transformações provocadas pela TI no cotidiano das pessoas são considerados como uma revolução – a Revolução da Internet, quando comparada às duas Revoluções Industriais, a primeira causada pela descoberta da energia a vapor, e a segunda desencadeada pela invenção da energia elétrica, segundo Nicolaci-da-Costa (2002).

Nicolaci-da Costa (1998, p. 82) define o ciberespaço como “[...] um espaço paralelo regido por suas próprias leis”, constatando que “uma viagem no ciberespaço raramente tem itinerário certo [...] e uma das principais características da Rede: tudo pode levar a tudo” (p. XVII).

Moscona (2007, p. 142) relaciona a origem latina à concepção de virtual: “Virtual provém do latim e significa uma força que tem a virtude de produzir efeitos”.³³

O espaço virtual ou ciberespaço é definido por Crumlish (1997), em seu Dicionário da Internet, como uma realidade imaginária compartilhada pelas redes de computadores.

³³ “Virtual es una acepción que proviene del latín ‘virtus’. Alude a una fuerza que tiene la virtud de producir efectos” (tradução livre).

Para Lévy (2000), o virtual é o que existe sem estar presente, existindo em potência, mas não em ato.

Este parece ser o cenário que as mudanças tecnológicas imprimiram ao cotidiano; características tais como não fronteiras, tênues membranas onde espaço e tempo, público e privado se distorcem e contorcem. Cenas de instantâneos, fluidez da atenção, ambiguidades e incertezas passam a conviver com antigas formas de interação.

As mudanças acarretadas atingem até mesmo aqueles que não dispõem de acesso à internet, ou por falta de recursos ou por preferirem se manter à distância. Para estes, que não estão conectados à parafernália tecnológica, efetuar um cadastro ou retirar um documento pode se transformar em um grande problema, pois não terem um endereço eletrônico ou não conseguirem obter os formulários que estão na rede faz com que muitas vezes se sintam *jurássicos*, tendo que solicitar auxílio aos que possuem conectividade ou aos mais jovens, autoridades no assunto.

A transformação processada pela internet, segundo Young (1998), é tão atraente e tão intensa que causaria dependência nas pessoas. Em 2011 a autora lançou um manual para avaliação e tratamento sobre dependência de internet. Ao citar que em alguns países essa sujeição atingiu proporções epidêmicas, Young lista alguns subtemas envolvidos: a compulsão sexual virtual, os jogos de azar pela internet, a dependência de sites de relacionamento e os videogames.

Vale aqui traçar um perfil de como está a conectividade em nosso país.

No Censo de 2005³⁴, somente 21% da população com 10 anos ou mais havia acessado a internet nos últimos três meses. Nessa amostra, a região com maior número de acessos foi a Sudeste; a cidade de São Paulo detinha a liderança, com 29,9%, com primazia da população masculina sobre a feminina. A faixa de idade que mais utilizava a internet se situava entre 15 e 17 anos, e a que menos a utilizava tinha 50 anos de idade ou mais.

Um dado interessante pertinente a esse estudo é mencionar que a finalidade maior do uso da internet destinava-se a Educação e Aprendizado (71,7%), seguido pela comunicação com outras pessoas (68,6%), dividido igualmente por sexo na população de estudantes. No que tange aos não estudantes, o maior percentual na finalidade do uso da

³⁴ Dados IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/>>. Acesso em: maio 2013.

internet concentrou-se na comunicação com outras pessoas (67,8%). Se atentarmos para o grupo que mais se destacou no uso da internet com esse propósito, verificaremos que ele se concentrou no domicílio, com um percentual ainda mais alto – 77,7 %.

O Censo de 2011³⁵ já revelou 77,7 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais que acessaram a internet, contingente este equivalente a 46,5% da população: “De 2005 a 2011, o total de pessoas que utilizaram a internet aumentou 143,8%, ou seja, em seis anos o crescimento foi de 45,8 milhões.” Novamente, a região Sudeste apresentou o maior percentual (54,2%), tendo São Paulo como a cidade com o maior número de usuários (59,5%).

Em relação às faixas etárias, entre 2005 e 2008 verificou-se um aumento na faixa de 10 a 24 anos, ao passo que no período de 2008 a 2011 a maior variação deu-se no grupo de 25 a 39 anos, destacando-se o fato de que as pessoas com mais de 50 anos passaram de 7,3% em 2005 para 18,4% em 2011.

No Censo de 2011 não foi mensurada a finalidade para o uso da internet, o que nos impede de traçar uma comparação relevante com foco sobre a comunicação entre pessoas, que é nosso maior interesse, tendo em mente que a pesquisa se concentrará no estado de São Paulo, onde ocorre a maior concentração de usuários em internet.

Posto que o panorama do alcance e expansão no uso da internet em nosso país foi aqui retratado, cabe-nos agora diferenciar as múltiplas possibilidades que encontramos ao nos conectar, assim como as formas mais utilizadas para a comunicação com outras pessoas na rede.

Inicialmente, em estudos comparativos realizados por Walther & Burgoon (1992) entre as comunicações mediadas por computador (CMC) e as comunicações face a face, no início do uso da internet as CMC mostravam-se desfavoráveis aos usuários devido à demora nas respostas e aos poucos recursos oferecidos, que sugeriam despersonalização nos contatos.

No decorrer do tempo e com o desenvolvimento e aprimoramento tecnológicos, as duas modalidades de comunicação – CMC vs Face a Face – equipararam-se nas

³⁵ Dados IBGE. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

dimensões de personalização como afeto, imediatismo na resposta, receptividade, confiança e profundidade na interação.

Em outra pesquisa com 96 participantes, datada de 2006, os mesmos autores demonstraram que os grupos mediados por computador ampliaram as dimensões relacionais para níveis mais positivos que os grupos face a face.

Como nossa proposta visa investigar o que buscam os usuários em sites de infidelidade, faz-se necessário diferenciar os espaços *on-line* e a comunicação de pessoas mediadas pelo computador (CMC).

Neto *et al.* (2009) descrevem os quatro meios de comunicação *on-line* que mais se destacam, bem como as respectivas críticas a cada um deles:

- *Salas de Bate-papo ou Chat-Rooms* – páginas da internet com salas que se diferenciam por assuntos, idade e regiões; onde as pessoas entram para bater papo. O anonimato é um facilitador para as pessoas muito tímidas e um escudo protetor para aspectos nocivos e/ou agressivos das pessoas.

As conversas podem ser abertas ao grupo ou reservadas. Não se trocam fotos. No Brasil o *ICQ (I Seek You)* já foi muito utilizado.

- *Programas de Comunicação* – é necessário fazer o *download* e criar um perfil com os dados do usuário; o mais conhecido é o *MSN Messenger*. Pode-se conversar em tempo real. Possibilita a aproximação das pessoas sem fronteiras de territórios, mas cria a urgência na transposição da instantaneidade do mundo virtual para o real.

Há também o *What's up*, onde se conversa por mensagens, com troca de fotos ou vídeos; e o *Skype*, em que ocorre a comunicação integrada de vídeo e voz.

- *Sites de Relacionamento* – é necessário criar um perfil. O objetivo é interagir com os amigos, buscar conhecidos ou fazer novos contatos. Os autores citam o *Orkut* como o mais usado no Brasil. Podem ser colocadas informações pessoais, informais, fotos, *links* de sites ou vídeos, além de possibilitar o envio de mensagens reservadas ou abertas a outros usuários. Assim como aproxima as pessoas, também as torna alvo de ciúmes e possessividade, segundo os autores.

O *Facebook* é atualmente um dos sites de relacionamento mais usados no Brasil, tendo sido objeto de dois estudos, segundo a Folha de São Paulo³⁶: na Universidade de Utah³⁷ e na Universidade de Michigan³⁸. Ambos relatam que o *Facebook* piora o estado de

³⁶ Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/humanos/2013/08/1326658-uso-do-facebook-piora-o-estado-de-humor-das-pessoas-diz-estudo.shtml>>.

³⁷ Hui-Tzu Grace Chow – Universidade Vale de Utah.

³⁸ Ethan Kross – Universidade de Michigan.

humor das pessoas, devido ao processo de comparação feita pelos usuários. No Brasil, Rosa & Santos (2013) estudaram as identidades criadas no *Facebook*, tendo observado que seguem o critério de “como se deseja ser visto”, geralmente com as características socialmente desejadas e almejadas.

- *Sites de Procura* – são parecidos com os sites de relacionamento, mas a motivação explícita os diferencia. Busca-se encontrar alguém para relacionamento afetivo e/ou sexual. Cria-se um perfil e procura-se o que se quer por localidade, idade, características físicas ou interesses comuns. Outra diferença é que geralmente são pagos. Dois dos mais utilizados são o <www.br.match.com> para o público heterossexual, e o <www.disponivel.com> para o homossexual. (ROSA; SANTOS, 2013, p. 51-61).

O Brasil conta com sites muito populares na procura de relacionamentos heteroafetivos: *Par Perfeito*, *Almas Gêmeas* e *Amores Possíveis*, entre outros; para relacionamentos homossexuais há o *GRINDR*, aplicativo de celular, que fornece a localização do parceiro mais próximo para fins de sexo casual.

Existem também sites de procura especialmente dirigidos a pessoas casadas em busca de relacionamento, que foi o objetivo deste trabalho. Nesse tipo de site cria-se um perfil que inclui as características que se pretende encontrar no parceiro e os interesses em atividades eleitas. Nessa categoria, o site nacional mais conhecido é o *Pulando Cerca*³⁹, que tem como propaganda: “Para casados e casadas pular a cerca, sair da rotina, dar um up em sua vida/relacionamento. Discrição Sigilo e Segurança é fundamental!”. O pré-projeto do presente trabalho foi desenvolvido neste site.

No exterior, os sites de infidelidade mais renomados eram o *Second Love*, *Ashley Madison* e *Ohhtel*; este último não existe mais, pois foi comprado pelo *Ashley Madison*. Para se ter uma ideia da dimensão de um site desse tipo, em Portugal o *Ashley Madison* foi lançado em 23/07/2013 e 72 horas depois tinha conquistado 30 mil usuários⁴⁰.

Vilicic & Lucchesi⁴¹ (2013) relatam o impacto causado pelo aplicativo *Bang with Friends*, que ao ser lançado conquistou 500.000 usuários em três semanas, tendo sido usado, nos primeiros 14 dias, para marcar encontros de 130.000 pessoas. Os autores acreditam que tal sucesso traduz a mudança na forma como as pessoas encaram os relacionamentos casuais, amorosos e sexuais. O slogan do site – “Pule a conversa. Qual

³⁹ Site de infidelidade nacional: <www.pulandocerca.com.br>.

⁴⁰ Notícias coletadas em 23 jul. 2013 no *Jornal Público.PT*. Disponível em: <<http://www.publico.pt/portugal/jornal/o-negocio-da-infidelidade-e-a-prova-de-recessao-e-cresce-neste-contexto-26860398>>, e em 27 jul. 2013 no jornal *Dinheiro Vivo*. Disponível em: <<http://www.dinheirovivo.pt/Buzz/Artigo/CIECO213404.html>>.

⁴¹ *Revista Veja* – 13 fev. 2013, p. 65-9.

dos seus amigos quer transar?” – foi criado por três universitários californianos que constataram que tiveram seus melhores relacionamentos amorosos com pessoas com quem tinham amizade.

Pode-se perceber que o vínculo inicial (amizade) e, portanto, comunhão de algumas ideias, parece fortalecer ou dar maior satisfação aos relacionamentos amorosos. Parece-nos muito familiar, mas talvez “antiquado”, se fosse proclamado pelos mais experientes. Contudo, os usuários do aplicativo consideram que a vantagem do site é que não existe o risco de se sentirem rejeitados pois “ninguém” sabe quem aderiu ao aplicativo; somente se o interesse for mútuo, um e-mail é enviado ao casal: “It’s bangin’ time!” (É hora de transar!). Vilicic & Lucchesi (2013) assim finalizam a reportagem: “Calcula-se que, em cada quatro abordagens virtuais em programas como o Bang, uma tenha sucesso”.

Para além dos computadores temos a inovação apresentada por Agrela⁴², demonstrando que a procura por parceiros foi favorecida pela tecnologia de geolocalização, nos *smartphones* e *tablets*, aos interessados em paquerar, namorar ou ser infiel. Os aplicativos podem estar integrados ao *Facebook*, como o *Tinder* e o *Blindr*, para conhecer pessoas próximas, ou o *Bang with Friends*, que promove oferta direta de sexo entre seus usuários. O *Badoo* é o gigante entre eles, com 35 milhões de usuários ativos.

Os aplicativos *OKCUPIDO*, *Grindr* (para o público homossexual) e *Ashley Madison* (para a infidelidade virtual) não estão integrados ao *Facebook*.

Na mesma reportagem, Agrela (2013) descreve dois momentos em que esses aplicativos ficaram “famosos”: em janeiro de 2012 um ataque de *hackers* invadiu o *Blindr* e o *Grindr*, e seus usuários tiveram suas mensagens enviadas e fotos íntimas expostas na rede; e em maio de 2013 o *Bang with Friends*, por descuido dos usuários com as configurações de privacidade do *Facebook*, permitiram a visibilidade do aplicativo, denunciando as pessoas que usam ou usaram o aplicativo. Como visto acima, os usuários do *Bang with Friends* imaginavam-se estar no anonimato – afinal, é a vantagem louvada para o uso do aplicado, evitando assim que não fossem rejeitados.

Novamente, a questão da privacidade expondo a intimidade. Seria este o retrato das novas tecnologias? A criação de um hiato, ainda sem nome, entre o público e o privado?

⁴² *Folha Tecnologia*, em 10 jun. 2013, p. F3.

Poderíamos imaginar que estamos diante de um fenômeno que Young & Abreu (2011) descreveriam como “dependência”, mas preferimos lembrar das palavras de Nicolaci-da-Costa (2002, p. 200), que expressam a proposta desta pesquisa: “Uma das principais funções da psicologia é a de descrever, interpretar e compreender as organizações subjetivas que são geradas em diferentes contextos sociais [...] nos quais as tecnologias sempre desempenharam um importante papel”.

3.1 Identidade virtual

Para iniciar este tópico relatarei uma experiência vivenciada com adolescentes na clínica, nos anos de 2003 a 2007.

Naquela época, os adolescentes relatavam suas construções de personagens, cenários, amigos e famílias em um jogo chamado *The Sims*. Tantos foram os relatos que decidi conhecer o jogo, e confesso que me surpreendi. A similaridade com as vivências cotidianas e o refinamento com que os adolescentes “transportavam” suas características e desejos para o mundo virtual do jogo eram no mínimo riquíssimas.

Nesse jogo, a realidade virtual permitia a construção de avatares, corpos virtuais que interagiam em ambientes de sociabilidade *on-line*, indo à escola, dormindo, lavando louça, interagindo com amigos e procurando ou construindo um(a) namorado(a); hoje existem muitos outros jogos, inclusive mais elaborados, mas participações e presenças ativas nesses ambientes eram novidade na época.

Primeiramente, imaginei a utilização do jogo somente como uma nova linguagem, um “objeto intermediário” (ROJAS-BERMÚDEZ, 1980), conhecido pela autora através do psicodrama. Com o tempo ele se mostrou mais que isso; passei a utilizá-lo como técnica de trabalho, onde famílias eram construídas e relacionavam-se entre si. Nada mais fiz do que transpor o jogo com bonecos concretos, desenvolvido com crianças, para um ambiente que os adolescentes sentiam como mais atraente.

Os adolescentes cresceram, e o jogo foi esquecido. Contudo, algo restou dessa experiência: durante a criação dos personagens, muitos possuíam nomes e características físicas diferentes de seu criador, embora sempre houvesse algo similar, no concreto ou no desejo; ou seja, os personagens sempre remetiam aos seus criadores.

Este relato parece-me necessário porque parto de uma premissa sobre a criação da identidade virtual, e tentarei dialogar com diferentes autores para a construção do processo identitário apresentado nos sites de busca.

A neurocientista Herculano-Houzel⁴³ relata que em um estudo realizado na Universidade de Radboud, na Holanda, os pesquisadores avaliaram como o cérebro processa adjetivos apresentados como próprios, de seus avatares e de conhecidos em jogadores de *World of Warcraft*. Constataram que os adjetivos atribuídos a seu avatar provocavam uma maior ativação nas áreas cerebrais relacionadas com a autoidentidade, concluindo que: “[...] o avatar, portanto, não parece ser só mais um objeto que o jogador aprende a manipular, e sim um outro Eu, no mundo virtual, com quem o jogador se identifica, cujo ‘corpo’ e cujas ações ele assume como seus”.

Para iniciarmos a compreensão da construção do processo de identidade, utilizaremos Goffman ([1959]1975), citado por Bargh, McKenna & Fitzsimons (2002), Whitty (2007), Rosenberg (2010) e Rosa & Santos (2013).

Partindo da perspectiva da representação teatral para relatar o que acontece no palco social, Goffman ([1959]1975) relata que em um palco “o ator se apresenta com uma máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores” (p. 7).

Quando indivíduos desconhecidos se aproximam, utilizam a conduta e a aparência como indicadores de suas experiências anteriores, com sujeitos proximamente parecidos, para aplicarem estereótipos não comprovados. Naquele momento podem acreditar ou confiar nas informações que o sujeito diz de si: “A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividade significativa: a expressão que ele transmite e a expressão que emite” (p.12).

A expressão transmitida pertence ao campo verbal, mas podemos observá-la também na internet, em como a pessoa se descreve, como se expressa, quais as informações que partilha, além da forma como o faz. Do outro lado, essa expressão é captada pelo outro como inferências, feitas a partir do que foi visto ou lido. Nesse âmbito o que não foi dito adquire significado, assim como a forma em que os conteúdos foram expressos.

⁴³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/suzanaherculanohouzel/2013/08/1322168-meu-eu-virtual.shtml>>.

Para Goffman ([1959]1975), a falsa comunicação na expressão transmitida é considerada fraude; na expressão emitida, ela é vista como dissimulação.

Quando o indivíduo deseja que pensem algo a seu respeito, atua de forma a transmitir às pessoas a impressão que lhe interessa transmitir, às vezes de forma calculada, em outras agindo mesmo com a pretensão de causar determinada impressão. É possível que ele não tenha consciência de estar procedendo assim, e caberá aos outros ficarem “impressionados” ou “cautelosos”, desconfiando dessa impressão. Se isto ocorre, as pessoas passam a buscar mais informações, ou se pautam unicamente pela impressão que, ao se tornar negativa, leva-as a se afastarem.

Segundo Goffman ([1959]1975), teríamos então a possibilidade de alterar o comportamento espontâneo em um primeiro contato, manipulando a informação que desejamos transmitir; no entanto, o autor salienta que:

A arte de penetrar no esforço do indivíduo em mostrar uma intencionalidade calculada parece mais bem desenvolvida do que nossa capacidade de manipular nosso próprio comportamento [...] o observador provavelmente levará vantagem sobre o ator e a assimetria inicial do processo de comunicação com toda probabilidade será mantida. (p.18)

Quando um indivíduo representa um papel esperando que os observadores acreditem nele, pois possui os atributos que representa ter, podemos imaginar que haverá um benefício a ambos os lados, pois estarão compartilhando impressões que na realidade servirão de base para essa relação. Goffman ([1959]1975) denomina essa impressão como “sincera”.

No entanto, quando o papel desempenhado tem poucos elementos associados ao ator, e nem ele mesmo acredita em sua representação, assim como não se preocupa se o público acredita nele ou não, o mesmo autor reserva-lhe o termo “cínico”, indicando todo o seu descompromisso profissional e “[...] tendo por finalidade o que se chama de ‘interesse pessoal’ ou lucro privado” (p. 26).

Para finalizarmos com a construção de identidade de Goffman ([1959]1975) e traçarmos um elo com nossos usuários dos sites, vale enfatizar que

[...] sabemos que, em funções de serviços, os profissionais que em outras condições são sinceros, vêem-se forçados às vezes a iludir os fregueses, pois estes mostram grande desejo disso. Os médicos que são levados a receitar medicamentos inócuos para tranquilizar os doentes; os empregados de postos de gasolina que resignadamente verificam e tornam a verificar a pressão dos pneus para ansiosas senhoras; os vendedores de calçados que vendem um sapato de número diferente mas que dá no pé da freguesa

e dizem a ela que é do tamanho pedido, todos estes são profissionais cínicos, cujo público não lhes permitirá serem sinceros. (p. 26)

A construção da identidade para o autor está, portanto, intrinsecamente relacionada com o outro e fundamenta-se na relação, no desejo que o outro conheça a meu respeito (a imagem que pretendo passar), na autenticidade e discrepância entre o que desejo e o que sou e como será a leitura do observador, frente às suas experiências anteriores.

Um estudo de Campbell, Sedikides & Bosson (1994) reporta que indivíduos envolvidos emocionalmente apresentavam menos incongruências entre o que pensavam que eram (real) e o que gostariam de ser (ideal). Os pesquisadores detectaram correlações com o bem-estar psicológico, ou seja, quanto menor a incongruência entre o que se pensa ser e o que se gostaria de ser, maior o bem-estar psicológico.

No presente trabalho partimos do pressuposto que as pessoas podem ou não estar envolvidas emocionalmente, e portanto acreditamos que algumas pessoas que buscam relacionamentos *on-line* podem apresentar maior incongruência entre o que pensam que são e o que gostariam de ser. Isto representaria uma expressão de identidade não tão congruente, segundo Campbell *et al.* (1994), ou “sincera”, conforme Goffman ([1959]1975). Não podemos esquecer também que o objetivo de inscrição no site é a busca por um relacionamento extraconjugal, e por isso a forma de apresentação almejará seduzir o observador.

Bargh *et al.* (2002) relatam que pessoas mais capazes de expressar seu “verdadeiro eu” no ambiente *on-line* são mais propensas a formar relacionamentos pela internet. Os autores constataram que as características do outro são mais facilmente recordadas pelos contatos *on-line*, quando comparados com os contatos face a face. Algumas características desse espaço contribuem para isso, como o anonimato, que permite a livre expressão e a ausência de crítica, diferentemente da interação face a face; e a nossa necessidade de que o outro nos veja como nós nos vemos, facilitada pela internet. Afirmam, também, que o autoconhecimento e a expressão deste ocupa um papel central na vida social *on-line*.

Uma pesquisa realizada por Whitty (2007) confirma os dados coletados pelos pesquisadores acima. A autora entrevistou 30 homens e 30 mulheres em um site de namoro, tendo observado que os indivíduos podem ser muito estratégicos em suas apresentações de si mesmo no ciberespaço. Fazendo coro com Bargh *et al.* (2002), relata que o sucesso em manter um relacionamento *on-line* depende da apresentação e do conhecimento desenvolvidos no espaço virtual.

Ao concordar com esses pesquisadores, Whitty salienta que as impressões são mais controláveis, e que se explora mais as capacidades do texto para formar uma base de interação; alerta também para o fato de que essa elaboração pode trazer, como consequência, a idealização do parceiro. Finalmente, acredita que com o desenvolvimento de confiança e intimidade, os parceiros são mais propensos a divulgar aspectos de si mesmo desconhecidos ao outro.

Rosa & Santos (2013) estudaram as identidades virtuais dos usuários do *Facebook*, a maior rede social do mundo até o momento. O ingresso na rede se faz pela elaboração de um perfil virtual, que é a sua identificação perante os demais membros. Os autores acreditam que esta suposta apresentação, ou melhor, este perfil, possa enquadrar-se dentro de três perspectivas preponderantes, que serão aqui apresentadas com uma inversão na ordem seguida pelos autores.

Na primeira perspectiva, Rosa & Santos (2013, p. 13) remetem a Baudrillard (1991) ao argumentarem que:

[...] As interações mediadas pelas redes sociais virtuais se dão com base em simulações e na hiperespetacularização das identidades [...] o usuário simula ser o que não é e tende a substituir a realidade pela simulação, gerando o que se concebe como espectralização da existência em simulacros.

Recorrendo à metáfora construída por Baudrillard (1991, p. 7) com base na fábula de Borges⁴⁴, teremos a simulação como ampliadora, isto é, algo “hiper-real”. Nesse sentido, Baudrillard ressalta que “dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir” (p. 9).

A simulação funcionaria como uma máscara que se misturasse a elementos participantes do real e que expressam algo desejado. O simulacro seria esta réplica que disfarça e oculta o usuário; portanto, a simulação equivaleria a uma substituição do real, mas por meio de transposição (como o mapa maior que o território), tornando-se unicamente uma representação desse usuário.

⁴⁴ “Cartógrafos do Império desenhavam um mapa tão cheio de detalhes que acabam por encobrir o território” (BORGES, 1976, p. 7-8)

A segunda perspectiva, em busca da compreensão das identidades presentes no estudo de Rosa & Santos (2013), deriva dos trabalhos de Nicolaci-da Costa (2005) e Recuero (2008), entre outros:

Enfatiza a concepção de que a elaboração de perfis e de seus correlatos equivale a um exercício de si mesmo e, portanto, reflete características próprias das identidades dos usuários, os quais buscam, nos recursos e dispositivos tecnológicos, um modo de experimentar formas de ser na Internet e em sites como o Facebook. (ROSA; SANTOS, 2013, p. 12).

Para Nicolaci-da-Costa (2005), a elaboração do perfil, assim como todo processo de escrita, permite ao sujeito ganhar conhecimento sobre si mesmo e sobre sua singularidade. Ao se expor em diferentes espaços, *blogs*, *ICQ*, sites e e-mails, submete as definições de si a um constante processo de revisão e obtém retorno sobre essa escrita. Frente às diversas realidades às quais se expõe, “torna-se cada vez mais singular e auto-referido” (p. 82).

A terceira e última perspectiva utilizada para a compreensão das identidades nas páginas do *Facebook* leva Rosa & Santos (2013, p. 12) a se basearem nos trabalhos de Turkle (1995), para definir a identidade no *Facebook*:

Constitui-se como uma espécie de recriação de nós mesmos em formato digital, a qual incorpora características performáticas que visam a transparecer uma identidade socialmente desejada e que contenha atributos que almejamos.

Os diferentes espaços *on-line* propiciam várias possibilidades de experimentação e, como consequência, novas recriações de si mesmo são postas à prova, já que interagimos com outras identidades que nos aprovam ou desaprovam.

Retomamos aqui as ideias de Sherry Turkle, considerada uma referência para os especialistas e estudiosos no campo da relação entre as novas formas de telecomunicação e a interação no ciberespaço. Em 1997, como descrito em seu livro *Life on the Screen: identity in the age on the internet*, a multiplicidade e a simultaneidade das identidades observadas no ciberespaço se relacionavam como as várias “janelas” (referência ao sistema operacional *Windows*) que abrimos ao navegar pela *web*, promovendo a percepção de identidades diversas e fluidas. A internet proporcionaria, segundo a autora, uma oportunidade única para a autoexpressão.

Em entrevista a Casalegno (1999), Turkle postula que considera um grave erro falar-se em vida real e vida virtual, pois acredita que na vida que as pessoas vêm construindo essa fronteira está cada vez mais permeável. Além disso, constata que as pessoas gastam

muito tempo e energia emocional no virtual e que, portanto, isto faz parte do real. Concordamos com Turkle nesse sentido, visto que nas reuniões pessoais ou profissionais, encontros românticos ou celebrações, basta olharmos ao redor para percebermos alguém plugado no celular.

Quanto aos aspectos identitários, seu foco de estudo considera que cada vez mais as pessoas percebem-se múltiplas dentro de sua unidade, e que a expressão “multiplicidade”, inicialmente interpretada pelos especialistas como patológica em decorrência da esquizofrenia, nada tem de patológica. Na mesma entrevista, Turkle diz entender que o mesmo processo ocorre no cotidiano das pessoas, ao desempenharmos papéis diferenciados durante um mesmo dia: acordamos como amantes, almoçamos como mães, pegamos o carro como profissionais. Sintetiza que:

São essas relações que determinam a maneira pela qual cada um se percebe [...] Na vida on-line, as pessoas encontram-se em situação de poder desempenhar papéis diferentes, adotando diversas personalidades nos diferentes lugares da Rede. Vêm e experimentam inúmeros aspectos delas mesmas. Vivem intensamente tal multiplicidade. (p.119).

Em nosso entender, a identidade virtual é construída através de experimentações idiossincráticas, inicialmente cautelosas, pela necessidade de apreensão do novo processo virtual (*chats, blogs, sites*), mas rapidamente as experiências se tornam mais criativas e ousadas. Ousadia parece ser a palavra mais adequada para expressar o que é construído na rede virtual; simultaneamente aos recursos ampliados pelo modo *on-line* para a infidelidade, surgem os sites que “vendem” desculpas e justificativas para se dar ao cônjuge quando necessário – nome do site: *Álibi*. Na Alemanha⁴⁵ criaram um site para eliminar as dificuldades em “despedir-se de amores acabados”; pode-se escolher terminar por telefone, carta ou visita, com cobrança feita em euros. Realmente, inovações no mínimo ousadas.

Assim como os adolescentes, que criavam avatares distantes no *The Sims* e se distanciavam bem pouco da sua própria realidade; também como as crianças pequenas, que formam histórias e desenham sobre “outras gentes” (na linguagem dos pequenos); parece que mesmo adentrando o espaço virtual, uma outra forma de realidade, pouco nos distanciamos de nós mesmos. Passamos a mostrar nossa identidade conquistada ou que almejamos conquistar. Na verdade, “ainda somos os mesmos”⁴⁶, apesar das diferentes denominações que possamos ter.

⁴⁵ <<http://www.trennungsagentur.com>>.

⁴⁶ Refrão da música “Como nossos pais”, de Belchior, 1976.

Ao longo desse processo parecemos utilizar as máscaras de Goffman: simulando nosso melhor ângulo, favorecido pela luz, de acordo com Baudrillard; rascunhando até que finalmente encontremos as letras que melhor nos vistam, segundo Nicolaci-da-Costa; e, finalmente, experimentando todas as nossas tonalidades em diferentes papéis, como nos permite Turkle.

Só assim conseguiremos nos reconhecer e identificar com a imagem construída na tela, que assim permanecerá, sem ser deletada.

3.2 Relações Amorosas e Comunicações Mediadas pelo Computador

Ao pensarmos no estabelecimento das relações amorosas como tradicionalmente conhecidas, em termos gerais teremos como primeira impressão algo relacionado a uma atração baseado nos atributos físicos do outro, às vezes bastante sutis, como o olhar, a voz ou o perfume da pessoa que nos atrai.

Na continuidade do processo face a face são encontradas afinidades e explicitados valores, costumes e crenças, desenvolvendo-se assim uma compreensão empática do outro. A relação progride rumo a uma intimidade emocional e/ou sexual.

Em um primeiro momento, nos primórdios da internet os recursos de voz e imagem não eram utilizados. Somente na década de 90 imagem e som puderam ser integrados aos contatos *on-line*, embora os relacionamentos amorosos e sexuais já viessem acontecendo desde os primeiros *websites* de encontros e namoros.

As relações mediadas por computador baseavam-se essencialmente no que era dito/escrito pelo outro, tanto na descrição física como na compreensão das afinidades e valores.

Nicolaci-da Costa (1998, p. 206) assim descreve esse ambiente:

Os chamados relacionamentos virtuais, em que as pessoas se conhecem em canais de bate-papo sem saber que aparência tem, ficam amigas sem jamais terem se visto ou ouvido, namoram e amam sem jamais terem se tocado ou trocado um beijo... O que conta é o que essas pessoas escrevem, pois são relacionamentos via teclado.

A atração consistia no que era construído pelos dois, no espaço virtual, por meio das palavras, ícones e significados que, partilhados, favoreciam a familiaridade, a proximidade e

a intimidade recíprocas. A frase da época – Vamos teclar? – significava muito mais do que só digitar palavras e frases...

Atualmente a CMC permite a transmissão de voz, imagens, textos e vídeos, o que aproxima ainda mais as pessoas que interagem no modo *on-line*.

Cooper & Sportolari (1997), descrevem como se desenvolve o enamoramento *on-line*, em comparação com o que ocorre no namoro face a face. Para eles, a estrutura e o processo *on-line* facilitam as conexões interpessoais positivas, incluindo o desenvolvimento saudável das relações amorosas. A CMC reduz o papel que os atributos físicos desempenham no processo de atração e favorece fatores como proximidade, relacionamento, similaridade e autorrevelação mútua, promovendo conexões eróticas que resultam em intimidade emocional, que muitas vezes pode migrar para a vida real.

Os autores partem das etapas do desenvolvimento amoroso descritas por Brehm (1992) para compreender a atração *on-line* e levantam aspectos como: atratividade física, proximidade, autodivulgação, espaço interpessoal e intimidade, e conexão erótica. Vamos detalhá-las:

- *Atratividade física* – em culturas que enfatizam a aparência física a internet fornece formas para propiciar esta demanda; as câmeras de vídeo (webcams), quando não sentidas como perda de privacidade, tentam prover esta interação, mas não conseguem substituir o efeito face a face.

A apresentação dos internautas, na qual nos deteremos mais adiante, é feita de acordo com o desejo ou necessidade que as pessoas têm de se expor, permanecendo porém dentro do controlável, pois só é dito o que se gostaria de dizer, ao passo que nas interações face a face os julgamentos são imediatos e baseados nos atributos físicos e projeções. O relacionamento *on-line* favorece a aproximação e o envolvimento de pessoas mais tímidas e inseguras, como as que possuem excesso de peso ou que passaram por traumas decorrentes de vivências de abuso ou violência; contudo, ao mesmo tempo em que as protege pelo anonimato, também as expõe a novos contatos dolorosos, pela proteção estendida também ao outro.

- *Proximidade/ Rapport* – a proximidade, mesmo que espacial, cria uma sensação de familiaridade. O contato com o outro pode ser feito no conforto da própria casa, sem ter que vestir-se ou preocupar-se aonde ir. A criação de uma “paralinguagem”, com símbolos ou *emoticons*, torna o texto mais emotivo e brincalhão e favorece a aproximação.
- *Autodivulgação* – os autores acreditam que quanto maior a divulgação ou exposição mútua das próprias características, maior o desenvolvimento de intimidade entre duas pessoas, inclusive há a preferência pelas pessoas

que promovam uma maior exposição de informações íntimas do que aquela mais reservada.

Não podemos esquecer que a autodivulgação pode ser característica da sociedade em que esta pesquisa está inserida. Talvez seja este um tema a ser pesquisado em outros países e culturas.

Cooper & Sportolari (1997) acreditam também que as revelações são favorecidas pela mediação do computador, pois alguns assuntos não seriam facilmente tratados face a face; ademais, algumas habilidades só aparecem através das atividades *on-line*.

- *Espaço interpessoal e intimidade* – o espaço pessoal é preservado e existe uma esfera de interação criativa e íntima entre os dois, uma conexão. É mais fácil se envolver pois acredita-se que haja maior controle do espaço íntimo preservado, bastando desconectar-se. A intimidade é conquistada através do que é partilhado com emoção e o sentimento de aceitação e compreensão cria um elo de profundidade.

- *Conexão erótica* – os autores citam Levine (1992) para afirmar que toda intimidade psicológica tem o poder de provocar uma erotização com a pessoa partilhada, um desejo de se expressar fisicamente, uma conexão íntima. Os internautas minimizam a atração física pela conexão psíquica que é considerada mais íntima, sutil e poderosa como motivadora de nossa expressão sexual. Outros dois aspectos importantes que mantêm o interesse sexual entre casais são a autonomia e a comunicação, também encontrados na CMC, pois cada parceiro sente-se autônomo dentro do relacionamento e a comunicação mantém a conexão erótica elevada, através da explicitação de desejos e expressão das emoções.

Efetivamente, observa-se a transposição da atratividade física para outros recursos expressivos presentes na comunicação *on-line*. Inicialmente há o conhecimento das características escolhidas pelos parceiros, e assim o investimento na sedução. A intimidade se dá pelas constantes aproximações e pela criação de um espaço relacional virtual, o espaço da relação que poderíamos relacionar ao “absoluto do casal” (CAILLÉ, 1994), presente nas relações face a face, que ganha em cumplicidade e conseqüentemente transforma-se em eroticidade.

As facilidades descritas na manutenção das individualidades no espaço interpessoal são favorecidas pela privacidade e realmente contam favoravelmente para a manutenção de uma relação amorosa, assim como a expressão dos desejos e emoções que são privilegiadas na escrita, e também pela não interrupção do que se deseja dizer.

No entanto, a autodivulgação ou a autoexposição parece-nos ainda não tão consistente como facilitadora nos contatos *on-line*. A exposição demasiada, que os autores acreditam ser a mais indicada, poderia promover uma evolução da intimidade emocional,

que muitas vezes não consegue ser sustentada pelas bases ainda não sedimentadas, tais como a confiança e o respeito ao outro.

Em estudos mais recentes (UNDERWOOD; FINDLAY, 2004), a troca de fotografias, de vídeos e a utilização de *webcam* parecem indicar que a atratividade ocupa um papel importante na CMC, diferentemente do sugerido por Bargh *et al.* (2002).

Nas pesquisas de Madden & Lenhart (2006), 31% dos americanos adultos dizem conhecer alguém que usa sites de namoro; 26% afirmam que já conheceram alguém nesses sites, e 15% dos americanos adultos – cerca de 30 milhões – tiveram um relacionamento de longo prazo ou casaram-se com alguém que conheceram *on-line*.

Para essas autoras, a preocupação dos usuários em relação aos sites de namoro *on-line* centra-se na questão da segurança: 66% consideram perigoso colocar informações pessoais na rede, e os que demonstram mais cautela são as mulheres, os usuários mais velhos e os de menor renda e educação. Outro fator de insegurança para 57% dos participantes dos sites é a consciência de que uma grande quantidade de pessoas faz uso de mentiras, principalmente sobre o estado civil.

Podemos constatar por esses estudos que as relações obtiveram ganhos na interação *on-line* dados os números de relacionamentos descritos, mas tornam-se necessárias mais pesquisas sobre o processo de autorrevelação na internet.

Oliveira (2011, p. 141) realizou uma pesquisa destacando os aspectos relacionados à presença das mulheres nos sites de relacionamento amoroso, destacando que estes locais “agregam pessoas com interesses comuns”.

Gostaríamos de salientar, por meio das palavras de Nicolaci-da-Costa (2005, p. 77), o retrato dos contornos desta nova configuração psíquica, que:

[...] apontava novas possibilidades para relacionamentos antigos (possibilidades essas que incrementavam a proximidade psicológica em relacionamentos geograficamente distantes); mostrava como os chats estavam subvertendo a forma de se travar contato com pessoas (conhecia-se o que diziam ser antes de conhecer-se características físicas); revelava que a escrita dos bate-papos e de outras formas de programas interativos estava se tornando uma nova e importante fonte de autoconhecimento e de auto-ajuda; e deixava claro o quanto podiam ser íntimos e duradouros os relacionamentos virtuais que subvertiam os procedimentos tradicionais de construção da intimidade e de possíveis parcerias de vida.

3.3 Os sites de infidelidade

Como já comentado no início deste trabalho, em 2011 três sites de infidelidade chegaram ao Brasil com o objetivo de possibilitar envolvimento com discrição para pessoas casadas. Em maio veio o *Second Love*, com o *slogan*: “A vida é curta, tenha um Second Love!”. Em seguida chegou o *Ohhtel*, com a proposta de ser uma maneira discreta de se ter um caso; seu *slogan* era: “Nós somos uma opção ao divórcio. Queremos que as pessoas mantenham seus casamentos”. Em agosto foi a vez do site *Ashley Madison*, com o *slogan*: “A vida é curta...curta um caso”.

Em maio de 2012 fundiram-se *Ohhtel* e *Ashley Madison* sob o nome deste último, e no final desse mesmo ano o site atingiu a meta de um (1) milhão de brasileiros inscritos.

As justificativas de um dos sites criados para a busca de um envolvimento amoroso fora do casamento é assim descrita:

Um estudo recente realizado pelo Second Love revela que 82% dos seus membros consideram um "flerte" um estimulante à sua criatividade. A maior motivação para trair: experimentar as fantasias (secretas). O primeiro encontro ocorre frequentemente num restaurante, seguido por um hotel. O estudo também mostra que "um affair" se tornou mais aceitável e que os homens estão mais abertos a isso do que o seu parceiro. Cada vez mais e mais casais (casados) decidem, por diversas razões, dar um novo estimulante (faísca) para os seus relacionamentos existentes, tendo um caso. Necessita de um flerte secreto no Second Love? Comece então a sua aventura começando por se cadastrar gratuitamente.⁴⁷

Em julho de 2013 o *Ashley Madison* foi lançado em Portugal, e de acordo com o jornal Público.Pt⁴⁸, de Lisboa, conta atualmente com 20 milhões de usuários em 29 países, com um faturamento de 100 milhões de dólares no ano de 2012.

Em 2002, os dois jornais lusitanos entrevistaram o canadense Noel Biderman, criador do site *Ashley Madison*. Algumas questões abordadas merecem ser reportadas aqui, segundo as palavras de seu criador:

- O que potencializa a infidelidade: “A crise. Muitos casos de traição acontecem por motivos econômicos”.
- Os dias de maior procura nos sites: “As segundas-feiras são o dia em que temos mais acessos. Tal como nos dias seguintes ao Dia do Pai, Dia da Mãe e Dia de S. Valentim”.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.secondlove.com.br>>.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.publico.pt>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

- O perfil dos usuários: “Temos duas tendências. Percebemos que os homens tem o seu primeiro caso na casa dos 30 anos, quando as mulheres engravidam do primeiro filho com bebês pequenos. Depois, e este tem maior representatividade, são os homens na casa do 40 e 50 anos. É a crise da meia idade. Nas mulheres é mais complicado. Não é tanto a idade. As mulheres casadas procuram um affair aos 34, 35 anos com 7 a 10 anos de casamento. É sentirem-se negligenciadas numa relação onde antes recebiam flores e o marido lhe dizia que eram bonitas. Procuram alguma coisa fora quando sentem que já não há paixão no casamento. No entanto começa a surgir um novo movimento: mulheres casadas procuram homens solteiros, mais novos e com certo físico, em vez de outros homens casados. As mulheres casadas querem atenção e os homens casados não tem tempo para isso”.
- A proporção entre homens e mulheres: “Dos 20 milhões de utilizadores que o site tem em todo mundo, apenas 30% são mulheres. Os outros 70% são homens a caça, que pagam 49 euros por cada pacote de 100 créditos que lhes permite abrir linhas de comunicação com 20 mulheres diferentes”.
- As mudanças no limite de idade: “Recebemos um e-mail de um senhor que se queixava que as mulheres não conseguiam encontrar o seu perfil. Tinha 72 anos e, na altura, só permitíamos pesquisa até 65 anos. Nunca tinha pensado na geração Viagra”.
- E sobre o título de Rei da Infidelidade: “Sabemos muito pouco sobre a infidelidade e, se eu sou uma das poucas vozes por aí a tentar mostrar o quão comum é, penso que isso é útil para a sociedade”.

Pelas palavras do criador do site e pela procura (em números) dos usuários, talvez tenhamos que concordar com Mileham ([2004]2007) quando declara que a infidelidade *online* pode se tornar a forma mais comum de infidelidade. No entanto, a distância existente entre o que propõem os sites de infidelidade e com o que se comprometem deve ser melhor avaliada.

Toda publicidade e celeuma criados em torno do site só conduzem a uma maior preocupação nas pesquisas: segundo a *Association of Internet Researchers*⁴⁹ (AoIR, 2012), quanto maior a publicidade em torno do local (site), menor a obrigação de proteção à privacidade individual, de confidencialidade e de direito ao consentimento informado nas

⁴⁹ AoIR – presente relatório de autoria de Markham, 2012. Disponível em: <<http://aoir.org/>>.

investigações. Em vista disso, os indivíduos estão muito mais expostos nos sites de grande repercussão.

Na *Veja SP*⁵⁰ temos dados mais recentes sobre o número de usuários do site *Ashley Madison* na cidade de São Paulo, que é a cidade com o maior número de usuários: 123.000 contra 75.000 do Rio de Janeiro, a segunda colocada.

Em seus *slogans*, os sites se propõem a representar um escape para a rotina, um “up” na vida, e a promover o envolvimento entre pessoas casadas. Prometem segurança, sigilo e discrição aos usuários para que mantenham seus casamentos, ao mesmo tempo em que proporcionam a experimentação de fantasias que reverteriam em criatividade ao casal.

Para estabelecer o que seria essa proteção oferecida pela internet, utilizaremos os “quatro níveis de privacidade” que Elm (2009, *apud* FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 21) define como público e privado:

- ambiente público (aberto e disponível a todos);
- semipúblico (requer cadastro ou participação);
- semiprivado (requer convite ou aceitação), e
- privado (requer autorização direta).

Tais critérios de público e privado inicialmente caracterizavam o que seria passível de publicação e divulgação dos resultados de pesquisas. Atualmente, as fronteiras do público e privado são consideradas ambíguas e não mais um sistema binário, ou seja, confundem-se (MARKHAM; BUCHANAN, 2012). A seguir veremos como se processam, na prática, essas regras.

O site nacional *Pulando Cerca* permite a observação de seus usuários sem a necessidade de preenchimento de cadastro, mas não é possível entrar em contato com eles. Caracteriza-se, portanto, como um ambiente público ao ser acessado, possibilitando a visualização dos perfis de seus participantes. O acesso aos usuários só é permitido após cadastro. Não sabemos se o site autoriza que sejam feitas entrevistas com seus membros.

Nos sites internacionais exige-se o preenchimento de um cadastro com características pessoais, e-mail e detalhamento do que se pretende buscar, com

⁵⁰ *VEJA SP*, em 24 abr. 2013, p. 49-56.

preferências, encontros e fantasias. Tais sites têm uma característica: são pagos somente pelos homens, que é uma forma de atrair um número maior de mulheres.

Para garantia da privacidade de seus membros é necessária a criação de um codinome, e os sites alertam para a não divulgação de dados reais. Em seus contratos de privacidade esclarecem que algumas informações são facilmente acessáveis pelos demais membros, mas que estarão protegidas por pseudônimos; ainda salientam que informações pessoais são rastreadas como padrões de análise pelo site ou por parceiros terceirizados, inclusive com o uso de *cookies*⁵¹, que são pequenos arquivos que os sites colocam no computador do usuário logo no primeiro acesso. Os *cookies* servem para informar o site cada vez que o usuário o acessar novamente, e – com base no que consideram de interesse – lhe oferecerem os mais variados produtos.

Após preenchimento do cadastro e pagamento da taxa (pelos homens), pode-se escolher a forma de aparecer: pública, invisível, *off-line*, com fotos de rosto, corpo ou parte deles, e ainda com a possibilidade de fotos explícitas em uma área restrita, que só poderá ser acessada se o usuário conceder a respectiva chave.

Como não nos foi permitido acesso aos usuários para envio da entrevista, apoiá-los-emos nos depoimentos publicados na internet, em blogs, nos usuários e nos jornalistas da Folha de São Paulo⁵² para entendermos como funcionam os contatos nos sites.

Na primeira matéria, “É no bate-papo que a coisa pega fogo”, uma jornalista inscreveu-se no *Ashley Madison*, escolheu um pseudônimo e descreveu seus interesses, escolhendo homens em um raio de 50 km. Selecionou um deles e decidiu enviar uma mensagem, um presente virtual ou uma piscadinha. Constatou que, em 24 horas, recebeu duas mensagens, um presente, três piscadinhas, uma chave de acesso a fotos privadas e foi adicionada a uma lista de favoritos. Confirmou que realmente é tudo muito rápido, pois com acesso e mais 20 minutos de conversa, pode-se marcar um encontro. No bate-papo reservado, conversou com dois homens casados que diziam: “Nossa relação esfriou” e “Carinho anda em falta por aqui, sexo então...”. Faltam-nos dados sobre a colocação de foto e sobre as escolhas feitas pela jornalista; ademais, ficamos sem saber se foi colocada alguma escrita espontânea, além do roteiro sugerido pelo site.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.microsoft.com/pt-br/security/resources/cookie-what-is.aspx>>.

⁵² Disponível em: <<http://tools.folha.com.br>>. Acesso em: 29 set. 2011.

A segunda matéria feita pelo jornalista homem seguiu outro tema: “Dinheiro em sites de traição é vendaval”. Ao se inscrever no *Ohhtel*, já sentiu dificuldades em criar uma frase de apresentação inicial. Relatou que em algumas horas recebeu duas mensagens, aparentemente de garotas de programa; tentou outras abordagens e conversou com uma mulher que coincidentemente encontrava-se no mesmo bairro; migraram então para o MSN. Ela tinha 29 anos, namorava há oito anos e, em relação ao namoro, declarou: “Bem, deve imaginar, rs.” Ele pagou R\$ 60,00 por mil créditos, que acabaram muito rápido após 20 contatos.

Na terceira matéria da mesma edição da Folha de São Paulo, a manchete indicava que “site para pular cerca tem prostituição e falha de segurança”. Ao testar o site, a Folha descobriu garotas de programa, homens se passando por mulheres para não pagar e uma grave falha de segurança em um dos sites.

Todos os sites afirmam que o sistema de verificação de fotos impede que homens passem por mulheres, e que contam com monitoramento de atividades suspeitas, tais como perfil de prostituição. Se forem constatadas atividades proibidas no site, o perfil é removido e seu endereço de “IP”⁵³ bloqueado. “IP”, *Internet Protocol*, funciona como endereços que identificam cada micro conectado à rede, bastando portanto que o site impeça a conexão.

A falha grave de segurança a que a Folha se referia, no entanto, relacionava-se a um problema no sistema de um dos sites que permitia acesso a todas as fotos privadas dos usuários. O analista de sistemas que detectou a falha tentou avisar o site no dia 18 de agosto, mas não obteve resposta. Somente após a publicação da reportagem, em 29/09/11, e depois de a Folha ter relatado a falha ao site, o problema foi solucionado.

A relevância deste fato é que os sites se comprometem com a preservação da privacidade de seus usuários, mas não o fazem de forma tão cuidadosa; na pesquisa realizada para este trabalho, pudemos perceber que o perfil com foto poderia até ser impresso, descuido que significa que as fotos de rosto permitem facilmente que as pessoas sejam identificadas; ou seja, o anonimato cai por terra...

Nesse sentido, fizemos pesquisa no Google com o intuito de saber se este era um fato conhecido. No site Reclame Aqui⁵⁴, uma mulher que nunca havia acessado o *Ashley*

⁵³ Disponível em: <<http://www.hardware.com.br/termos/endereco-ip-1>>.

⁵⁴ <www.reclameaqui.com.br>.

Madison solicitava que sua foto fosse dele retirada. Embora já tivesse feito uma reclamação direta ao site, nada havia sido feito.

Outras reclamações associadas a esse site tratavam de: não conseguir excluir a conta, não conseguir apagar o perfil, cobrança para o site apagar o perfil, denúncias sobre cobranças abusivas, entre outras. Nestes casos, a autonomia dos usuários em deixar de participar do site é dificultada; enquanto isso, seus dados e fotos permanecem ativos no site.

Um detalhe que merece destaque: as reclamações (Reclame Aqui) são feitas sem que os nomes sejam expostos ou as pessoas identificadas. Contudo, quando o *Ashley Madison* responde às reclamações, o faz nomeando seus usuários insatisfeitos – uma outra falha grave na preservação do anonimato.

Uma usuária do site *Ashley Madison*, em entrevista à Folha de São Paulo na mesma data, diz que namora há três anos mas não acredita que todos sejam fiéis. Após descobrir a traição do namorado, resolveu traí-lo também, por “vingancinha”. Percebe-se, assim, que os sites de infidelidade são facilitadores: “Quem está lá tem o mesmo motivo que você”.

Na mesma reportagem, um usuário diz que namora há um ano e meio e que usa os sites há um mês. Considera que sua namorada estranharia um encontro a três; ele a respeita, mas quer conhecer outras pessoas. Diz procurar encontrar-se somente com pessoas próximas à sua cidade, para não ter que viajar e ficar arranjando desculpas.

No blog *Papo de Homem* encontramos algumas definições sobre quem são os participantes desses sites. O autor afirma que:

É uma rede de relacionamento cujos usuários tem um único objetivo: trair. São homens e mulheres de todos os cantos do País buscando desde mero sexo virtual até casos duradouros. [...] Todas as mulheres com quem falei repetem o discurso: Meu casamento é feliz. [...] Um levantamento interno aponta que 36% quer vingança. O marido é bom numa visão geral, mas deu uma escapadinha infeliz, foi pego e, se já não se tornou um puta de um corno, logo se tornará. Olho por olho, foda por foda.

Os relatos dos usuários de sites de infidelidade parecem indicar várias motivações para a frequência nos mesmos – nem só sexo, nem só vingança, nem unicamente novas experiências ou fantasias. Parecem procurar o que lhes falta, ou o que não encontraram em outros lugares. Este será o nosso percurso de investigação: quais seriam as interações, e qual a busca empreendida pelos autores das identidades presentes nos sites de infidelidade.

4 TRAJETÓRIAS DE UMA PESQUISA *ON-LINE*

Na psicoterapia individual sempre estiveram presentes relatos sobre a busca por parceiros em sites de procura e relacionamento. A necessidade de encontrar a “alma gêmea” ou o “par perfeito”, símbolos do amor romântico, pouco mudou com o passar dos tempos.

A expectativa de relacionamentos idealizados, nos quais a construção da conjugalidade seja imediata e livre de conflitos, parece ser uma das bases da insatisfação amorosa. No entanto, é a escolha pelo desafio de superar as dificuldades relacionais e intergeracionais que fortalece o relacionamento e abre espaço para a conjugalidade satisfatória, não necessariamente com direito a castelos encantados.

Podemos notar que a não superação das dificuldades somente amplia as insatisfações; em consequência, surgem buscas paliativas para a convivência mútua. Estas buscas podem ser inúmeras, desde a dedicação extrema ao trabalho até mesmo ao envolvimento com outros parceiros virtuais.

Nosso projeto de tese inicial buscava, por meio do questionário, levantar aspectos sobre a fase do ciclo vital em que o participante se encontrava, aspectos intergeracionais e significados presentes na infidelidade para aqueles que se inscrevem nos sites de infidelidade. Mas tivemos que percorrer outros caminhos.

Em 2011, como dito anteriormente, os sites de infidelidade chegaram ao Brasil com o objetivo de possibilitar envolvimento com discrição para pessoas casadas. Esses sites causaram certo alvoroço na mídia brasileira, como ocorreu também com a repercussão verificada nos jornais de Portugal, quando da instalação desses sites em terras lusitanas.

No mesmo período começaram a surgir, na clínica, relatos de pacientes solteiros e casados como participantes desses sites. Tais relatos incorporavam diferentes motivos e expectativas. Vimo-nos então frente ao desafio de compreender esse fenômeno: o que buscam os participantes nos sites de infidelidade?

Da clínica para a pesquisa, cabe-nos traçar uma trajetória, pois novos elementos produzem novos desafios, entre eles: a internet como objeto, local e instrumento⁵⁵; os sites

⁵⁵ FRAGOSO *et al.* (2012).

de infidelidade; a metodologia adequada; o duelo interno entre os dilemas clínicos e os limites da pesquisadora; a experiência no Colégio Doutoral⁵⁶; e, finalmente, o especialista em Direito Digital⁵⁷. O presente capítulo propõe-se a delinear a superação dos desafios encontrados.

Partimos da legislação existente no Brasil para pesquisas *on-line*, e descobrimos que não existem leis específicas para a internet em nosso país. Atualmente busca-se aprovar o Marco Civil da Internet, projeto que foi encaminhado ao Congresso em 2011, mas que se tornou relevante somente após a revelação da espionagem feita pelos EUA no Brasil. A pesquisa *on-line*, no entanto, nem será citada pelo Marco Civil.

Os autores brasileiros pioneiros em pesquisas sobre internet são Nicolaci-da-Costa (1998, 2002, 2005, 2006, 2009); Farah (2004); Romão Dias & Nicolaci-da-Costa (2005); Fortim (2007); Fragoso *et al.* (2012), entre outros, cujas obras embasarão teoricamente este trabalho.

Diversos questionamentos surgiram em relação a este projeto que foram fundamentais para a iniciativa da criação de um pré-projeto, no qual pudéssemos avaliar as questões éticas e metodológicas na pesquisa *on-line* e nos sites de infidelidade.

A pesquisa *on-line* pode dividir-se, segundo Fragoso *et al.* (2012, p. 17), em: “a internet como *objeto* de pesquisa (aquilo que se estuda), como *local* de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, *instrumento* de pesquisa (ferramenta para coleta de dados sobre um assunto ou tema)”. Em vista disso, a pesquisa nos sites de infidelidade utilizará a internet como local, onde as vias estão disponíveis – os sites; e como instrumento para a coleta do perfil dos usuários. A internet será usada como recurso para compreendermos as implicações deste facilitador na infidelidade conjugal.

Quando pensamos em infidelidade virtual, sabemos que o risco de ser descoberto é muito significativo, podendo implicar em crises conjugais e pessoais, rompimentos e angústias com os quais nós, enquanto pesquisadores, temos que nos preocupar mesmo sabendo que as postagens são feitas em sites que muitas vezes não protegem seus participantes.

⁵⁶ XXXIV Congresso Interamericano de Psicologia, Brasília, 16 jul. 2013.

⁵⁷ Dr. Victor Auilo Haikal, do escritório Patricia Peck Pinheiro Advogados, especialistas em Direito Digital.

Ao nos referirmos aos quatro níveis de privacidade de Elm (2009) – público, semipúblico, semiprivado e privado – percebemos que as fronteiras entre o que é público ou privado tendem a se desvanecer.

Com muitas dúvidas e poucas respostas, resolvemos enfrentar o desafio de uma pesquisa *on-line* por meio de experimentação, buscando conhecer suas entranhas – nas quais se escondem os limites do público e privado – e exercitando possibilidades para preservação do anonimato, confidencialidade e autonomia dos internautas. Deste enfrentamento surgiu o escopo do pré-projeto.

No que se refere às questões qualitativas e quantitativas, foi de grande importância a disciplina cursada com a Profa. Edna Peters Kahhale, que contribuiu para o enlace destas questões e proporcionou uma nova perspectiva com a tecnologia SPHINX⁵⁸. Esta análise foi empregada na obtenção de alguns dados deste trabalho, e tencionamos utilizá-la em artigos futuros.

Para o pré-projeto (ANEXO 1), decidimos buscar um site de infidelidade de ambiente e privacidade públicos. Encontramos um site nacional que permitia a visualização do perfil dos participantes, sem necessidade de registro da pesquisadora. Ali foram coletados 72 perfis, sendo 36 de homens e 36 de mulheres. Todo perfil possuía um codinome e, além dos dados de características físicas, incluía duas questões a serem completadas: “Gosto de” e “Recados”.

Nossa atenção recaiu sobre o item Recados, espaço onde os participantes expressavam espontaneamente o que desejavam ou esperavam encontrar no site. Com a definição sobre o tipo de pesquisa a ser realizada, buscávamos conseguir avaliar os dados quantitativos presentes na amostra e analisar as expressões espontâneas qualitativamente; portanto, como dito acima, consideramos a pesquisa qualiquantitativa como a mais apropriada.

De acordo com Eysenbach & Till (2001), a pesquisa *on-line* desafia os princípios da pesquisa tradicional. Novas formas de atuação devem ser criadas, levando-se em consideração princípios norteadores que assegurem e preservem a proteção à dignidade humana frente às novas tecnologias. Critérios como privacidade, anonimato, confidencialidade e autonomia devem ser garantidos aos participantes pelo pesquisador.

⁵⁸ <<http://www.sphinxbrasil.com>>.

Tendo tais critérios como alicerce, deparamo-nos com a seguinte questão: “Como utilizar as frases dos participantes sem ferir tais princípios?” Optamos por selecionar uma frase de uma participante, coletada no site, colocando-a no Google para avaliar a questão da privacidade. O nome da participante e o seu codinome foram imediatamente associados ao site de infidelidade, o que nos fez perceber a vulnerabilidade da identidade virtual dos participantes e a falta de anonimato a que estavam expostos, embora soubéssemos que se tratava de um site aberto e público.

A metodologia teria, portanto, que operacionalizar a questão ética, já que o nosso objetivo para a tese seria um site internacional, mais cuidadoso na aparência, e que possibilitasse um número maior de participantes, com repercussão mais significativa na mídia.

Para trabalhar qualitativamente com as expressões deixadas em Recados no site nacional, optamos pelo Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003), com utilização do Programa Qualiquantisoft⁵⁹.

O 17º curso teórico-prático de introdução ao Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), ministrado em 29 e 30/09/2012 pelos Profs. Ana Maria e Fernando Lefèvre, no Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo⁶⁰, foi fundamental para a compreensão e treinamento desta metodologia e do Software Qualiquantisoft.

O DSC tem como objetivo metodológico a reconstrução do pensamento de uma coletividade, explicitando-se o conteúdo manifesto no texto. Esta metodologia permite que os participantes se reconheçam na coletividade, embora dilua as identidades (virtuais) para preservar a privacidade dos sujeitos estudados. Cada participante pode ter mais de uma ideia central, sendo que estas ideias são agrupadas em categorias.

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma representação social de categorias elegidas, que promove a anulação das diferenças entre as individualidades e as resgata no coletivo, enlaçando-as e construindo um discurso em primeira pessoa – neste caso, podendo ser expresso como feminino ou masculino.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.ipdsc.com.br/scp/qualiquantisoft.php>>.

⁶⁰ Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo. Disponível em: <www.ipdsc.com.br>.

O pré-projeto foi realizado em 2012, constatando-se que as diferenças quantitativas observadas entre homens e mulheres não foram significativas; em vista disso, resolvemos expressar alguns discursos na primeira pessoa masculina, e outros na feminina.

Por conseguinte, a metodologia revelou-se adequada, operacionalizando a questão ética e construindo uma representação social de cada categoria elegida de forma satisfatória.

O pré-projeto foi apresentado no Encontro Internacional de Terapia Familiar “Redes Sociais e seus impactos nas relações familiares”, no Rio de Janeiro, em 24/05/2013, e também no XXXIV Congresso Interamericano de Psicologia em Brasília, em 16/07/2013.

Essas apresentações objetivaram avaliar o conhecimento dos participantes sobre o tema infidelidade virtual e também em relação às questões associadas a privacidade, confidencialidade, anonimato e autonomia nas redes sociais.

Não foi surpresa perceber que, enquanto a infidelidade virtual é bastante conhecida, os sites de infidelidade são pouco difundidos. Muitos presentes lembravam-se do estardalhaço que esses sites provocaram nas mídias ao chegarem ao Brasil. As questões fundamentais, mencionadas acima, eram totalmente desconhecidas para a maior parte dos ouvintes, apesar de todos estarem munidos de celulares...

Definida a metodologia adequada para a realização do projeto de tese, que garantiria assegurar, preservar e proteger a dignidade humana dos participantes na internet (EYSENBACH; TILL, 2001), o passo seguinte seria o contato inicial com o provedor do site e a inscrição da pesquisadora para fins de coleta de dados nos sites.

Esta se revelou como a etapa mais difícil, pois os sites não respondiam aos e-mails da pesquisadora. Como a inscrição precisa ser aceita pelo provedor, pensamos em uma inscrição que apresentasse a pesquisa e a pesquisadora e, se aceita (há um e-mail de aceitação do provedor), a pesquisa poderia ser iniciada visto já ter sido aprovada pelo Comitê de Ética.

A inscrição foi efetuada em um dos sites, que possuía espaço para digitação, com a apresentação da pesquisa, da pesquisadora e a explicação dos procedimentos que seriam realizados, que inicialmente incluíam um questionário e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido endereçado aos participantes.

Prontamente, o provedor do site bloqueou a inscrição da pesquisadora e enviou um e-mail proibindo o seu acesso aos participantes do site. Mesmo após explicações da pesquisadora, foi alegado que entrariam em contato quando voltassem de férias, em janeiro de 2013, o que nunca aconteceu.

O segundo site não havia respondido aos e-mails, mas dispunha de um número telefônico no país de origem. Foi feita uma chamada internacional e um pedido verbal para a realização da pesquisa, que foi aceita desde que não houvesse contato com os usuários. A ideia inicial, que nos permitiria uma análise mais ampla das estruturas conjugais, teve que ser abolida. Meses depois recebemos um e-mail com a aceitação da pesquisa pelo site, com a mesma ressalva para não efetuarmos contato com os participantes do site.

Por conseguinte, as alterações realizadas no projeto inicial foram a exclusão das entrevistas e do TCLE, e optamos por utilizar o perfil exposto no site. Mantivemos o caráter de pesquisa qualiquantitativa, com a metodologia do DSC. Reencaminhamos a emenda ao Comitê de Ética e não mais teríamos que aguardar a aprovação, pois agora não haveria mais entrevistas com os sujeitos; antes considerados participantes da pesquisa, agora passariam a usuários dos sites.

Assim sendo, foram desenvolvidas as seguintes etapas:

- a) Inscrição do(a) pesquisador(a) no site: tomamos a precaução de manter o perfil oculto, invisível para outros usuários, evitando assim o recebimento de mensagens;
- b) Leitura do Contrato de Privacidade do Site, incluindo declaração de que as informações dos participantes seriam usadas para pesquisas e para envio de propaganda dirigida. Todos os informes estariam associados à identidade criada pelo usuário, com o uso de seu codinome;
- c) Recebimento do e-mail do provedor, com boas-vindas ao(a) pesquisador(a). (finalmente!!);
- d) Coleta de dados realizada em nove dias, com 314 mulheres e 317 homens.

Somente foram coletados participantes do estado de São Paulo, pois, de acordo com dados do Censo de 2011, ali se concentra a maior quantidade de usuários de internet.

Dentre os perfis coletados foram selecionados, para a análise quali-quantitativa, somente os que continham frases espontâneas, resultando em 200 mulheres e 150 homens.

O perfil de cada usuário foi copiado em papel, evitando assim o seu armazenamento no computador da pesquisadora, a fim de impedir possíveis problemas de vazamento de informações e também para garantir que o material fosse incinerado ao final do estudo.

Essa preocupação surgiu quando a pesquisadora se deparou com fotos de rosto de homens e mulheres na maior parte dos perfis. Sua reação foi estancar perante o impacto que essas fotos poderiam causar nos casais e respectivas famílias, além das implicações futuras sobre a falta de privacidade, a ausência do anonimato e a confidencialidade quebrada, que – embora garantida pela propaganda: “discreto e sigiloso” – restringia a autonomia, visto que algumas redes sociais não permitem a retirada de material, seja ideias ou fotos; portanto, como garantem os *experts* em TI, uma vez “postada”, nunca mais “apagada”.

O impasse sobre a questão ética dos sites foi levado ao 1º. Colégio Doutoral em Brasília, no XXXIV Congresso Interamericano de Psicologia realizado em 16/07/2013, em espaço dedicado à discussão das questões éticas e metodológicas de projetos de doutoramento. O Prof. Dr. Rolando Diaz-Loving⁶¹ e a Prof.^a Dr.^a Gláucia Ribeiro Starling Diniz⁶² participaram da discussão e contribuíram com um novo olhar sobre as questões levantadas e propostas.

Os professores sugeriram que o nome do site não fosse citado no trabalho, para evitar a quebra de anonimato dos participantes. A mesma orientação está presente nas normas da AoIR – *Association of Internet Researchers* (2012), sob os termos: “não indicar o site para não expor os participantes, nem causar danos à imagem dos sites”.

A AoIR (2002), em suas recomendações anteriores, sugeria que quanto maior a publicidade em torno do local (site) na *web*, menor a obrigação de proteção à privacidade individual, confidencialidade ou necessidade de consentimento informado dos participantes, o que parece encaixar-se nos sites de infidelidade. Propunha também a existência de mecanismos protegidos que os usuários empregariam para efetuar trocas de mensagens ou fotos de forma privada. No caso do site pesquisado, as mensagens são trocadas

⁶¹ Professor Doutor em Psicologia, com o cargo de *Jefe de La Unidad de Posgrado em la Universidad Nacional Autónoma del Mexico*.

⁶² Professora Doutora na Universidade de Brasília.

reservadamente, e há fotos privadas que só podem ser acessadas se o usuário fornecer sua senha.

Desfeitas as dúvidas sobre as questões éticas, restava somente satisfazer os aspectos jurídicos oriundos da ausência de legislação, aspectos esses que pudessem vir a incomodar posteriormente a pesquisadora, a orientadora e a instituição educacional (PUC-SP) na qual se inseria o projeto. Nesse sentido, foi solicitada uma entrevista ao escritório Patricia Peck Pinheiro, especialistas em Direito Digital. De acordo com os dados apresentados ao advogado, Dr. Victor Auilo Haikal, constatamos que todos os cuidados com privacidade, autonomia, confidencialidade, anonimato, armazenamento e incineração dos dados coletados haviam sido tomados; portanto, a consulta confirmava o parecer elaborado pelo Comitê de Ética/CEP/CONEP, ao aferirem que este projeto apresentava baixo risco aos participantes e ao site em questão, podendo promover conhecimento para profissionais que trabalham com casais e famílias.

Para finalizar, faltava uma forma de apresentação que fosse característica e peculiar à pesquisadora. Em lição aprendida com as mulheres da década de 20, nossas queridas avós, que ao longo dos jantares negociavam espaços de subjetividade diferenciados na conjugalidade, esta pesquisadora admite seu grande prazer em realizar jantares.

Assim, a elaboração desta tese foi encarada como o desafio de preparar um jantar a ser desfrutado por todos, levando-se em conta cada detalhe decorativo e harmonioso. Desta metáfora surgiu a forma para nomear as categorias e subcategorias encontradas e apresentadas no Discurso do Sujeito Coletivo.

5 A PESQUISA NOS SITES DE INFIDELIDADE

Para se inscrever em um site de infidelidade é necessário preencher um perfil com dados sobre idade, cidade, altura, peso, cor de olhos e cabelos, sexo, status (homem procura mulher, homem procura homem, mulher procura mulher ou mulher procura homem), apesar deste tipo de site ser, em princípio, específico para encontros de heterossexuais. Deve-se também definir quais os limites pretendidos, com opção para se colocar foto no perfil e fotos privadas na galeria.

A forma de exposição do perfil também pode ser escolhida: oculto temporariamente, *off-line*, ativado para mobile (com acesso pelo celular), se deseja ver fotos explícitas de outros usuários, se não deseja participar de pesquisas e se pretende que seus créditos sejam recarregados automaticamente (no caso dos homens).

Os homens podem adquirir o recurso de se tornarem mais “visíveis” por meio da compra de créditos: 100 créditos custam \$29,00⁶³, 1000 créditos correspondem a \$140,00; para cada mensagem enviada são consumidos cinco créditos, mensagens instantâneas são cobradas por minuto, e presentes podem ser enviados por 20, 30 e 50 créditos. “Visibilidade” significa ter o perfil entre os primeiros lugares da lista na apresentação do site.

Há um recurso de busca para homens viajantes: pode-se selecionar até 30 mulheres da localidade para onde se irá viajar e enviar mensagens “gratuitamente” – uma cortesia do site.

Os usuários do site também podem escolher aspectos que lhes são atraentes no futuro parceiro, e o que preferem na intimidade. As características relacionadas ao que se procura para diversão não serão apresentadas neste trabalho, pois consideramos serem dispensáveis no momento.

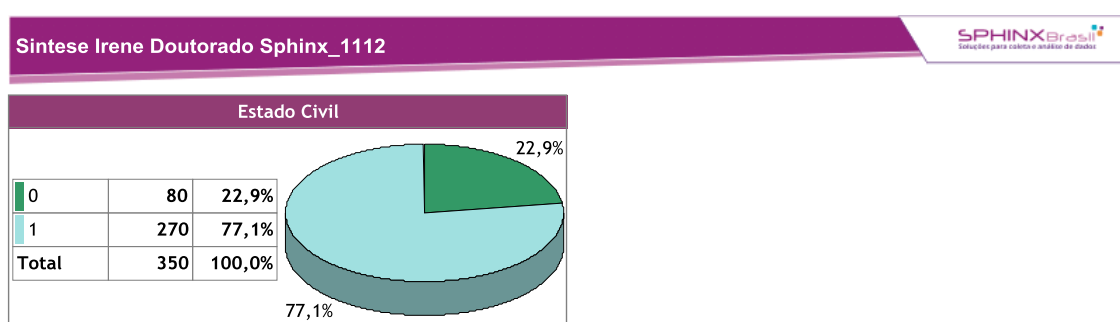
Foram coletados dados do perfil de 314 mulheres e 317 homens em um site de infidelidade, todos usuários que se dizem pertencentes ao estado de São Paulo. A coleta foi mantida até que os perfis começassem a se repetir.

⁶³ Cotação em janeiro de 2013, em dólares americanos. Há uma taxa de ativação única de US \$11,00.

Para fins de análise qualitativa, dentre os perfis coletados foram selecionados somente os que continham escritas espontâneas, sem levar em consideração a frase de apresentação, que não será estudada neste momento.

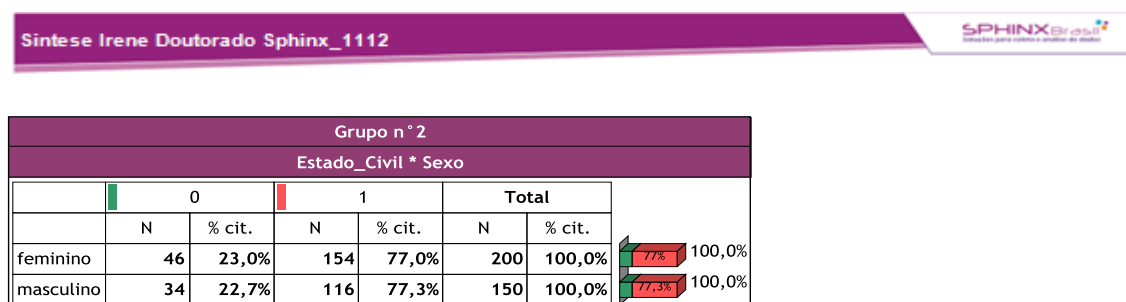
A seleção produziu um grupo de 200 mulheres e de 150 homens, o que permitiu analisar qualitativamente as expressões espontâneas e quantitativamente os dados mensuráveis. De acordo com o primeiro gráfico⁶⁴, dos 350 usuários selecionados, 80 participantes se diziam solteiros (0) e 270 casados (1).

Gráfico 1 – Distribuição por Estado Civil



Para este trabalho utilizaremos somente o perfil dos usuários que se dizem comprometidos (1), já que procuramos caracterizar a população que está em busca de infidelidade; teremos, portanto, uma amostra de 154 mulheres e 116 homens, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 2 – Distribuição por Sexo



Amostra total - 350 observações

Os dados referentes a peso, altura e signo dos participantes, além das escolhas sobre “o que procuro para me divertir”, serão descartados neste estudo. Acreditamos que, a

⁶⁴ Utilizamos o Programa SPHINX para a análise destes dados.

princípio, tais dados não contribuiriam com as informações sobre o que buscam os usuários no site de infidelidade aqui apresentado.

Os dados coletados serão analisados em três segmentos:

- 1ª. Análise:** Dados quantitativos da apresentação no perfil: conexão, faixa etária, palavras, fotos, galeria de fotos privadas e limites permitidos.
- 2ª. Análise:** Dados quantitativos observáveis, decorrentes das escolhas realizadas em dois grandes blocos: ***O que me atrai*** e ***O que prefiro na intimidade***. Não há limites de escolhas.
- 3ª. Análise:** Análise qualitativa das expressões espontâneas, com a metodologia do DSC.

5.1 Primeira Análise

Passaremos a relatar os dados quantitativos encontrados na 1ª análise, que nos parecem relevantes:

1) ***Comprometidos X Solteiros***

Conforme explicado acima, a proposta deste trabalho é estudar o que buscam os participantes de um site de infidelidade; portanto, escalamos para a análise somente os que se dizem comprometidos. Apesar da contradição encontrada nos discursos, em que alguns se diziam comprometidos mas no perfil inicial se colocavam como solteiros, resolvemos empregar como critério a opção inicial, escolhida no preenchimento do perfil. Cabe salientar que 77% das mulheres (154) e 77,3% dos homens (116) se dizem comprometidos, e esta é a população que iremos analisar.

2) ***Faixa Etária***

A faixa etária feminina declarada situa-se entre 18 e 59 anos, com idade média de 37,8 anos, ao passo que os homens posicionam-se entre 19 e 70 anos, com média de 43,1 anos. Os limites permitidos pelo site estão entre 18 e 70 anos. Escolhemos uma distribuição por faixas que se aproximam do Ciclo Vital da Família (CERVENY; BERTHOUD, ([2002]2007), que será um dos pilares teóricos deste trabalho. A entrevista com o criador do site *Ashley Madison* relata que o primeiro momento em que os homens se envolvem com infidelidade é quando a mulher está grávida, tem o primeiro filho ou este é pequeno. O que consideramos como uma das fases do ciclo vital da família.

Quadro 1 – Distribuição por sexo e faixa etária

	18-24 anos	25-35 anos	36-45 anos	46-60 anos	61-70 anos
Mulheres	5	47	76	26	0
Homens	2	22	39	52	1

3) Mediana das palavras utilizadas

Cabe ressaltarmos que as mulheres (200) se apresentaram com mais discursos espontâneos que os homens (150), em um site bastante padronizado nas escolhas. No entanto, a mediana das palavras utilizadas por homens e mulheres nos mostra resultados distintos frente a cada faixa etária:

Quadro 2 – Mediana das palavras utilizadas

	25-35 anos	36-45 anos	46-60 anos
Mulheres	18	19	51
Homens	40	46	32

Estes números iniciais poderiam nos sugerir que a expressão feminina fosse mais frequente que a dos homens neste site, mas a análise demonstrou que há diferenças entre as idades femininas, e que são os homens que detêm mais escritas espontâneas.

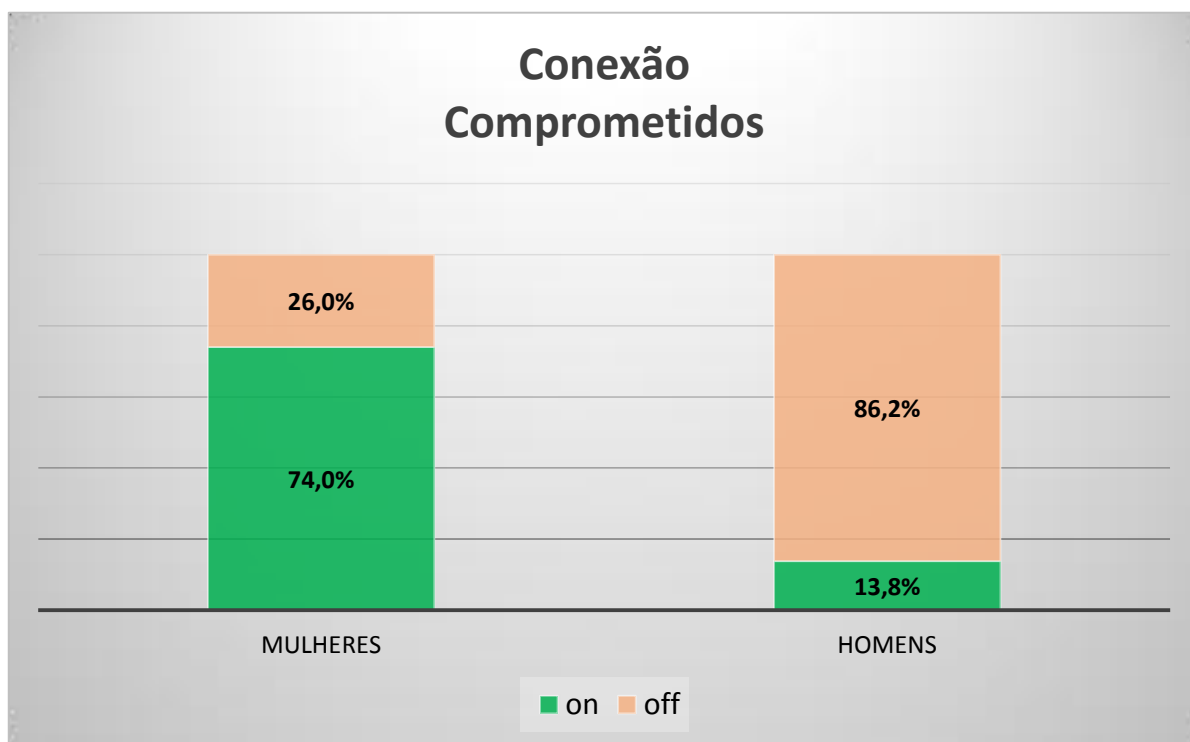
As mulheres que mais escrevem são as mais velhas; os homens, até os 45 anos, escrevem com mais frequência que as mulheres no site.

4) Conexão On-line ou Off-line

A conexão apresentada pelos participantes comprometidos no site estudado poderia indicar se o usuário está ligado/ conectado (*on*), ou desligado/ desconectado (*off*).

A distribuição de conexão total dos comprometidos apresentou 74% das mulheres conectadas (*on-line*) e apenas 14% dos homens, de todas as faixas etárias, ligados ao site no momento da coleta dos perfis.

Gráfico 3 – Conexão *On-line* / *Off-line*: comprometidos por sexo



Uma observação interessante: todos os perfis que estavam desconectados (*off-line*) registravam o tempo de desconexão. Vale lembrar que, dos 631 perfis coletados, os usuários *off-line* estavam, no máximo, há quatro dias sem se conectarem ao site, dado este que valeria uma melhor investigação.

Os gráficos a seguir exibem a comparação das faixas etárias entre sexos, a saber: gráfico 4 (25-35 anos) = p. 126; gráfico 5 (36-45 anos) = p. 126; gráfico 6 (46-60 anos = p. 127).

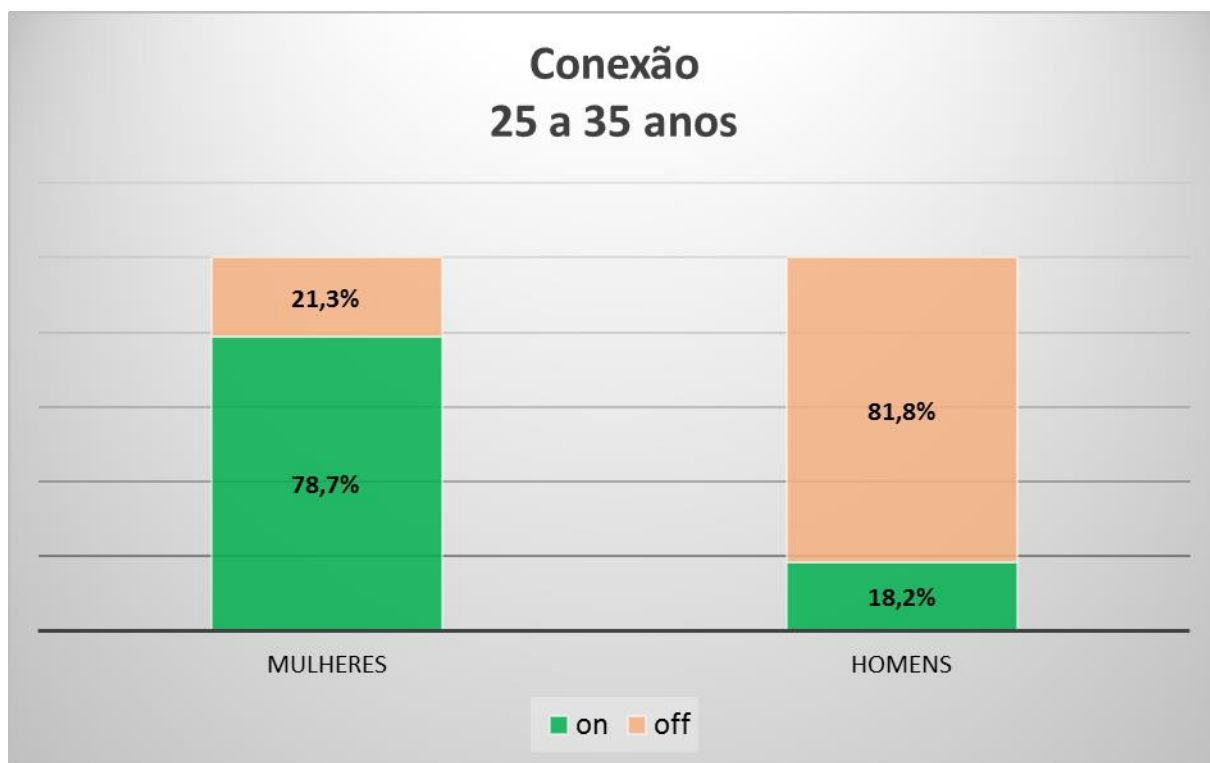
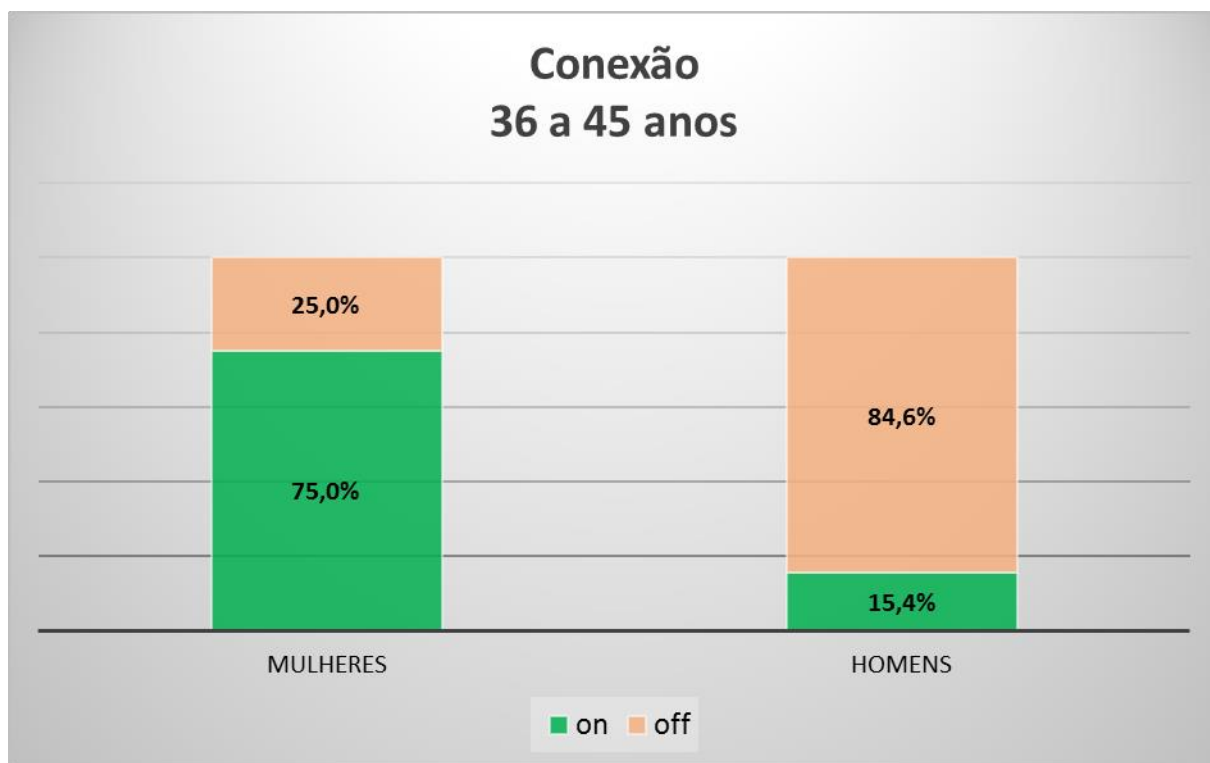
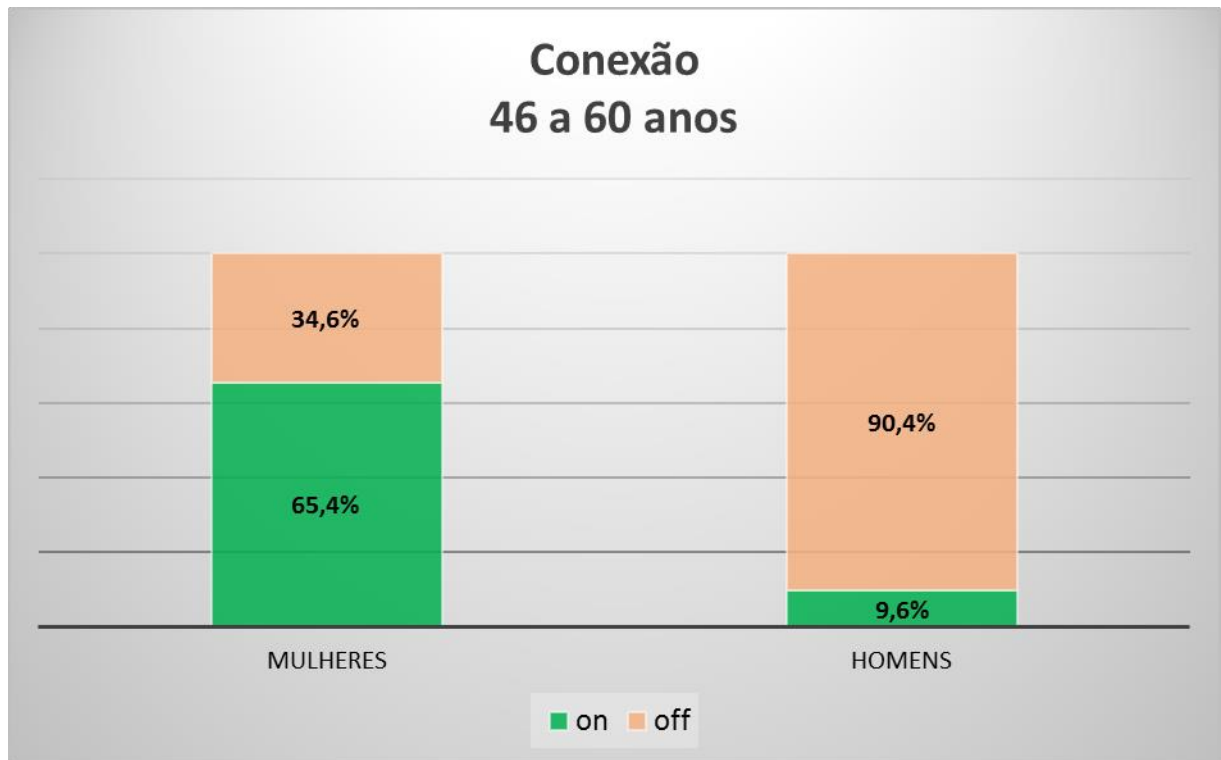
Gráfico 4 – Conexão *On-line* / *Off-line*: faixa etária 25-35 anos**Gráfico 5** – Conexão *On-line* / *Off-line*: faixa etária 36-45 anos

Gráfico 6 – Conexão *On-line* / *Off-line*: faixa etária 46-60 anos



A conexão das mulheres é a mais alta na faixa dos 25 a 35 anos, exibindo uma queda na faixa de 45 a 60 anos. Poderíamos imaginar que estar conectado seja indispensável quando se é jovem, mas os dados do Censo de 2011 revelam que a conexão das pessoas acima dos 50 anos tem se elevado diante das outras faixas etárias. Talvez devamos cogitar que este não seja um site de grande interesse para a faixa etária de 46 a 60 anos.

Os homens permanecem com o perfil desconectado na faixa entre 82% a 90%, independente da idade. Não podemos esquecer que há uma opção na construção do perfil: permitir que o usuário se apresente *off-line*.

A diferença de conexão entre homens e mulheres nos parece representativa, mesmo com a utilização da ferramenta que possibilita aparecer *off-line*; a apresentação *on-line* por 74% das mulheres em comparação aos 14% dos homens nos permite refletir sobre a necessidade da mulher se colocar em uma posição indicativa de disponibilidade, uma postura que reforça o estereótipo da exigência de exposição para ser escolhida e de total liberdade de horários para encontros, o que talvez seja ilusório pois as mulheres, mesmo sem filhos, têm jornadas acopladas de trabalho.

5) Fotos

As fotos presentes no perfil de todos os que se dizem comprometidos dividiram-se da seguinte forma:

Quadro 3 – Distribuição das fotos por sexo

	Rosto	Inteiro	Partes do rosto	Partes do corpo	Sem foto
Mulheres	47%	16%	10%	16%	10%
Homens	21%	3%	16%	13%	46%

A exposição das mulheres é significativamente maior: 47% exibem fotos de rosto e 16% do rosto e corpo (inteiro), representando 63% das 154 mulheres estudadas, que facilmente podem ser reconhecidas na rede.

Nos homens, somados, temos 75% (em 116 selecionados) que optam por não colocar foto, ou postam somente partes de rosto ou de corpo, o que não permite sua identificação.

Na faixa dos 25 aos 35 anos, mais de 50% das mulheres expõem o rosto e 15% colocam fotos de corpo inteiro (rosto incluso); esta é a faixa em que as mulheres são facilmente identificáveis. Menos de 20% colocam partes do corpo (pernas e colo). O gráfico 7 (p. 129) resume essas informações.

Nesta faixa etária, somente 18% dos homens colocam fotos de rosto, embora mais de 30% postem fotos de partes do corpo, principalmente com músculos visíveis. Nenhum homem coloca foto de corpo inteiro, e acima de 40% não postam fotos, o que se acentuará com o acréscimo da idade.

O gráfico 8 (p. 129) exhibe os números referentes a essas exposições na faixa dos 36 aos 45 anos.

Gráfico 7 – Fotos: faixa etária 25-35 anos

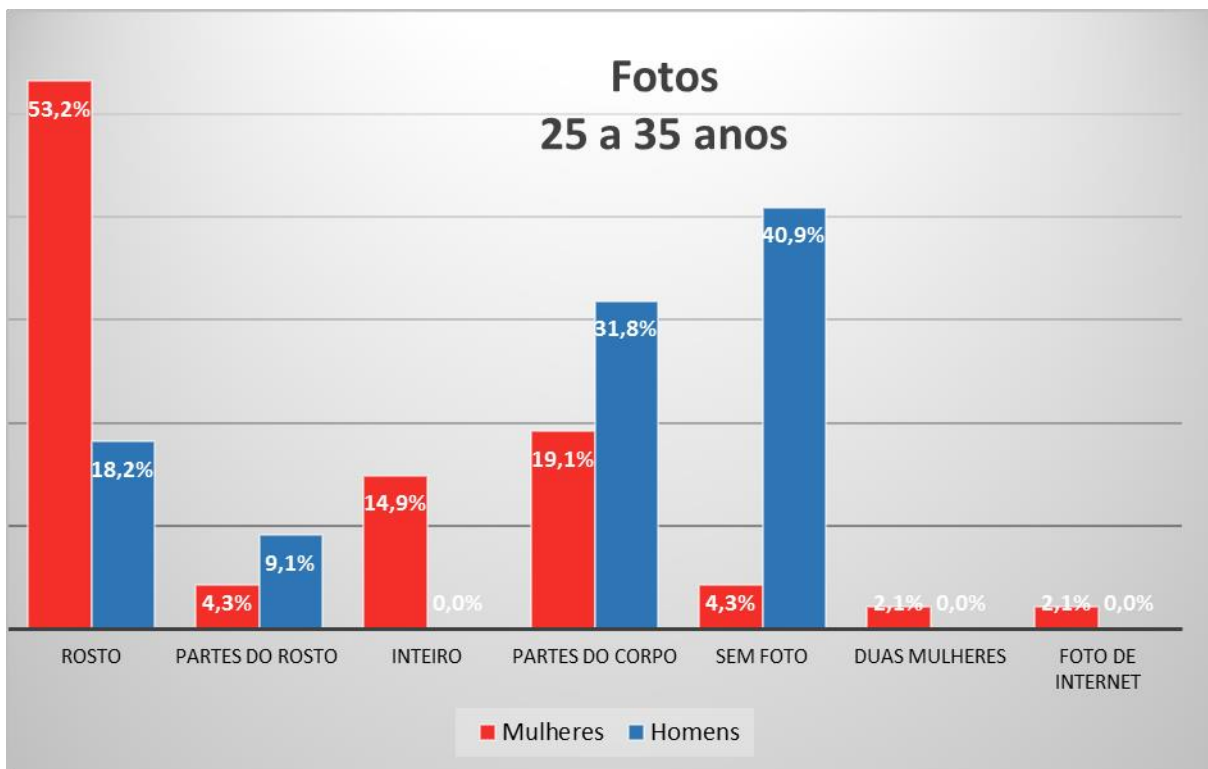
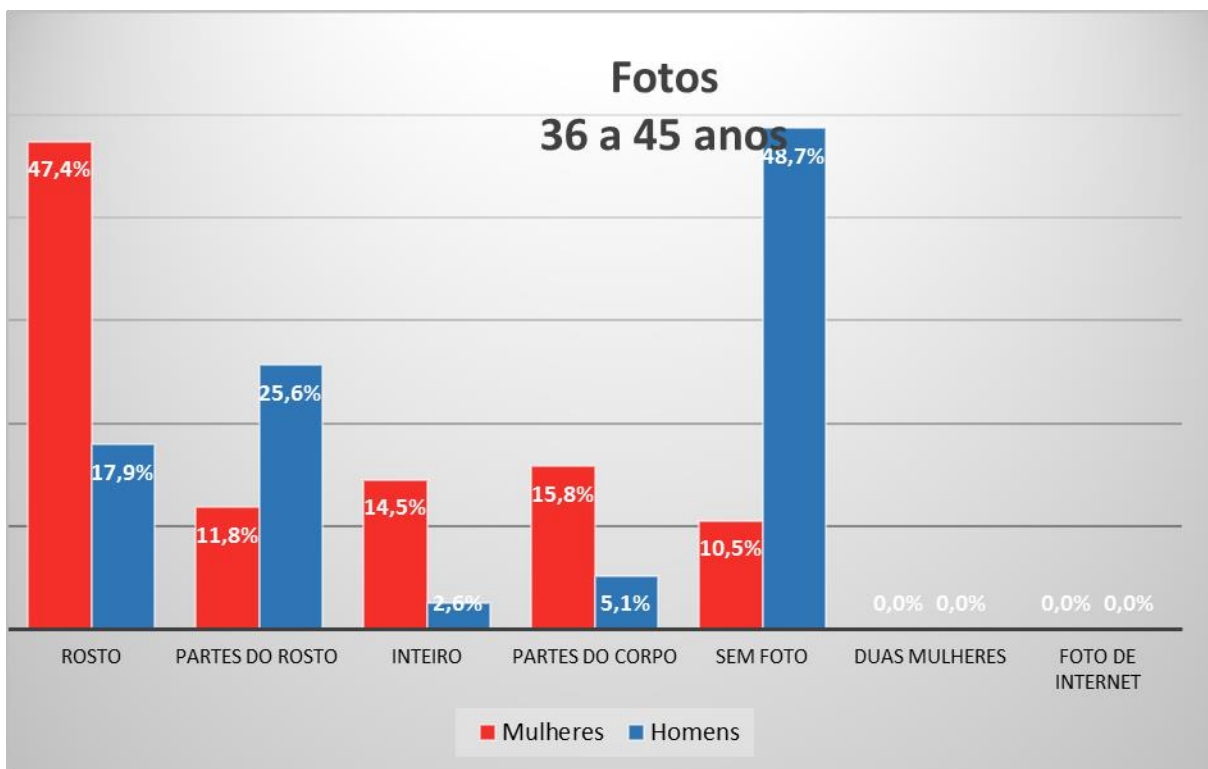
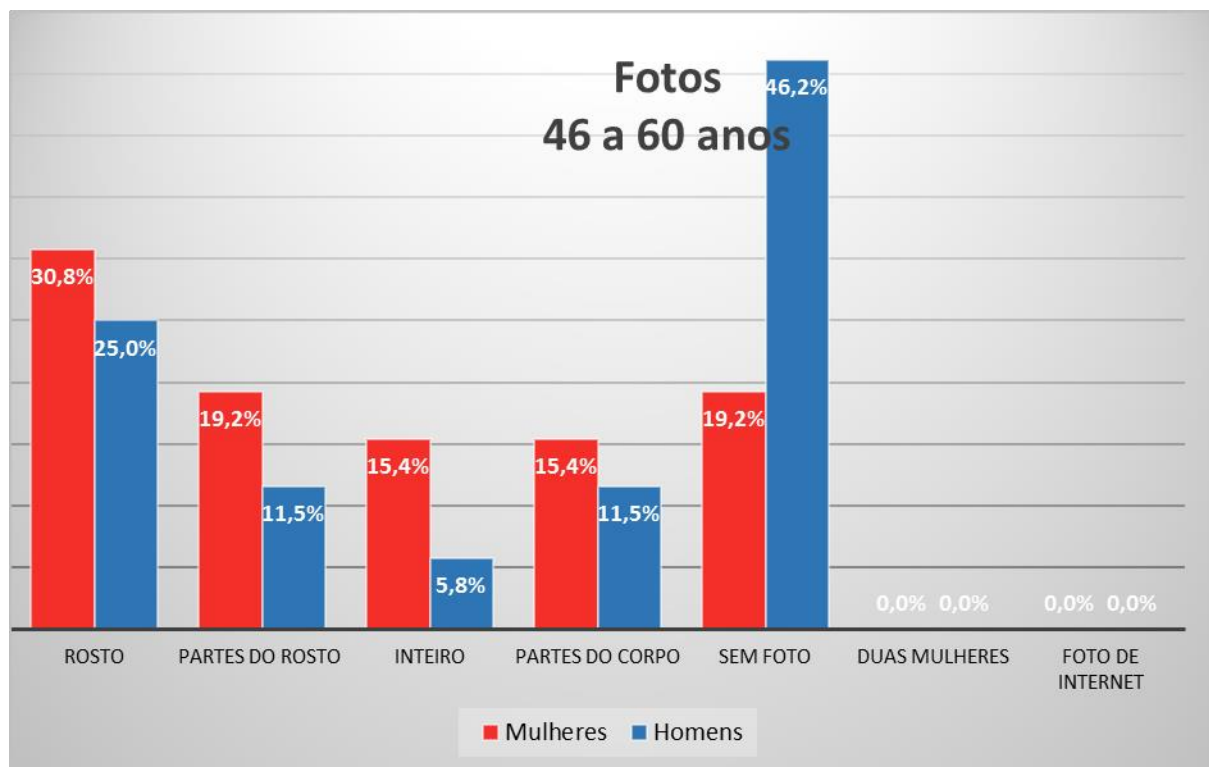


Gráfico 8 – Fotos: faixa etária 36-45 anos



Entre 36 e 45 anos, 47% das mulheres postam fotos de rosto, em comparação a 18% dos homens. Eles também expõem partes do corpo em menor proporção que as outras faixas de idade. Quase 50% dos homens não colocam foto no perfil, em contraste com somente 10% das mulheres. Nesta faixa os homens mostram mais partes do rosto (25,6%) do que nas demais faixas de idade.

Gráfico 9 – Fotos: faixa etária 46-60 anos



Quase 25% dos homens aparecem com fotos de rosto na faixa dos 46 aos 60 anos, em detrimento das fotos de partes do corpo e de partes do rosto, ambas com 11,5%. Quanto a fotos de perfil, 46,2% deles optam por não postar; neste site ainda se mantém, portanto, a ocultação da identidade e o anonimato como mais representativos dos homens.

As mulheres mostram menos o rosto que nas outras faixas, preferindo postar partes do rosto; quase 20% delas não incluem fotos em seus perfis, mas ainda assim são mais facilmente identificáveis.

Alguns detalhes nas fotos que merecem ser destacados: um perfil continha a foto de duas mulheres, outro exibia uma foto retirada da internet (propaganda), ambos na faixa de 25 a 35 anos. Um homem postou uma foto abraçado a uma mulher, sem menção da escolha por *ménage à trois* ou *swing*; este perfil foi excluído, pois fazia parte dos solteiros. Este dado

vale somente para ressaltar que qualquer pessoa pode construir um perfil com a foto de outra, assim como descrito acima; uma mulher que dizia nunca ter entrado no site tentou retirar sua foto, sem sucesso, e enviou queixa para o “Reclame Aqui” (site mediador de reclamações).

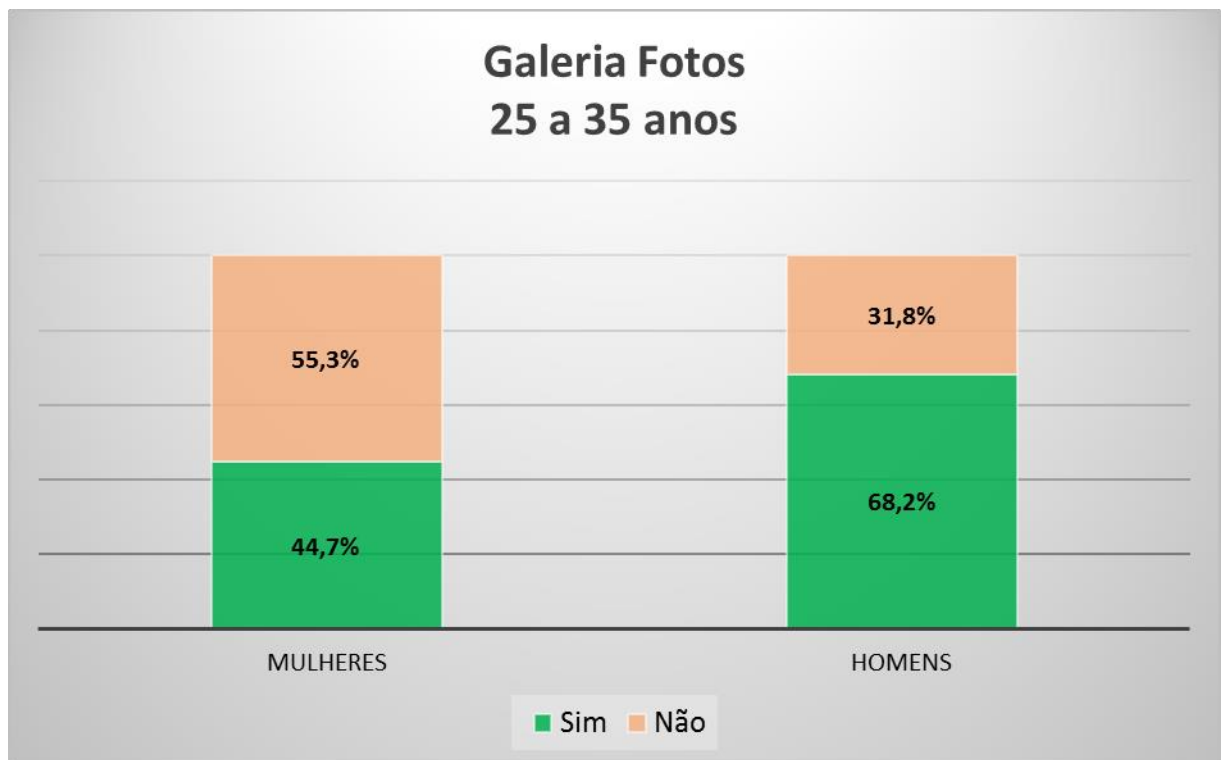
5.1) *Galeria de Fotos*: onde são colocadas as fotos íntimas ou explícitas, que somente podem ser visualizadas se o(a) proprietário(a) do perfil fornecer a chave⁶⁵ ao interessado. O espaço reservado para fotos privadas não foi conhecido pela pesquisadora.

Aqui temos uma inversão nas fotos preservadas/ expostas de homens e mulheres:

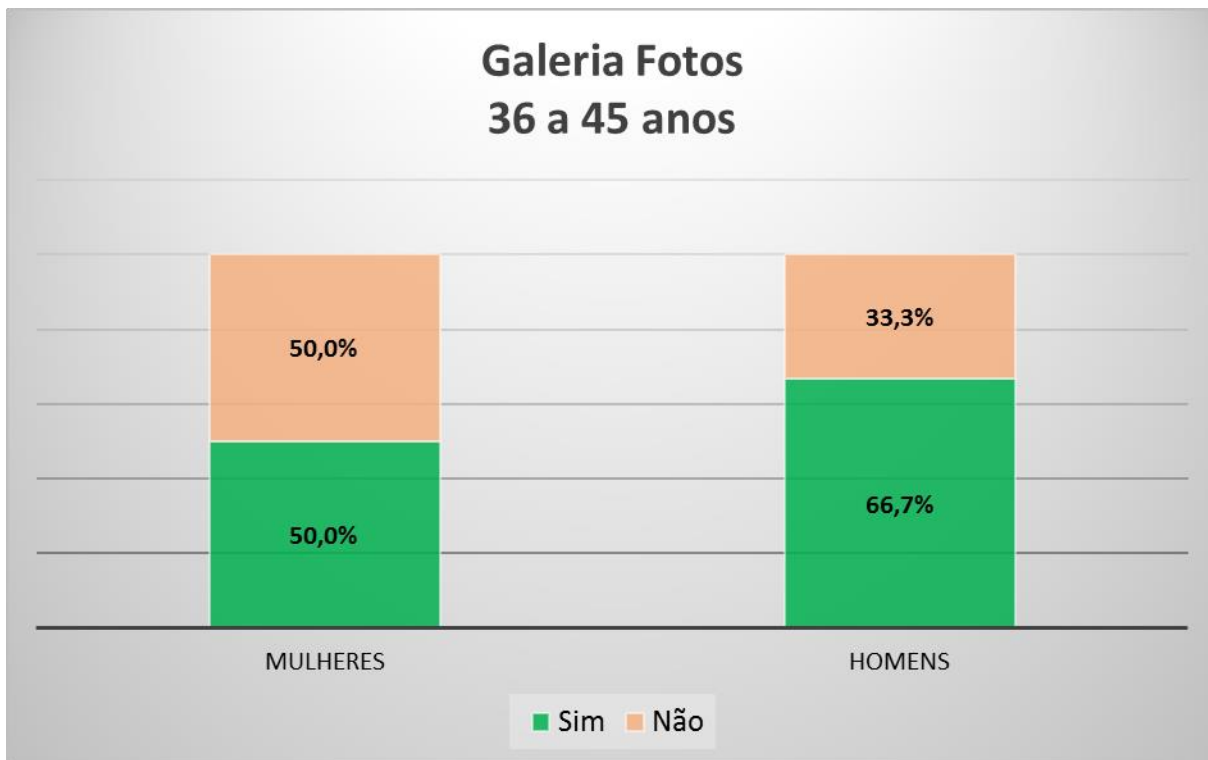
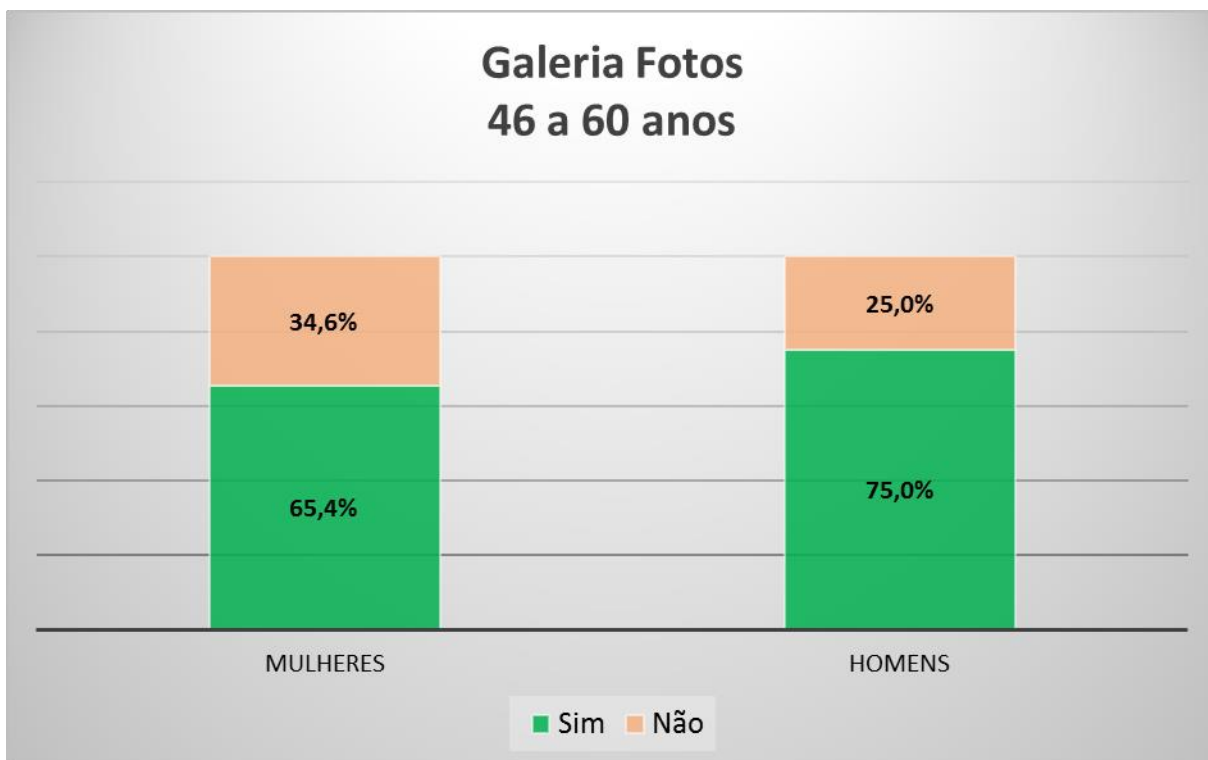
- 51% das mulheres possuíam fotos na galeria privada;
- 72% dos homens continham fotos mais íntimas.

A média apresentada demonstra que este é um espaço onde os homens superam as mulheres, talvez por se sentirem mais seguros ao fornecer a chave somente às pessoas por eles selecionadas.

Gráfico 10 – Galeria de Fotos: faixa etária 25-35 anos



⁶⁵ Ferramenta de bloqueio e compartilhamento de fotos realizado pelo site.

Gráfico 11 – Galeria de Fotos: faixa etária 36-45 anos**Gráfico 12** – Galeria de Fotos: faixa etária 46-60 anos

A galeria privada poderia ser utilizada não somente como um local para fotos íntimas, mas um lugar de desvelamento da imagem pessoal somente para as pessoas selecionadas. Apesar disso, alguns discursos de mulheres solicitam que não sejam enviadas fotos explícitas de genitais.

No que tange aos homens, cerca de 72% deles possuem galeria privada. As faixas de 25 a 35 anos e de 36 a 45 anos mantêm a média de 68% e 67% respectivamente; na faixa dos 46 aos 60 anos esta média sobe para 75% de usuários com fotos íntimas. Parece que os homens mais velhos sentem-se mais seguros em mostrar-se reservadamente.

6) Limites Permitidos

Os limites, que significam até onde o participante deseja se relacionar, situam-se entre:

- sexo casual
- sexo virtual
- relacionamento duradouro
- ainda não sei ao certo
- algo que me excite
- sem limites, tudo

Na distribuição dos comprometidos, podemos observar algumas diferenças:

Quadro 4 – Distribuição dos limites permitidos por sexo

	Ainda não sei	Sexo virtual	Algo que me excite	Sexo casual	Relacionamento Duradouro	Sem limites, tudo
Mulheres	24%	1%	20%	18%	14%	23%
Homens	18%	0%	37%	18%	6%	21%

Em um primeiro momento, notamos que os homens demonstram buscar excitação enquanto as mulheres ainda não decidiram até onde pretendem chegar. Olhando para as escolhas a partir dos 20% nas duas populações, temos três limites iguais que se alternam:

Algo que me excite / Sem limites, tudo / Ainda não sei ao certo

Ao utilizarmos, somente para efeito de comparação, os limites da população geral pesquisada (200 mulheres e 150 homens), teremos:

Quadro 5 – Distribuição geral dos limites permitidos

	Ainda não sei	Sexo virtual	Algo que me excite	Sexo casual	Relacionamento duradouro	Sem limites, tudo
Geral	23%	1%	27%	16%	13%	21%

Podemos observar que 71% da população presente na análise inicial situam-se nos três principais limites, “Algo que me excite”, “Ainda não sei ao certo” e “Sem limites, tudo”, o que talvez possa significar que a busca represente apenas o desejo de experimentar as possibilidades do site, curiosidade, realização de fantasias ou sentir-se excitado.

A comparação entre a população total do estudo e a dos que se dizem comprometidos (somente nesta categoria), assim como a semelhança encontrada, poderiam significar que a diferença entre os que se dizem solteiros e os que se afirmam comprometidos pode ser muito pequena. Talvez o questionamento deva recair sobre as características apresentadas pelas pessoas que se inscrevem em um site de infidelidade em comparação a outros sites de relacionamento. Para tanto, acreditamos que serão necessários mais estudos nessa área.

Foram também comparadas as três faixas etárias escolhidas.

Quadro 6 – Limites permitidos: comparação das faixas etárias

Faixas Etárias		Ainda não sei	Sexo virtual	Algo que me excite	Sexo casual	Relacionamento Duradouro	Sem limites, tudo
25 - 35	M	23,4%	0	21,3%	21,3%	8,5%	25,5%
	H	27,3%	0	36,4%	13,6%	4,5%	18,2%
36 - 45	M	23,7%	2,6%	13,2%	22,4%	13,2%	25%
	H	12,8%	0	46,2%	12,8%	5,1%	23,1%
46 - 60	M	30,8%	0	30,8%	0	23,1%	15,4%
	H	17,3%	0	32,7%	23,1%	7,7%	19,2%

Primeiramente analisaremos as colunas em relação a sexo e idade. Em relação a não saber ao certo os limites desejados (**ainda não sei**), parece que as mulheres apresentam mais dúvidas que os homens sobre até onde poderiam ir em uma relação extraconjugal, e esta situação parece aumentar com a idade. Já os homens demonstram ter menos dúvidas na faixa de 36 a 45 anos, com tendência a aumentarem suas dúvidas com o avanço da idade.

A inexpressiva escolha pelo **sexo virtual** leva-nos a discordar dos teóricos (YOUNG; ABREU, 2011) que preconizam que o cibersexo é o maior foco dos que buscam sexo pela internet, e a dependência a ele atribuída. Temos somente 2,6% das mulheres que optam por se envolver somente com o sexo virtual. Já os relatos dos homens enfatizam não desejarem sexo somente virtual; alguns aceitam começar as conversas com sexo virtual, mas deixam claro que o envolvimento deve progredir para o real; outros argumentam que não têm paciência para permanecer conectados e teclando continuamente.

Notamos que a constância é mantida pelos homens na intenção de encontrar “**algo que os excite**”. Este foi o limite mais escolhido por eles em todas as faixas etárias, configurando-se como um dado importante para nossa análise. Uma das hipóteses que começa a emergir desses dados talvez seja simplesmente a busca dos usuários por excitação.

Os dados sobre **sexo casual**, sem compromisso e sem envolvimento, aparecem como o desejo de 21,3% das mulheres em comparação a 13,6% dos homens na faixa dos 25 a 35 anos. Permanecem próximos a estes números entre 36 e 45 anos, mas somente os homens (23%) o escolhem na faixa dos 46 aos 60 anos.

O estranhamento decorrente da diferença entre as respostas masculinas e femininas prediz mulheres mais libertas (25 a 45 anos) e homens mais reprimidos sexualmente. Poderíamos supor que estas respostas fazem parte do jogo: digo o que o outro deseja ouvir, para que assim se aproxime; no entanto, há uma faixa de mulheres que não deseja participar do jogo – as de 46 a 60 anos, pois nenhuma delas escolheu esta opção.

Os **relacionamentos duradouros** apresentam resultados dentro do socialmente esperado: as mulheres revelam um crescente desejo por relacionamentos mais duradouros ao longo da vida, similarmente aos homens, embora estes em menor proporção. Na faixa

dos 25 aos 35 anos, quase o dobro das mulheres buscam esse tipo de relacionamento quando comparadas aos homens; dos 36 aos 45 anos, mais que o dobro delas têm essa preferência em relação a eles; finalmente, na faixa dos 46 aos 60 anos, o triplo das mulheres buscam relacionamentos longos em comparação aos homens.

Na opção **sem limites, topo tudo**, na faixa etária de 25 a 45 anos as mulheres superam os homens nesta escolha mais ousada, enquanto estes as superam na fase dos 45 aos 60 anos. Esta opção deverá ser melhor investigada quando apresentarmos a segunda análise, na qual serão explicitadas as preferências na intimidade.

5.2 Segunda Análise

Esta parte é composta por dois grandes blocos:

- ***O que me atrai***
- ***O que prefiro na intimidade***

Faremos a análise comparativa entre as três faixas etárias. Os quadros trazem a comparação entre homens e mulheres.

→ ***O que me atrai na faixa dos 25 aos 35 anos***

O quadro a seguir exhibe algumas escolhas realizadas por homens e mulheres, que se distinguem em alguns aspectos e assemelham-se em outros. Faremos uma breve análise das três mais escolhidas para cada sexo e um rápido comentário sobre as menos escolhidas.

Quadro 7 – *O que me atrai* (25-35 anos): distribuição por sexo

Escolhas	Mulheres	Homens
1º. Lugar	Boa higiene pessoal 43%	Discrição e sigilo 91%
2º. Lugar	Elegância e estilo 38%	Senso de humor 82%
3º. Lugar	Senso de humor, Romantismo e Um ninho de amor secreto 32%	Elegância e estilo, Criatividade e Boa higiene pessoal 73%

O mais evidente neste quadro é que as mulheres escolhem muito menos que os homens. Preferem optar por boa higiene pessoal, algumas ressaltam em seus discursos a importância do banho e que “desodorante é fundamental”, mas em proporção bem inferior aos homens; somente 43% das mulheres se dizem atraídas pela higiene em comparação a 73% dos homens.

Senso de humor, assim como elegância e estilo, aparecem nas escolhas de homens e mulheres, embora também com grande diferença entre elas: enquanto 82% dos homens consideram o senso de humor como característica que os atrai, somente 32% das mulheres o mencionam. Da mesma forma, elegância e estilo são apontados por 38% das mulheres, ao passo que tais características são prioridade valorizada por 73% dos homens.

As diferenças entre os sexos ocorre em espaços diferentes: enquanto os homens escolhem discrição e sigilo, com a expressiva exigência de 91% do grupo, somente 28% das mulheres os mencionam. Em contrapartida, elas indicam romantismo e um ninho de amor secreto, que supomos representem um espaço de preservação da intimidade desejado por 32% das mulheres. Os homens escolhem romantismo (36%) e um ninho de amor secreto (50%), mas estas não são escolhas prioritárias neste grupo; há outras que se sobrepõem, como a criatividade, selecionada por 73% deles.

Em relação às escolhas que não alcançaram 10% nesta população, elas podem representar um ponto de referência entre o que buscam e o que não buscam homens e mulheres nos sites referidos.

Apenas 2% das mulheres escolhem gente jovem, o que é compreensível por se tratar de jovens adultos de 25 a 35 anos; no entanto, 23% dos homens sentem-se atraídos por gente jovem. Socialmente, homens buscam mulheres mais jovens – é um fato –, mas teríamos que pesquisar melhor esta escolha: Os homens desejariam mulheres mais jovens, da sua faixa etária, ou simplesmente estariam sinalizando que não desejam as mais velhas?

Outras escolhas que se situaram abaixo dos 10%: agressividade e gostar de rotina. A primeira opção foi marcada por apenas 9% dos homens, em contraste com a opção das mulheres (23%). Este primeiro dado se torna importante ao ser confrontado com a violência doméstica. Já gostar de rotina é paradoxal, pois 5% dos homens a escolhem contra 13% das mulheres; o paradoxo está presente porque a propaganda dos sites recai sobre “a fuga da rotina”; ademais, a rotina é um dos fatores relatados por Abdo (2004a/b) para explicar por que as pessoas traem.

De uma forma geral, os dados expressos no quadro 7 exibem uma nítida diferença entre o número de escolhas feitas por homens e mulheres. Cabe então a pergunta: As mulheres praticamente não escolheriam... para serem escolhidas?

Boa higiene pessoal, assim como elegância e estilo, apontam para algumas características desta faixa, como a preocupação com aspectos externos e físicos; contudo, a procura por pessoas com senso de humor denota a busca por aspectos de personalidade desejados no parceiro.

Uma síntese deste grupo, pela prevalência entre mulheres e homens, seria a procura por características físicas como a boa higiene pessoal, a elegância e o estilo, bem como a criatividade como característica de personalidade do parceiro.

O gráfico 13 (p. 139) sintetiza o que atrai homens e mulheres na faixa dos 25 aos 35 anos.

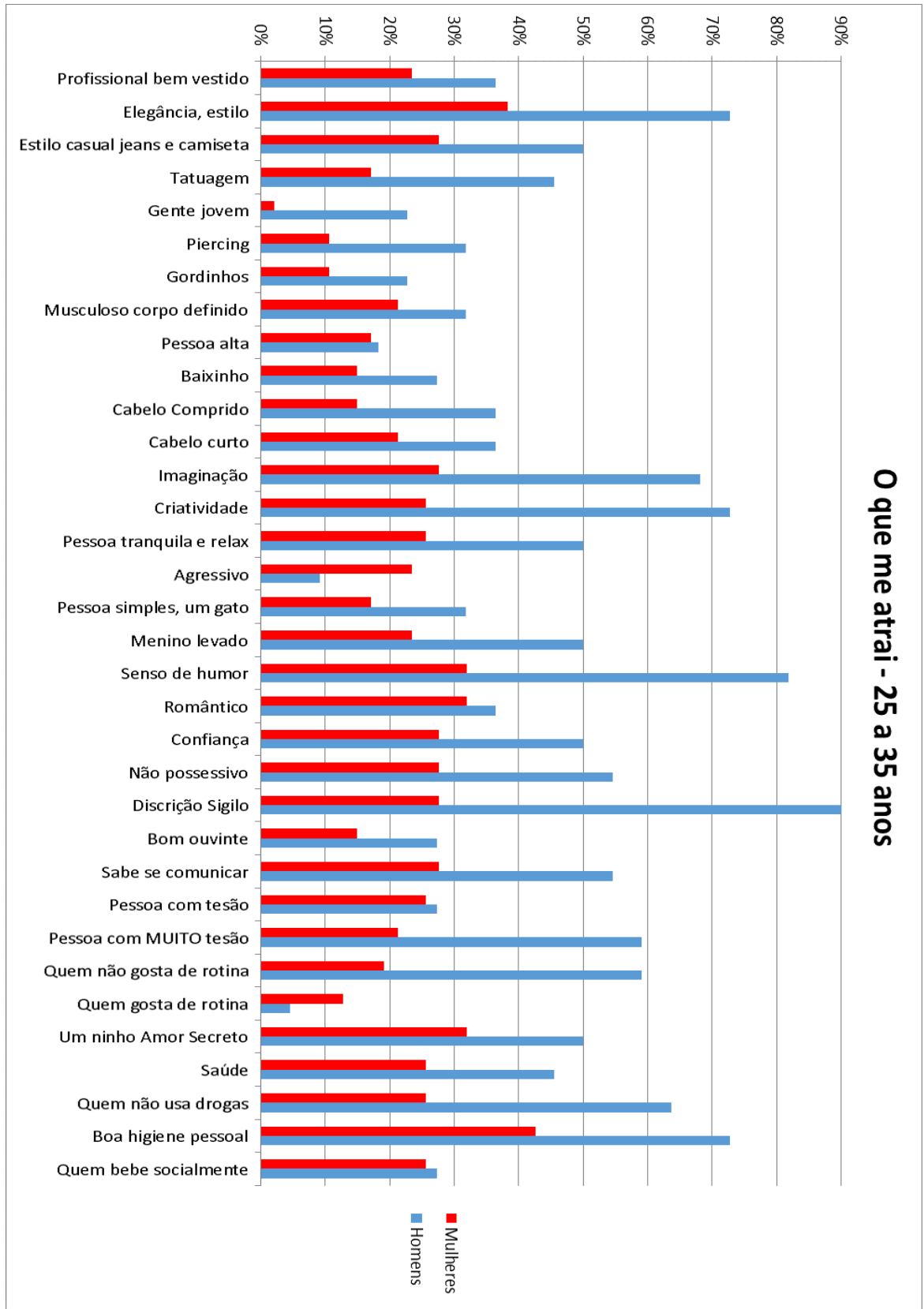
→ ***O que me atrai na faixa dos 36 aos 45 anos***

O quadro abaixo apresenta algumas diferenças entre homens e mulheres situados nessa faixa etária.

Quadro 8 – *O que me atrai (36-45 anos): distribuição por sexo*

Escolhas	Mulheres	Homens
1º. Lugar	Boa higiene pessoal 43%	Senso de humor 79%
2º. Lugar	Senso de humor 38%	Discrição e sigilo, Imaginação e Boa higiene pessoal 77%
3º. Lugar	Criatividade 36%	Criatividade 74%

Gráfico 13 – O que me atrai: faixa etária 25-35 anos



Nesta faixa etária, as mulheres seguem priorizando a higiene pessoal do parceiro. Elegância e estilo perdem espaço para o senso de humor, assim como romantismo e ninho de amor secreto ficam atrás da criatividade. Já os homens escolhem um pouco menos (79%); ainda assim, escolhem muito mais que as mulheres (43%).

O senso de humor ganha o principal destaque seguido pela discrição e o sigilo, que permanecem como importantes. Surgem a imaginação e a higiene pessoal do parceiro, que passam a ser mais solicitadas. A criatividade também passa a integrar as preferências.

O que atrai o nosso olhar, parafraseando esta sessão, são as não escolhas; ou, como dissemos, as opções que se situaram abaixo dos 10% dos usuários nessa faixa etária.

As mulheres não costumam escolher gente jovem, e somente 3% dos homens assinalam a mesma opção. Seria esperado que esta faixa e a seguinte (46 a 60 anos), por se tratar de pessoas mais velhas, se sentissem atraídas por esta característica, e não a fase anterior, mais jovem.

Outra escolha na qual as mulheres novamente superam os homens é a agressividade: 7% delas sentem-se atraídas por esta característica, e nenhum dos homens a indicou. Insistimos, assim como Abdo (2004b, p.61), que a preocupação não é com os “tapas e beijos”, que para muitos provocam excitação, mas com a violência doméstica, muito recorrente na escuta clínica e que na compreensão sistêmica é percebida como relacional, ou seja, mantida pela díade.

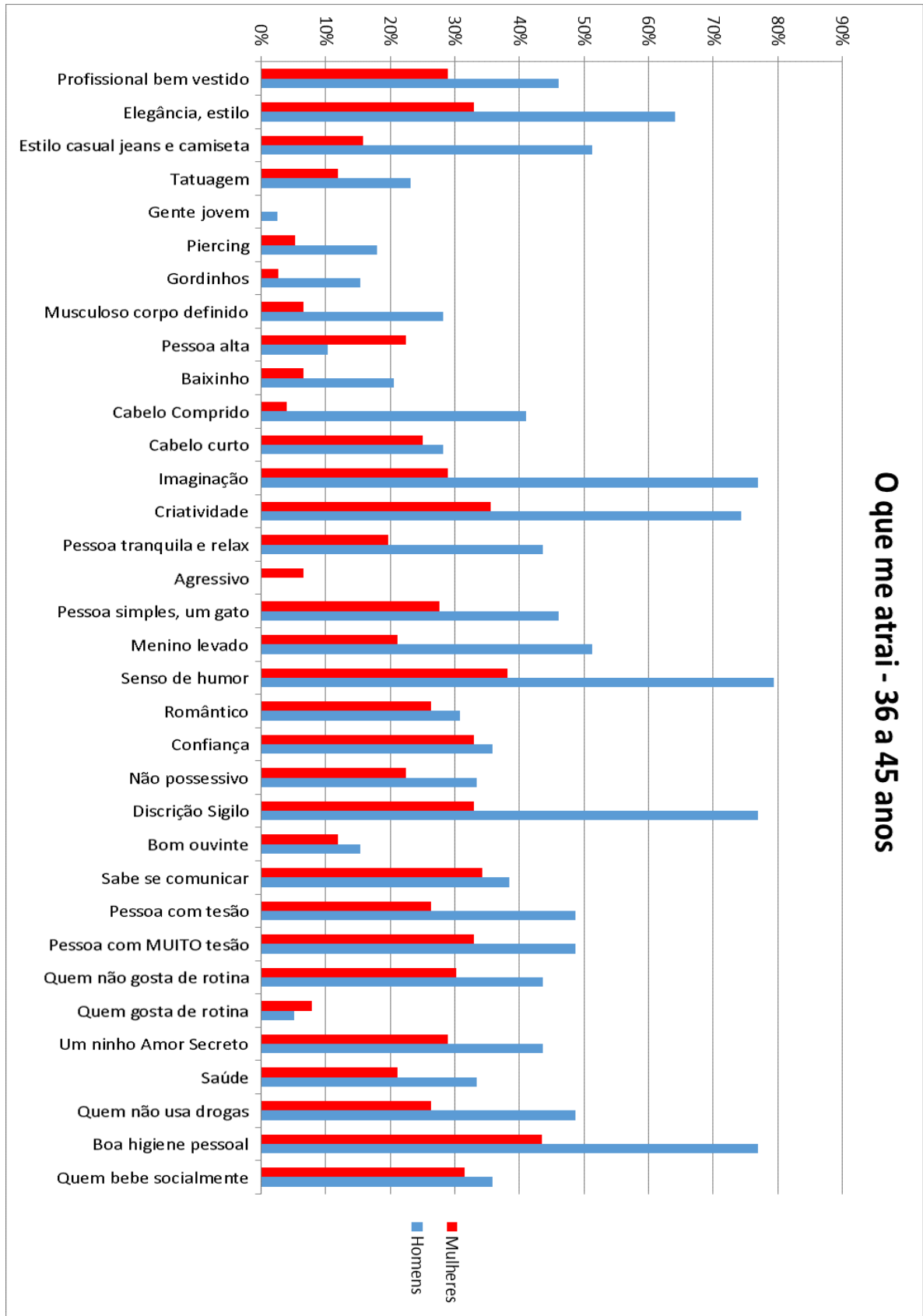
Não podemos esquecer o contexto literário vigente na coleta dos perfis, inclusive como elemento de sedução presente nos discursos de alguns homens. Acreditamos que talvez a trilogia dos “50 tons de cinza” possa ser a motivadora na escolha da agressão pelas mulheres.

A opção pela rotina também permanece sendo realizada nesta faixa – 8% das mulheres e 5% dos homens, números altos se pensarmos na proposta do site.

Poderíamos caracterizar este grupo como imbuídos na busca por parceiros que tenham a higiene pessoal como característica física, e o senso de humor e a criatividade como caracteres de personalidade.

O gráfico 14 lista o que atrai homens e mulheres entre os 36 e os 45 anos.

Gráfico 14 – O que me atrai: faixa etária 36-45 anos



→ **O que me atrai na faixa dos 46 aos 60**

No quadro abaixo pode-se observar que as mulheres desta faixa escolhem muito mais que as demais usuárias do site; ainda assim, continuam escolhendo menos que os homens.

Quadro 9 – O que me atrai (46-60 anos): distribuição por sexo

Escolhas	Mulheres	Homens
1º. Lugar	Saber se comunicar 62%	Discrição e sigilo 71%
2º. Lugar	Imaginação 54%	Não usar drogas e Boa higiene pessoal 67%
3º. Lugar	Senso de humor, Pessoa com muito tesão, Boa higiene pessoal 50%	Senso de Humor 65%

Um dos aspectos diferenciados na escolha das mulheres é saber se comunicar. Acreditamos que esta solicitação seja decorrente de falhas na comunicação vivenciadas em relacionamentos anteriores.

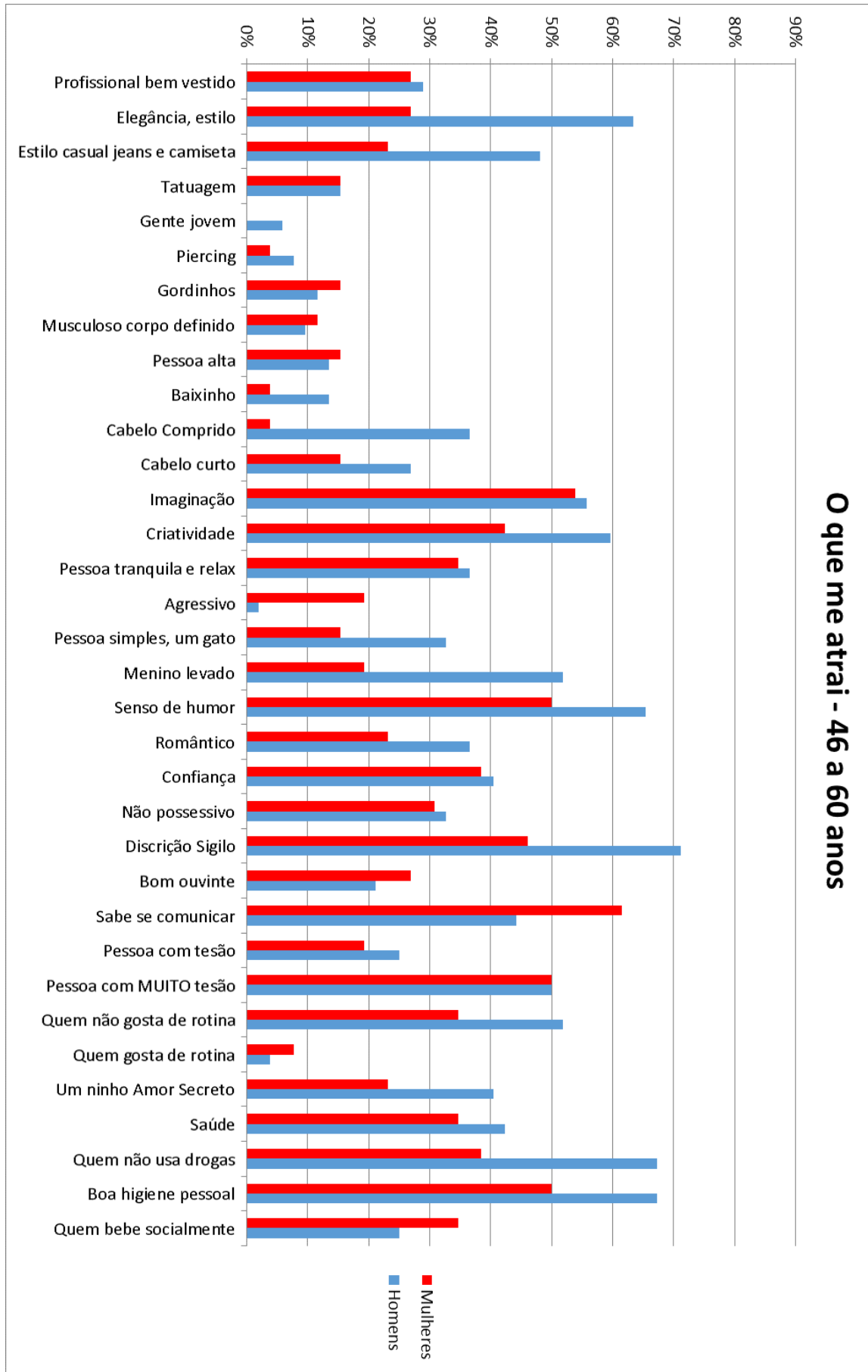
A criatividade escolhida na faixa etária anterior foi substituída pela imaginação. A outra opção das mulheres desta faixa, e que as diferencia, é a busca por homens com muito tesão.

Os homens desta faixa também se distinguem dos demais por solicitarem o não uso de drogas pela parceira, fator relevante e merecedor de mais pesquisas na área da saúde.

A síntese dos representantes desta faixa etária, homens e mulheres, seria por parceiros com boa higiene pessoal (aspectos físicos) e com senso de humor quanto à personalidade.

O gráfico 15 exhibe o que atrai homens e mulheres na faixa dos 46 aos 60 anos.

Gráfico 15 – O que me atrai: faixa etária 46-60 anos



Ao finalizarmos este primeiro bloco, podemos considerar que o que atrai homens e mulheres presentes no site de infidelidade estudado, com idades entre 25 e 60 anos, é a boa higiene pessoal e o senso de humor do parceiro.

Os mais jovens (25 a 35 anos) também valorizam a elegância e o estilo; os de 36 a 45 anos desejam que o parceiro seja criativo. Já os usuários entre 46 e 60 anos nos proporcionam temas que, apesar de não serem escolhidos por homens e mulheres igualmente, como saber se comunicar, pessoa com muito tesão e não usar drogas, favorecem a reflexão e inspiram novas possibilidades de pesquisas.

O segundo bloco refere-se a ***O que prefiro na intimidade***, no qual seguiremos a mesma forma de apresentação.

→ ***O que prefiro na intimidade na faixa dos 25 aos 35 anos***

O quadro 10 apresenta as escolhas efetuadas por esta população; a seguir, detalharemos as principais escolhas dos homens e mulheres desta faixa.

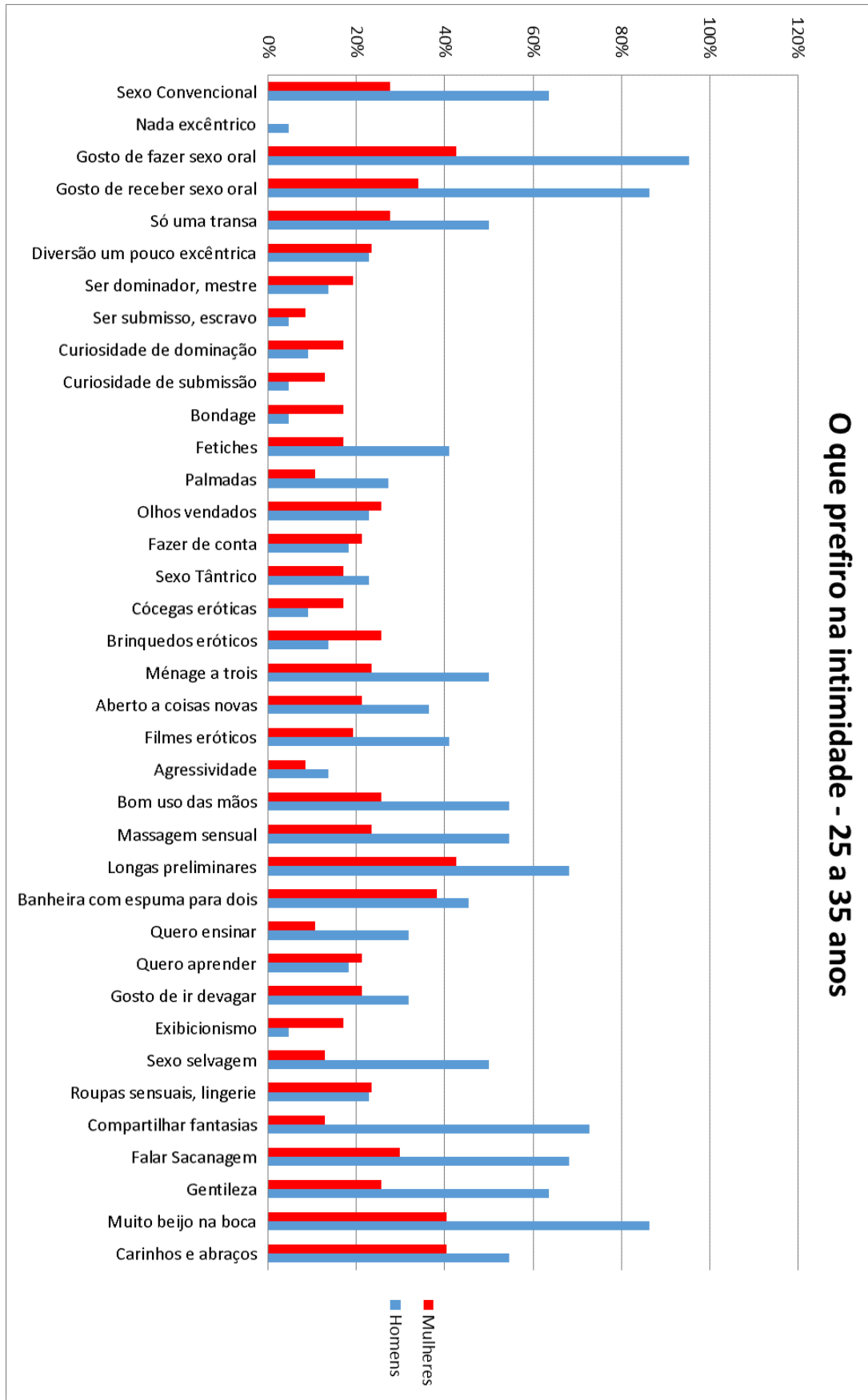
As mulheres prosseguem escolhendo menos que os homens. A primeira opção do que desejam na intimidade é selecionada por menos da metade do grupo de mulheres de 25 a 35 anos.

Quadro 10 – O que prefiro na intimidade (25-35 anos): distribuição por sexo

Escolhas	Mulheres	Homens
1º. Lugar	Gosto de fazer sexo oral, Longas preliminares 43%	Gosto de fazer sexo oral 95%
2º. Lugar	Muito beijo na boca, Carinhos e abraços 40%	Gosto de receber sexo oral, Muito beijo na boca 86%
3º. Lugar	Banheira com espuma para dois 38%	Compartilhar fantasias 73%

O gráfico 16 (p. 146) detalha o que preferem na intimidade homens e mulheres na faixa dos 25 aos 35 anos.

Gráfico 16 – O que prefiro na intimidade: faixa etária 25-35 anos



A segunda opção mais escolhida pelas mulheres: muito beijo na boca e carinhos e abraços, será classificada como afeto. Os homens explicitam o desejo de receber sexo oral, o que neste grupo coloca em evidência a questão da reciprocidade. Também aparece o afeto: muito beijo na boca.

As mulheres escolhem uma banheira com espuma para dois, enquanto os homens desejam compartilhar fantasias; ambas farão parte das fantasias sexuais.

A síntese deste grupo inclui o desejo de sexo e de afeto: fazer sexo oral e muito beijo na boca.

→ ***O que prefiro na intimidade na faixa dos 36 aos 45 anos***

No quadro a seguir podemos perceber que as mulheres – mais que no grupo anterior – passam a escolher o que desejam na intimidade.

Quadro 11 – *O que prefiro na intimidade (36-45 anos): distribuição por sexo*

Escolhas	Mulheres	Homens
1º. Lugar	Gosto de fazer sexo oral 66%	Gosto de fazer sexo oral 92%
2º. Lugar	Longas preliminares 61%	Gosto de receber sexo oral, Muito beijo na boca 87%
3º. Lugar	Gosto de receber sexo oral 58%	Carinhos e abraços 82%

Na intimidade, homens e mulheres desta faixa etária colocam como prioridade fazer sexo oral.

As mulheres desejam longas preliminares, e os homens novamente pedem reciprocidade: receber sexo oral, repetindo as preferências dos homens da faixa anterior, e também desejam muito beijo na boca.

A terceira escolha demonstra o desejo de reciprocidade das mulheres, pois gostam de receber sexo oral; os homens preferem carinhos e abraços na intimidade.

Nesta faixa etária a preferência de homens e mulheres se complementa na intimidade. Referem-se à busca pela reciprocidade, fazer e receber sexo oral. Podemos pensar que alguns encontros ocorram dentro de limites claros e desejados por ambos, isto se os participantes realmente declararem o que desejam.

→ ***O que prefiro na intimidade na faixa dos 46 aos 60 anos***

O quadro abaixo apresenta uma pequena mudança no padrão de preferência de mulheres e homens, nesta faixa de idade, em relação à intimidade:

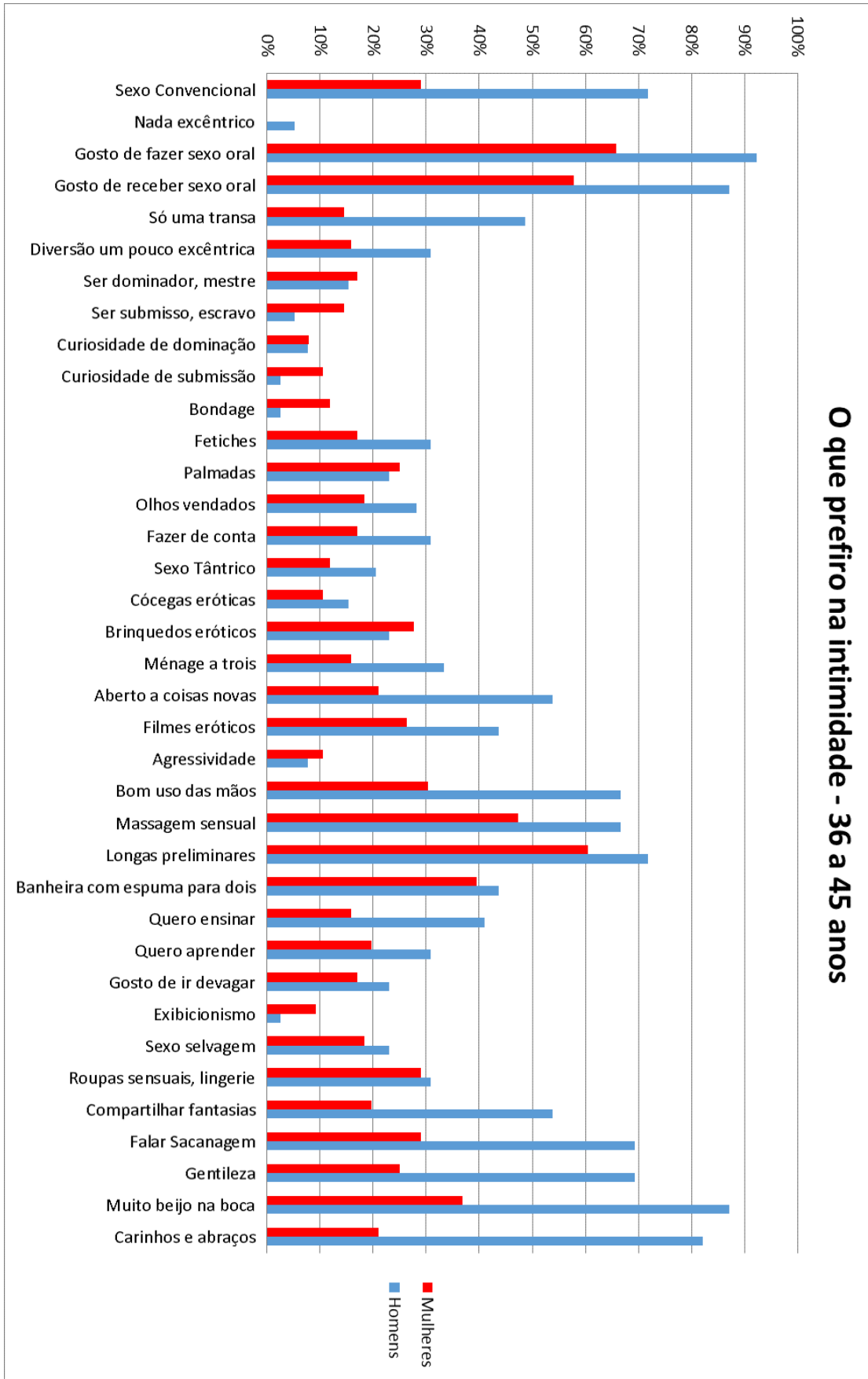
Quadro 12 – *O que prefiro na intimidade (46-60 anos): distribuição por sexo*

Escolhas	Mulheres	Homens
1º. Lugar	Muito beijo na boca 62%	Gosto de fazer sexo oral, Muito beijo na boca 81%
2º. Lugar	Gosto de fazer sexo oral 58%	Gosto de receber sexo oral, Longas preliminares 79%
3º. Lugar	Longas preliminares, Falar sacanagem 54%	Carinhos e abraços 75%

A opção mais escolhida por mulheres e homens foi “muito beijo na boca”, diferentemente das outras faixas etárias, nas quais o sexo oral era selecionado por ambos. O afeto parece estar sendo priorizado na intimidade, pelo menos nesta primeira opção.

O gráfico 17 (p. 147) detalha o que preferem homens e mulheres na faixa dos 36 aos 45 anos.

Gráfico 17 – O que prefiro na intimidade: faixa etária 36-45 anos



Os homens dos 46 aos 60 anos também preferem fazer sexo oral, e torna-se claro que este é o desejo de intimidade absoluto em todas as idades listadas. Já as mulheres têm esta opção como secundária, enquanto os homens escolhem a reciprocidade ao desejar receber sexo oral.

Outro fator que surpreende em relação aos grupos anteriores é a preferência dos homens pelas longas preliminares. Este é o desejo de todas as mulheres, independente da faixa de idade, mas somente aparece nesta faixa etária dos homens. Isto nos leva a tecer conjecturas: Estes homens seriam mais experientes ou estariam em busca de algo que os diferenciasse dos anteriores? Esta poderia ser apenas uma forma de sedução por estarem mais atentos ao que as mulheres desejam? Tal comportamento poderia decorrer também das mudanças fisiológicas, que exigiriam um tempo maior para a excitação.

Quanto à terceira escolha deste grupo, as mulheres indicam longas preliminares, como de costume, e inovam ao desejar “falar sacanagem” com o parceiro. Começa a se delinear o que busca esta faixa de mulheres – a atração pela imaginação ganha contornos eróticos quando associada ao falar sacanagem. Os homens finalizam escolhendo carinhos e abraços, outro componente afetivo.

Gostaríamos de acreditar que esteja ocorrendo uma mudança no padrão da sexualidade centrada na genitalidade, presente na juventude, para a sexualidade do jogo e da exploração sensual, a sexualidade centrada no erótico nesta fase. Necessitaríamos de uma maior exploração nesse sentido.

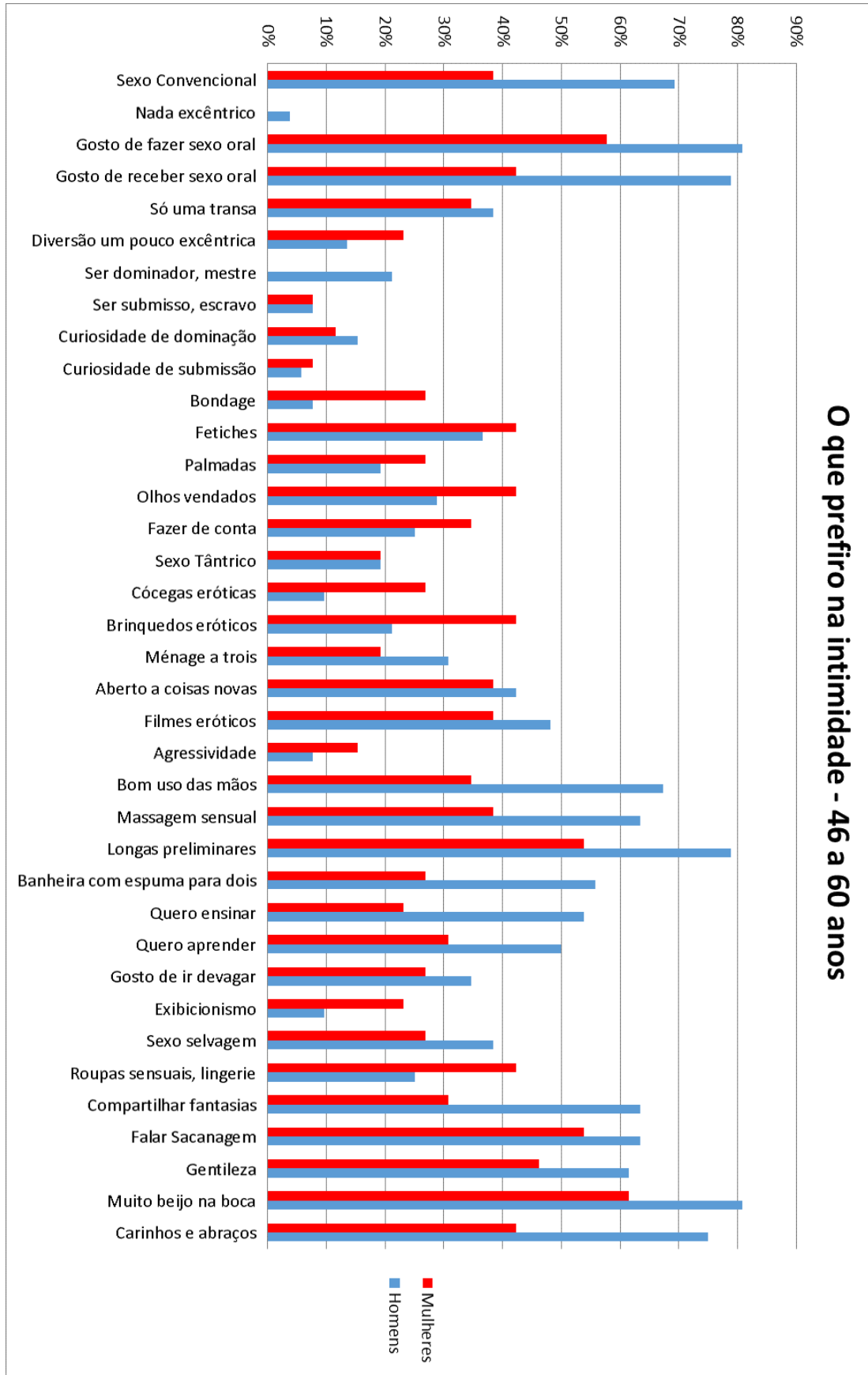
Temos como representativas desta faixa etária as escolhas pelo afeto – muito beijo na boca; pelo sexo – gosto de fazer sexo oral; e pela fantasia – longas preliminares.

Ao final deste bloco percebemos que algo em comum permeia as três faixas etárias aqui exploradas: gostar de fazer sexo oral. Alguns aspectos as distinguem:

- A faixa dos 25 aos 35 anos parece preferir sexo e afeto na intimidade, ao passo que a faixa seguinte (36 aos 45 anos) deseja a reciprocidade no sexo oral;
- A faixa dos 46 aos 60 anos prefere intimidade, afeto, sexo e fantasia – parecem ser os mais exigentes deste grupo.

O gráfico a seguir detalha as preferências na intimidade de homens e mulheres na faixa etária dos 46 aos 60 anos.

Gráfico 18 – O que prefiro na intimidade: faixa etária 46-60 anos



5.3 Terceira Análise

Como dissemos anteriormente, a execução desta tese foi encarada como a preparação de um jantar, habilidade que a pesquisadora traz em sua bagagem familiar.

Pensamos na apresentação do Discurso do Sujeito Coletivo com as categorias e subcategorias integradas, de acordo com a metáfora escolhida: a elaboração de um jantar, na qual cada etapa, respeitada a metodologia empregada, pudesse ser cuidadosamente degustada.

Os discursos relativos a cada categoria serão, portanto, nomeados como etapas presentes em um cardápio, isto porque, ao analisarmos cada categoria, pudemos perceber diferentes concentrações de ideias dos participantes. Propomo-nos, então, a compor o menu respeitando a relevância do que buscam os usuários neste site.

As categorias detectadas nos discursos de homens e mulheres expressos no site de infidelidade não se mostraram muito diferentes; em vista disso, decidimos manter as subcategorias prioritárias, dentro de cada categoria, para fins de comparação entre os discursos. As diferenças presentes em algumas faixas etárias foram acrescentadas como subcategorias diferenciadas. Foram então construídas duas grandes categorias, nomeadas como: Menu Degustação e Cardápio.

O Menu Degustação conterà os aspectos pessoais, físicos e de personalidade que os usuários buscam no site. Funcionaria como uma apresentação inicial no contato interpessoal, quando são observados dados referentes a aparência, comunicação gestual e personalidade das pessoas envolvidas.

Na preparação do jantar, tais aspectos serviriam como aperitivos para se descobrir a importância que cada um deles ocupa na busca de parceiros para relacionamentos extraconjugais. Quanto às características físicas, sua valoração é compreensível. De acordo com Abdo (2004a/b), a atração física é um dos fatores importantes no bom desempenho e na satisfação sexual. Como este site oferece a expectativa de encontros sexuais, nada mais adequado que nos detenhamos na busca e preocupação com os aspectos físicos.

O aspecto físico, porém, situa-se abaixo dos valores encontrados no âmbito da personalidade, o que poderia ser um indicativo da busca por encontros não somente casuais neste site, ou da procura por parceiros com quem se pretenda conviver minimamente.

A Categoria Cardápio foi assim nomeada com o intuito de listar as principais motivações espontâneas expressas pelos usuários para a inscrição no site. As subcategorias encontradas foram: o sexo: acreditávamos que este seria o maior objetivo do site, sendo por isso designado Prato Principal; as fantasias sexuais: demonstraram ser o elemento predominante nas expressões de homens e mulheres; dada a sua diversidade, escolhemos designá-las Acompanhamentos; o afeto: a terceira subcategoria encontrada, era a nossa hipótese inicial; de acordo com os relatos dos pacientes da clínica, imaginávamos que a atenção e o afeto recebidos nos contatos feitos através do site seriam os maiores motivadores para a inscrição nos sites de infidelidade. Parece que superestimamos o papel do afeto. Parafraseando Chico Buarque⁶⁶, decidimos que o Afeto seria a sobremesa do nosso Cardápio.

Deparamo-nos com seis subcategorias distintas, em diferentes faixas de idades, que evidenciam e caracterizam os aspectos necessários para a compreensão dos usuários do site. Cada subcategoria será detalhada antes do quadro em que o Discurso está inserido.

A seguir passamos a apresentar os Discursos do Sujeito Coletivo referentes a cada faixa etária, de mulheres e de homens⁶⁷.

❖ **Mulheres dos 25 a 35 anos**

A primeira subcategoria distinta encontrada foi nas expressões das mulheres na faixa dos 25 a 35 anos, caracterizadas como desafios à potência masculina. Consideramos esta atitude (13%) digna de relato e a incluímos como Provocações; elas compõem o Cardápio como Pimenta.

As mulheres expressam seu desejo pelas fantasias sexuais, na busca pela excitação e paixão, e na procura pelo prazer arrebatador.

Seus desejos se dividem em homens gentis e cavalheiros, com quem pretendem ter relações fixas; e homens safados e sensuais, para uma noite casual.

⁶⁶ Música “Com açúcar, com afeto”, de Chico Buarque.

⁶⁷ Os ANEXOS 2 e 3 contêm o DSC dividido por sexo no total de comprometidos, apresentado no Exame de Qualificação deste trabalho.

Quadro 13 – Categorias e subcategorias do Discurso do Sujeito Coletivo: mulheres de 25 a 35 anos

Categorias	Subcategorias	Mulheres de 25 a 35 anos (47 mulheres)
Categoria 1 Menu Degustação	Subcategoria 1.1 Primeira Entrada: Personalidade (36%)	<p><i>“Gosto de homens safados, decididos, bem humorados e inteligentes. Adoro quando são sérios, carinhosos, aventureiros, bem educados e gentis. Tem que ter atitude e ser sexy.</i></p> <p><i>Procuro uma pessoa legal, confiável, um homem bom, que tenha princípios e valores. Alguém que não tenha complicações, que seja de bem com a vida. Um homem normal, do tipo cavalheiro, que saiba apreciar um vinho e tratar muito bem uma mulher.”</i></p>
	Subcategoria 1.2 Segunda Entrada: Aspectos Físicos (17%)	<p><i>“Quero um sorriso bonito, um bom perfume num homem jovem que não fume.</i></p> <p><i>Desde que se cuide, seja comprometido, entre 32 e 45 anos e não seja feio...</i></p> <p><i>Não sou tão exigente a ponto de querer alguém nota 10.”</i></p>
Categoria 2 Cardápio	Subcategoria 2.1 Prato Principal: Sexo (25,5%)	<p><i>“Estou à procura de puro sexo, anal sex e tudo o mais.. Quero você na cama comigo, um parceiro para uma noite casual e muita energia para gozar no final.”</i></p>
	Subcategoria 2.2- Acompanhamentos: Fantasias Sexuais (49%)	<p><i>“Procuro por um pouco de paixão e entusiasmo em minha vida sexual, quero conversas picantes, explorar coisas novas e satisfazer minhas fantasias sexuais. Adoro preliminares.</i></p> <p><i>Vamos nos divertir e brincar gostoso? Estou disposta a ver quanto prazer posso ter em uma noite casual. Quero um cara quente na cama que curta momentos de puro e intenso prazer. Algo arrebatador, com emoção, paixão e palavras calientes.</i></p> <p><i>Alguém que me satisfaça porque sei que vou te levar à loucura.”</i></p>
	Subcategoria 2.3- Pimenta: Provocações (13%)	<p><i>“Quero homens que dão conta do recado e que na cama sejam O CARA!</i></p> <p><i>Quem disse que tamanho não é documento? Tamanho é documento SIM!!!</i></p> <p><i>Se for bom de cama conseguirá me satisfazer. Será que alguém se habilita?”</i></p>

	<p>Subcategoria 2.4- Sobremesa: Afeto (30%)</p>	<p><i>“Adoro ser paparicada, gosto de muita atenção, carinho e ser muito bem cuidada.</i></p> <p><i>Não sei que tipo de amor posso esperar mas tem que ser com muito carinho.</i></p> <p><i>Quero um amante fixo para me relacionar emocionalmente, que perceba que a mulher é um anjo disfarçado, que necessita se sentir desejada e muito beijada.</i></p> <p><i>Busco alguém para muitos reencontros que acabe com a minha solidão. Não sei se me entende, mas desejo ‘long term relationship’.”</i></p>
--	---	---

Assumem uma postura provocativa como forma de sedução.

❖ Homens dos 25 a 35 anos

A segunda subcategoria diferenciada pertence aos homens desta faixa etária. Os elementos encontrados neste grupo (14%) correspondem a indagações e questionamentos, quase um desconforto gerado pelo uso “inadequado” do site pelas mulheres, segundo os homens desta faixa etária.

Classificamos estas Inquietações como Azeite; imperceptível para muitos, sua acidez, procedência e qualidade pode incomodar a outros.

Quadro 14 – Categorias e subcategorias do Discurso do Sujeito Coletivo: homens de 25 a 35 anos

Categorias	Subcategorias	Homens de 25 a 35 anos (22 homens)
Categoria 1 Menu Degustação	<p>Subcategoria 1.1 Primeira Entrada: Personalidade (73%)</p>	<p><i>“Desejo uma pessoa interessante, discreta, madura, inteligente e divertida.</i></p> <p><i>Quero você do jeito que você é!!</i></p> <p><i>Uma mulher sensual, atraente e bem humorada, que tenha atitude, resolvida e saiba o que quer: ser safada e gostar de pular a cerca.</i></p> <p><i>Procuro uma bela amante, que se sinta só e saiba ser autêntica, cúmplice para curtirmos sem compromisso e que saiba a hora certa de parar.”</i></p>
	<p>Subcategoria 1.2 Segunda Entrada: Aspectos Físicos (27%)</p>	<p><i>“Beleza é fundamental!!</i></p> <p><i>Pode ser alta, baixa, loira, ruiva, morena ou negra.</i></p> <p><i>Magra, nada contra gordinhas, mas não me interesse por mulheres acima do peso.”</i></p>

Categoria 2 Cardápio	Subcategoria 2.1 Prato Principal: Sexo (23%)	<i>“Quero algumas horas de bom sexo! Necessito muito de sexo e o que importa é que você goste de sexo também, quero sentir teu desejo, teu tesão e quero fazê-la gozar muito.”</i>
	Subcategoria 2.2 Acompanhamentos: Fantasias Sexuais (41%)	<i>“Quero muito mais, quero viver intensamente, sair da rotina e descobrir coisas novas em fotos, ‘webcam’ ou na cama. Sentir a emoção de satisfazê-la e realizar seus fetiches. Procuro por swing e levo minha esposa.”</i>
	Subcategoria 2.3 Azeite: Inquietações (14%)	<i>“Ninguém está aqui procurando marido ou companheiro, este site é relacionado para pessoas comprometidas, se procura um namorado ou um príncipe encantado tente o Par Perfeito e se não quiser mostrar o rosto procure outros espaços. Este não é o lugar!”</i>
	Subcategoria 2.4 Sobremesa: Afeto (9%)	<i>“Quero te dar toda atenção, te fazer feliz, te ouvir e te fazer sorrir. Seu sorriso vale muito!!!”</i>

Os homens enfatizam as características da personalidade da mulher que buscam, e dentre estas destacam as que não querem compromisso.

Sua busca por fantasias sexuais reflete a necessidade de sair da rotina e viver intensamente, o que se repete no sexo: desejam “muito” sexo.

As inquietações parecem justificadas, pois metade de suas parceiras nesta faixa etária pretendem mais que uma noite casual.

❖ **Mulheres dos 36 a 45 anos**

As mulheres que compõem este grupo demonstram querer diversão, novidades e excitação.

Buscam sentir-se desejadas e experimentar prazeres ainda não vividos. Para realizá-los, procuram homens maduros com características que permitam manter seus limites, desejos e privacidade garantidos.

Uma minoria busca sexo, enquanto outra prefere relacionamentos longos.

Quadro 15 – Categorias e subcategorias do Discurso do Sujeito Coletivo: mulheres de 36 a 45 anos

Categorias	Subcategorias	Mulheres de 36 a 45 anos (76 mulheres)
Categoria 1 Menu Degustação	Subcategoria 1.1 Primeira Entrada: Personalidade (51%)	<p><i>“Procuro homens que sabem o que querem, divertidos, carinhosos, gentis e cavalheiros que respeitem meus limites e minha privacidade.</i></p> <p><i>Um homem inteligente, elegante e com conteúdo, que não faça cobranças, discreto, com gostos simples mas com uma curiosidade natural, bom de papo e com humor sarcástico.</i></p> <p><i>Alguém especial, tranquilo que saiba manter nossos encontros em sigilo. Um amigo amante sério.</i></p> <p><i>Honestidade é fundamental, cumplicidade e reciprocidade também. Estou à procura de um homem que saiba a sutil diferença entre fazer amor e transar. Um homem maduro e que tenha pegada.”</i></p>
	Subcategoria 1.2 Segunda Entrada: Aspectos Físicos (12%)	<p><i>“Moreno com sorriso brilhante, um perfume sutil, que não use drogas e não fume.</i></p> <p><i>Prefiro acima dos 35 anos, casado, que saiba cozinhar, use cueca box e seja afrodescendente.</i></p> <p><i>Será que estou pedindo muito?”</i></p>
Categoria 2 Cardápio	Subcategoria 2.1 Prato Principal: Sexo (10,5%)	<p><i>“Muito sexo!! Simples assim...Sou ninfomaníaca e estou atrás de sexo para satisfazer minhas necessidades sexuais.</i></p> <p><i>Quero o que não consigo com meu marido e não vou deixar de amá-lo por isso.</i></p> <p><i>Busco um ‘escravo sexual’ não um amante fixo ou namoradinho.</i></p> <p><i>Troco sexo por dim-dim...motel por sua conta. Não é um trabalho, é só isto que eu quero. Sempre com proteção, é lógico!”</i></p>
	Subcategoria 2.2 Acompanhamentos: Fantasias Sexuais (67%)	<p><i>“Quero um caso rápido pois meu marido é ciumento e possessivo. Não quero compromisso.</i></p> <p><i>Gosto de aproveitar o momento, curtir coisas novas, tomar banho juntos e ter muito prazer.</i></p> <p><i>Desejo uma paixão insaciável com longas preliminares para me sentir desejada. Só quero me divertir e realizar 1 milhão de fantasias sexuais. Meus desejos vão além da imaginação...</i></p> <p><i>Casos rápidos me levam à loucura e estou louca para te encontrar. Adoro sacanagem como sexo em lugares públicos.</i></p> <p><i>Minha fantasia é ser filmada para depois poder assistir com meu marido, depois prometo deletar.</i></p> <p><i>Procuro a adrenalina do proibido, sair da rotina e viver plenamente minha sexualidade experimentando o prazer que ainda não desfrutei.”</i></p>

	Subcategoria 2.3 Sobremesa: Afeto (9%)	<i>“Quero reviver momentos já esquecidos, necessito de muito carinho, namorar e um amor que me dê muita atenção. Não me interessa por casos rápidos.”</i>
--	---	---

❖ Homens dos 36 a 45 anos

A terceira subcategoria diferenciada refere-se aos homens desta faixa etária (18%). Surgiram frases que denotavam a necessidade de contratar, delimitar, estabelecer o que seriam expectativas adequadas para os envolvidos nos encontros proporcionados pelo site, para que idealizações não provocassem futuras cobranças.

Acreditamos que se trate da mesma inquietação demonstrada pelos homens mais jovens, editada de forma mais elaborada. Em nosso Cardápio, resolvemos colocá-la como Ingrediente Básico – seria o Sal, para que os encontros pudessem acontecer sem diferentes expectativas e evitassem frustrações. Nem mais, nem menos: apenas o necessário.

Quadro 16 – Categorias e subcategorias do Discurso do Sujeito Coletivo: homens de 36 a 46 anos

Categorias	Subcategorias	Homens de 36 a 45 anos (39 homens)
Categoria 1 Menu Degustação	Subcategoria 1.1 Primeira Entrada: Personalidade (74%)	<i>“Conteúdo, inteligência, caráter, discrição e sigilo são fundamentais. Mulheres decididas, classudas, atraentes, cultas, elegantes e viajadas que sabem ser lindas a seu jeito. Tem que gostar de si mesma, ter luz própria, ser segura, desinibida, resolvida sexualmente, sensual mas sem vulgaridade. Carinhosa, educada, cúmplice e respeitosa; precisa gostar de conversar, ser criativa, bem humorada e divertida. Mas tem que gostar de ser mulher e não princesa. Sem stress. Quero que seja tarada mas gosto de mulher que seja passiva na cama e me deixe conduzir a transa.”</i>
	Subcategoria 1.2 Segunda Entrada: Aspectos Físicos (18%)	<i>“Uma mulher bonita, cintura fina e cabelos compridos, casada e higiênica. Que saiba andar de bicicleta.”</i>
Categoria 2 Cardápio	Subcategoria 2.1 Prato Principal: Sexo (38%)	<i>“Desejo uma insaciável amante brasileira, que goste de gozar, para vivermos uma aventura com muito sexo sem compromisso. Costumo dar as cartas e geralmente agrado muito! Agora quanto ao tipo de sexo, só conto de perto!!”</i>

	<p>Subcategoria 2.2 Acompanhamentos: Fantasias Sexuais (56%)</p>	<p><i>“Não aceito limites para o prazer, desejo o prazer, a alegria da conquista e as carícias de uma mulher divina.</i></p> <p><i>Quero coisas novas e diferentes para fugir da rotina. Viver uma gostosa paixão e realizar todas as suas fantasias.</i></p> <p><i>Quero mulheres que curtam aventuras e estejam cheia de desejos reprimidos para lançar-se em uma experiência única, não anseiem por promessas e gostem de mentiras sinceras.</i></p> <p><i>Alguém para me divertir, desestressar e descontraír. Preciso de emoções à flor da pele.”</i></p>
	<p>Subcategoria 2.3 Sal: Ingrediente básico (18%)</p>	<p><i>“Busco um affair pelo mesmo motivo que você, sabemos que as regras devem ser claras já que estamos aqui pelo mesmo motivo.</i></p> <p><i>Sejamos sinceros; cada um busca o que lhe falta, o que lhe completa e o que lhe realiza, seja qual for a motivação; inconformismo, inquietude ou insatisfação. Isso move o ser humano, a busca pelo que (ou quem) lhe complete.”</i></p>
	<p>Subcategoria 2.4 Sobremesa: Afeto (10%)</p>	<p><i>“Sou romântico, desejo uma mulher que acredite que sexo é sempre com carinho e amor.”</i></p>

Novamente, os homens evidenciam o desejo por características de personalidade das mulheres; enfatizam aspectos pessoais como caráter, conteúdo e inteligência. Nos aspectos relacionados à sexualidade, estes são descritos como ser sensual mas sem vulgaridade, “tarada” mas permitindo ao homem a condução na cama ou a colocação das cartas na mesa.

As fantasias sexuais falam da quebra da rotina, sexo sem limites, realização de desejos e aventuras para desestressar e descontraír, sem compromisso.

Tentam assegurar que as regras estejam claras e pregam que o sexo é sempre feito com amor e carinho.

❖ **Mulheres dos 46 a 60 anos**

A quarta subcategoria surgiu com as mulheres na faixa dos 46 aos 60 anos. Emergiram reclamações decorrentes da inadequação das fotos ou da postura relatada pelos homens, segundo as participantes desta faixa.

Tais relatos denotam a preocupação com a exposição das fotos pessoais e o incômodo com determinadas fotos íntimas, consideradas desnecessárias.

Quadro 17 – Categorias e subcategorias do Discurso do Sujeito Coletivo: mulheres de 46 a 60 anos

Categorias	Subcategorias	Mulheres de 46 a 60 anos (26 mulheres)
Categoria 1 Menu Degustação	Subcategoria 1.1 Primeira Entrada: Personalidade (77%)	<p><i>“Homem inteligente, educado, generoso, honesto, sensível e equilibrado para um relacionamento exclusivo.</i></p> <p><i>Precisa ser ético, maduro, confiante e respeitoso, com muitas histórias para contar.</i></p> <p><i>Que seja discreto, simples e sofisticado; bem humorado e que entenda as mulheres, ou melhor, ame as mulheres e jamais as magoe, tratando-as como um objeto de uso descartável.</i></p> <p><i>Alguém que saiba se valorizar e esteja em paz, que fale pouco e não faça promessas.</i></p> <p><i>Delicadeza e gentileza são fundamentais!</i></p> <p><i>Não tenha problemas familiares, que seja intenso na relação a ponto de me fazer ver estrelas.</i></p> <p><i>Quero qualidade! Alguém que me compreenda, que enxergue minhas qualidades e me aceite do jeito que sou; alguém que me faça sorrir.”</i></p>
	Subcategoria 1.2 Segunda Entrada: Aspectos Físicos (23%)	<p><i>“Quero um homem da minha faixa etária, até no máximo 52 anos, sem filhos e com disponibilidade de horários para encontros.</i></p> <p><i>Um homem cheiroso, não obeso nem peludo e de preferência casado.</i></p> <p><i>Executivo ou empresário, oriental e que seja da Zona Sul de São Paulo.”</i></p>
Categoria 2 Cardápio	Subcategoria 2.1 Prato Principal: Sexo (15%)	<p><i>“Gosto de todas as posições e de todo tipo de sexo.”</i></p>
	Subcategoria 2.2 Acompanhamentos: Fantasias Sexuais (61,5%)	<p><i>“Desejo momentos mais íntimos e prazerosos, quero me sentir desejada e sentir desejo.</i></p> <p><i>Quem sabe vivermos uma longa história ou não, cheia de emoções, sacanagem e entregas.</i></p> <p><i>Minha busca é sair da rotina e espero encontrar alguém que consiga e saiba fazer amor, para apimentar minha vida.</i></p> <p><i>Será você o par perfeito para me satisfazer?</i></p> <p><i>Quero bater papo, me divertir e deixar rolar prá ver onde podemos chegar e quem sabe irmos ao “finalmente”. Será maravilhoso!</i></p> <p><i>Tenho uma fantasia: transar na frente do meu marido que já aceitou a condição. Topas?</i></p> <p><i>Não se apaixone pois não pretendo larga-lo!”</i></p>

	<p>Subcategoria 2.3</p> <p>Sobremesa:</p> <p>Afeto</p> <p>(31%)</p>	<p><i>“Procuro um relacionamento real, romântico com muitas trocas e vivências compartilhadas. Envolvimento emocional é fundamental!!</i></p> <p><i>Busco um homem que me trate como rainha, que tenha muito amor para dar e que seja um só, para podermos ter intimidade.</i></p> <p><i>Quero jantares românticos com pequenos gestos que demonstre seu amor; só preciso de alguém que me ame e acredite no amor verdadeiro.”</i></p>
	<p>Subcategoria 2.4</p> <p>Café:</p> <p>Adequação</p> <p>(23%)</p>	<p><i>“Fotos de sua genitália não representam NADA! Quando isoladas nada dizem, quero seu rosto!!</i></p> <p><i>As fotos privadas só depois de saber bem quem você é; se for colecionador ou ‘punheteiro’ virtual procure outro site; se quer bundão e peitões compre a Playboy e se quer autopromoção procure uma agência de modelos.”</i></p>

Aumentam as exigências quanto à personalidade dos candidatos; precisam ser éticos, equilibrados, generosos; devem entender e amar as mulheres, além de nunca magoá-las. Precisam ser sofisticados, delicados, falarem pouco e prometerem ainda menos...

Nas demais faixas etárias as mulheres perguntam se estão sendo muito exigentes, em tom de brincadeira, o que é evidenciado por símbolos (*emoticons*). Nesta fase essa pergunta não ocorre.

As exigências permanecem nos aspectos físicos, reduzindo as chances de encontrar um parceiro. Surge a questão: Será que elas querem um parceiro?

❖ Homens dos 46 a 60 anos

A quinta subcategoria, expressa pelos homens, nos surpreendeu; afinal, 44% deles utilizaram adjetivos em benefício próprio. Pareceu-nos um personagem que se posiciona como grande conhecedor – neste caso, dele mesmo. O personagem a que nos referimos é o “grand connoisseur”, associado ao Vinho, que lhe permite o “Mise-en scene⁶⁸” necessário.

A sexta subcategoria também nos é ofertada por este grupo, aparecendo como uma relação Custo-Benefício. Os homens expressam claramente que não querem perder tempo nem dinheiro no site. Esta subcategoria encerraria nosso jantar com um Licor, assim como finalizaria a apresentação do Discurso do Sujeito Coletivo.

⁶⁸ Termo utilizado no cinema francês, na década de 50, que designa “a figura do sujeito que se oferece à câmera na situação de tomada” (p. 2) em <http://www.iar.unicamp.br/docentes/fernaoramos/20Mise-enScene_Site_Realista.pdf>.

Quadro 18 – Categorias e subcategorias do Discurso do Sujeito Coletivo: homens de 46 a 60 anos

Categorias	Subcategorias	Homens de 46 a 60 anos (52 homens)
Categoria 1 Menu Degustação	Subcategoria 1.1 Primeira Entrada: Personalidade (61,5%)	<p><i>“Uma mulher inteligente, culta, elegante, um papo de alto nível com astral legal, sem problemas ou neuras.</i></p> <p><i>Que seja audaciosa, decidida, de personalidade e discretíssima e busquem um relacionamento transparente: 100% sincero, claro e objetivo e 0% hipocrisia.</i></p> <p><i>Uma cúmplice que não queira compromissos e não se complique, que goste de conversar, que saiba ser sexy e que conquiste com o olhar.</i></p> <p><i>Busco alguém que me surpreenda para uma aventura excitante.”</i></p>
	Subcategoria 1.2 Segunda Entrada: Aspectos Físicos (29%)	<p><i>“Delicadamente cheirosa, comprometida, que more em São Paulo, bonita e que esteja bem fisicamente.</i></p> <p><i>Entre 30 e 50 anos e que tenha lindos pés.”</i></p>
Categoria 2 Cardápio	Subcategoria 2.1 Prato Principal: Sexo (15%)	<p><i>“Quero sexo quente, sexo voraz!</i></p> <p><i>Muito sexo!!</i></p> <p><i>Aproveitar a sexualidade em sua plenitude, sem pudores e preconceitos mas no real, não no virtual.”</i></p>
	Subcategoria 2.2 Acompanhamentos: Fantasias Sexuais (83%)	<p><i>“Quero aventuras loucas e ousadas em encontros secretos. Realizar fantasias eróticas, seus desejos mais profundos, podemos experimentar swing.</i></p> <p><i>Adoro lingerie, adoro calcinhas mas me excita um vestido sem calcinha!</i></p> <p><i>Faremos tudo que possa dar prazer aos dois...aos três, aos quatro...</i></p> <p><i>Quero soltar o verbo sem ser julgado.</i></p> <p><i>Adoro preliminares e desejo mulheres que me atraiam em todos os sentidos e não tenham medo de se entregar. Quero prazer sem compromisso, uma parceira para todo tipo de prazer mas apenas pela vontade de estarmos juntos.</i></p> <p><i>Gosto só de observar, o que é proibido e gostoso.</i></p> <p><i>Entre quatro parede tudo pode acontecer, se deseja um Christian Gray, pode estar perto de encontrar...”</i></p>
	Subcategoria 2.3 Vinho: “Mise-en-scene” (44%)	<p><i>“Sou melhor pessoalmente que na NET, mas vou lhe proporcionar um atalho:</i></p> <p><i><u>Fora da cama:</u> Sou homem no sentido da palavra, maduro, vivo, determinado, executivo, inteligente, bom nível, divertido, discreto, bom papo, educado, romântico, amigo, moreno, 1,90m, bonito, de bem com a vida, com muita disposição, saudável, boa aparência, jogo tênis, viajado,</i></p>

		<p><i>pós-graduado, gentil, sincero, o último samurai, lutador de kung-fu, claro e objetivo em meus propósitos, financeiramente estável, muito bem sucedido, tranquilo no trato, realizado, vitorioso, equilibrado e casadíssimo.</i></p> <p><i>Na cama: Faço parte do grupo de homens que faz questão de dar prazer à parceira, carinhoso, sensual, com a experiência necessária para entender o que uma mulher deseja, pronto para realizar as suas e as minhas fantasias, só terei intimidade com quem me sintam bem e confortável, bom amante, sem preconceito e sei muito bem retribuir e atender seus desejos. Você ainda leva segurança e tranquilidade de brinde: fiz vasectomia a muitos anos.</i></p> <p><i>Sou assim, um e outro, o tempo todo.</i></p> <p><i>Sou o cara certo para você!</i></p>
	<p>Subcategoria 2.4</p> <p>Sobremesa:</p> <p>Afeto</p> <p>(25%)</p>	<p><i>“Sou romântico, adoro curtir e namorar, poder descobrir lentamente a mulher que esconde-se atrás das inibições e pudores.</i></p> <p><i>Desejo dar e receber carinho, cafuné e ter a velha sensação de namoro. Quero alguém com quem me sintam integrado, complementar, que curta desejar e ser desejada.</i></p> <p><i>Preciso de colo e muito amor em um relacionamento sincero com a oportunidade de construir algo mais, nem que seja um castelo secreto em nosso íntimo.</i></p> <p><i>Sou carinhoso e gosto de mimar a companhia que acabará com a minha solidão.”</i></p>
	<p>Subcategoria 2.5</p> <p>Licor:</p> <p>Relação</p> <p>Custo-Benefício</p> <p>(21%)</p>	<p><i>“Não estou aqui para perder tempo, não tenho interesse em prostitutas nem as que querem só agitar e depois desistem.</i></p> <p><i>Não quero aventuras virtuais, só reais; assim como sexo só real e não virtual.</i></p> <p><i>Odeio conversar pelo Notebook e não gostaria de me alongar em papos virtuais.</i></p> <p><i>Não responderei mensagens a cobrar e aceito as solteiras só se não quiserem compromisso.</i></p> <p><i>Quero provar se o site vale a pena.”</i></p>

Os homens desta faixa buscam aventuras loucas e ousadas, nas quais o prazer possa ser vivido sem limites e sem compromisso.

Reafirmam que desejam relações 100% transparentes, com zero compromisso; propõem namoro e mimo e mostram-se performáticos. Para este grupo não há tempo a perder, o prazer é agora!

5.4 Discussão

Algumas discussões foram desenvolvidas na apresentação de gráficos e quadros, para uma melhor compreensão dos dados.

Pudemos observar que a maior presença no site de infidelidade, entre os participantes que se dizem comprometidos, é de mulheres com idades entre 36 e 45 anos, seguidas pelos homens de 46 a 60 anos.

Ao integrarmos estes dados ao Ciclo Vital da Família, lembrando que as fases do Ciclo Vital correspondem a fenômenos e não a idades, poderíamos aproximar estas mulheres da Fase da Família Adolescente; se tiverem filhos (algumas relatam as idades), estes estarão se aproximando da adolescência, ao passo que elas estarão transpondo a fase de adultas jovens para adultas maduras. Isto parece coincidir com a idade proferida pelo criador do site *Ashley Madison* e, portanto, não seria uma característica somente da nossa cultura.

No que tange aos homens de 46 a 60 anos, eles estariam saindo da Fase Adolescente do Ciclo Vital da Família e seguindo para a Fase Madura. Este seria o segundo momento mais propício, a meia idade, em que os homens estariam se envolvendo em casos extraconjugais, de acordo com o criador do site mencionado acima. O primeiro momento relatado por ele seria o dos homens com a mulher grávida, com filhos bebês ou pequenos, a Fase de Aquisição do Ciclo Vital, que não aparece em evidência nesta população; nessa faixa etária, as mulheres superam os homens.

Estas fases nos indicam que:

– As mulheres estão passando por perdas decorrentes da maturidade física e lutam para manter-se jovens e atraentes. A chegada dos 40 inaugura a fase das “Coroas” (GOLDENBERG, 2008), o que é considerado depreciativo para uma sociedade que cultua corpos jovens; concomitantemente, a jovialidade dos filhos adolescentes, assim como a vivência da sexualidade por estes, esbarra nas insatisfações conjugais. Os dados do IBGE revelam a média de idade de 42 anos para as mulheres em processo de divórcio.

– Os homens estão buscando novos significados para suas vidas e para a conjugalidade. Ocorre a avaliação da trajetória profissional e a aproximação da aposentadoria. Tomam “consciência do tempo já vivido que os relacionamentos antigos (lhes) confere” (ABDO, 2004b, p. 80). A média de idade dos divórcios situa-se um pouco antes dos 46 anos, ou seja, 42 anos para os homens.

Ao analisarmos a quantidade de palavras utilizadas nas escritas espontâneas, percebemos que os homens escrevem mais entre os 36 e 45 anos e as mulheres entre os

46 e 60 anos de idade. Neste particular ocorre uma inversão entre homens e mulheres: quanto maior a presença nos sites, menor a utilização de expressões espontâneas.

Na conexão *On/Off-line* observamos que tanto homens como mulheres tendem a se apresentar cada vez mais desconectados (ou no modo *off-line*) no decorrer da idade.

As mulheres colocam menos fotos de rosto à medida que a idade aumenta, enquanto os homens tendem a intensificar a postagem de fotos de rosto com o passar do tempo.

Parece-nos interessante que a faixa mais jovem dos homens (25 a 35 anos) mostre partes do corpo, e a faixa seguinte (36 a 45 anos) opte por exibir mais partes do rosto. Poderíamos pensar na construção de uma “identidade sedutora masculina” nos sites de infidelidade, que percorreria partes do corpo e seguiria em direção às partes do rosto, finalmente se estabelecendo no rosto, como um todo?

Na faixa dos 46 aos 60 anos, 25% dos homens expõem seus rostos nas fotos.

As mulheres mais jovens ousam menos que as mais velhas. Enquanto somente 45% das usuárias de 25 a 35 anos possuem galeria privada, as de 36 a 45 anos elevam a taxa para 50% e as mulheres da faixa de 46 a 60 anos sobem o percentual para 65% de usuárias com fotos íntimas.

Este é um dado que merece maiores pesquisas, pois o envelhecimento promove a “invisibilidade” da mulher; como atestam as pesquisas de Goldenberg (2008); o corpo é percebido como “capital”, sentido como desvalorizado com o passar dos anos. Esta poderia ser uma forma de desvelá-lo no espaço considerado íntimo e exclusivo, permitido somente para os elegidos, e assim mostrar seu melhor ângulo. Questões que não conseguiremos responder pelos limites deste estudo.

Os homens mais velhos parecem sentir-se mais seguros em mostrar-se reservadamente. Este é um dado que reconhecemos semelhante ao das mulheres, com uma maior apresentação de fotos em foro íntimo. Podemos supor que nesta fase, dos 46 aos 60 anos, ocorra um cuidado maior com a própria exposição e seja necessário um conhecimento prévio antes de qualquer revelação. Outra possibilidade, diferente do previsto por Goldenberg (2010) em relação às mulheres, seria que o conhecimento a respeito de si, pelo tempo vivido, permitiria que outros atributos fossem oferecidos além dos aspectos físicos; o corpo não seria, então, o único “capital”.

Bauman (2011) retrata os usuários que buscam sexo nos sites como pertencentes a um catálogo *on-line*, de acordo com o que consideram relevante. Concordamos com o autor, pois são expostas partes do corpo, e os usuários definem-se como são e o que gostariam de encontrar. Trata-se de um grande catálogo, no qual se busca um parceiro para preencher muitas lacunas, além do sexo.

Os limites pretendidos pelas mulheres na faixa dos 25 aos 45 anos parecem ser exatamente a experiência de estar “sem limites” – desejam “tudo”. Já as mulheres mais velhas (46 a 60 anos) igualmente desejam algo que as excite, e têm dúvidas quanto até onde pretendem chegar; esta também é a fase em que mais desejam estabelecer relacionamentos duradouros.

Os homens, de qualquer idade, anseiam por algo que os excite. Como dissemos, talvez seja esta a busca que está se delineando nos sites de infidelidade.

O que atrai todas as mulheres é a boa higiene pessoal. Presumimos que os contatos no site podem levar ao ato sexual, e percebemos por que esta escolha é compreensível. O senso de humor também é privilegiado por elas.

Já os homens de todas as faixas se sentem atraídos, nesta ordem, pela discrição e sigilo, senso de humor e boa higiene pessoal.

De acordo com o Modelo de Investimento, acreditamos que a escolha pela discrição e sigilo demonstre que se preocupam com o seu (suposto) relacionamento amoroso e que não pretendem rompê-lo, o que acaba sendo esperado diante da descoberta da infidelidade. No entanto, nenhuma das primeiras escolhas das mulheres foi pelo sigilo. Este pode ser um dado que talvez revele o nível de comprometimento de homens e mulheres presentes no site quanto aos seus relacionamentos. Em igual medida, poderíamos supor que o nível de insatisfação talvez esteja mais presente nas mulheres, o que é confirmado pelas pesquisas.

Supomos que a preocupação com a descoberta da infidelidade presuma algum investimento na relação a ponto de não se querer rompê-la. Ao mesmo tempo, a não preocupação com a descoberta da infidelidade e com o possível rompimento revelaria um baixo investimento e novamente elevada insatisfação conjugal.

As mulheres de 25 a 35 anos se sentem atraídas pela elegância e estilo, pelo senso de humor, pelo romantismo e por “um ninho de amor secreto”. São as únicas que escolhem elementos símbolos do amor romântico: o romantismo e o “castelo/ninho”. Por serem mais jovens, as mulheres nesta faixa parecem estar mais próximas de relacionamentos idealizados, e portanto tornam-se mais vulneráveis à frustração.

Na faixa dos 46 aos 60 anos as mulheres desejam alguém que “saiba se comunicar”. Poderíamos conceber algumas possibilidades para a compreensão desta escolha:

- Troca de informações?
- Falar corretamente?
- Interpretar os códigos da comunicação não verbal?
- Expressar ideias e/ou sentimentos?
- Saber dialogar?
- Ter conteúdo para manter uma conversa?
- Permitir a expressão da mulher e aceitá-la, ou respeitá-la?

Além de muitos outros sentidos sobre os quais somente as usuárias poderiam nos esclarecer.

Esta escolha nos remete a um antigo provérbio chinês: “Case-se com quem gosta de conversar...”. Isto nos leva a refletir sobre a mudança nos relacionamentos nesta fase, decorrentes das mudanças biológicas (climatério e preocupações com perda de ereção), sociais (diminuição do grupo de amigos), familiares (filhos que estão envolvidos com suas próprias vidas) e conjugais (perda do cônjuge). Um dos participantes com mais idade no site, excluído por estar na condição de solteiro, declarava que gostaria de alguém só para passear, mas que planejasse algo diferente a cada final de semana.

A mudança da criatividade da faixa anterior das mulheres para a imaginação desejada por este grupo necessitaria de um outro olhar. Se pudermos diferenciá-las, a grosso modo poderíamos contemplar a criatividade como o processo de criar; cria-se com o que existe ou cria-se com o que não existe, mas o ato criativo materializa-se, podendo ser gesto, ato ou algo concreto. Na imaginação não há produto, mas também não há limites que cerceiem o ato e a liberdade de imaginar.

Partindo dessa concepção, o elemento desejado pelas mulheres desta faixa é muito mais amplo e se utiliza de recursos internos, podendo ser um convite para a vivência de fantasias a dois.

A escolha por “homens com muito tesão” poderia ser compreendida como a necessidade de se sentirem desejadas ou na expectativa de que os homens “cumpram” o prometido sexualmente, de acordo com a solicitação de algumas mulheres participantes do site. Não podemos esquecer que nesta fase as mudanças biológicas se fazem mais presentes para homens e mulheres.

Caberia um estudo mais aprofundado sobre as relações afetivas/ conjugais dos participantes na faixa etária acima dos 60 anos, usuários da internet.

Na intimidade temos a hegemonia pela prevalência do “fazer sexo oral” em todas as idades, para homens e mulheres. Este é um dado que aparece nas pesquisas de Abdo (2004a/b); aqui, porém, é preferido acima do sexo convencional.

Homens e mulheres de 25 a 35 anos também escolhem beijos na boca, assim como os de 46 a 60 anos. Este é um dado confirmado como preferido pelas pesquisas de Abdo (2004a/b) como parte do ato sexual dos brasileiros.

A reciprocidade é solicitada pelos integrantes da faixa de 36 a 45 anos, que – além de fazê-lo - querem também receber sexo oral.

A faixa dos 46 a 60 anos deseja as preliminares como parte da intimidade. Acreditamos que isto ocorra em função das transformações físicas e psíquicas que acontecem nesta fase, como a imposição da qualidade sobre a quantidade, como exigem alguns.

O Discurso do Sujeito Coletivo nos permitirá endossar os dados quantitativos apresentados acima. Os conteúdos expressos adquirem significado quando integrados e formulados como uma única voz.

As mulheres de 25 a 35 anos confirmam a busca pelo homem idealizado; desejam ser paparicadas, muito bem cuidadas, tratadas como “anjos disfarçados”. Uma das expressões encontradas nos discursos dos homens de 36 a 45 anos retrata essa situação: “Quero uma mulher e não uma princesa!”, o que reforça o nosso prognóstico da vulnerabilidade à frustração.

Supomos que as atitudes provocativas, nesta faixa etária, possam ser compreendidas como recursos utilizados com a intenção de diferenciar-se do grupo e, de forma desafiadora, chamar atenção do sexo oposto.

Utilizando as lentes da teoria do apego, percebemos que esta forma de posicionamento deriva do estilo de apego inseguro evitativo, em que ocorre a desconsideração pelo outro, com questionamentos sobre tamanho do pênis e potência sexual. A busca por homens que, no mínimo, devem ser o máximo, presume uma autossuficiência como forma de lidar com a possibilidade do abandono, que neste caso é esperada; como se dissessem que nenhum homem é suficiente para satisfazê-las.

As mulheres da fase dos 36 a 45 anos expressam o desejo por um parceiro que as faça sentirem-se desejadas; também enfatizam a reciprocidade, mesmo quando desejam trocar “sexo por dim-dim”. Anseiam por reviver momentos bons e experimentar prazeres que ainda não viveram.

As expressões das mulheres de 46 a 60 anos demonstram que estas são as mais exigentes. Novamente aparece a idealização do que desejam nos homens, e suas fantasias presumem intimidade. Goldenberg (2010) define a intimidade subjetiva na mulher como uma entrega singular. Intimidade, neste grupo de mulheres, pode ser negociada com a presença do marido ou com a garantia de não abandoná-lo – o que poderia significar uma entrega singular.

Algumas mulheres buscam um homem que as trate como rainha em um relacionamento exclusivo. Mas, antes de tudo, ele tem que ser ético...

É compreensível que se irrite com fotos dos genitais masculinos; sexo não é o foco deste grupo, tanto que genericamente gostam de todas as posições e de todos os tipos de sexo.

Os homens expressam seu desejo pela discrição sem compromisso (25 a 35 anos); incorporam o sigilo e a passividade na cama, além da não vulgaridade (36 aos 45); e agregam gostar de conversar e não se complicar (46 aos 60 anos). Todos expressam o desejo por uma cúmplice que não queira compromisso.

As Inquietações dos homens mais jovens (25 a 35 anos) em relação às mulheres que buscam relacionamentos no site apresentam-se mais rudes e impulsivas se

comparadas com o Ingrediente básico dos homens de 36 a 45 anos. Todos abordam o mesmo conteúdo, ou seja, a expectativa feminina por relacionamentos longos os incomoda, pois não é o que buscam ali. Mas os homens (36 a 45 anos) colocam-se como se buscassem algo que lhes falta, demonstrando que regras claras evitam frustrações. Uma frase do sujeito coletivo que teremos que retomar deste grupo é:

Cada um busca o que lhe falta, o que lhe completa e o que lhe realiza, seja qual for a motivação; inconformismo, inquietude ou insatisfação. Isso move o ser humano, a busca pelo que (ou quem) lhe complete.

Os homens mais velhos permitem-se experimentar fantasias e vestir personagens, como *Christian Gray*⁶⁹; sentem-se seguros para proporem relacionamentos 100% transparentes; não mais se incomodam e sentem-se desconfortáveis como os de 25-35 anos, nem optam por estabelecer regras definindo os termos e delimitando o espaço das relações como os de 36-45 anos; simplesmente afirmam ser casadíssimos e optam por mulheres comprometidas.

Com a segurança e a determinação que imprimem o que desejam também nos confundem ao enaltecer sua lista de aptidões. Para que (ou para quem) estes homens precisam se autopromover? Seria uma tática de sedução?

Deixamos o Licor para o final: traduzindo a busca explicitada na relação Custo-Benefício, presumimos que os homens desta faixa etária querem ser desejados por eles mesmos, e não pelo que podem pagar ou patrocinar.

Não parecem tão seguros de seus atributos ou ainda não se apropriaram de suas conquistas, e parecem unicamente querer ser desejados, talvez por mulheres muito exigentes.

⁶⁹ JAMES, E. L. (2011). Trilogia "50 Tons de Cinza", Trilogia. São Paulo: Intrínseca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando idealizamos este trabalho imaginávamos que, na coleta de dados, poderíamos obter informações que nos permitissem analisar elementos relacionados à história de vida dos participantes de um site de infidelidade. Nosso questionário inicial⁷⁰ propunha questões que nos permitiriam pensar a infidelidade como parte de um processo intergeracional, familiar, conjugal e pessoal.

Mesmo com a impossibilidade de contatar os usuários do site, ainda assim compreendemos que o desejo pela infidelidade principia muito antes da inscrição em um site de infidelidade. A simples inscrição pode provocar sentimentos dolorosos no cônjuge, pois aspira-se buscar outro, desejar outro que não o parceiro; abre-se uma disposição para eventualmente substituir o outro na relação.

A infidelidade virtual é ampliada pela facilidade do espaço virtual, onde os riscos da interação e da rejeição pelo outro são amenizados pelo anonimato garantido. Nas relações virtuais os limites definidos são decorrentes do que consideramos desejado e idealizado na relação com o outro; portanto, a demora na resposta, a palavra dúbia ou a não demonstração do interesse esperado podem simplesmente antecipar o desfecho de uma história. Como as possibilidades existentes são muitas, o desfecho de uma história passa a não ser significativo e amplia a sensação de poder – posso entrar e sair de relações sem envolvimento e sem sofrimento –, uma forma de apego que parece ser o retrato da “liquidez” das relações que vivemos.

Como pudemos notar na história da infidelidade no Brasil, a distinção entre as classes: brancos, negros e índios e a falta de mulheres brancas; o papel da igreja em definir famílias legítimas e não famílias, com a importância do batismo para legalizar os herdeiros; e a necessidade do Estado em povoar as terras; são aspectos que poderiam estar indiretamente associados a motivadores da infidelidade.

Historicamente, poderíamos associar a infidelidade à Revolução Sexual e à ruptura dos modelos patriarcais, um caminho para a liberalização necessária para o amor livre, a amizade colorida ou o atual poliamor. Estes poderiam se tornar modelos normativos conjugais, no lugar da monogamia declarada como responsável pelas InfidelidadeS.

⁷⁰ ANEXO 4.

Percebemos a dificuldade em definir o termo infidelidade frente à multiplicidade de contratos existentes nas conjugalidades e por questões que decorrem de elementos relacionados à família de origem, intergeracionalidade e modelos aprendidos. De maior relevância é o significado que cada indivíduo atribui à infidelidade em cada relação de intimidade que estabelece no decorrer de sua história. Preferimos o termo InfidelidadeS frente à gama de possibilidades alçadas por cada relação e pelos indivíduos.

Compreendemos que a não escolha das mulheres, no perfil inicial, pode denunciar a dupla moral em que estamos inseridos: socialmente o desejo da mulher ainda é visto como proibido, e ao unirmos a não escolha (presente nos gráficos de atração e intimidade) à expressiva exposição de fotos, podemos relacionar o não desejar com a expectativa em ser desejada: apresento os melhores atributos no intuito que o outro me deseje. O que se confirma no DSC das mulheres são narrativas que correspondem ao antigo discurso da década de 60, antes da Revolução Sexual.

Os usuários dos sites podem ser compreendidos em duas grandes esferas: aqueles que buscam a infidelidade para satisfação pessoal, onde o outro não é importante; e aqueles que procuram por uma necessidade relacional, em que a busca é por alguém específico que traga a satisfação plena. Embora distintas, ambas estão inseridas, mescladas, envolvidas e denominadas como sujeitos em busca da infidelidade.

Perguntas que expressam alguns sentidos da fidelidade seriam:

- Fiel a quem? A si mesmo, ao outro, à família de origem?
- Fiel a quê? Ao pacto implícito ou explícito? À manutenção familiar? Ao amor prometido? À repetição familiar?

Os integrantes da primeira esfera consideram que ser fiel a si mesmo é ser fiel ao próprio desejo, pretendendo somente a satisfação da própria necessidade, independente do outro. Os que pertencem à segunda esfera buscam pela necessidade relacional e esperam características idealizadas do parceiro, portando desejos mais complexos.

Ao nos depararmos com a concepção de “amor líquido” em um “mundo líquido moderno” é que passamos a nos apropriar das facetas permeáveis da conjugalidade e a compreender a multiplicidade de contratos entre os parceiros.

A fragilidade dos laços humanos alinhavada com a ambivalência presente nos indivíduos, modelados por uma atenção pulsante que a cada instante investe em um novo prisma, promovem o cenário adequado para que o privado e o público se tornem uno.

Ao individual, pouco resta que lhe seja próprio e autêntico. Nascido com legados familiares intergeracionais, embalado nas redes do apego que colaboram no estilo de apego envergado, desloca-se para a vida amorosa onde ainda poderá ser reeditado.

Dentre todos os matizes escolhidos para a construção de nosso “eu amoroso”, a sustentação de nossa ambivalência nos torna vulneráveis pela existência destes dois sentimentos antagônicos: a necessidade de segurança em um relacionamento e a excitação de uma nova conquista.

Ancorados no que acreditávamos ser uma antiga visão de amor romântico, deparamo-nos com sua reedição: a busca pelo relacionamento pleno, satisfatório e idealizado, constatado no desejo dos usuários do site que, para ser perfeito, deveria estar enlaçado somente à excitação da paixão.

Poderíamos nos pautar pelas pesquisas que mostram a prevalência de infidelidade quando somos filhos de pais infiéis (de avós, nem se fala); e quando possuímos estilos de apego inseguro evitativo ou não nos comprometemos com o outro na relação e deixamos de investir na satisfação mútua. Também podemos acreditar que os impasses inerentes a cada fase do ciclo vital nos exponham e impulsionem rumo à infidelidade.

Levando em conta que todas essas possibilidades são reais, acreditamos que as lentes utilizadas nesta pesquisa nos permitam perceber ainda mais as inúmeras vulnerabilidades que são alimentadas pela ambivalência. São muitas as vulnerabilidades que atingem pessoas e relacionamentos, e outras tantas as ambivalências que sustentam vulnerabilidades.

A infidelidade é uma ambivalência em si: ao mesmo tempo em que magoa e destrói a autoestima e confiança do parceiro, proporciona um inegável prazer vivido na relação extraconjugal.

Um modelo de ambivalência que se instala na relação ocorre quando a consideramos provisória. Não há investimento no provisório. Essa forma nos parece muito coloquial atualmente: não existe investimento sem que se tenha “certeza” de que o outro é,

e será, a pessoa certa. Não havendo essa certeza, teremos uma relação provisória. A visão idílica promove o distanciamento da realidade; a garantia esperada e desejada não acontece... Quedaremos, assim, perpétuos à espera de garantias nas relações amorosas e eternos na ambivalência.

É na ambivalência que percebemos o sucesso dos sites de infidelidade. Enfatizando a manutenção da relação assentam-se no hiato entre a segurança do casamento e a possibilidade de novas e intensas emoções. Asseguram o contato sem compromisso, garantem a discrição e o sigilo⁷¹, expõem depoimentos de sucesso e possuem facilidade de acesso, além de fomentar o fascínio de infinitas possibilidades de prazer.

Proporcionam excitação, promovendo e enaltecendo a manutenção das relações formais e fornecendo um escape para a insatisfação, que muitas vezes baseia-se na excitação extra. Prevalece a dupla moral, o que nos lembra a velha pornochanchada pelo papel que desempenham: excitam pela fantasia, tendo sido repaginados para a linguagem virtual. A excitação promovida pela transgressão assegura a manutenção da norma – encontrar a plena satisfação no outro.

Ao usuário permite-se a singularidade, a criação e recriação de perfis, um exercício de conhecimento sobre si mesmo que, após várias tentativas e diferentes narrativas, proclama que poderá se tornar o que o outro deseja; basta que lhe sejam fornecidos maiores detalhes de como proceder (no perfil) para isso. Encarna-se o desejo do outro.

As características escolhidas favorecem o investimento da sedução, portanto escreve-se somente o que se deseja que o outro saiba a seu respeito, enaltecem-se as qualidades, ocultam-se os defeitos e idealiza-se o ser buscado.

A imagem construída dialoga com o que se percebe como necessidade do parceiro; atende aos seus desejos e portanto traz a satisfação almejada; a satisfação que faltava, o desejo por uma ligação emocional e sexual plena. A isto agregamos intensivas formas de valorizar e enaltecer o parceiro fazendo com que se sinta desejado – uma “piscadela”, uma “flor” e outros variantes virtuais fornecidos por cada site.

Todos queremos ser qualificados por nós, e todos queremos ser desejados. A sexualidade apresenta-se como uma forma de cuidar, de investir na proximidade e na

⁷¹ De acordo com os padrões de cada site.

intimidade. Demonstrar desejo pelo parceiro expressa o valor que este tem e o apreço que ele desperta.

A intimidade construída sobre a base da idealização, mediada pelos perfis, é suficiente para desfocar a realidade: o que passa a valer é a imagem que o outro tem a meu respeito, e a imagem que recebo do outro deverá se encaixar no desejo idealizado.

A imagem criada não necessita de privacidade, ela se transforma a cada interação, é parte daquela relação. Anonimato, confidencialidade, autonomia e privacidade são preocupações para os pesquisadores.

Ao finalizar este trabalho percebemos que o papel representado pelos sites de infidelidade “colabora” na manutenção dos antigos códigos conjugais quando investe romanticamente na manutenção da relação estável, proporcionando emoções prazerosas e excitantes instantâneas.

Afinal, o que buscam os usuários dos sites de infidelidade?

Buscam:

atenção
discrição
afetos
sigilo
sexo
companhia
amizade
amor
compromisso
lealdade
cumplicidade
emoção
aventura
prazer
cuidado
coerência
proximidade
respeito
caráter
companheirismo
cumplicidade
ética
sexo
virtuale
excitação
relacionamento
duradouro
boa
higiene
pessoal
elegância
estilo
senso
de humor
romantismo
criatividade
imaginação
omnínio
de amor
segredo
profissional
bem vestido
quem não
usa drogas
saúde
rotina
não rotina
bom
vinte e sete
sabes
comunicar
pessoal
com
muitos
têxtil
são
se
x
oral
beijão
boca
carinho
se
abraços
compartilhar
fantasias
banheira
comes
puma
parado
is
não
op
ossessivo
confiança
menino
levado
pessoal
simples
gato
agressivo
pessoal
tranquilo
de
trata
fácil
ca
belo
curto
piercing
cabelo
comprido
alto
baixo
musculoso
gordinho
baixinho
jovem
mais velho
tu ag
em casa
uallongas
preliminares
safados
decididos
bem humorados
inteligentes
\$\$\$
educação
carinho
g
entileza
sex
sérios
pessoal
boade
bem
com
avida
normal
cavalheiro
aprecie
vinho
trate
bem
asmulh
er
sorriso
bonito
bom
perfume
não fumar
comprometido
sexo
anal
noite
casual
gozo
paixão
entusi
asmo
conversa
picantes
explorar
coisas
novas
fantasias
preliminares
brincar
palavras
calientes
O
CARA
tamanho
paparicos
amante
fixo
desejo
acabar
com
a
solidão
andar
de bicicleta
interesses
ma
duros
sensualidade
atração
atitude
pular
cercar
beleza
loirar
uivam
orenan
egram
agoras
desexo
tesão
fotos
webcams
wing
fetiches
conteúdo
sem
cobranças
curiosos
bom
papo
humor
sarcástico
es
pecial
amante
honestidade
reciprocidade
fazer
amor
transar
felicidade
cueca
box
saber
cozinha
rafr
o
descendente
oriental
escravo
sexual
proteção
caso
rápido
curtirtomar
banho
juntos
paixão
insaciá

velser desejadaser filmadasexoe mlugares públicosproibidoreviver momentosroupassensuaislin geriefantasiadedominaçãoagressividadesubmissãobondagefetichespalmadasolhosvendado sfazerdecontasexotântricocócegaseróticasclasseviajadaster luzprópriadesinibiçãosemvulgari dadegostardeconversartarada(o)desestressarrelaxarcinturafinahigiênicaamanteinsaciáveldar ascartasvários tiposdesexosexosemlimitesfugirdarotinaliberardesejosreprimidossem promess asmentirassincerasdescontrairemoçõesaflordapeleaffairconquistarcaríciasexperiênciaúnica r egrasclarassinceridadeoquefaltaoquecompletagenerosidadesensibilidadeeequilíbribrinquedo seróticosmassage mentendaasmulheresameasmulheresabertoàcoisasnovasménageàtroisbo musodasmãosensinaraprendernãoseremmagoadosfalepoucosemfilhosdisponibilidadedehorá riosencontroscheirosa(o)executivoempresárioZonaSullongahistóriaentregaalgúmqueconsig aesaibafazeramorapimentarminhavidaparperfeitodeixarrolar“finalmente”transarna frentedoma ridonãoseapaixonarrealidadetrocasvivênciascompartilhadasenvolvimentosertatadacomorain hajantaresromânticosgestosdeamorseramadaamorverdadeirofotossemneurasaudaciosadeci didadiscretíssimaobjetividadeclarezanãosecompliquequeconquistecomoolharsersurpreendid oaventuraexcitanteestejabemfisicamenteirdevagarexibicionismosexoselvagemsexovorazsem pudorsempreconceitoencontrossecretosliteraturaeróticastrippokerdegustarvinhosfazeroestilo paizãodançarnadarsemroupaassistirjogosviagenscomprarlingeriepiqueniqueteatroóperacine macalcinhavestidosemcalcinhafalaroquequisernãoserjulgadosemmedoobservarcafunalgué mquemeintegrequemecomplementecolomimoacabarcomasolidãokaraokêiràacademiaeginast icajantarfinoaluzdevelasnovidadesafirmaçãoplenitudeautodescobertarecuperarpartesperdida svitalidadeindividuação neutralizaradecepção podertudo.

Buscam um “amontoado” de idealizações, repleto de significados e sentidos.

Buscam uma forma de apaziguar a ambivalência entre amor e desejo, entre familiaridade e novidade, entre segurança e liberdade.

Buscam a satisfação prometida pelo amor romântico, onde o outro completa todas as necessidades e onde o prazer do outro está investido totalmente no parceiro. Não existem divergências, dissabores ou diferenças, não há espaço para a dialética ou para a dicotomia, não há discordância, discórdias, discussões. Não existem divisas entre os parceiros, não há distinção entre os sentidos, não há dissonância entre os desejos, não existe discriminação que os distingue, não há diferenciação e portanto não existe díade⁷², somente o uno⁷³ com satisfação eterna. Esta é a busca.

⁷² *Di* – do latim, prefixo que significa duplicidade ou divisão por dois (MICHAELIS Dicionário da Língua Portuguesa. 1998. Melhoramentos, 1998).

⁷³ *Uno* – que é um só, indivisível.

Acreditamos ter alcançado nosso objetivo em compreender o que buscam os usuários de um site de infidelidade: acima de tudo, buscam ser vistos como especiais e únicos pelo parceiro, e encontrar a parte que lhes falta – a conexão única, desejarem e serem desejados para sempre.

Até iniciarem uma nova relação amorosa e se depararem com as mesmas antigas/novas ambivalências...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDO, C.H.N. (2004a). *Estudo da Vida Sexual do Brasileiro*. São Paulo: Bregantini.
- _____. (2004b). *Descobrimto sexual do Brasil – Para curiosos e estudiosos*. São Paulo: Summus.
- _____. (2008). *Projeto Mosaico Brasil*. Disponível em: <sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf>.
- AINSWORTH, M. D. S.; BLEHAR, M. C.; WATERS, E.; WALL, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- ALENCASTRO, L.F. (1997). Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F.A.; ALENCASTRO, L.F. *História da vida privada no Brasil*, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras.
- ALGRANTI, L. M. (1997). Famílias e Vida Doméstica. In: NOVAIS, F. A. *História da Vida Privada no Brasil*, v. 1. São Paulo: Cia. das Letras, cap. 3, p. 85.
- ANTON, I. C. (2002). *Homem e Mulher – seus vínculos secretos*. Porto Alegre: Artmed.
- AoIR - Association of Internet Research (2002). *Ethical Decision-Making and Internet Research Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0)*. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>.
- _____. (2012). *Ethical Decision-Making and Internet Research Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0)*. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>.
- ARAUJO, E. (2010). A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, M. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- ARATANGY (2011). SBT – Reporter-*Infidelidade*. Entrevista veiculada em 27 ago. 2011.
- ARON, A., ARON, E.N. (1986). *Love and the expansion of self: Understanding attraction and satisfaction*. New York: Hemisphere.
- BARGH, J.A.; MCKENNA, K.Y.A., FITZSIMONS, G.M. (2002). Can You See the Real Me? Activation and Expression of the “True Self” on the Internet. *Journal of Social Issues*, New York, v. 58, n, 1, p. 33-48.
- BARTHOLOMEW, K. (1990). *Avoidance of intimacy: An attachment perspective*. *Journal of Social and Personal Relationships*. v. 7, p.147-178.
- BARTHOLOMEW, K.; HOROWITZ, L.M. (1991). Attachment Styles among Young adults: A test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/psyc/faculty/bartholomew/research/publications/bh1991.pdf>>.
- BAUDRILLARD, J. (1991). *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio D’Água.

BAUMAN, Z. (2004). *Amor Líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (2011) *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar.

BORGES, J. L. (1976). *Obras Completas*. Buenos Aires: Emécé.

BOWLBY, J. ([1969]2002). *Apego – a natureza do vínculo*. V. 1 da Trilogia Apego e Perda. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 3. ed., 2002.

_____. ([1982] 2006). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.

BRAND, R.J.; MARKEY, C.M.; MILLS, A.; HODGES, S.D. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex Roles*, v. 57, p.101-109.

BREHM, S. (1992). *Intimate Relationships*. New York: McGraw-Hill.

BRENNAN, K.A.; SHAVER, P. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 21, p. 267-284.

BUSS, D. M.; SHACKELFORD, T. K. (1997). Susceptibility to Infidelity in the First Year of Marriage. *Journal of Research in Personality*, n. 31, p. 193-221. Academic Press.

CAILLÉ, P. (1994). *Um e um são três*. O casal se auto-revela. São Paulo: Summus.

CAMPBELL, W.K.; SEDIKIDES, C.; BOSSON, J. (1994). Romantic involvement, self-discrepancy, and psychological well-being: A preliminar investigation. *Personal Relationships*, n. 1, p. 399-404, USA: University Press.

CÁRDENAS, M.T.F; DÍAZ-LOVING, R.; ARAGÓN, S.R. (2011). El efecto de la seguridad del apego sobre la infidelidad sexual. In: *Salud y Sexualidad*. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México.

CAROTENUTO, A. (2000). *Amare e Tradire*. Università della Sapienza. Roma: Dati Editore.

CASALEGNO, F. (1999). Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual. *Revista FAMECOS*, n. 11. Porto Alegre. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>.

CASTELLS, M. (2013) *Redes de indignação e esperança*. Rio de Janeiro: Zahar.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (1997). *Família e Ciclo Vital – nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. ([2002]2007). *Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital*. 3. ed. São Paulo: Asa do Psicólogo.

COOPER, A.; SPORTOLARI, L. (1997). Romance in Ciberspace: Understanding Online Attraction. *Journal of Sex Education and Therapy*, USA, v. 22, n. 1, p. 7-14.

CRAWFORD, M.; POPP, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *The Journal of Sex Research*, v. 40, n. 1, p.13-26. DOI: 10.1080/00224490309552163.

- CRUMLISH, C. (1997). *Dicionário da Internet*. Rio de Janeiro: Campus.
- DAVILA, J. (2012). Processos de Apego na Terapia de Casal – Informando Modelos Comportamentais. In: JOHNSON, S.M.; WHIFFEN, V.E. *Os processos do apego na terapia de casal e família*. São Paulo: Roca.
- DEBORD, G. ([1967]1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro. Contratempo.
- DEL PRIORE, M. (2011). *Histórias Íntimas*. Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta.
- DÍAZ-LOVING, R.; ARAGÓN, S. R. (2010). *Antología psicosocial de la pareja – Clásicos y contemporáneos*. México: Maporra.
- DRIGOTAS, S. M.; SAFSTROM, C.A.; GENTILIA, T. (1999). An Investment Model Prediction of Dating Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 77, n. 3, p. 509-524.
- ELKAÏM, M. (1998). *Panorama das terapias familiares*. v.1. São Paulo: Summus.
- ELM, M. S. (2009). How do you various notions of privacy influence decisions in qualitative internet research? In: MARKHAM, A.; BAYM, N. *Internet inquiry*. Conversations about method. Los Angeles: Sage.
- ELUF, L.N. (2003). *A paixão no banco dos réus*. 2. ed. São Paulo: Saraiva.
- EYSENBACH, G.; TILL, J.E. (2001). Ethical issues in qualitative research on internet communities. *BMJ*, v. 323. Disponível em: <<http://www.bmj.com/content/323/7321/1103.pdf%2Bhtml>>.
- FARAH, R.M. (Org.). (2004). *Psicologia e Informática*. São Paulo: Oficina do Livro.
- FERRARA, M.H.; LEVINE, T.R. (2009). Can't live with them or can't live without them? The effects of betrayal on relational outcomes in college dating relationships. *Communication Quarterly*, v. 57, n. 2, p.187-204.
- FISHER, H.E. (1992). *Anatomy of love*. New York: Norton.
- FORTIM, I. (2007). *Level Up! A aventura numa comunidade virtual de RPG*. São Paulo: Giz Editorial.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. (2012). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- FRICKER, J. (2006). *Predicting infidelity: the role of attachment styles, lovestyles and the Investment Model*. Doctorate in Psychology by Swinburne. University of Technology.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS (1979). *Mulher Brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- GLASS, S.; WRIGHT, T. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, v. 12, p.1101-1120.
- GOFFMAN, E. ([1959]1975). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

GOLDENBERG, M. (2008). *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record.

_____. (2010). *Intimidade*. Rio de Janeiro: Record.

_____, M. (2011) *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

HAZAN, C. (2012). A natureza essencial das relações conjugais. In: JOHNSON, S.M.; WHIFFEN, V. E. *Os processos do apego na terapia de casal e família*. São Paulo: Roca.

HAZAN, C.; SHAVER, P.R. (1987). The place of attachment in human mating. *Review of General Psychology*, v. 4, p.186-204.

HAZAN, C.; ZEIFMAN, D.; MIDDELTON, K. (1994). *Adult romantic attachment, affection, and sex*. Paper presented at the 7th. International Conference on Personal Relationships. Groninger, The Netherlands.

HERTLEIN, K.M.; PIERCY, F.P. (2006). Internet Infidelity: A Critical Review of the Literature. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, v. 14, n. 4, p.366-371.

JABLONSKI, B. (2001) Atitudes frente à crise do casamento. In: *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau.

_____. (2005). Atitudes de Jovens Solteiros Frente à Família e ao Casamento: Novas Tendências? In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e Casa: Efeitos da Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.

JOHNSON, S.M. (2012). Introdução ao Apego – Um Guia Terapêutico para Lidar com os Vínculos Primários e sua Renovação. In: *Os Processos de Apego na Terapia de Casal e Família*. São Paulo: Roca.

JOHNSON, S.M.; MAIKINEN, J.; MILLIKIN, J. (2001). Attachment injuries in couple relationships: A new perspective on impasses in couples therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, v. 17, p.145-155.

KELLEY, H.H. (1979). *Personal relationships: Their structure and process*. Hillsdale: Erlbaum.

KELLEY, H.H.; THIBAUT, J.E. (1978). *Interpersonal relations. A theory of interdependence*. New York: Wiley.

LAMMERS, J.; STOKER, J .I.; JORDAN, J.; POLLMAN, M.; STAPEL, D. A. (2011). Power Increases infidelity among men and women. *Psychological Science Online First*. v. 19, July, Netherlands.

LÁZARO, A. (1996). *Amor do mito ao mercado*. Petrópolis. RJ: Vozes.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. (2003). *O Discurso do Sujeito Coletivo*. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS.

LÉVY, P. (2000). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

LHOMOND, B. (2009). Sexualidade. In: HIRATA, H. (Org.) *Dicionário Crítico do Feminino*. São Paulo: UNESP.

MADDEN, M.; LENHART, A. (2006). Americans who are seeking romance use the internet to help them in their search, but there is still widespread public concern about the safety of online dating. *Pew Internet & American Life Project*. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org>>.

MAHEU, M.M.; SUBOTNIK, R. (2001). *Infidelity on the internet: Virtual Relationships and Real Betrayal*. Naperville, IL: Source Books.

MALUF, M.; MOTT, M.L. (1997). Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, F. A. *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3. São Paulo: Cia das Letras.

MARKHAM, A.; BUCHANAN, E. (2012). Ethical Decision-Making and Internet Research Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0). Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>.

MARTINS, A.F.R.S. (2012). *Comportamentos extra-diádicos off-line e online nas relações de namoro: Diferenças de Sexo nos motivos, prevalência e correlatos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Coimbra, Portugal.

MELLO, J.M.C.; NOVAIS, F.A. (1998). Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: *História da Vida Privada no Brasil*, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

MILEHAM, B.L.A. ([2004] 2007). Online infidelity in Internet chat rooms: an ethnographic exploration. *Computers in Human Behavior*. Disponível em: <www.sciencedirect.com>.

MILLER, S.; MANER, J. (2008). Sex differences in response to sexual versus emotional infidelity: The moderating role of individual differences. *Personality and Individual Differences*, v. 46, p. 287-291. DOI:10.1016.

MOSCONA, S. L. (Org.) (2007). *Infidelidades en la pareja*. Amor, fantasmas, verdades, secretos. Buenos Aires: Lugar Editorial.

NETO, J.A.S.; MOSMANN, C.P.; LOMANDO, E. (2009) *Relações Amorosas & Internet*. São Leopoldo, RS: Sinodal.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1998). *Na malha da rede: Os impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro: Campus.

_____. (2002). Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, n. 2, p.193-202.

_____. (2005). Primeiros contornos de uma nova “Configuração Psíquica”. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 25, n. 65, p. 71-85. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

_____. (2006). *Cabeças Digitais*. O cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio.

_____. (2009). A difícil tarefa de compreender os arranjos espaciais contemporâneos. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 453-462.

NORGREN, M. B. P.; SOUZA, R. M.; KASLOW, F.; HAMMERSCHMIDT, H.; SHARLIN, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 3, p. 575-584.

- NOVAIS, F.A. (1997). *História da Vida Privada no Brasil – v. 1-5*. São Paulo: Cia das Letras.
- OLIVEIRA, M.E. (2007). *Orkut: O impacto da realidade da infidelidade virtual*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, P.R.M. (2011). Novas regras do jogo amoroso: a presença feminina na Internet. *Mnemosine*. v. 7, n.1, p.130-156. Departamento de Psicologia Social e Institucional. Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- PALENCIA, A.R.; MERAZ, M.G.; DÍAZ-LOVING, R. (2011). Del dicho al hecho: discrepancias entre la teoría y la práctica de la infidelidad. In: *Salud y Sexualidad, Mexico*. Universidad Nacional Autónoma de México.
- PASINI, W. (2010). *Amores infiéis*. Psicologia da traição. Rio de Janeiro: Rocco.
- PÉLOQUIN, K.; BRASSARD, A.; DELISLE, G.; BÉDARD, M.M. (2013). Integrating the Attachment, Caregiving, and Sexual Systems into the Understanding of Sexual Satisfaction. *Canadian Journal of Behavioural Science*, v. 45, n. 3, p.185-195. Canada.
- PEREL, E. (2009). *Sexo no cativo*. Driblando as armadilhas do casamento. Rio de Janeiro; Objetiva.
- _____. (2011). *Amor, sexo e infidelidade: desafios e possibilidades terapêuticas*. Palestra proferida em maio de 2011. São Paulo: Anexo.
- PINSKY, C.B. (2010). Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, M. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- PITTMAN, F. ([1989]1994). *Mentiras Privadas*. A infidelidade e a traição da intimidade. Porto Alegre: Artes Médicas.
- PLATT, R.A.; NALBONE, D.P.; CASANOVA, G.M.; WETCHLER, J.L. (2008). Parental Conflict and Infidelity as Predictors of Adult Children's Attachment Style and Infidelity. *The American Journal of Family Therapy*, v. 36, n. 2, p.149-161. USA.
- PORTO, S.D. (Org.) (1999). *Sexo, afeto e era tecnológica – um estudo de chats na internet*. Brasília: UnB.
- RAMINELLI, R. (2010). Eva Tupinambá. In: DEL PRIORI, M. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- RECUERO, R. (2008). Estratégias de Personalização e Sites de Redes Sociais: Estudo de caso da apropriação do *Fotolog.com*. *Comunicação, mídia e consumo*, v. 5, p. 35-36, São Paulo.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos*. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROJAS-BERMÚDEZ, J.G. (1980). *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou.
- ROMÃO-DIAS, D.; NICOLACI-DA-COSTA, A.M.(2005). “Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais”: Algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 25, n. 1, p. 70-87.

ROSA, G. A. M.; SANTOS, B. R. (2013). *Facebook e as nossas identidades virtuais*. Brasília: Thesaurus.

ROSENBERG, A. (2010). Virtual World Research Ethics and the Private/Public Distinction. *International Journal of Internet Research Ethics*. Disponível em: <www.ijire.net>.

RUSBULT, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 60, p. 53-78.

_____. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvement. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 45, p.101-117. DOI: 10.1037/0022-3514.45.1.101.

RUSBULT, C. E.; MARTZ, J. M.; AGNEW, C. R. (1998). The Investment Model Scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, n. 5, p. 357-391. USA.

SCHACHNER, D.A.; SHAVER, P.R.; MIKULINCER, M. (2012). Teoria do Apego, Psicodinâmica e Relações Conjugais: uma Visão Geral. In: JOHNSON, S.M.; WHIFFEN, V.E. *Os processos do apego na terapia de casal e família*. São Paulo: Roca.

SHAVER, P.R.; MIKULINCER, M. (2002). Attachment style, excessive reassurance seeking, relationship processes, and depression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 31, p.343-359.

SCHEINKMAN, M. ([2005]2008). Para além do trauma da traição: reconsiderando a infidelidade na terapia de casais. Original de *Family Process*, n. 44, p. 227-244. Traduzido Clarissa Peixoto e publicação em Nova perspectiva Sistêmica em 30/04/2008. p. 44-66.

SOUZA, L. M. (1997). Formas provisórias de existência: A vida cotidiana nos Caminhos, nas Fronteiras e nas Fortificações. In: NOVAIS, F. A. *História da Vida Privada no Brasil*, v. 1. São Paulo: Cia das Letras.

STEARNS, P. N. (2010). *História da Sexualidade*. São Paulo: Contexto.

THERBORN, G. (2006). *Sexo e Poder. A família no mundo. 1900-2000*. São Paulo: Contexto.

THIBAUT, J. W.; KELLEY, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.

THOMPSON, A. P. (1983). Extramarital sex: A review of the research literature. *Journal of Sex Research*, v. 19, p.1-22.

_____. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and Family*, v. 46, n. 1, p.35-42.

TREAS, J.; GIESEN, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. *Journal of Marriage and Family*, v. 62, p. 48-60.

TSAPELAS, I.; FISHER, H., ARON, A. (2010). Infidelity: When, Where, Why. In: CUPACH, W. R.; SPITZBERG, B.H. *The Dark Side of Close Relationships II*, p. 175-196. New York: Routledge.

TURKLE, S. (1995). *Life on the Screen: identity in the age on the internet*. New York: A Touchstone Book.

UNDERWOOD, H.; FINDLAY, B. (2004). Internet Relationships and their impact on primary relationships. *Behavior Change*. v. 21, n. 2, p.127-140. Cambridge Journal Online.

VAINFAS, R. (1997). Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: NOVAIS, F.A. *História da Vida Privada no Brasil*, v. 1. São Paulo: Cia das Letras.

_____. (2010). Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: DEL PRIORE, M. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

VIEGAS, T.; MOREIRA, J. M. (2013). *Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes*. Universidade de Lisboa. Portugal. Disponível em: <www.scielo.br/epsic>.

VON DER WEID, O. (2004). Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. *Revista Habitus*. Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, v. 2, n. 1, p. 49-59. Rio de Janeiro. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>.

WALTHER, J. B.; BURGOON, J. K. (1992). Relational communication in computer-mediated interaction. *Human Communication Research*, v. 19, n. 1, p. 50-88.

WELSTEAD, S. (2007). The Couple's Journey. Material adapted by Counselling Services at the University of Guelph (2007) from the book *The Couple's Journey: Intimacy as a Path to Wholeness* by Susan M. Campbell, 1987.

WHISMAN, M.A.; SNYDER, D.K. (2007). Sexual infidelity in a national survey of American women: Differences in prevalence and correlates as a function of method of assessment. *Journal of Family Psychology*, v. 21, n. 2.,p.147-154.

WHITTY, M.T. (2003). Pushing the wrong buttons: men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *CyberPsychology & Behavior*, v. 6, n. 6, p. 569-579.

_____. (2005). The realness of cybercheating: Men's and women's representations of unfaithful Internet relationships. *Social Science Computer Review*, v. 23, n. 1, p. 57-67. DOI: 10.1177/0894439304271536.

_____. (2007). Revealing the "real" me, searching for the "actual" you: Presentations of self on an internet dating site. *Computers in Human Behavior*, v. 24. UK: Science Direct.

WHITTY, M. T.; CARVILLE, S.E. (2008). Would I Lie to You? Self-serving Lies and Other-oriented Lies told across Different Media. *Computers in Human Behavior*, v. 24, p.1021-1031.

_____, QUIGLEY, L. (2008). Emotional and sexual infidelity offline and in Cyberspace. *Journal of Marital and Family Therapy* v. 34, n. 4, p. 461-468.

WIDMER, E.D.; TREAS, J.; NEWCOMB, R. (1998). Attitudes toward nonmarital sex in 24 countries. *Journal of Sex Research*, v. 35, p. 349-358.

WIEDERMAN, M.W.; HURD, C. (1999). Extradial involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 16, p. 265-274.

YOUNG, K. (1998). *Caught in the Net: how to recognize the signs of the Internet Addiction and winning a strategy for recovery*. New York: Jon Wiley & Sons.

YOUNG, K.; ABREU, C.N (2011). *Dependência de Internet*. Manual e Guia de Avaliação e Tratamento. Porto Alegre: E. Artmed.

YOUNG, K.; COOPER, A.; GRIFFIN-SHELLEY, E; O'MARA, J.; BUCHANAN, J. (2000). Online Infidelity: A new dimension in couple relationships with implications for evaluation and treatment. *Journal Sexual Addiction and Compulsivity*. Disponível em: <http://www.reuniting.info/resources/sex_on_the_internet_addiction>.

ANEXOS

ANEXO 1 – O pré-projeto

Recados em um site de infidelidade e o Discurso do Sujeito Coletivo

Foram eleitas duas grandes categorias com quatro subcategorias cada, frente aos recados do site:

CATEGORIA 1 – Busca de liberdade, fuga da rotina, descompromisso

- 1.a) ausência de cobranças;
- 1.b) realização de fantasia;
- 1.c) emoção, aventura e risco. Curtir o momento. Adrenalina;
- 1.d) discrição e sigilo.

CATEGORIA 2 – Potencialização de sexo ou afeto, ampliação e diferenciação

- 2.a) diferencia ou amplia atributos alheios;
- 2.b) potencializa atributos próprios;
- 2.c) potencializa o sexo;
- 2.d) potencializa o afeto,

Os Discursos do Sujeito Coletivo resultaram em:

CATEGORIA 1 – Busca de liberdade, fuga da rotina, descompromisso

1.a) Ausência de Cobranças (10M, 11H)

Desejo mulheres preferencialmente casadas, comprometidas, resolvidas que queiram apenas uma boa tarde de sexo ou um relacionamento discreto, sem envolvimento financeiro ou emocional, sem compromisso, sexo seguro e casual sem cobranças.

1.b) Realização de Fantasias (3M, 5H)

Busco realizar as minhas e as suas loucas fantasias, pode ser com duas mulheres ou algum fetiche: uma mulher da noite bem sacana e vadia, uma linda princesa ferosa ou uma doce gatinha, é só escolher para um prazer sem limites.

1.c) Emoção, Aventura e Risco. Curtir o momento. Adrenalina

(5M, 5H)

Estou cansado(a) da rotina! Gosto de adrenalina. Quero curtir a vida sem limites, ter aventuras incríveis, viajar e curtir transas bem gostosas, apimentar minha vida por um dia, algumas horas não importa, só dar uma puladinha na cerca; com muita diversão e bom humor, aproveitando as coisas boas da vida pois só se vive uma vez. Temos que aproveitar cada minuto.

1.d) Discrição, Sigilo (6M, 3H)

Procuro pessoas discretíssimas para um relacionamento (muito) discreto, para uma aventura de vez em quando, com sigilo total sem envolvimento pois sou bem casada.

CATEGORIA 2 – Potencialização de sexo ou afeto, ampliação e diferenciação.

2.a) Diferencia ou Amplia Atributos Alheios (19M, 18H)

Procuro pessoa experiente, inteligente, bem dotada, viril, alta, culta com boa aparência, bonita, sem vícios, com idade entre 30 a 50 anos, carinhosa, que goste de conversar, atlética, cheirosa e com boa pegada, educada, gentil e fogosa, que seja interessante, adore sexo, pode ser morena, loira ou ruiva; de origem asiática, africana ou europeia, com muita imaginação, um lindo sorriso, independente, sincera e com senso de humor, apaixonada pela vida, não fume, sem barriga e cuidadosa da higiene pessoal, que saiba valorizar o parceiro e seja fiel.

2.b) Potencializa Atributos Próprios (7M, 6H)

Quero conhecer uma pessoa alegre e divertida como eu, não curto os problemáticos e cheios de manias, nem sadomasoquismo ou qualquer aberração. Adoro diversão, tenho muita disposição e estou aqui prontinha para te animar. Gosto de ser tratada como uma mulher merece e principalmente sei cuidar muito bem de um homem. O importante é buscar o que desejamos. Adoro preliminares e muitos beijos, venha me conhecer. Não importa se é alto, baixo, gordinho ou magrinho, se gosta de novas experiências como eu, estou aqui te esperando, por isso estou aqui.

2.c) Potencializa o Sexo (8M, 11H)

Desejo uma amante quente que queira dar e sentir prazer, que esteja a fim de pular a cerca para ter um sexo delicioso com muita sacanagem e respeito. Quero uma trepada fenomenal com preliminares, beijo na boca, boa pegada e com muito desejo de instinto. Para sexo inusitado, secreto e fogoso. Uma amizade colorida com muito tesão.

2.d) Potencializa o Afeto (5M, 5H)

Procuro momentos para conversar, trocar ideias, tomar um vinho ou cerveja. Prefiro pessoas legais, educadas, sinceras, amigas, românticas e fiéis que gostem das coisas boas desta vida, que se sintam só e que desejem muito carinho. Quero saber como você é por dentro.

ANEXO 2 – Mulheres Comprometidas –Todas as faixas etárias – DSC

Discurso do Sujeito Coletivo

Comprometidos

Categoria 1: Menu Degustação

Subcategoria 1.1 – Primeira Entrada: Personalidade

“Mesmo numa relação extraconjugal são primordiais a sinceridade, a honestidade, a cumplicidade e a reciprocidade, porque brincar com os sentimentos das pessoas fere, machuca e dói. Seja sincero em suas intenções e tenha paciência para conquistar minha confiança e afastar meus medos; gentil e cavalheiro que nunca, jamais magoe uma mulher. Necessito de respeito e muito sigilo.

Alguém que me faça perder o ar, que tenha boa pegada, gostoso e sexy. Um homem com atitude, decidido, seguro, generoso e educado; que saiba conversar, seja inteligente sem arrogância, de bom humor e de bem com a vida. Mas que seja um homem casado sério, sem complicações familiares ou filhos.

Procuro um cara que entenda e ame as mulheres, que goste de seduzir e ser seduzido, ousado, com uma paixão insaciável e sem medo de experimentar o novo, sabendo correr riscos e aguentar a pressão.

Sinta prazer em estar ao meu lado mas não se apaixone pois não pretendo largar meu casamento.”

Subcategoria 1.2 – Segunda Entrada: Aspectos Físicos

“Não pode fumar!! Nem violência nem drogas!!

Homens jovens ou mais velhos, entre 32 e 52 anos, lindos, bonitos ou que não sejam feios; mas que se cuidem.

Afrodescendentes, executivos ou empresários, não obesos nem peludos. Cheirosos e de preferência na zona em que moro em SP.

AH!! Tamanho é documento, sim!!

Categoria 2: Cardápio

Subcategoria 2.1 – Prato principal: Sexo

“Sou ninfomaníaca e aberta a todos os tipos de experiência. Procuro um homem que me satisfaça, que esteja disposto a ser meu escravo sexual. Que seja O CARA na cama, um cara quente, que saiba fazer direito e que dê conta para eu poder me esbaldar com você!

Sou muito maluca na cama e quero provar coisas inusitadas, quero virtual, oral, anal! A adrenalina do proibido e muita energia para gozar no final.”

Subcategoria 2.2 - Acompanhamentos: Fantasias eróticas

“Quero sentir o sangue correr quente nas veias, deixando fluir o desejo e a libido, o coração disparar e meu mundo girar. Sentir o frio na barriga do primeiro beijo, a paixão e o entusiasmo marcando nosso encontro para não ser esquecido.

Procuro o que não tenho em casa, viver momentos que ainda não desfrutei, alguém que me satisfaça e que acabe com a minha solidão.

Meus desejos vão além da imaginação, mil planos e 1 milhão de fantasias sexuais em minha cabeça: conversas picantes, tomar banho juntos, sexo em lugares públicos, uma tarde de swing, trocar sexo por grana, ser filmada enquanto transo e depois assistir com meu marido (depois eu apago...); ou me satisfazer na frente do corno, que já aceitou essa condição, quero te usar sempre que eu puder e se quiser pode trazer sua parceira.

Estou disposta a ver quanto prazer posso ter em uma noite casual e sei que vou te levar à loucura!”

Subcategoria 2.3 – Sobremesa: Afeto

“Espero encontrar aqui um homem sensível e equilibrado. Que tenha planos de fazer uma mulher feliz, seja carinhoso, afetuoso e adore paparicar. Saiba tratar e cuidar de uma mulher como ela merece.

Que ainda consiga fazer amor e que saiba fazê-lo; numa dança aconchegante capaz de desvendar o que uma mulher deseja receber.

Desejo sentir-me realmente desejada num relacionamento romântico e exclusivo com alguém, não gosto de brincadeiras nem de ficar, sempre gosto de dar atenção e carinho as pessoas que estão ao meu lado.

Adoro ser conquistada, seduzida, paparicada, desejada e mimada; quero um homem que me trate como rainha.”

ANEXO 3 – Homens Comprometidos –Todas as faixas etárias – DSC

Discurso do Sujeito Coletivo

Comprometidos

Categoria 1: Menu Degustação

Subcategoria 1.1 – Primeira Entrada: Personalidade

“Mulheres sensuais, atraentes, charmosas e elegantes que seduzem não só pela beleza mas pela inteligência, educação e cultura. Possuem conteúdo e são agradáveis, animadas, divertidas e carinhosas.

Gosto de mulheres resolvidas e decididas que sabem o que querem; seguras: gostam de se exibir, serem admiradas e elogiadas. Discretíssimas, sinceras e cúmplices, sem vulgaridades, complicações ou traumas.

Essencial: ter libido, ser fogaosa e insaciável, além de desejos reprimidos para querer satisfazer. Deve saber a hora de parar assim como não ser possessiva, nem fazer cobranças.”

Subcategoria 1.2 – Segunda Entrada: Aspectos Físicos

“Pode ser comprometida ou não, ser alta ou baixa, gorda ou magra, loira, ruiva, morena, negra ou japinha; cabelos curtos ou compridos, de 30 a 50 anos, cheirosa, saudável e higiênica. Que saiba jogar tênis e andar de bicicleta.”

Categoria 2: Cardápio

Subcategoria 2.1 – Prato Principal: Sexo

“Tenho muita necessidade de sexo e estou procurando uma amante que preencha isso. Quero descobrir coisas novas na cama, de um jeito especial, com muito tesão, só sexo intenso e bem feito!

Procuro uma mulher que deixe escapar uma certa sacanagem no olhar, seja safadinha, goste muito de sexo como eu, e principalmente goste de pular cerca...

Busco sexo voraz, muito sexo oral, muitos beijos na boca, chupar seu corpo todo, sem frescura e sem compromisso.

Só sexo, muuuuuito sexo e bye-bye!!”

Subcategoria 2.2 – Acompanhamentos: Fantasias eróticas

“Homem no sentido da palavra, sou experiente e quero desvendar seus segredos e desejos mais ocultos, aventurar-se numa experiência única!

Meu maior objetivo é despertar seu desejo, provocar essa revelação, com toda liberdade e intimidade que pudermos nos permitir e proporcionar prazer.

Por ser experiente sei exatamente como atender e retribuir seus desejos. Sei como satisfazer uma mulher e fazê-la ter muito prazer. Chego a abrir mão do meu prazer para satisfazê-la, meu maior prazer é te proporcionar prazer!!

Gosto de preliminares, da alegria da carícia, da lembrança do corpo de uma mulher divina e será um prazer estar com você.

Busco sair da rotina, realizar todas as suas e as minhas fantasias numa cheirosa e deliciosa aventura; que não seja tão curta como uma noite de verão: dos primeiros contatos ao suspense da conquista, nem tão longa a ponto de fazer aniversário.

Quero a intensidade dos encontros secretos e ousados, a adrenalina de novas experiências que eu possa conduzir, dar as cartas e te agradar. Não basta ser dotado mas saber usar e ser o cara certo para você!!”

Subcategoria 2.3 – Sobremesa: Afeto

“Alguém para compartilhar momentos românticos e sinceros com a oportunidade de associarmos uma grande amizade que se amplie e aprofunde o relacionamento.

Sou um cavalheiro a moda antiga, levo flores, abro portas e levo café na cama...gosto de romance...podemos marcar um café, um almoço ou um jantar regado a um bom vinho, conversarmos, flertarmos e assim construirmos um castelo secreto dentro de nosso íntimo, cheio de significados para que nos sintamos mais próximos e humanos.

Mulheres precisam de dedicação, compreensão, serem mimadas, desejadas e paparicadas. Quero dar muito carinho, afeto, cafuné... e tudo aquilo que o MasterCard não compra...”

ANEXO 4 – Questionário inicial que seria enviado aos usuários do site de infidelidade.

Questionário

Identificador- n. _____

Codinome/ Pseudônimo- _____

Idade- _____

Sexo- _____

Estado Civil - _____ Quanto tempo - _____

Filhos- _____

Estado que mora - _____

Motivo pelo qual procurou o site - _____

O que é infidelidade para você? _____

Você já foi infiel? _____

Como aconteceu? _____

Já foi traído? _____

Sabe como aconteceu? _____

Sabe de traições em sua família de origem? _____

O que sabe sobre essas histórias? _____

Outras histórias que queira relatar: _____

Grato/a por sua participação.